

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA**

**CLAUDIA ALMEIDA RODRIGUES MURTA**

**INTERAÇÕES ENTRE PROFESSORES E ALUNOS EM GRUPOS  
ACADÊMICOS NA REDE SOCIAL FACEBOOK: UM ESTUDO À LUZ DO  
PARADIGMA DA COMPLEXIDADE**

**Uberlândia  
2016**

**CLAUDIA ALMEIDA RODRIGUES MURTA**

**INTERAÇÕES ENTRE PROFESSORES E ALUNOS EM GRUPOS  
ACADÊMICOS NA REDE SOCIAL FACEBOOK: UM ESTUDO À LUZ DO  
PARADIGMA DA COMPLEXIDADE**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos – PPGEL, Curso de Doutorado em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Estudos Linguísticos.

Área de Concentração: Estudos em Linguística e Linguística Aplicada.

Linha de pesquisa: Ensino e aprendizagem de línguas

Orientador: Professor Dr. Waldenor Barros Moraes Filho.

Coorientadora: Professora Dra. Valeska Virgínia Soares Souza

**Uberlândia**

**2016**



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

---

M984i      Murta, Cláudia Almeida Rodrigues, 1972-  
2016      Interações entre professores e alunos em grupos acadêmicos na rede  
social Facebook : um estudo à luz do paradigma da complexidade /  
Cláudia Almeida Rodrigues Murta. - 2016.  
253 f. : il.

Orientador: Waldenor Barros Moraes Filho.  
Coorientadora: Valeska Virgínia Soares Souza  
Tese (doutorado) -- Universidade Federal de Uberlândia, Programa  
de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos.  
Inclui bibliografia.

1. Linguística - Teses. 2. Linguística - Estudo e ensino - Teses. 3.  
Linguagem e línguas - Ensino auxiliado por computador - Teses. 4.  
Internet na educação - Teses. I. Moraes Filho, Waldenor Barros, 1958-.  
II. Souza, Valeska Virgínia Soares. III. Universidade Federal de  
Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos. IV.  
Título.

Cláudia Almeida Rodrigues Murta

INTERAÇÕES ENTRE PROFESSORES E ALUNOS EM GRUPOS ACADÊMICOS  
NA REDE SOCIAL FACEBOOK: UM ESTUDO À LUZ DO PARADIGMA DA  
COMPLEXIDADE

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em  
Estudos Linguísticos – Cursos de Mestrado e Doutorado,  
do Instituto de Letras e Linguística da Universidade  
Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a  
obtenção do título de Doutora em Estudos Linguísticos.

Área de concentração: Estudos em Linguística e  
Linguística Aplicada.

Linha de Pesquisa: Ensino e aprendizagem de línguas

Banca Examinadora

Prof. Dr. Júlio César Araújo - UFC

Prof. Dra. Junia de Carvalho Fidelis Braga - UFMG

Prof. Dra. Dilma Maria de Melo - ILEEL/UFU

Prof. Dra. Emeli Borges Pereira Luz - ILEEL/UFU

Prof. Dr. Waldenor Barros Moraes Filhos - ILEEL/UFU

Orientador

Prof. Dra. Valeska Virgínia Soares Souza – UFU/IFTM

Coorientadora

Aos meus filhos, Maria Eugênia e Gregório, que dão sentido à minha vida.

Ao Eugênio, meu companheiro de todas as jornadas.

## AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal de Uberlândia, pela oportunidade.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Waldenor Barros Moraes Filho, pela orientação, pela paciência e, principalmente, pela amizade construída ao longo desses anos.

À minha amiga e irmã do coração, Dra. Valeska Virgínia Soares Souza, pela coorientação, por segurar na minha mão nos momentos difíceis e ser para mim um exemplo de pesquisadora e docente.

Aos professores, Júlio Araújo, Junia Braga, Dilma Melo e Emeli Luz, que compuseram a banca de defesa de tese, pelas contribuições valiosas.

Aos professores do programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Uberlândia, pelos ensinamentos.

Aos funcionários do PPGEL - ILEEL/UFU, pelo atendimento prestativo.

À minha companheira de trajetória, amiga de todas as horas, Valéria Lopes de Aguiar Bacalá, pela força.

Aos colegas que se fizeram amigos Larissa Silveira, Camila Martinelli, Gisele Rosa, Jessica Teixeira, Tiago Rebecca, Bruno Franceschini, Marcus Valadares (UFMG) e aos demais que compartilharam comigo esse caminho, muito obrigada.

Às amigas M.<sup>a</sup> Larissa Silveira, Dra Valeska Virgínia Soares Souza e Carla Murad pelas leituras, correções e traduções.

Aos meus colegas de trabalho e alunos do CEFORES/UFTM e aos meus colegas da UFU, pela convivência.

Aos grupos de professores e alunos no *Facebook*, pela experiência.

À minha amiga e irmã do coração Cristina Mattos Gatti, pelos momentos de alívio e pela amizade sincera.

Ao meu esposo Eugênio, pela cumplicidade, companheirismo e paciência nos momentos de turbulência.

Aos meus filhos, Maria Eugênia e Gregório, pela inspiração, pela compreensão, pelo incentivo. Vocês são minha estabilidade.

Aos meus pais, Ilda e Juvelino, pelos ensinamentos da vida toda.

Aos demais familiares e amigos, pelo apoio.

A Deus, pela existência

## RESUMO

As transformações socioculturais promovidas pelas tecnologias digitais propiciaram o desenvolvimento das redes sociais na *internet*. Redes como o *Facebook* têm se tornado espaços de interação da contemporaneidade que estão sendo apropriados por diferentes grupos sociais, inclusive o acadêmico. Entender a complexidade das interações manifestadas pelas práticas de língua(gem), as diferentes apropriações que grupos de professores e alunos universitários dão ao *site* de rede social, bem como os benefícios que eles podem obter com as interações foi o que pretendi nesta investigação. Para tal entendimento, fundamentei-me nos conhecimentos sobre a língua(gem) em uso (LARSEN-FREEMAN; CAMERON, 2008), em interações mediadas por computador (PRIMO, 2003), em *sites* de redes sociais, bem como no capital social (RECUERO, 2009, 2012, 2014) gerado nas interações nessa mídia digital. Busquei evidências empíricas das propriedades dos sistemas adaptativos complexos, conforme Five Graces Group (2009), nas interações de cinco grupos no *Facebook*, de professores e alunos da área de Letras de três universidades. Além disso, analisei as apropriações que os participantes dos grupos fizeram do *site* de rede social a partir dos laços que estabeleceram em suas relações e os benefícios que tiveram ao interagir nesses grupos, a partir das categorias de capital social de Bertolini e Bravo (2004). Compreendo por meio da análise dos dados que as interações em grupos de professores e alunos no *Facebook* se materializam em práticas de língua(gem) híbridas que sofrem influências dos contextos mediadores, a academia e o *site* de rede social. Mas, a atuação do *site* de rede como parâmetro de controle foi mais forte levando os participantes a preferirem as práticas de língua(gem) típicas desse contexto. No sistema adaptativo complexo de interações, o controle é distribuído, por isso a emergência de comportamentos não é determinada por um líder (*top down*), ela emerge de interações locais que visam à solução de problemas imediatos. As práticas de língua(gem) no *site* de rede social se estabelecem em nuances de interação mútua que são indicativos dos laços sociais desenvolvidos nos grupos. Os laços sociais são multiplexos, ou seja, são fortes, fracos, de manutenção e associativos e mudam ao longo do tempo, de acordo com as interações estabelecidas e as apropriações feitas pelos participantes nos grupos. As apropriações demandam investimentos dos participantes e produzem benefícios gerando, assim, capital social que pode ser usufruído individualmente e pelo grupo. Acredito que entender a complexidade das interações em *sites* de redes sociais pode nos ajudar a compreender a natureza situada do uso da língua(gem), seu fluxo contínuo de mudança em diferentes contextos, inclusive no acadêmico. E ainda, os diferentes usos que os grupos socioculturais dão às plataformas interacionais digitais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Interações. Língua(gem) em uso. *Sites* de redes sociais. Paradigma da Complexidade. Apropriações. Capital social.

## ABSTRACT

The sociocultural transformations promoted by digital technologies have enabled the development of social networks on the Internet. Networks such as Facebook have become contemporary interaction spaces that are being appropriated by different social groups, including academic ones. Understanding the complexity of the interactions displayed by language practices, the different appropriations that groups of professors and university students give to the social network site, as well as the benefits that they may have from the interactions was what I aimed at in this research. To that end, I have based my research on knowledge about the language in use (LARSEN-FREEMAN; CAMERON, 2008), on computer mediated interactions (PRIMO, 2003), on social networking sites, as well as on social capital (RECUERO, 2009, 2012, 2014) generated in the interactions in this digital media. I have looked for empirical evidence of the properties of complex adaptive systems, according to the Five Graces Group (2009), in the interactions of five groups on Facebook, of professors and students of the area of Languages and Literature of three universities. In addition, I have analyzed the appropriations that the participants of the groups made of the social network site from the bonds they established in their relations and the benefits they had while interacting in these groups, following the social capital categories of Bertolini and Bravo (2004). I understand through the analysis of the data that the group interactions of professors and students on Facebook materialize in hybrid language practices which are influenced by the mediating contexts, the academy and the social networking site. However, the performance of the network site as a control parameter was stronger, leading participants to prefer the language practices typical of such context. In the complex adaptive system of interactions, the control is distributed, so the emergence of behaviors is not determined by a leader (top down); it emerges from local interactions that aim at solving immediate problems. The practices of language in the social network site are established in nuances of mutual interaction that are indicative of the social ties developed in the groups. Social bonds are multiplexed, which means, they are strong, weak, of maintenance and associative, and change over time according to the established interactions and appropriations made by the participants in the groups. The appropriations demand investments from the participants and produce benefits, thus generating social capital that can be enjoyed individually and by the group. I believe that understanding the complexity of interactions on social networking sites can help us understand the situated nature of language use, its continuing flow of change in different contexts, including the academic. Also, it sheds light to the different uses that sociocultural groups give to digital interactive platforms.

**KEYWORDS:** Interactions. Language in use. Social networking sites. Complexity Paradigm. Appropriations. Social capital.

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1	Interação entre as escalas de tempo e níveis das organizações humanas e sociais na dinâmica do discurso.....	51
FIGURA 2	Capital social nos sites de rede social.....	83
FIGURA 3	Perfil de usuário do <i>Facebook</i> em 2015.....	96
FIGURA 4	Imagem de grupo privado no <i>Facebook</i> .....	98
FIGURA 5	Página inicial do usuário do <i>Facebook</i> em 2015.....	98
FIGURA 6	Descrição do grupo A.....	105
FIGURA 7	Descrição do grupo B.....	106
FIGURA 8	Descrição do grupo C.....	106
FIGURA 9	Postagem com definição do termo nome do grupo.....	107
FIGURA 10	Descrição do grupo E.....	108
FIGURA 11	Mapa de rede social na <i>internet</i> .....	111
FIGURA 12	Informações sobre página do <i>Facebook</i> .....	112
FIGURA 13	Matriz de análise das interações segundo <i>Five Graces Group</i> (2009).....	115
FIGURA 14	Matriz de análise do capital social segundo Bertolini e Bravo (2004).....	116
FIGURA 15	Diversidade de Interações.....	122
FIGURA 16	Visualização da postagem .....	124
FIGURA 17	Postagem de arquivo de texto no grupo A.....	128
FIGURA 18	Diversidade intrínseca no uso da língua(gem) nos grupos.....	129
FIGURA 19	Postagens em língua inglesa do grupo B.....	131
FIGURA 20	Postagens em diferentes línguas no grupo C.....	133
FIGURA 21	Diversidade na multimodalidade de língua(gens) em uso.....	135
FIGURA 22	Uso de língua(gem) imagética (fotografia) no grupo C.....	137
FIGURA 23	Hiperlinks postados no grupo E.....	138
FIGURA 24	Postagens de hiperlinks no grupo B.....	139
FIGURA 25	Postagens de hiperlinks no grupo B.....	140
FIGURA 26	Uso de língua(gem) da <i>internet</i> .....	143
FIGURA 27	Uso de linguagem da internet pelo grupo D.....	144
FIGURA 28	Uso de linguagem da Internet no grupo E.....	145
FIGURA 29	Uso de <i>memes</i> e <i>emojis</i> nas interações dos grupos.....	145
FIGURA 30	Uso da linguagem da <i>internet</i> - postagem de GIF.....	147
FIGURA 31	Uso da linguagem acadêmica em arquivos de texto dos grupos.....	150
FIGURA 32	Interação do grupo B com padrão acadêmico de linguagem.....	152
FIGURA 33	Interação do grupo B com hibridismo de língua(gem).....	153
FIGURA 34	Controles centralizado, descentralizado e distribuído.....	154
FIGURA 35	Advertência do professor sobre o comportamento de curtir.....	156
FIGURA 36	Orientações do professor para o uso do grupo.....	158
FIGURA 37	Comentários dos alunos na atividade sugerida.....	159
FIGURA 38	Postagem com padrão coletivo de comportamento do grupo.....	160
FIGURA 39	Controle distribuído no SAC de interações no grupo A.....	162
FIGURA 40	Tentativa de controle.....	163
FIGURA 41	Postagem de justificativa para baixa participação.....	166

FIGURA 42	Exemplo de interação no grupo C.....	168
FIGURA 43	Interações com discursos típicos da rede social.....	170
FIGURA 44	Descrição do grupo.....	175
FIGURA 45	Uso do grupo para solução de questões burocráticas.....	175
FIGURA 46	Arquivos do grupo.....	177
FIGURA 47	Postagem de hiperlinks por professor do grupo A.....	178
FIGURA 48	Postagem de <i>hiperlinks</i> por membros do grupo.....	179
FIGURA 49	Exemplo de comentários no grupo.....	180
FIGURA 50	Interação mútua com objetivos profissionais.....	182
FIGURA 51	Normas de comportamento do grupo.....	183
FIGURA 52	Confiabilidade no ambiente de interação.....	184
FIGURA 53	Descrição dos objetivos do grupo.....	186
FIGURA 54	Mecanismos de interação utilizados pelos participantes.....	187
FIGURA 55	Atividade proposta pelo professor.....	188
FIGURA 56	Postagem espontânea de participante na <i>timeline</i> do grupo B.....	189
FIGURA 57	Postagem de atividade e comentários dos participantes.....	190
FIGURA 58	Comentário de participantes justificando a ausência de participação Postagem que despertou interesse dos alunos e envolvimento na	191
FIGURA 59	interação.....	192
FIGURA 60	Exemplo de postagem semelhante à postagens de AVA.....	193
FIGURA 61	Interação por meio do chat do <i>Facebook</i> .....	194
FIGURA 62	Tipos de interação que contribuíram para a geração de capital relacional.....	196
FIGURA 63	Interação em chat gerando capital social relacional.....	198
FIGURA 64	Postagem de projetos de pesquisa demonstrando a confiança no ambiente.....	200
FIGURA 65	Postagens emergentes do grupo C.....	203
FIGURA 66	Interações no grupo C.....	205
FIGURA 67	Postagens dos grupos D e E com usos dados pelos participantes ao <i>site</i> .....	209
FIGURA 68	Últimas postagens dos grupos D e E.....	210
FIGURA 69	Postagens de cunho político no grupo D.....	212
FIGURA 70	Interações que geraram capital relacional.....	213
FIGURA 71	Postagens que geram capital social cognitivo.....	214
FIGURA 72	Postagens que mostram capital social de confiança no ambiente.....	215
FIGURA 73	Postagens que mostram capital social institucional.....	218



## **LISTA DE GRÁFICOS**

GRÁFICO 1	Número de curtidas relativas ao número total de postagens.....	125
-----------	--	-----

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ADMC	Análise do Discurso Mediado por Computador
ANATEL	Agência Nacional de Telecomunicações
AVA	Ambiente Virtual de Aprendizagem
CAPES	Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior
CLIL	Aprendizado integrado de conteúdo e linguagem
CMC	Comunicação Mediada por Computador
CMCMC	Convergência de mídias da comunicação mediada por computador
DMC	Discurso mediado por computador
EM	Ensino médio
GIF	Formato para intercâmbio de gráficos
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ILEEL	Instituto de Letras e Linguística
LA	Linguística Aplicada
MIT	Instituto de Tecnologia de Massachusetts
PIM	Plataforma interativa multimodal
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio
POSLIN	Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos
PPGEL	Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos
RSI	Redes sociais na <i>internet</i>
SAC	Sistema Adaptativo Complexo
TOS	Termo de uso de serviços
UFU	Universidade Federal de Uberlândia
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
URL	Localizador padrão de recursos

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....</b>	<b>25</b>
1.1 A linguagem e o discurso na perspectiva do paradigma da complexidade.....	25
1.1.1 Entendendo o Paradigma da Complexidade.....	25
1.1.2 Propriedades da Complexidade.....	30
1.1.3 Sistemas Adaptativos Complexos: sistemas que aprendem.....	35
1.1.4 A língua(gem) e o discurso na perspectiva do Paradigma da Complexidade..	38
1.1.5 Espaços de fase no uso da língua(gem) em redes sociais: a linguagem da internet e a linguagem acadêmica.....	53
1.1.5.1 Língua(gem) da <i>internet</i> ou língua(gem) <i>on-line</i> .....	53
1.1.5.2 Língua(gem) Acadêmica.....	61
1.2 Interação mediada por computador na apropriação de <i>sites</i> de redes sociais.....	65
1.2.1 Sites de redes sociais: um novo espaço social.....	65
1.2.2 Interação Mediada por Computador em <i>sites</i> de redes sociais.....	70
1.2.3 Capital Social nas apropriações da rede.....	77
<b>2 METODOLOGIA.....</b>	<b>89</b>
2.1 Bases da Proposta Metodológica.....	89
2.2 Pesquisa Qualitativa <i>on-line</i> : etnografia virtual.....	92
2.3 Ambiente de coleta de dados.....	94
2.4 Participantes da pesquisa.....	104
2.5 Caracterização metodológica da pesquisa.....	109
2.6 Procedimentos de coleta e análise de dados.....	110
<b>3 ANÁLISE DOS DADOS .....</b>	<b>118</b>
3.1 O uso da língua(gem) nas interações nos grupos de professores e alunos no <i>Facebook</i> : propriedades dos Sistemas Adaptativos Complexos.....	120
3.1.1 Diversidade Intrínseca e Dinâmica Perpétua.....	121
3.1.2 Controle distribuído e Mudança local.....	154
3.1.3 Sensibilidade e Dependência da estrutura em rede.....	164
3.1.4 Não linearidade e transição de fases.....	167
3.2 – Apropriações da rede e geração de capital social em grupos de professores e alunos no <i>Facebook</i> .....	173
3.2.1 Grupo A.....	174
3.2.2 Grupo B.....	186
3.2.3 Grupo C.....	201
3.2.4 Grupos D e E.....	208
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>221</b>

<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>231</b>
<i>Sites citados e/ou consultados .....</i>	249
 <b>APÊNDICES .....</b>	 <b>251</b>
Apêndice A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido .....	251
Apêndice B – Modelo de Planilha de Interações.....	252

## INTRODUÇÃO

No intuito de construir meu objeto de pesquisa, muitas foram as trajetórias que percorri tentando vislumbrar suas feições. O objeto, como uma construção discursiva, não é uma realidade dada, mas engendrada pelo olhar do pesquisador, um esforço de percepção, nas palavras de Bourdieu (2003, p. 27) “um trabalho de grande fôlego, que se realiza pouco a pouco, por retoques sucessivos, por toda uma série de correções e emendas”. E comigo não foi diferente. Ao longo deste percurso várias foram as feições assumidas por meu objeto até que se delineasse sua identidade, a das interações entre docentes e discentes da área de Letras em contexto acadêmico no *site* de rede social *Facebook*. Para tanto, tomei o Paradigma da Complexidade como base epistemológica para guiar a trajetória de pesquisa no sentido de analisar como os grupos de professores e alunos interagem, como se apropriam do espaço de interação e, ainda, o capital social que geram nessas interações.

Busco entender como o contexto e o ambiente afetam as interações, pois como atesta Van Lier (2004), o contexto é um terceiro interlocutor, ele faz parte do ecossistema da linguagem, e por isso é também um agente desse sistema complexo. McLuhan (1977) já previa que os ambientes tecnológicos não são recipientes puramente passivos de pessoas, mas ativos processos que remodelam pessoas e igualmente outras tecnologias. Concordo com Van Lier (2004) e McLuhan (1977) de que os contextos e os ambientes tecnológicos, como é o caso do *Facebook*, não são apenas suportes, não são passivos, eles fazem parte da ecologia da interação, eles são nichos, entendidos por Paiva (2009)<sup>1</sup>, como um conjunto de propiciamentos físicos e psíquicos de um determinado ambiente. Uma abordagem ecológica, de acordo com Paiva (2009)<sup>2</sup>, “não isola os processos sensoriais, cognitivos, afetivos, pois vê todos esses processos de forma interligada nas experiências que o indivíduo vive na sociedade”. Entendo, por isso, o *Facebook* como um ambiente dinâmico de uso da língua(gem), que pode propiciar a geração de benefícios a partir de apropriações diferenciadas.

Baseada nessa visão ecossistêmica é que construí meu entendimento de grupos nesse *site* ou ambiente de interação, mas ressalto que o que me interessou não foi o *site*

---

<sup>1</sup> Texto disponível no *site* da autora. Disponível em: <http://www.veramenezes.com/affordance.pdf> Acesso em: 14 de janeiro de 2016.

<sup>2</sup> Texto disponível no *site* da autora, por isso não há referência à página. Disponível em: <http://www.veramenezes.com/affordance.pdf> Acesso em: 14 de janeiro de 2016.

ou o espaço em si, o que me interessou foi a dinâmica de uso, de apropriação desse espaço por professores e alunos em contexto acadêmico, os propiciamentos<sup>3</sup> que emergiram das interações nesse ambiente.

O que me levou à escolha por esse objeto de estudo foi minha inquietação em relação ao tempo despendido e envolvimento que observei em meus alunos do Ensino Médio (EM) com/nessa rede social. Em uma pesquisa conduzida por Braga e Murta (2012), ratificamos o que Green e Bailey (2010) já haviam observado, a utilização do *Facebook* por alunos para fins educativos. Comunidades são criadas espontaneamente por estudantes para fins de estudos e foi o que observamos em nossa pesquisa que envolveu 50 alunos do EM, corroborando os trabalhos de Green e Bailey (2010), “no que concerne a preferência dos jovens de hoje em eleger o *Facebook* como espaço social para compartilhamento de recursos e discussões voltadas para matérias escolares” (BRAGA; MURTA, 2012, p.128). Em nosso levantamento, os jovens relataram que além do entretenimento, “eles fazem trabalhos de casa e trabalhos em grupo, acessam grupos que fazem parte das matérias estudadas, compartilham informações e discutem pesquisas escolares” (BRAGA; MURTA, 2012, p. 128). Concluimos que

O nível de envolvimento dos estudantes e tempo despendido em redes sociais, aliado à possibilidade de acolher comunidades, são alguns dos motivos que podem levar professores de diversas áreas do conhecimento a utilizar o *Facebook* para integrar atividades pedagógicas. As redes sociais contribuem para uma maior aproximação entre professores e alunos, além de ter um enorme potencial para se compartilharem recursos de diversas áreas por meio de textos, vídeos, ferramentas digitais e outros aplicativos. Mais ainda, as redes sociais promovem a interação entre os indivíduos e têm o potencial de dar suporte a propostas pedagógicas que contemplam a colaboração e a construção individual e coletiva de conhecimento (BRAGA; MURTA, 2012, p. 129).

Essa constatação despertou em mim o interesse em saber como é a utilização dessa rede social no contexto acadêmico, como professores e alunos em cursos de graduação e pós-graduação se apropriam desse espaço, como interagem, como se manifestam, que linguagens utilizam.

---

<sup>3</sup> Paiva (2009) traduz o termo *affordance* como propiciamento e o explica a partir do termo cunhado por Gibson (1986) como sendo a complementaridade entre animal e ambiente, as oportunidades e a percepção que se tem dessas oportunidades para a ação. Esse termo será melhor definido e discutido em outra seção da tese.

Outro dado que fortaleceu minha escolha por esse objeto de estudo, e que corrobora minhas observações com meus alunos, é a pesquisa apresentada pela Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República (2014), Pesquisa Brasileira de Mídias 2015: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira<sup>4</sup>, que mostra o uso da *internet* pela população brasileira. A Pesquisa Brasileira de Mídia utilizou os dados do Censo Demográfico Brasileiro de 2010 e da PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio) 2011 do IBGE para desenvolver a pesquisa, cujo tamanho total da amostra nacional foi fixado em 18.312 entrevistas, distribuídas em todo o país. O documento mostra que 42% dos brasileiros acessam a internet. Dessa porcentagem, 65% são jovens com até 25 anos que acessam a *internet* diariamente e 87% são pessoas com nível superior de ensino e o *Facebook* é a rede social mais acessada, com 83%, por esse público. Acredito que se essa pesquisa fosse feita com dados atualizados do IBGE, as estatísticas poderiam ser diferentes, pois de acordo com o site da Anatel<sup>5</sup>, o Brasil contou com 25,1 milhões de acessos de banda larga fixa em julho de 2015. Mas, com a crescente disponibilização de rede de banda larga móvel e as mais de 281,45 milhões de linhas ativas na telefonia móvel, o número de acessos à *internet* e às redes sociais pode ser maior.

Uma pesquisa realizada pelo Google<sup>6</sup> mostra que 74% das pessoas têm celulares inteligentes, os chamados *smartphones*, que possibilitam o acesso à *internet*. As pessoas geralmente usam os aparelhos dentro de estabelecimentos comerciais para aproveitarem as redes de acesso sem fio (*wifi*) gratuitas. A pesquisa mostra ainda que há um fenômeno de migração na navegação brasileira na *internet* dos computadores para os *smartphones*. O levantamento aponta que, em 2015, dobraram os acessos a partir de aparelhos móveis, que já respondem por quase 30% das conexões.

Esses dados mostram que o computador e o *smartphone*, e seus sistemas de interação, já fazem parte de nosso cotidiano nas mais corriqueiras tarefas e, como já observara Santaella (2001, p.1), a “multiplicação dos meios de produção, transmissão e armazenamento de linguagens e informações vem dando à comunicação um papel central em todos os setores da vida social e individual”.

---

<sup>4</sup> Conferir o documento apresentado pela Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República, citado mais adiante neste texto. O documento está disponível no endereço: <http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2015.pdf> Acesso em: 20/09/2015

<sup>5</sup> Confira as informações no site da Anatel <http://www.anatel.gov.br/dados/> Acesso em 19/09/2015

<sup>6</sup> Confira a reportagem no site do G1 <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2015/08/conexao-internet-smartphone-dobra-no-brasil-em-2015-diz-google.html> Acesso em 19/09/2015

Esse papel advém principalmente das transformações socioculturais promovidas pelas tecnologias digitais de informação e comunicação, que propiciaram o desenvolvimento do ciberespaço, da cibercultura e das redes sociais na *internet*, e que vem sendo debatido em várias áreas das Ciências Humanas. E como essas transformações passam pelas tecnologias de linguagem, elas são objeto de interesse também da área de estudos que escolhi trilhar em minha formação, a Linguística Aplicada (LA). Por isso, entender como as interações emergem no ecossistema do ciberespaço, como influenciam e são influenciadas por esse ambiente, seja uma tarefa que deva estar na agenda do linguista aplicado; essa é uma das razões por que me dedico a investigar as interações em grupos específicos (professores e alunos) nesse ambiente. Evidenciar como os diferentes grupos se apropriam dos ambientes propiciados pelos avanços tecnológicos é uma tarefa importante, que pode trazer conhecimentos sobre como vivenciamos as práticas de linguagem em diferentes ambientes. Outro aspecto importante é ponderar de forma crítica sobre o poder das mídias digitais, da necessidade de uso dos *sites* de redes sociais, do desenvolvimento de uma inteligência coletiva (LÉVY, 2003) na vida contemporânea.

A justificativa para o desenvolvimento dessa pesquisa fundamenta-se nesses argumentos e no de que a apropriação desse *site* manifestada pelas interações mantidas no *Facebook* precisa ser melhor entendida no contexto da academia para compreendermos como esses ecossistemas, *site* de rede social e academia, se influenciam e como docentes e discentes podem se apropriar de forma mais produtiva desse espaço de interação da contemporaneidade para fins acadêmicos gerando benefícios para os interagentes.

Esse espaço de interação da contemporaneidade ao qual me refiro, que resultou na inclusão das tecnologias digitais em todas as esferas sociais, inclusive na acadêmica, vem modificando os cenários, as relações sociais, os fluxos linguísticos, trazendo desafios para os linguistas aplicados, que precisam entender as novas situações sociais, investigativas e até pedagógicas, as novas formas de interação, os novos usos da língua(gem). Como argumenta Lévy (1996, p.4), nunca “as mudanças nas técnicas, na economia e nos costumes foram tão rápidas e desestabilizantes”.

Essa desestabilização se deu graças à conversão das diversas linguagens, como som, imagem, escrita em *bits*, que é a base da digitalização, isto é, das tecnologias digitais. Foi essa tecnologia que tornou possível a veiculação e o armazenamento de dados à



velocidade da luz. E isso fez emergir um mundo multisemiótico que promoveu uma “revolução tecnológica de ordem psíquica, cultural e socialmente muito mais profunda do que foi a invenção do alfabeto” ou da imprensa, como atesta Santaella (2009, p. 389). Castells (1999, p. 50-1) a respeito dessa revolução afirma que

O que caracteriza a atual revolução não é a centralidade de conhecimentos e informação, mas a aplicação desse conhecimento e dessa informação para a geração de conhecimentos e dispositivos de processamento/comunicação da informação, em ciclos de realimentação cumulativos entre a inovação e seu uso (CASTELLS, 1999, p.50-51).

Isso quer dizer que quanto mais as pessoas usam, mais propiciamentos vão percebendo nesses dispositivos e assim vão inovando as formas de se comunicar, os usos das linguagens.

Sendo assim, a *internet* como uma imensa rede, passou a ligar as mais diversas culturas possibilitando a mediação e a congregação das pessoas em redes de comunicação digitais (LÉVY, 1996). E como toda comunicação se manifesta por linguagens, nas suas multimodalidades possibilitadas por dispositivos digitais como o *Facebook*, entender como as linguagens se manifestam nas interações mediadas por esses dispositivos e como os grupos usam essa mídia pode ser uma tarefa relevante para o linguista aplicado.

Um autor que discute a questão dos usos da linguagem no meio digital é Crystal (2001, p. 2), que evidencia o impacto da *internet* na linguagem em geral e nas línguas individuais. O autor levanta questionamentos, como os que às vezes ouvimos proferidos inclusive por professores, de que os padrões relaxados das mensagens instantâneas serão o fim da alfabetização e da ortografia como conhecemos; de que a *internet* irá anunciar uma nova era de dialetos de tecnologia incompreensíveis; que a criatividade linguística e a flexibilidade serão perdidas pela globalização que impõe a mesmice (CRYSTAL, 2001). Contudo, o autor apazigua esses temores afirmando que não há nada de novo a respeito dos medos que acompanham o surgimento de uma nova tecnologia de comunicação. O autor exemplifica que a chegada da impressão foi percebida pela Igreja Católica como uma invenção de Satanás; que a divulgação de ideias sem censura através dos livros levaria a um colapso na ordem social e colocaria inúmeras almas em risco de condenação. Rajagopalan (2013) também discute sobre esses temores mencionando que Platão recebeu com repulsa a invenção da escrita, acreditando que esta seria notadamente destrutiva. Portanto, é historicamente notável que todo meio de comunicação evidencia

uma série de possibilidades que sacrifica outros meios. Por isso, compreender os novos meios de interação para que não sejam recebidos como horrores é uma tarefa relevante.

Outro fato merecedor de reflexões, como atesta Hine (2000), é a necessidade de conhecermos melhor o que representa a *internet* enquanto cultura e, ao mesmo tempo, como artefato cultural; ou seja, entender o significado que as pessoas atribuem à rede e como lidam com as implicações da conectividade e das inter-relações na rede. Nas palavras da autora, a tecnologia (*internet*) terá significados culturais diferentes em os contextos diferentes (HINE, 2000). Sendo assim, conhecer como professores e alunos, enquanto acadêmicos, utilizam esse artefato cultural e participam dessa cultura pode ser uma justificativa significativa para o desenvolvimento dessa pesquisa.

No sentido de estudar os efeitos da *internet* na comunicação, Crystal (2011) entende que uma Linguística da *internet* deva ser criada, no sentido de descrever os efeitos desse meio de comunicação na língua em seus aspectos micro e macroestruturais, como no léxico, na gramática, na pragmática, estudando como são os *outputs* nas interações pela *internet*. O autor salienta também que questões éticas relacionadas ao uso da linguagem nessa mídia também devam ser examinados. Crystal (2011) postula que é preciso um estudo das disponibilidades abertas pela *internet*, como a confluência de linguagens de diferentes pontos do tempo, que emergem de usos localizados, os quais ele denomina de pancrônicos, em oposição aos estudos diacrônicos e sincrônicos da linguagem. Cito esse autor, que é uma referência nos estudos da comunicação *on-line*, porque concordo com a ideia de que haja estudos que investiguem os usos desse artefato cultural que é a *internet* e suas plataformas de interação, os *sites* de redes sociais, mas discordo do autor com relação à criação de uma Linguística da *internet*. Os estudos linguísticos, e mais especificamente a Linguística Aplicada, podem dar conta das questões que envolvem os usos das linguagens em diferentes contextos. Reconhecer as formas de se ler, de se escrever, os diversos *outputs* (como menciona Crystal, 2011), os fluxos interacionais, as multisemioses e as multimodalidades no uso das redes sociais na *internet*, é um desafio investigativo, e também pedagógico, que deve ser enfrentado e melhor compreendido por linguistas aplicados e por professores em geral no sentido de buscar encurtar a distância entre a escola e realidade dos alunos. Por isso, compreendo que essa pesquisa tenha relevância e valor social.

E para dar conta dessa tarefa, é preciso transgredir as fronteiras disciplinares, buscando alternativas teórico-metodológicas baseadas em escolhas éticas para as práticas

sociais que vivemos (MOITA LOPES, 2006). Nesse sentido, diante da complexidade do mundo e da linguagem em especial e do reducionismo característico das teorias tradicionais de explicação dos fenômenos, uma proposta de teorização que surge de lugares “insuspeitos” (ESCOBAR, 2010) de áreas como a Matemática e as Ciências Naturais são as “Teorias da Complexidade”. Essas teorias vêm despontando-se como uma alternativa epistemológica para entender o ciberespaço e outros sistemas complexos como a linguagem e as interações. Por esse motivo, escolhi essa proposta teórica para sustentar minha investigação.

O ciberespaço, nas palavras de Castells (1999), esse não-lugar, pode ser visto como uma possibilidade de estabelecimento de uma lógica de auto-organização, descentralizada e não hierárquica, assim como outros sistemas adaptativos complexos, como os formigueiros, as cidades, os mercados, cujos agentes trabalham em uma escala local que produz comportamentos em escalas globais. “Regras simples em um nível dão origem a uma sofisticação e complexidade em outro nível”<sup>7</sup> (ESCOBAR, 2010). A esse comportamento os cientistas da complexidade dão o nome de **emergência**. Esse comportamento emergente é resultado da interação dinâmica de múltiplos agentes que buscam estabelecer padrões de comportamento em meio ao caos reagindo ao ambiente em mudança. É a emergência de padrões de uso que busquei investigar e o Paradigma da Complexidade foi a base epistemológica na qual encontrei sustentação para minha tese.

Compreendo que o Paradigma da Complexidade, como uma forma de conhecimento que valoriza as inter-relações entre as partes e o todo de forma dinâmica, pode ser uma alternativa epistemológica para a compreensão das mudanças na vida sociocultural, político-econômica e linguística aceleradas pelas tecnologias digitais de comunicação e, no caso dessa pesquisa, das redes sociais na/da *internet*.

Autores como Larsen-Freeman e Cameron (2008), Cilliers (1998, 2010), Holland (1997, 2006) afirmam que as interações humanas podem ser consideradas sistemas adaptativos complexos, já que o sujeito imerso em seu ambiente, ao se auto-adaptar, faz escolhas entre possíveis trajetórias alternativas do sistema. Penso que as interações na *internet* sejam alternativas que se apresentam no uso da linguagem como uma força centrífuga, ou seja, que fogem dos padrões convencionais. Para van Lier (2004, p.224), o desenvolvimento linguístico é um fenômeno emergente e a “linguagem é uma ferramenta

---

<sup>7</sup>No original: Las reglas simples em um nível dan origen a una sofisticación y complejidad em outro nivel.

de muitos usos e um componente chave em todas as atividades de construção de sentido humanas”<sup>8</sup>. Por isso, a interação é a base da existência humana, como afirma Bakhtin (2006), e merece ser melhor compreendida em determinados contextos, como o do *site* de rede social.

Como um fenômeno social emergente, esse espaço de interação da *internet* é objeto de investigação de várias pesquisas. Por isso, levantei o estado da arte sobre o *Facebook* e encontrei no Banco de Teses e Dissertações da Capes (em agosto de 2016) setecentos e oitenta e nove (789) registros envolvendo esse *site* de rede social, em trezentas e uma (301) Áreas de Concentração e duzentos e vinte e dois (222) Programas. Dentre esses, noventa e cinco (95) trabalhos eram em Programas de Letras, Linguística e Linguística Aplicada.

Nos programas de Linguística Aplicada foram onze (11) trabalhos, dentre os quais quatro (4) teses de doutorado. E no programa de Estudos Linguísticos foram três (3) trabalhos, dentre os quais duas dissertações de mestrado desenvolvidas no Programa em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Uberlândia. Cito os trabalhos de meus colegas de universidade Luiz Fernando Santos Narciso (2015) cujo título é “Curtir: Reflexões sobre um gesto enunciativo no *Facebook*”, fundamentado na Análise do Discurso na perspectiva foucaultiana, que buscou compreender o curtir como um enunciado que cumpre uma função enunciativa idiossincrática na rede social. E ainda o trabalho de Geralda dos Santos Ferreira (2014) sob o título “A tecnologia digital e o ensino de língua inglesa: navegando e aprendendo com meus alunos no *Facebook*”, que narrou a experiência da professora com seus alunos da educação básica na aprendizagem de língua inglesa. O número de trabalhos demonstra o interesse na investigação dessa rede social na *internet* pelos pós-graduandos no Brasil.

Encontrei ainda trabalhos relativos ao estudo do *Facebook* em outros países. Para exemplificar cito as dissertações de Roberts (2009) que estudou as interações no *Facebook* para entender o desenvolvimento de habilidades escritas em estudantes de língua espanhola; Pugh (2010) que estudou a questão da constituição da identidade no *Facebook*; Farrugia (2013) que buscou entender como o *Facebook* está afetando os relacionamentos de longo prazo; só para citar algumas pesquisas de pós-graduação.

---

<sup>8</sup>Language is a tool of many uses, and as a key component of all human meaning-making activity

Com relação ao estado da arte das pesquisas relacionadas ao Paradigma da Complexidade e os estudos linguísticos, cito a linha de pesquisa Linguagem e Tecnologia do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos (Poslin) da UFMG. Essa linha de pesquisa é coordenada pela pesquisadora Vera L. Menezes de Oliveira e Paiva, cujas pesquisas desenvolvidas por seus orientandos e suas próprias investigações serviram de subsídios teóricos para minhas reflexões. Cito os trabalhos que se aproximam do tema escolhido por mim, como a tese de Parreiras (2005) que investigou a sala de aula digital sob a perspectiva teórica dos Sistemas Complexos, a partir da investigação dos fluxos interacionais ocorridos entre os alunos de duas turmas simultâneas oferecidas a distância, de um curso de graduação em Letras / Inglês. Parreiras (2005) percebeu que esses fluxos interacionais caracterizaram-se como sistema complexo dadas as relações dinâmicas estabelecidas entre os interagentes e que a natureza dos fluxos variou conforme o espaço interacional do ambiente de aprendizagem.

Outro trabalho que entendi como importante é a tese de Martins (2008) que analisou as dinâmicas interativas ocorridas em uma disciplina de escrita em inglês como língua estrangeira oferecida na modalidade mista e concluiu que é importante entender as interações locais dentro do sistema para a emergência de comportamentos globais.

Outra pesquisa cujo escopo se aproxima do meu é a dissertação de Faria (2010) *Socializando e aprendendo: a incorporação da rede social Orkut ao ensino de língua inglesa*, na qual a autora verifica as possibilidades didático-pedagógicas da rede social Orkut para o processo de ensino-aprendizagem de língua inglesa, por meio de observação-participante de uma disciplina *on-line* ofertada para graduandos de um curso de Letras de uma universidade federal. A autora chega à conclusão de que a utilização de ferramentas digitais como o Orkut pode ser um fator motivador da aprendizagem de língua inglesa pelos aprendizes que possuem familiaridade com as funcionalidades desse ambiente *on-line* e pela possibilidade de interação com falantes da língua inglesa.

Busquei subsídios também em Souza (2011) que em sua tese procurou compreender como se dava a dinamicidade e o processo de adaptabilidade da produção textual em um AVA ao longo das atividades de duas disciplinas acadêmicas de graduação na modalidade de Educação a Distância. Souza (2011) compreendeu que os ambientes de aprendizagem se configuraram a partir dos processos de coadaptação entre os interagentes, marcados pela sensibilidade às condições iniciais e ao *feedback*. Os conceitos do Paradigma da

Complexidade elencados pela autora foram importantes fontes de entendimento epistemológico para mim.

Todos esses trabalhos foram fontes de inspiração na construção de meu objeto de estudo, as interações, o uso da língua(gem) em redes sociais em contexto acadêmico. Entender como são as interações entre acadêmicos para compreender o uso da linguagem por esse grupo, visto que, como atestam pesquisadores como Santaella (2007, 2009), Lévy (1999), Castells (1999), a rede social na *internet* vem modificando as interações e a linguagem. Saliento esse grupo porque em tese a academia é o lugar que preserva as formas tradicionais e canônicas de uso da linguagem, onde as mudanças linguísticas desenvolvidas de baixo para cima (*bottom up*), ou seja, em dinâmicas emergentes, demoram a ser reconhecidas.

Diante das justificativas apresentadas, de minhas inquietações e da construção do objeto de pesquisa, formulei as seguintes perguntas de pesquisa, que nortearam esta investigação:

- 1) Como são as interações entre professores e alunos, ou seja, a língua(gem) em uso, no *site* de rede social *Facebook* em contexto acadêmico nos grupos investigados?
- 2) Quais padrões de língua(gem) emergem nessas interações?
- 3) Como professores e alunos se apropriam do *site* de rede social *Facebook* no contexto acadêmico e qual o capital social gerado nas interações?

Mediante as questões norteadoras da pesquisa, meu objetivo geral foi **analisar as interações entre professores e alunos em contexto acadêmico, em grupos no *site* de rede social *Facebook* à luz do Paradigma da Complexidade, compreendendo como esses agentes usam a língua(gem), como se apropriam desse ambiente de interação gerando capital social.**

Para tentar cumprir esse objetivo, foi necessário que eu traçasse três objetivos específicos, a saber:

- 1- Analisar as interações por meio das postagens e ações dos participantes nos grupos.
- 2- Compreender os padrões de uso da língua(gem) emergentes segundo as propriedades dos SAC (FIVE GRACES GROUP, 2009).
- 3- Entender as apropriações que os grupos fazem do *site* de rede social e o capital social (BERTOLINI; BRAVO, 2004) gerado a partir dos laços sociais estabelecidos entre os participantes nos grupos.

A pesquisa desenvolvida tem caráter interpretativista, relacionando-se prioritariamente aos modelos de pesquisa qualitativa. Optei pela pesquisa qualitativa com base etnográfica virtual (HINE, 2000). Participei do contexto no qual os dados foram coletados como membro dos grupos na rede social *Facebook* compostos por alunos e professores da área de Letras de três universidades. A análise de dados foi fundamentada nas propriedades dos sistemas adaptativos complexos propostas pelo *Five Graces Group* (2009) e em demais autores do Paradigma da Complexidade. Busquei em Primo (2003) entendimento sobre a interação mediada por computador adaptando o conceito de interação mútua para o contexto por mim investigado. E em Recuero (2007, 2009, 2012, 2014) encontrei subsídios para compreender os *sites* de redes sociais, bem como o capital social gerado nas relações estabelecidas entre os atores nesses grupos. E ainda em Bertolini e Bravo (2004) de quem tomei as categorias de capital social.

Esta tese está organizada em três capítulos, além da Introdução, das Considerações finais e Referências.

No capítulo de Fundamentação teórica apresento a base epistemológica da pesquisa. Primeiramente, descrevo o arcabouço teórico sobre o qual sustentei minhas análises, o Paradigma da Complexidade, em suas características gerais; posteriormente evidencio os Sistemas Adaptativos Complexos; em seguida, descrevo a linguagem e o discurso como sistemas adaptativos complexos; e as linguagens que emergem no contexto investigado, a acadêmica e a da *internet*. Na segunda parte do capítulo, discorro sobre as redes sociais na *internet* e interação mediada por computador; finalizando o capítulo, disserto sobre capital social.

No segundo capítulo, estabeleço a metodologia da pesquisa, apresentando brevemente as bases da pesquisa qualitativa e a especificidade da pesquisa qualitativa *on-line*, tomando como referência a etnografia virtual; em seguida caracterizo metodologicamente a investigação; descrevo o ambiente de coleta de dados e os participantes da pesquisa; e por último os procedimentos de análise dos dados.

No terceiro capítulo, apresento a análise das interações entre docentes e discentes dos grupos investigados em contexto acadêmico no *site* de rede social *Facebook*.

Posteriormente, teço algumas considerações finais, expondo e defendendo meu posicionamento diante dos resultados obtidos com as análises e os encaminhamentos para futuras pesquisas.

Finalizando a tese, apresento as referências nas quais me embasei teoricamente para o desenvolvimento desta investigação.



# CAPÍTULO 1

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo apresento as fontes epistemológicas nas quais encontrei sustentação para minhas análises. Busquei no Paradigma da Complexidade fundamentos para o entendimento da língua(gem) em uso nas interações em *sites* de redes sociais e das apropriações dos grupos da rede para geração de capital social.

O capítulo está organizado da seguinte forma: primeiramente apresento minhas leituras sobre o Paradigma da Complexidade em suas características gerais apontando a língua(gem) em uso como sistema adaptativo complexo e descrevendo dois estados de fase da língua(gem) em uso: a língua(gem) da *internet* e a língua(gem) acadêmica. Posteriormente, discorro sobre os *sites* de redes sociais como um ambiente da interação mediada por computador. Finalizo o capítulo discutindo sobre o capital social que as interações *on-line* podem gerar a partir das apropriações desses artefatos tecnológicos.

### 1.1 A linguagem e o discurso na perspectiva do paradigma da complexidade

Antes de iniciar a discussão sobre o tema desta seção, é preciso esclarecer os aspectos do Paradigma da Complexidade que fundamentaram o entendimento da linguagem em uso nas interações entre professores e alunos em grupos no *site* de rede social *Facebook*.

#### 1.1.1 Entendendo o Paradigma da Complexidade

Minha primeira leitura sobre a complexidade foi o artigo de Kramsch (2011), cuja pergunta título - “Por que todo mundo está tão empolgado a respeito da teoria da complexidade na Linguística Aplicada?”<sup>9</sup> - foi o que despertou em mim a necessidade de conhecer mais sobre esse novo termo. A partir das proposições de Kramsch (2011), passei a me indagar se a complexidade seria algo descoberto pela perspicácia do homem pós-

---

<sup>9</sup> Esta e as demais traduções são de minha responsabilidade: “Why is everyone so excited about complexity theory in Applied Linguistics?”.

moderno, ou se seria uma constituição nova a partir da qual os sistemas humanos começaram a se organizar, dado o desenvolvimento alcançado pela humanidade.

Como nunca havia ouvido falar deste construto, achei que era uma realidade nova e uma forma hodierna de pensamento para entender tal realidade. Mas, ao me debruçar sobre o assunto, compreendi que a complexidade dos sistemas da natureza e humanos é um fenômeno inerente a determinadas organizações; isso quer dizer que a complexidade existe e sempre existiu; constatando que o pensamento complexo já ocupava a mente dos pré-socráticos. Souza (2011) menciona que os gregos já apresentavam pensamento complexo, como Heráclito de Éfeso que entendia que o mundo não poderia ser identificado pela homogeneidade, mas sim pelo processo contínuo da mudança.

Morin (2007, p. 92) também cita uma frase do célebre pensador grego, “viver da morte, morrer da vida”, para exemplificar a ideia de que “viver é morrer e rejuvenescer incessantemente”. Tal afirmação evidencia o fluxo contínuo da mudança na natureza física do universo. Por isso, a complexidade e o pensamento complexo não são invenções da atualidade, e sim formas de funcionamento e de entendimento de alguns sistemas que sempre existiram, mas que, devido à supremacia de determinados paradigmas científicos, ficaram obscurecidos ao longo da história.

Desse modo, foi preciso que o homem passasse por inúmeras revoluções científicas e quebras de paradigmas<sup>10</sup>, como menciona Khun (1998), para enxergar a complexidade constitutiva de diversos sistemas e entender as inter-relações entre as partes e o todo de forma dinâmica, contrapondo-se às formas lineares de pensamento. Enxergar a complexidade é perceber que o todo é mais que a soma das partes, contudo é preciso compreender as partes para entender o todo, numa relação dialógica e recursiva<sup>11</sup>, como ratifica Morin (2007).

Nesse sentido, para entender a complexidade é preciso compreender que

---

<sup>10</sup> Segundo o filósofo e historiador da ciência (KUHN, 1998, p. 225), paradigma é: “a constelação de crenças, valores e técnicas partilhada pelos membros de uma comunidade científica”; constitui-se em um conjunto de regras, suposições teóricas gerais e técnicas para aplicação de leis científicas. O paradigma refere-se às informações partilhadas pelos membros de uma comunidade científica, assim ele orienta e conduz a atividade de grupos de cientistas, fornecendo modelos de problemas e soluções aceitáveis aos cientistas em seus campos de pesquisas. A quebra de paradigma seria alterações provocadas nessas crenças, valores e técnicas, oriundas de crises que provocam revoluções no pensamento científico.

<sup>11</sup> Morin (2007, p. 108) afirma que o diálogo é um dos princípios da complexidade, que significa que dois termos são ao mesmo tempo complementares e antagônicos, que permite manter a dualidade no seio da unidade. E também a recursão, que é um processo em que os produtos e os efeitos são ao mesmo tempo causas e produtores daquilo que os produziu.

as propriedades essenciais de um organismo, ou sistema vivo, são propriedades do todo, que nenhuma das partes possui. Elas surgem das interações e das relações entre as partes. Essas propriedades são destruídas quando o sistema é dissecado, física ou teoricamente, em elementos isolados. Embora possamos discernir partes individuais em qualquer sistema, essas partes não são isoladas, e a natureza do todo é sempre diferente da mera soma de suas partes (CAPRA, 1996, p. 31).

Capra (1996), portanto, afirma que para investigar os sistemas complexos é inútil esperar que através da agregação de resultados de simples ligações de causa-efeito seja possível entender a natureza das coisas complexas. Isso porque os sistemas complexos são compostos de partes que interagem e o comportamento dessas partes (mesmo o mais ínfimo), quando combinadas, é imprevisível.

Exemplifico o imbricamento entre parte e todo com minha realidade como professora de línguas. Não é possível atribuir a um fator isolado, como a metodologia de ensino utilizada pelo professor, a motivação do aluno e também a do professor, o material didático usado, o tempo de dedicação, etc., a aprendizagem de uma língua adicional. É da interação dinâmica entre todos esses elementos, ou seja, das partes formando o todo, que emerge a aprendizagem.

Portanto, os sistemas complexos exigem um olhar de “figura e fundo”, ou seja, focalizar um determinado aspecto do sistema para entender seu funcionamento, mas sem perder de vista o seu fundo, o seu contexto, a inter-relação com os demais sistemas do ambiente, a relação da parte com o todo.

Antes de adentrar nas características da Complexidade para compreender o Paradigma, é importante destacar o que é um sistema complexo e os demais tipos de sistemas existentes. Existem três tipos distintos de sistemas: os simples, os complicados e os complexos. Mas, o que diferencia os sistemas simples, complicados e complexos?

Para estabelecer essa diferenciação, primeiro é preciso entender o que é um sistema. Larsen-Freeman e Cameron (2008, p. 26) definem “um sistema como sendo produzido por um conjunto de componentes que interagem de formas particulares para produzir estados globais em um determinado ponto no tempo”<sup>12</sup>. Segundo as autoras, todo sistema simples, complicado ou complexo tem elementos que interagem para formar um todo conectado. A diferença fundamental entre eles diz respeito à interação estabelecida entre os agentes. Os sistemas simples têm poucos elementos, que são do mesmo tipo e

---

<sup>12</sup> “A system is produced by a set of components that interact in particular ways to produce some overall state or form at a particular point in time”.

sua interação produz um padrão de comportamento previsível. Os sistemas simples costumam ser mecânicos e lineares e as regras que regem o seu funcionamento são previsíveis; um semáforo seria um exemplo de sistema simples.

Os sistemas complicados contêm subconjuntos de problemas simples. Sua natureza complicada pode ser prevista probabilisticamente, ou seja, a interação de seus agentes pode ser calculada; para cada entrada no sistema, há sempre uma saída proporcional. Um exemplo de sistema complicado seria um computador, nele há inúmeros componentes que interagem de maneira ordenada, para cada *input* existe um *output*, ou seja, tudo é programado. Isso significa que os sistemas simples e complicados assumem um universo ordenado, onde as relações de causa e efeito são perceptíveis.

Já os sistemas complexos têm agentes de naturezas diferentes e suas interações são distintas e mudam ao longo do tempo (LERSSEN-FREEMAN; CAMERON, 2008). As autoras citam o sistema de transporte, uma comunidade de falantes, uma cidade, o ecossistema, a sala de aula, e eu acrescento as redes sociais na *internet* como exemplos de sistemas complexos, visto que esses sistemas apresentam o que Braga (2007, p. 26) observa: a “conectividade como característica essencial (...), ou seja, partes interagindo produzindo a auto-organização, da qual estruturas imprevisíveis de ordem maior emergem”.

Mediante essa explicação sobre os diferentes tipos de sistemas, em especial do sistema complexo, entendo que o Paradigma da Complexidade<sup>13</sup> seja válido para explicar tanto coisas simples, quanto complexas. Nesse sentido, concordo com Marais (2013) quando afirma que a Teoria da Complexidade<sup>14</sup> é uma meta-teoria, que permite mais de um tipo de explicação para a realidade. Marais (2013) segue a mesma linha de raciocínio de Davis e Sumara (2006, p. 127) que afirmam que o pensamento complexo é uma “noção guarda-chuva que permite que os pesquisadores notem similaridades profundas entre uma diversidade de fenômenos”<sup>15</sup>. De acordo com Medd (2001), a ciência da complexidade

---

<sup>13</sup> Utilizo letras maiúsculas para refere-me ao Paradigma da Complexidade e minúsculas para referir-me à complexidade dos sistemas da natureza e humanos.

<sup>14</sup> Alguns autores, como Marais (2013) preferem referir-se à Complexidade como uma teoria, no entanto, eu adoto a denominação de Paradigma da Complexidade por acreditar que não se trata de uma única teoria, mas um conjunto de construtos que se relacionam para formar uma abordagem da realidade. Mais adiante, explicarei a constituição do Paradigma da Complexidade.

<sup>15</sup> “An umbrella notion that enables researchers to note profound similarities across a diversity of phenomena”.

oferece formas de ver o mundo, de como investigar o mundo e, de maneira especial, formas de estar no mundo.

No sentido de compreender e situar os limites do Paradigma da Complexidade, também busquei em Waldrop (1992, p. 9) explicações epistemológicas. Segundo o autor, muitos estudiosos, que estão preocupados em compreender os padrões que regem os sistemas complexos, abraçaram a causa da Ciência da Complexidade e criaram o Instituto Santa Fe, localizado no Novo México, nos Estados Unidos. O Instituto Santa Fe é um centro privado e independente de pesquisa e educação, sem fins lucrativos, fundado em 1984 com o propósito de desenvolver trabalhos interdisciplinares nas áreas da Física, Biologia, Ciências Computacionais e Sociais tentando consolidar o Paradigma da Complexidade.

O Paradigma da Complexidade abarca estudos diferenciados como a Teoria dos Sistemas Complexos, a Teoria dos Sistemas Dinâmicos, o Conexionismo, a Teoria do Caos-Complexidade e o Emergentismo (ELLIS; LARSEN-FREEMAN, 2006). Todas essas teorias têm em comum a ideia de sistema aberto e dinâmico, no qual tanto as forças internas, manifestações do próprio sistema, como as forças externas, aquelas provenientes do ambiente, são levadas em consideração em uma análise. Isso quer dizer que tanto os agentes quanto o contexto fazem parte do sistema e se inter-relacionam.

O Paradigma da Complexidade ainda é um campo em expansão, especialmente em relação aos fatos sociais, e tem sido uma alternativa às explicações legitimadas pela ciência tradicional que relaciona os fatos humanos à linearidade, reduzindo-os a partes isoladas ou a relações de causalidade. Medd (2001) assevera que a tendência nas ciências sociais tem sido a de adotar as ideias-chave do Paradigma da Complexidade, em particular, a importância da não-linearidade, da auto-organização e da emergência para o entendimento dos fatos humanos.

Medd (2001) ainda pondera que não devemos assumir que o Paradigma da Complexidade seja uma entidade, um fenômeno que existe em si e por si, que deve ser usado e colocado em prática. Ele sugere que o Paradigma da Complexidade seja construído através das relações dentro e através das quais é realizado, como uma realidade construída e promulgada em vez de só observada. Essa afirmação é importante porque se alinha ao pensamento atual da Linguística Aplicada, que postula que a realidade é construída contingencialmente. E meu posicionamento é de concordância com esse

pensamento, de que mais que enxergar a complexidade, devemos, acima de tudo, viver a complexidade de nossas vidas.

Contextualizando os estudos da Complexidade no âmbito das Ciências Sociais, não posso deixar de mencionar Edgar Morin (1999, 2005). O autor é uma unanimidade na Educação e tem se dedicado a estudar a Complexidade relacionando-a a essa área do conhecimento. Morin (1999, 2005) defende que o Paradigma da Complexidade é um tecido (*complexus*) de constituintes heterogêneos inseparavelmente associados às ações, interações, retroações, determinações, acasos dos fenômenos. O autor passou a ser uma referência do Paradigma da Complexidade na Educação.

O Paradigma da Complexidade, por tudo que foi apresentado, parece ser uma alternativa de análise do contexto que se apresenta na atualidade, o da disseminação das novas mídias digitais que influencia todas as esferas sociais, inclusive a acadêmica, modificando os cenários, as relações sociais, as interações linguísticas. Por isso, conhecer as características da complexidade advindas da Teoria do Caos (GLEICK, 1991; LEWIN, 1994) e dos Sistemas Adaptativos Complexos (HOLLAND, 1997, 2006; LARSEN-FREEMAN; CAMERON, 2008) é crucial para entender a língua(gem) sob essa perspectiva.

### 1.1.2 Propriedades da Complexidade

Em minhas leituras para a compreensão do significado da complexidade encontrei em Chan (2001), que cita Murray Gell-Mann (1996), o significado de complexidade a partir da raiz da palavra – *Plexus*, de origem latina e que significa trançado ou entrelaçado. A partir desse morfema é derivado *complexus*, que significa trançado junto. Complexidade, a partir de sua etimologia, é, portanto, o entrelaçamento intrincado ou a interconectividade de elementos dentro de um sistema, e entre um sistema e seu ambiente (CHAN, 2001). A complexidade pode ser interpretada como a união de dois ou mais componentes de difícil separação, devido ao seu entrelaçamento. Na união e imbricamento está a dualidade básica entre as partes de um sistema complexo, que são, ao mesmo tempo, distintas e conectadas.

Os aspectos de distinção e conexão determinam as duas dimensões que caracterizam a complexidade. A distinção corresponde à variedade, à heterogeneidade, ao fato de que as diferentes partes do complexo se comportam de maneiras diferentes. A

conexão corresponde à restrição, à redundância, ao fato de que as diferentes partes não são independentes. A distinção conduz ao limite, ao caos ou entropia. A conexão conduz à ordem.

A complexidade está associada a traços inquietantes do emaranhado, da desordem, da ambiguidade, da incerteza, como alerta Morin (2002). Ela confirma a ideia de que nada existe ou acontece de modo isolado no universo; tudo está inter-relacionado.

Outros autores que tratam do imbricamento dos sistemas complexos são Bollen e Heylighen (1996), que presumem que os componentes de um sistema complexo não podem ser separados sem que percam suas identidades; e métodos de análise ou de decomposição não podem ser utilizados para desenvolver ou simplificar o entendimento de seus modelos. A complexidade só pode existir se esses dois aspectos da realidade estiverem presentes: nem a perfeita desordem, nem a perfeita ordem.

Em relação às características da Teoria da Complexidade que são importantes para o entendimento do Paradigma, cito a heterogeneidade, o dinamismo, a abertura do sistema, a adaptação e a interconexão do sistema com o contexto.

A heterogeneidade diz respeito aos diferentes tipos de agentes e de processos de um sistema complexo. Os componentes de um sistema complexo podem ser eles mesmos sistemas complexos e também subsistemas de um grande sistema (LARSEN-FREEMAN; CAMERON, 2008). As autoras exemplificam essa propriedade com uma comunidade de falantes de determinada língua como um sistema complexo. Esse sistema terá dentro dele outros sistemas complexos, como os diferentes grupos socioculturais, os indivíduos dentro de cada um desses subgrupos socioculturais, assim como seus cérebros/mentes individuais. Devido à interconexão, eles são sistemas aninhados em sistemas.

Outra característica da Complexidade é o dinamismo. Em um sistema complexo tudo muda com o tempo, o estado futuro do sistema depende de alguma forma de seu estado atual. A mudança traduz o dinamismo do sistema, tudo no sistema está em contínua mudança, não só os elementos, mas a interação entre eles. Braga (2007, p, 27) afirma que as constantes ação e reação dos agentes geram os processos de mudança, “os quais, não podem ser descritos por uma única regra, nem tão pouco reduzidos a um único nível de explicação. As constantes ações e reações dos agentes fazem com que o sistema se torne dinâmico e devido a isso, nada no sistema é fixo”.

Larsen-Freeman e Cameron (2008) exemplificam o dinamismo do sistema complexo com o crescimento de uma planta na natureza. A planta cresce continuamente,

mesmo no inverno, na seca, o crescimento não para. As autoras afirmam que o mesmo acontece com a língua(gem), com o uso da língua(gem) e com o desenvolvimento da língua(gem), ela está continuamente em ação.

A abertura do sistema é mais uma característica da Complexidade. Nos sistemas complexos não há fronteiras fixas, por isso há troca de energia com o ambiente e constante fluxo de insumos. O sistema aberto permite que energia ou matéria entre de fora para dentro do sistema. Ser aberto possibilita que um sistema esteja “longe do equilíbrio” para manter a adaptação e a estabilidade.

Assim, se um sistema não-linear está aberto a um fluxo contínuo de energia, está longe de seu ponto de equilíbrio. Portanto, os sistemas complexos mudam com o tempo, e não há como determinar, exatamente, como tais mudanças acontecerão. De forma imprevisível, estados altamente organizados podem aparecer.

Mais uma característica da Complexidade, que está diretamente ligada às demais, é a interconexão do sistema com o contexto. O contexto faz parte da complexidade do sistema. Devido à troca de insumos entre eles e à adaptação do sistema em resposta às mudanças do contexto; um sistema aberto é interdependente de seu ambiente. Isso quer dizer que tanto o sistema quanto o contexto se influenciam mutuamente, eles são inseparáveis (LARSEN-FREEMAN; CAMERON, 2008). As autoras esclarecem o que é o contexto, afirmando que ele é o “aqui e agora” no qual o sistema está ativo.

O que identifica os sistemas complexos é que seu comportamento emerge da interação entre seus componentes. O comportamento emergente é não linear, considerado desproporcional aos seus fatores causais. Os agentes ou elementos de um sistema complexo mudam e se adaptam em resposta a um *feedback*. Eles interagem de maneira estruturada, às vezes levando a uma organização própria e ao surgimento de um novo comportamento. Braga (2007, p. 29) ratifica essa ideia afirmando que um sistema complexo é “susceptível às mudanças resultantes de *feedback*, adaptando-se ao novo ambiente e aprendendo por meio de sua experiência”. Palazzo (1999) explica o *feedback* como sendo uma estrutura, um laço causal, uma cadeia de causas e efeitos que se realimenta. A principal característica do *feedback* de reforço é ser autoamplificador. Quanto mais complexo um sistema (seres vivos, por exemplo), maior será o número de estruturas de *feedback*.

Outra característica importante para o entendimento do Paradigma da Complexidade, é a não-linearidade. Larsen-Freeman e Cameron (2008) explicam que esse



é um termo matemático que se refere à mudança que não é proporcional ao *input*. O exemplo mencionado por Fleischer (2009) para demonstrar essa característica é o aumento de temperatura. Se a concentração de edifícios de concreto em determinada cidade levar ao aumento de 1°C na temperatura ambiente, caso o número de edifícios aumentasse de cinco para cinco mil, a temperatura nunca aumentaria na mesma proporção, ou seja, não chegaria a 1000°C. Isso porque o sistema em suas interações com o meio e entre seus componentes dissipa o calor de forma a manter o equilíbrio da temperatura para que o acréscimo de calor não leve à falência e à morte do sistema.

A característica da não-linearidade mostra que os componentes agregados ou agentes de um sistema não-linear não são independentes, as relações e interações entre eles não são fixas, elas mudam ao longo do tempo. Isso quer dizer que as alterações não podem ser relacionadas unicamente às alterações em cada um dos agentes individualmente, ou seja, o comportamento do sistema não pode ser explicado pela soma do comportamento de suas partes agregadas e sim a partir de suas interações. Relacionando essa ideia ao meu contexto de investigação, não posso dizer tacitamente que o uso das tecnologias propiciará mudanças nas práticas de linguagem de seus usuários, visto que outros sistemas complexos se relacionam com o sistema de linguagem, não só o sistema das mídias digitais e, por isso, o *output* não é proporcional ao *input*.

Outra propriedade importante para o entendimento dos sistemas complexos, especialmente para esta investigação, é o de atratores. Gleick (1991), para explicar esse conceito, explica o fenômeno da turbulência. O autor afirma que a turbulência é constituída de movimentos instáveis e novos que se acumulam criando ritmos com velocidades e tamanhos coincidentes, formando um padrão.

Segundo Gleick (1991), esse padrão foi esclarecido por David Ruelle, estudioso que trouxe luz ao enigma do início da turbulência. A esse padrão dinâmico, Ruelle e Floris Takens, seu companheiro de pesquisa, deram o nome de atrator estranho. Gleick (1991) descreve o conceito da seguinte forma:

O atrator estranho vive no espaço de fase, umas das invenções mais poderosas da ciência moderna. O espaço de fase proporciona uma maneira de transformar números em imagens, extraindo todas as informações essenciais de um sistema de partes móveis, mecânicas ou fluidas, e traçando um flexível mapa rodoviário de todas as suas possibilidades (GLEICK, 1991, p. 135)

Larsen-Freeman e Cameron (2008) definem atratores como “modos particulares de comportamento que um sistema prefere”<sup>16</sup>. O atrator é um padrão de comportamento de um sistema em um cenário de possibilidades, é como o sistema muda e se adapta, como ele se move através de uma paisagem. Os atratores representam o processo de auto-organização dos sistemas (OLIVEIRA, 2009).

Existem três tipos de atratores: 1) fixo (o sistema move para um estado estável), 2) cíclico ou periódico (o sistema move periodicamente entre diferentes atratores) e 3) estranho (o sistema apresenta comportamento instável). Os atratores estranhos descrevem os movimentos de um sistema complexo através do tempo e do espaço. Esses movimentos são variados e conduzem a mudanças e novidade, mas, ao mesmo tempo, sendo conjuntos de padrões, eles impedem que o sistema entre em estado de desordem (LARSEN-FREEMAN; CAMERON, 2008).

Larsen-Freeman e Cameron (2008) explicam cada tipo de atrator com um exemplo; o atrator fixo é um pêndulo que oscila para trás e para a frente, o seu balanço progressivamente é amortecido pela fricção, até que ele finalmente para. O atrator periódico é exemplificado pelas autoras com o sistema de populações de predadores e presas, que tende a se mover em movimentos periódicos de excesso e escassez. Um atrator é dito estranho se ele gozar da propriedade de ser sensível às condições iniciais e for robusto<sup>17</sup> em relação a turbulências do sistema dinâmico inicial (PALIS, 1989).

Um aspecto importante em relação à turbulência é que ela pode significar uma mudança de estado de fase. Esta transição está ligada à formação de sucessivas bifurcações de subvariedades atratoras, de dimensões crescentes (PALIS, 1989). Essas bifurcações são pontos na paisagem de possibilidades do sistema e podem significar mudança na trajetória do atrator. Cada ponto de bifurcação é considerado por Stewart (1991) como um “ponto de decisão”, já que o sistema pode passar por ele e manter sua rota normal, ou pode mudar seu padrão de movimento devido à mudança de um parâmetro do sistema.

Segundo Larsen-Freeman e Cameron (2008), nem todos os parâmetros de um sistema complexo afetam sua trajetória, mas há alguns que têm influência especial na transição de fases, os chamados parâmetros de controle. A mudança no parâmetro de

---

<sup>16</sup> “Particular modes of behaviors, that the system prefers” (LARSEN-FREEMAN; CAMERON, 2008, p. 49).

<sup>17</sup> A robustez do sistema diz respeito à capacidade do sistema de se manter “vivo”, em funcionamento apesar das perturbações que possa sofrer.

controle move o sistema para um outro estado. De acordo com as autoras, os parâmetros de controle são a chave para entender a mudança nos sistemas complexos. Um exemplo de parâmetro de controle dado por Larsen-Freeman e Cameron (2008) para ilustrar esse conceito é a motivação que, na situação de aprendizagem de línguas, pode ser um parâmetro de controle que vai ajudar a manter o sistema de aprendizagem no seu espaço de fase, evitando que atratores como preferência por assistir televisão se sobreponha ao de fazer dever de casa.

Nesta seção busquei descrever as características da complexidade importantes para a compreensão de sistemas complexos, como meu objeto de pesquisa, recorrendo também às propriedades da Teoria do Caos. A seguir, passo a descrever os sistemas adaptativos complexos como sistemas que respondem a *feedback*, como sistemas que aprendem.

### **1.1.3 Sistemas Adaptativos Complexos: sistemas que aprendem**

Alguns sistemas complexos apresentam características peculiares que dizem respeito à adaptação. São sistemas que aprendem, que respondem a *feedback*, auto-organizando-se, o que possibilita a emergência de novos padrões de comportamentos.

O sistema adaptativo complexo (SAC) envolve componentes (agentes) que se adaptam e aprendem à medida que interagem, “reconhecem e respondem a mudanças de padrões” (JOHNSON, 2003, p. 76). Holland (1997) mostra que a adaptação é o processo pelo qual o organismo se ajusta ao seu ambiente: as experiências guiam as mudanças na estrutura do organismo e, com o passar do tempo, o organismo faz melhor uso de seu ambiente para seus próprios fins.

Nos SAC, os agentes interagem por meio de regras e se adaptam mudando suas regulações por meio do acúmulo de experiência. Mitchell (2009) sintetiza os SAC como um sistema em que grandes redes de componentes, com nenhum controle central e simples regras de funcionamento dão origem a um comportamento coletivo complexo, sofisticado de processamento de informação e de adaptação através da aprendizagem ou evolução.

Chan (2001) afirma que um SAC é um sistema intimamente ligado a todos os outros sistemas relacionados que compõem um ecossistema. Dentro de um contexto, a mudança precisa ser vista em termos de coevolução de todos os outros sistemas

relacionados e não como adaptação a um ambiente separado e distinto. A capacidade de selecionar naturalmente e se auto-organizar torna o SAC adaptativo. Ele não responde passivamente aos acontecimentos, ele tenta, ativamente, transformar tudo o que acontece para a manutenção do próprio sistema. Ele é capaz de aprender.

Trazendo esse construto para minha realidade, a sala de aula pode ser considerada um SAC, visto que a educação é um processo adaptativo em que alunos, professores, escola, materiais didáticos e outros elementos e agentes complexos adaptam-se dinamicamente em relação uns aos outros. Cada ação dos participantes promove pequenas reorganizações no sistema, portanto, pode mudar o sistema como um todo.

Nesse sentido, Larsen-Freeman e Cameron (2008, p. 9) atestam que em sistemas adaptativos complexos, “o sistema tem a liberdade de se desenvolver ao longo de trajetórias alternativas”<sup>18</sup>. Sendo assim, embora o sistema seja condicionado pela sua história, não é determinado por ela. As autoras (2008, p. 9) sintetizam esse pensamento recorrendo a Varela (1991, p. 144) que afirma que “saber como negociar o nosso caminho através do mundo que não é fixo e pré-determinado, mas continuamente moldado pelos tipos de ações em que nos engajamos é um desafio do ser humano”<sup>19</sup>. Talvez seja esse o segredo da vida!

A importância do conhecimento dos sistemas adaptativos complexos reside no fato de que esses sistemas podem reagir, se auto-organizar, eles podem aprender mediante o *feedback* recebido, em círculos sistêmicos e dinâmicos de *feedback*. Isso quer dizer que é impossível pensar em um sistema sem pensar em seu contexto, em seu ambiente.

O fenômeno que é considerado o coração dos SACs, como explicou Waldrop (1992), é a auto-organização ou emergência, que é explicada por Johnson (2003) como “o movimento de regras de nível baixo para a sofisticação do nível mais alto” (p. 14). Segundo o autor, em um sistema emergente há

múltiplos agentes interagindo dinamicamente de diversas formas, seguindo regras locais e não percebendo qualquer instrução de nível mais alto. Esse sistema é considerado emergente quando todas as interações locais resultarem em algum tipo de macro comportamento observável (JOHNSON, 2003, p. 15).

---

<sup>18</sup> “In complex dynamic system, the system has the freedom to develop along alternative trajectories.

<sup>19</sup> “Knowing how to negotiate our way through a world that is not fixed and pre-given but that is continually shaped by the types of actions in which we engage is a challenge of being human”.

Johnson (2003) evidencia os princípios da inteligência *bottom-up* dos sistemas emergentes, como o das colônias de formigas e dos *softwares open source*, fazendo referência a trabalhos de estudiosos que tentavam provar como um organismo complexo pode se juntar, sem que haja um líder para planejar e dar ordens, e concluiu que isso ocorre por meio do processo da auto-organização. A esse processo de agregação sem líderes os autores deram o nome de comportamento *bottom-up*, que é o comportamento emergente.

Johnson (2003) menciona que o que torna um sistema mais adaptável é a contribuição de diferentes tipos de *feedback*. O *feedback* local é o responsável pela organização descentralizada, ou seja, a adaptabilidade provém de conhecimento local, que promove o comportamento global.

Relaciono essa explicação à minha vivência em sala de aula *on-line*, em atividades como o *fórum de discussão*. Nesse tipo de atividade, o *feedback* nas interações locais, entre alunos e tutores, é determinante para a adaptação do aluno de cursos a distância ao tópico em estudo. Se o *feedback* é imediato e consegue responder às questões levantadas pelo aluno, de forma a levá-lo a auto-organizar sua aprendizagem, as discussões são extremamente produtivas nos ambientes virtuais de aprendizagem (AVA). Caso contrário, se não há *feedback* que promova a reorganização do sistema, ou seja, se não há respostas às interações, se não há promoção da discussão acerca de um determinado tópico em estudo, a tendência é que haja falência e morte do sistema, ou seja, o silenciamento dos participantes.

No sentido de esclarecer ainda mais sobre os sistemas adaptativos complexos, Holland (1998) define a emergência como resultado da complexidade e dos fluxos contínuos de mudança aos quais subjazem regras determinadas. Ao observar os comportamentos do sistema, padrões recorrentes podem ser encontrados.

Entendo um sistema adaptativo complexo como um sistema aberto e, por isso, com intenso fluxo de insumos, que se auto-organiza à medida que os agentes interagem e recebem *feedback*, e dessas interações emergem padrões de comportamento. As características dos Sistemas Adaptativos Complexos apresentadas até então foram fundamentais para minha compreensão acerca das interações que ocorrem entre professores e alunos no contexto acadêmico na rede social *Facebook* e que serão apresentadas no capítulo de análise.

Feitos os esclarecimentos sobre as propriedades da Complexidade, chego ao cerne deste capítulo a língua(gem) e o discurso como sistemas complexos. Para compreender a natureza complexa das interações é preciso entender a língua(gem) como sistema adaptativo complexo e como prática social, ou seja, como discurso e alguns de seus padrões de uso.

#### 1.1.4 A língua(gem) e o discurso na perspectiva do Paradigma da Complexidade

Antes de discutir sobre a língua(gem) e o discurso como sistema adaptativo complexo, é preciso explicar minha escolha pelo objeto língua(gem) com os dois termos língua e linguagem imbricados, delimitando o que entendo acerca desses construtos. Meu posicionamento de linguista aplicada deixa-me à vontade para transitar em outras áreas, visto que a LA pretende-se transgressora, e, por isso, apesar de me afiliar a linha sociointeracionista bakhtiniana no entendimento da língua(gem), busquei subsídios também em Santaella (2001, 2009), pesquisadora que tem se dedicado à Semiótica, para justificar minha escolha.

Essa escolha se deu em função de minha percepção de que nos *sites* de redes sociais, assim como outros ambientes da *internet*, o processo de hibridização de linguagens, apesar de essa mistura permear nossa vida em qualquer contexto e ambiente, é muito mais evidente. Na *internet* a mescla de linguagens e de línguas é vislumbrada de forma simultânea e convergente. Segundo Santaella (2001), não temos consciência de que nossa existência “é mediada por uma rede intrincada e plural de linguagem. (...) Somos uma espécie animal tão complexa quanto são complexas e plurais as linguagens que nos constituem como seres simbólicos, isto é, seres de linguagem” (p.10). Ainda, de acordo com autora supracitada

quando dizemos linguagem, queremos nos referir a uma gama incrivelmente intrincada de formas sociais de comunicação e de significação que inclui a linguagem verbal articulada, (...) e todos os sistemas de produção de sentido aos quais o desenvolvimento dos meios de reprodução de linguagem propiciam hoje uma enorme difusão (SANTAELLA, 2001, p. 11-12).

Segundo Barton e Lee (2013), o mundo está cada vez mais textualmente mediado e a *internet* é essencial para essa mediação textual. As pessoas combinam vários recursos semióticos de novas maneiras e inventam novas relações entre linguagens e seus modos

de construção de significados, que não tinham sido ainda presenciados antes do advento da *internet*.

No contexto das interações mediadas pelos artefatos digitais, vemos uma profusão de língua(gens), em forma de *memes* que viralizam nas redes sociais, como as ações de curtir e cutucar, como as *selfies*, os *emoticons*, os *emojis*, vídeos, imagens, deflagrando um processo que Herring (2013, p. 4) denomina de “mídia convergente na comunicação mediada por computador”<sup>20</sup>, como novas *affordances* disponibilizadas pelas tecnologias digitais de comunicação para interação. Retomarei a questão de *affordances* mais adiante.

No sentido de marcar meu entendimento da língua(gem), recorro a Santaella (2001, p. 12) novamente, que conclui que todo fenômeno de cultura é um fenômeno de comunicação, por isso “todo e qualquer fato cultural, toda e qualquer atividade ou prática social constituem-se como práticas significantes, isto é, práticas de produção de linguagem e sentido”.

Marcada minha posição acerca da escolha do objeto língua(gem), passo a discorrer sobre a língua(gem) e o discurso como sistemas adaptativos complexos, usando os termos para caracterizar o hibridismo presente no contexto de interação mediado pela nova mídia digital.

Início a discussão descrevendo a entrada da Complexidade no campo da Linguística Aplicada (LA), por meio das investigações de Diane Larsen-Freeman (1997). A autora acreditava que esse viés poderia desvendar vários fenômenos linguísticos, como o da aquisição de segunda língua. Seu artigo *Chaos/Complexity Science and Second Language Acquisition* na revista *Applied Linguistics* em 1997 é considerado o marco de entrada da Complexidade na LA. A autora percebeu a similaridade existente entre os sistemas complexos da natureza e a aprendizagem de segunda língua<sup>21</sup>, afirmando que a língua é um sistema aberto, não-linear, um sistema em que novos elementos vão se agregando, formando um todo completamente novo à medida que se aprende a segunda língua. Larsen-Freeman (1997), neste artigo, postula que a língua pode ser vista como uma agregação de unidades paradigmáticas e sintagmáticas e também como um sistema dinâmico quando pensamos na língua em uso. A autora referencia-se em Humboldt, que entendia que “a língua deve ser identificada com a capacidade viva pela qual os falantes

---

<sup>20</sup> “convergent media computer-mediated communication”.

<sup>21</sup> Ao descrever as pesquisas de Larsen-Freeman utilizei o termo língua e não os dois termos de forma imbricada como expliquei anteriormente porque nas pesquisas da autora ela trata de aquisição de segunda língua.

produzem e compreendem enunciados, e não com os produtos observados nos atos de falar e escrever”<sup>22</sup> (LARSEN-FREEMAN, 1997, p. 147).

Nesse sentido, Larsen-Freeman e Cameron (2008) explicitam a necessidade de que as “verdades” baseadas nas regularidades linguísticas sejam questionadas e por isso defendem que as incertezas devem ser trazidas para o campo da LA. Uma dessas incertezas diz respeito à variabilidade da língua e de sua característica como sendo um sistema aberto. A variação linguística é um fenômeno inerente à língua(gem), e diz respeito a sua heterogeneidade constitutiva. Capra (2005, p. 31) menciona uma característica dos sistemas abertos não-lineares que relaciono ao fenômeno da geração de variantes na língua(gem) em uso, devido à dinâmica da própria vida. Segundo Capra

a criatividade – a geração de formas novas – é uma propriedade fundamental de todos os seres vivos. E, uma vez que o surgimento dessas formas é também um aspecto essencial da dinâmica dos sistemas abertos, chegamos à importante conclusão de que os sistemas abertos desenvolvem-se e evoluem. A vida dilata-se constantemente na direção da novidade (CAPRA, 2005, p.31).

É importante destacar, no entanto, que, como sistema adaptativo complexo, a língua(gem) “mantém-se num estado longe do equilíbrio e ainda assim é estável: a mesma estrutura global é mantida a despeito de um fluxo contínuo e da mudança de seus componentes” (CAPRA, 2007, p. 15). Isto quer dizer que apesar da mudança e da variação no sistema de língua(gem), ele mantém sua identidade. O que irá manter a unidade nos sistemas adaptativos complexos, segundo Nascimento (2009, p. 65), “é o padrão de organização em redes recursivamente configuradas (...). Tais sistemas emergem como uma organização sempre nova sem perder seu formato de redes, sem perder sua identidade reticular”. A língua(gem) emerge, no sentido de que os padrões de uso da língua(gem) desenvolvem-se na interação entre os agentes, adaptando-se uns aos recursos linguísticos dos outros, de forma recursiva, como atesta Morin (2003). Segundo Nascimento (2009), essa configuração em rede poderia ser tomada como um dos parâmetros de controle da variação, ou seja, o que delimita a emergência de um estado atrator, de um padrão de língua(gem) em detrimento de outro.

Para entender a língua(gem) em sua complexidade, é preciso explicar a interação entre indivíduo e ambiente. Por isso, Larsen-Freeman e Cameron (2008) afirmam que o

---

<sup>22</sup> “a language is to be identified with a living capability by which speakers produce and understand utterances, not with the observed products of the acts of speaking and writing”.



Paradigma da Complexidade pode trazer luz aos estudos da língua(gem) justamente por não observar somente a interação entre o que é sociocognitivo e ambiental, mas também compreender como os seres humanos modelam seu próprio contexto. Isso porque, na perspectiva da Complexidade, os fenômenos linguísticos não podem ser dissociados dos fatos cognitivos e dos sociais.

A esse respeito, as autoras (2008, p. 34) afirmam que

Os sistemas complexos são abertos e inseparáveis do contexto, mas interagem com fatores contextuais e mudam ao longo do tempo. Dessa forma, precisamos de uma visão corporificada da atividade mental, incluindo o uso e o processamento da língua(gem). Nessa visão, considera-se que a mente se desenvolve como parte de um corpo físico em constante interação com o ambiente físico e sociocultural, com essa interação contribuindo para a natureza emergente da mente (LARSEN-FREEMAN; CAMERON, 2008, p. 34).<sup>23</sup>

Autores como Kleiber (1998) e Coulter (1994) afirmam que a noção de contexto é tão ampla e maleável, que é difícil defini-lo e estudá-lo formalmente. Segundo Oliveira (2000, p. 229), o contexto

é tudo aquilo que circunda os interlocutores, mas estes limites são plásticos. Portanto, este ambiente é dinâmico e estende-se para esta ou aquela direção de acordo com o que é dado ou escolhido a cada momento pelos participantes da interação. Em si, o contexto é uma abstração, e os indivíduos estarão focalizando a sua atenção e levando em conta os fatores situacionais (rituais próprios da interação, fatores sociais e culturais), psicológicos, crenças e propósitos.

O contexto, assim, inclui um número infinito de elementos, que são mobilizados no aqui e agora da interação.

Entendo que o contexto de uso da língua(gem) não é algo externo ao sujeito da língua(gem), que apenas afeta suas escolhas. Em uma abordagem complexa da língua(gem), sujeito e contexto estão imbricados, o contexto faz parte do sistema e por isso há um processo de adaptação entre sujeito, língua(gem) e ambiente em uma relação de causalidade recíproca, que não pode ser ignorado. Ao mesmo tempo que o homem age, fazendo escolhas no momento que emprega os recursos semióticos para a manifestação de suas volições e identidade, os recursos da língua(gem) no indivíduo e na comunidade

---

<sup>23</sup> “Complex systems are open and not separated from context, but interact with contextual factors as they change over time. We therefore need an embodied view of mental activity, including language use and processing, in which mind is seen as developing as part of a physical body constantly in interaction contributing to the emergent nature of the mind”.

linguística estão sendo transformados recursivamente para além das intenções conscientes de seus membros, dadas as circunstâncias de demanda.

A fim de esclarecer a importância do contexto, recorro a Van Lier (2002), que discute sobre o intrincado relacionamento entre língua(gem) e contexto e propõe uma abordagem ecológica para o estudo da língua(gem), afirmando que a língua(gem) emerge de atividade semiótica, que ela não surge de *input* que é processado, mas de *affordances* a partir de engajamento ativo e que permitem ação e interação adicional.

De acordo com Paiva (2010), o termo "*affordance*" originou-se nos estudos sobre ecologia, na relação de um organismo com os demais elementos em um ecossistema. O termo tem origem na palavra inglesa *afford* que significa “produzir, fornecer, dar, causar, proporcionar, conferir, oferecer, propiciar, ter os meios ou recursos para”<sup>24</sup> (PAIVA, 2010). Paiva (2010), portanto, traduziu o termo para o português como propiciamento.

Para Gibson (1986), idealizador do conceito de *affordances*, uma definição satisfatória seria aquela que o entende como resultado da interação recíproca entre agente e ambiente, implicando a complementaridade entre os dois. Ao propor essa relação agente/ambiente, Gibson (1986) evidencia a interdependência entre agente e ambiente, essa relação é explicada pelo autor com o conceito de nicho. Ecologicamente, nicho diz respeito a como os animais vivem em determinado ambiente, ou seja, é um cenário de características ambientais que é apropriado aos animais que se ajustam adequadamente (OLIVEIRA; RODRIGUES, 2006). Para o autor, o nicho é um conjunto de propiciamentos, ou seja, o ambiente propicia muitos modos de vida e esses modos de vida também podem ser considerados propiciamentos, que dizem respeito à ação e podem ou não serem percebidos. Propiciamentos existem como possibilidades de ação, que podem ou não ser usadas. Complementando essa ideia, Barton e Lee (2013) conceituam *affordances* como possibilidades e limitações de ação que as pessoas percebem seletivamente em qualquer situação. A percepção de propiciamento é uma atividade situada, pois relaciona-se ao contexto da ação.

Van Lier (2002, p. 147) propõe uma aproximação entre o conceito de propiciamento e língua(gem), afirmando que

um contexto no qual a língua(gem) é parte da ação oferece um conjunto de oportunidades para composição de sentido. Um participante

---

<sup>24</sup> Texto disponível *on-line*, por isso não consta número de página. Disponível em: <<http://www.veramenezes.com/affordance.pdf>>. Acesso em: 08 de outubro de 2015.

ativamente engajado recebe uma miríade de oportunidades para ação e interação significativas, e essas oportunidades são nomeadas *affordances*.<sup>25</sup>

A noção de *affordances* sugere, segundo Van Lier (2004), noções como: relações, possibilidades, oportunidades e interações. O indivíduo percebe as possibilidades de ação dentro de um meio a partir de sua relação com esse meio e com os elementos que o compõem. Os propiciamentos podem se referir a objetos, bem como à língua(gem), segundo o autor. Propiciamentos linguísticos estão disponíveis para o interlocutor e os que forem mais relevantes serão captados por ele. Paiva (2010) também percebe “a língua(gem) como propiciamento não linear de ações, percepções e interpretações. Usamos a língua(gem) para agir no mundo, para perceber e para interpretar as ações sociais da língua(gem) em nossa volta”<sup>26</sup>.

Quando se trata de perceber possibilidades de ação em espaços *on-line*, Barton e Lee (2013) afirmam que significa muito mais do que fornecer uma lista dos recursos originalmente desenhados pelos *designers*, pois as pessoas se apropriam das tecnologias para seus próprios fins. Os autores exemplificam esse fato com o caso do *Facebook* que, a princípio, foi introduzido como um meio de os estudantes universitários desenvolverem suas redes sociais, e esse ainda é um uso importante. No entanto, atualmente os usos do *Facebook* são os mais diversificados possíveis. Dentre esses usos, há o que muitas escolas e universidades têm adotado, o de usarem o *Facebook* como uma plataforma de aprendizagem, como um Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), mesmo que o *site* não tenha sido concebido como uma ferramenta educacional por seus idealizadores.

Corroborando as ideias apresentadas, Vasconcellos (2002), seguindo a linha de raciocínio de Van Lier (2002), afirma que o sistema vivo estará sempre em acoplamento estrutural com seu ambiente; nas interações ambos vão mudando, o organismo e o ambiente. Isso quer dizer que sempre haverá um ajustamento entre ambiente e organismo e, quando isso não for mais possível, o sistema se desintegrará. Larsen-Freeman (2007), a esse respeito, afirma que o estado natural de um sistema linguístico pode ser definido como a adaptação dinâmica a um contexto específico, no qual o contexto também é modificado pelos usuários da língua. Contudo, as dicotomias nas quais foi construído o

---

<sup>25</sup> “a context in which language is part of the action provides an ambient array of opportunities for meaning making. An actively engaged participant is offered a myriad of opportunities for meaningful action and interaction, and these opportunities are called affordances”.

<sup>26</sup> Disponível em: <<http://www.veramenezes.com/affordance.pdf>>. Acesso em: 08 de outubro de 2015.

pensamento linguístico podem obscurecer o entendimento da língua(gem) como processo dinâmico, ao mesmo tempo, estável e variável, conectado ao seu contexto.

A adaptação do SAC ao seu contexto leva à emergência de padrões de língua(gem), que são epifenômenos da interação; eles são estabilidades emergentes; eles são bacias atratoras (LARSEN-FREEMAN; CAMERON, 2008). Isso quer dizer que as estabilidades nos sistemas complexos linguísticos são aparentes, visto que, como um ser vivo, a língua(gem) está em constantes modificações sistêmicas. Mesmo quando aparenta estar livre de alterações, não estar sofrendo nenhuma mudança, o sistema linguístico está em atividade dinâmica.

Larsen-Freeman e Cameron (2008) explicam a emergência de padrões de linguagem como adaptações dos membros de uma comunidade linguística a certos padrões que se tornam mais privilegiados que outros; devido ao *status* social da comunidade que os usa; pelo fato de os padrões terem maior utilidade semântica ou pragmática; ou ainda por seus valores especializados e funcionais. Forças centrípetas e centrífugas agem no sistema no sentido de promover a mudança e, ao mesmo tempo, manter a identidade da língua(gem). Na língua(gem) em uso há movimento entre os espaços de fase de uma bacia atratora a outra. A estabilidade em um sistema adaptativo complexo pode ser representada pelo movimento de mudança de um espaço estado para outro. As mudanças, suaves ou bruscas, ocorrem ao longo do caminho que o sistema percorre, que é a trajetória desse sistema.

A mudança de estado ocorre devido a pontos de instabilidade no sistema, que são os pontos de bifurcação, os pontos de decisão, que aparecerem no sistema, levando-o para outra direção. A bifurcação ocorre quando o sistema sofre uma alteração qualitativa, devido à atuação de um parâmetro de controle, como mencionado anteriormente. Mas, convém reforçar que, de acordo com Larsen-Freeman e Cameron (2008), “os parâmetros de controle controlam os possíveis estados que um sistema pode ocupar”<sup>27</sup>. Os parâmetros de controle podem ser associados a normas, que têm a capacidade de afetar a trajetória do sistema e, por isso, terão particular influência nas fases de transição.

Cito como exemplo de parâmetro de controle que pode promover variação na língua(gem) a presença de um agente com maior autoridade, prestígio ou ainda maior interação em um determinado contexto. Este agente tende a modular a língua(gem) dos

---

<sup>27</sup> “The control parameters thus ‘control’ the possible states that the system can occupy”.

demais agentes, e este agente pode ser considerado um dinamizador do sistema, como defende Silva (2008), aquele que daria o “tom” da língua(gem). De acordo com seus *feedbacks*, os demais agentes se adaptariam ao nível e modalidade de língua(gem), aos gêneros discursivos usados por ele.

Silva (2008) estudou a presença desses elementos que promovem a colaboração e a aprendizagem em comunidades de aprendizagem *on-line*, como uma “proposição explicativa para a metáfora do andaime e como um mecanismo para dar visibilidade aos fenômenos da dinâmica complexa do processo de aprendizagem colaborativa e do próprio processo de complexificação do sistema como um todo” (p. 99). Segundo o autor, “tanto as competências quanto a colaboração se apresentam distribuídas entre os pares do sistema, mantendo-o sempre em um estado de latência (não-fixidez) e pronto para modificações em sua organização” (p.210) e a presença dos dinamizadores “fez com que o sistema avançasse em sua trajetória sustentada em uma dinâmica não-linear e, consequentemente, complexa em toda a sua extensão” (p. 210). Com essa descoberta, Silva (2008) demonstra que não só o professor, geralmente considerado o par mais competente, pode dinamizar o sistema, mas cada uma das interações estabelecidas na comunidade tem potencial de promover a dinâmica do sistema.

Entendo que além do agente de prestígio e de participação, outro parâmetro de controle da língua(gem) estaria relacionado ao contexto de interação. Alguns contextos são fortemente ritualizados e promovem a variação da língua(gem) por força da tradição, como é o caso de cerimônias religiosas, jurídicas e uma banca de defesa de tese, por exemplo. Cito também as redes sociais, enquanto ambiente, ou terceiro interlocutor, como preconiza Van Lier (2002), como outro parâmetro de controle que pode promover a mudança nas práticas de língua(gem) de seus agentes, como forma de inserção e adequação social.

Nesse sentido, retomo o apontamento de Bakhtin (1992) de que todo uso da língua(gem) é marcado por forças centrífugas, que diversificam, e por forças centrípetas, que padronizam. Retomo as palavras de Resende (2009, p. 65), que propõe o uso do termo “atrator discursivo” para se referir “aos padrões de comportamentos linguísticos e não-linguísticos associados e condicionados pelos gêneros discursivos de determinada sociedade e pelas forças centrípetas da língua exercida por esses gêneros”. De acordo com a autora, essas forças da língua(gem) concorrem para que ideologias sejam naturalizadas por meio do discurso e de sua rotinização, atuando no sentido de formar identidades

sociais aceitáveis, determinando comportamentos típicos de dada sociedade e prescrevendo comportamentos típicos para os indivíduos que fazem parte desta sociedade.

Ao adaptar os recursos da língua(gem) a novos contextos, os homens mudam a língua(gem). Compreendo esta afirmação como relacionada ao momento histórico em que vivemos, no qual a *internet* tem sido uma força centrífuga que vem incidindo sobre a língua(gem), moldando seus usos. Assim, a mudança na língua(gem) não ocorre em um só nível, ela é sistêmica. A língua(gem) está sempre se atualizando, está em um “estado perpétuo de fluxo”<sup>28</sup> (LARSEN-FREEMAN; CAMERON, 2008, p. 96).

No sentido de ampliar ainda mais meu entendimento da língua(gem) em uso como SAC nas interações no contexto deste estudo, busquei em Ellis e Larsen-Freeman (2009), que coordenando um grupo de pesquisadores intitulados “*The Five Graces Group*”, composto pelos autores: Clay Beckner, Richard Blythe, Joan Bybee, Morten H. Christiansen, William Croft, Nick C. Ellis, John Holland, JinyunKe, Diane Larsen-Freeman e Tom Schoenemann, definem as propriedades da língua(gem) como SAC, que serviram de categorias de análise de meus dados.

Os autores desse grupo afirmam que a língua(gem) tem uma função fundamentalmente social e os processos de interação humana, juntamente com os processos cognitivos, moldam a estrutura e o conhecimento da língua(gem). Dessa forma, não apenas a aquisição da língua é fortemente afetada por padrões de uso, mas também sua estrutura, a forma como ela é organizada na cognição, e as mudanças sofridas por ela ao longo do tempo. Segundo os autores, recentes pesquisas no campo das ciências cognitivas demonstram que os padrões de uso afetam fortemente o modo como a língua é usada e no processo de mudanças.

O *Five Graces Group* (2009, p. 14-18) estabeleceu sete características<sup>29</sup> da língua como um sistema adaptativo complexo: controle distribuído e emergência coletiva, diversidade intrínseca, dinâmica perpétua, adaptação através de amplificação e competição de fatores, não-linearidade e transição de fases, sensibilidade e dependência da estrutura em rede e mudança local. A seguir sintetizo cada uma das características, lembrando que relaciono essas características ao sistema imbricado língua(gem). São

---

<sup>28</sup> “perpetual state of flux”.

<sup>29</sup> A tradução das características é de minha responsabilidade, contudo às características foram acrescidas explicações baseadas em meu entendimento.

elas:

1) **Controle distribuído e emergência coletiva:** a língua(gem) existe tanto em indivíduos (idioleto) e em sua comunidade de uso (língua(gem) comum), ela emerge desses dois níveis distintos, mas de forma interdependente. Padrões em nível coletivo não podem ser atribuídos a uma coordenação global; o padrão global é emergente, é resultante de interações locais a longo prazo entre os indivíduos. Trocando em miúdos, o controle distribuído se estabelece quando não há uma centralidade de ações, os vários agentes do sistema complexo promovem interações locais, agem, é o movimento *bottom up*, de baixo para cima, não há nenhum comando central que provoca a emergência coletiva; é por meio da ação e interação dos agentes que o todo emerge.

2) **Diversidade intrínseca:** em um SAC, não há nenhum agente representativo ideal do sistema. Cada padrão de língua(gem) é o produto da exposição e experiências de uso da língua(gem) de forma única. A diversidade intrínseca é o que gera a criatividade do sistema.

3) **Dinâmica perpétua:** a língua(gem) está em constante mudança e reorganização. A língua(gem) está em constante fluxo e a mudança é ubíqua. No nível individual, cada instância de uso da língua(gem) muda a organização interna de uma variedade da língua(gem). Como a língua(gem) é definida principalmente pelo seu dinamismo, ela está longe do seu ponto de equilíbrio. A dinâmica perpétua é o combustível do sistema adaptativo complexo.

4) **Adaptação através de amplificação e competição de fatores:** os SACs consistem em múltiplos elementos que interagem, cujos efeitos podem ampliar e/ou competir uns com outros. A estrutura em sistemas complexos tende a se desenvolver através de *feedback* positivo, no qual certos fatores perpetuam-se, em conjunto com o *feedback* negativo, no qual alguma restrição é imposta. Na língua(gem), todos os fatores interagem e se “alimentam” uns dos outros.

5) **Não-linearidade e transição de fases:** em sistemas complexos, pequenas diferenças quantitativas de certos parâmetros, muitas vezes podem levar a transições de fase (diferenças qualitativas). Em se tratando de sistemas dinâmicos, mesmo quando não há nenhuma mudança paramétrica em um determinado ponto da dinâmica contínua do sistema, o comportamento pode mudar dramaticamente, passando por uma fase de transição.

6) **Sensibilidade e dependência da estrutura em rede:** estudos sobre rede de sistemas complexos têm mostrado que as redes reais não são aleatórias, como foi inicialmente afirmado. A estrutura interna e a conectividade do sistema pode ter um impacto profundo sobre a dinâmica do sistema. Da mesma forma, as interações linguísticas não são via contatos aleatórios; elas são propiciadas pelas redes sociais. A estrutura social de uso da língua(gem) e da interação têm um efeito crucial no processo de mudança e variação no uso da língua(gem).

7) **A mudança é local:** a complexidade surge nos sistemas através de mudanças graduais, com base em recursos disponíveis localmente, ao invés serem direcionadas de cima para baixo ou provenientes de algum movimento deliberado em direção a algum objetivo. A complexidade da comunicação está relacionada em certa medida com a complexidade social.

Essas são as propriedades da língua(gem) como um SAC fundamentais para o entendimento das interações, dos padrões de uso da língua(gem) no contexto das redes sociais na *internet*.

Como discuti ao longo dessa seção, a língua(gem) é moldada por habilidades cognitivas humanas, como a categorização, o processamento e o planejamento. Mas essas habilidades por si só não justificam a existência da língua(gem). Ela é utilizada para a interação social humana e sua existência depende do papel que exerce na vida social. Por isso, a língua(gem) não pode ser entendida sem se conhecer o contexto social. A natureza da linguagem decorre de seu papel na interação. O que caracteriza a interação social é a ação conjunta entre os participantes no discurso.

Tratarei do discurso sob a perspectiva do Paradigma da Complexidade e ficarei restrita a esse aporte teórico não adentrando nas demais linhas de análise do discurso. Larsen-Freeman e Cameron (2008) são as referências nessa linha de análise e, segundo as autoras, a abordagem complexa do discurso baseia-se nas contribuições da escola escandinava, especialmente nos trabalhos de Markova e Foppa (1990) e nos aportes teóricos que têm uma visão dialógica da linguagem, como em Linell (1998). Todos esses estudos fundamentam-se na escola russa de linguagem, nos trabalhos de Voloshinov, Vygotsky e Bakhtin, que destacaram a importância do aspecto dialógico do discurso, pois acreditavam que todo e qualquer texto é construído como um mosaico de citações; como a absorção e transformação de outro texto (LARSEN-FREEMAN; CAMERON, 2008).

Nesse sentido, a língua(gem) não pode ser entendida fora de seu contexto de uso,



desvinculada de seus agentes e de seu ambiente de interação, porque seu estado natural, na perspectiva do Paradigma da Complexidade, é o de adaptabilidade dinâmica ao seu contexto de uso. O contexto não se constitui como uma variável situacional estável e exterior ao indivíduo que afeta as suas escolhas linguísticas, mas deve ser visto juntamente com o indivíduo como um terceiro interlocutor (VAN LIER, 2004) que interage através de um processo de coadaptação, como já mencionei anteriormente. A língua(gem) é parte irreduzível da vida social dialeticamente interconectada a outros elementos sociais, como percebe Fairclough (2003), um dos estudiosos do discurso, na linha da Análise do Discurso Crítica, o que é válido para a Complexidade.

Na perspectiva da Complexidade, a língua(gem) é um “padrão estável emergente do uso”<sup>30</sup>, como atestam Larsen-Freeman e Cameron (2008, p. 161). Quando se fala em linguagem em uso, nas diversas linhas teóricas da ciência Linguística, estamos falando de discurso. Por isso, achei importante delimitar e compreender o termo discurso na perspectiva do Paradigma da Complexidade. É importante advertir que entendo os dois termos, língua(gem) em uso e discurso, como representando a mesma realidade e, por isso, no desenvolvimento deste texto poderei tomar um termo pelo outro, ou seja, com o mesmo sentido.

Na concepção da Complexidade, não se pode levar em conta um determinado aspecto em detrimento de outro, porque a descrição do discurso deve ser desenvolvida levando-se em conta a interconexão existente entre os diferentes níveis das organizações humanas e sociais, entre os diferentes sistemas complexos aninhados que dinamizam as práticas sociais de uso da língua(gem). Por isso, as abordagens do discurso devem ser vistas em conjunto, tomando o discurso como uma ação em sistemas complexos dinâmicos aninhados no momento microgenético<sup>31</sup> de uso da linguagem<sup>32</sup> (LARSEN-FREEMAN; CAMERON, 2008, p. 163).

O discurso na perspectiva da Complexidade é, portanto, “uma atividade dinâmica complexa de uso da linguagem”<sup>33</sup> (LARSEN-FREEMAN; CAMERON, 2008, p. 162). A descrição do discurso deve estar conectada às múltiplas atividades interconectadas de

---

<sup>30</sup> “we considered language as emergent patterns stabilized from use”.

<sup>31</sup> Microgenético refere-se ao exato momento do uso da linguagem, com um foco bem definido. A microgênese diz respeito a fenômenos, experiências do aspecto psicológico de cada membro de uma espécie.

<sup>32</sup> “seeing discourse as action in complex dynamic systems nested round the microgenetic moment of language-using”.

<sup>33</sup> “discourse is complex dynamic language-using activity”.

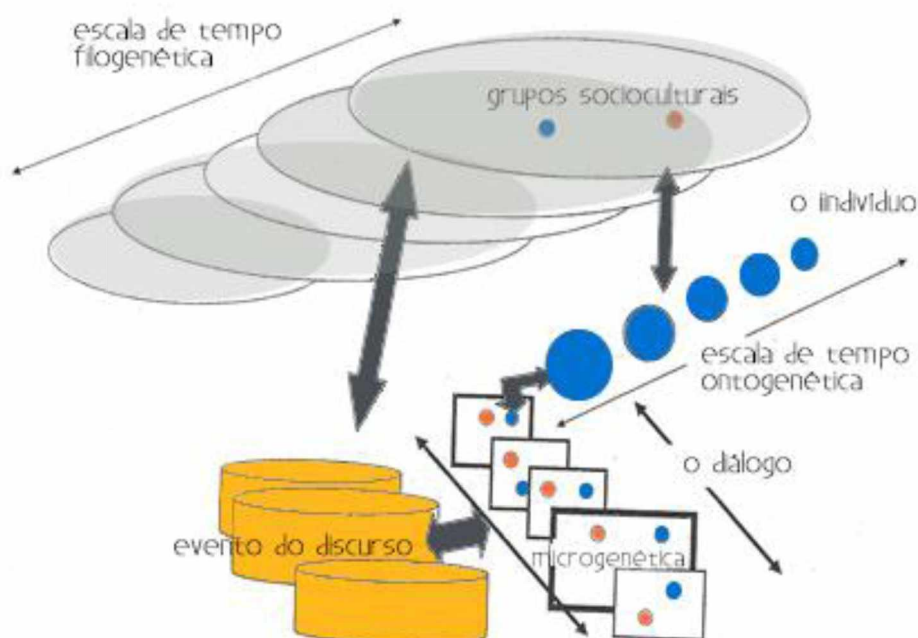
uso da língua(gem). Qualquer interação linguística está conectada a múltiplos níveis e escalas de tempo das organizações humanas e sociais porque ela emerge de sistemas complexos aninhados, ou seja, sistemas que estão em interação.

O discurso na perspectiva da Complexidade poder ser visto como um atrator emergente na trajetória do sistema dinâmico, uma possibilidade na paisagem do sistema.

Larsen-Freeman e Cameron (2008) explicam que o momento da interação verbal aparece como o processo central retratado na figura acima como uma série de *slides* entre duas setas em negrito. A imagem mostra uma série de *slides* para representar microgeneticamente a interação, que é contínua e sucessiva, mas, devido às duas dimensões da figura, não há como representar o movimento tridimensional da continuidade. No entanto, dá para imaginarmos a sucessão de eventos que são representados. O sistema da língua(gem) em uso de cada indivíduo, que se reúne no sistema acoplado de interação, é representado como pontos escuros dentro do ambiente discursivo. O evento discursivo também é representado por uma série conectada e contínua de eventos discursivos, que são os cilindros da imagem. Tanto os eventos discursivos, quanto o indivíduo estão conectados aos grupos sociais. Cada conversa ou encontro contribui para uma conversa maior, que é o sistema dinâmico complexo da interação em curso. Cada indivíduo engajado em uma conversa face a face pode ser visto como um sistema complexo e que traz para a conversa a sua história ontogenética (que é representada pelos cilindros no alto da figura – grupos sociais). Na dinâmica da conversa, o indivíduo irá mudar de alguma forma por meio da interação e também afetará o seu grupo social. Portanto, todos os níveis e escalas de tempo dos sistemas interagem no momento da conversação, todos se influenciam mutuamente, pois em sistemas complexos tudo está conectado.

Na figura a seguir, Larsen-Freeman e Cameron (2008) tentam representar os múltiplos sistemas nas várias escalas de tempo e níveis que estão ativos e que contribuem no momento da interação verbal, tomam a conversação como exemplo nesse modelo.

**Figura 1:** Interação entre as escalas de tempo e níveis das organizações humanas e sociais na dinâmica do discurso.



Fonte: Larsen-Freeman e Cameron, 2008, p. 168 - traduzido pela autora

Desta forma, o entendimento de uma pessoa sobre a contribuição de outra no momento da interação é um processo contínuo e adaptativo em que são usados todos os recursos possíveis, linguísticos e não-linguísticos, em resposta ao outro. Sistemas interconectados mudam como um todo, quando algo na língua(gem) adapta-se em resposta a mudanças no ambiente, os demais sistemas acoplados também mudam. Por exemplo, de acordo com as reações do interlocutor no momento da interação (se face a face pelas expressões faciais; se mediada por tecnologia os *emoticons*, tamanho de letras, escolhas lexicais) adaptamos nosso discurso no sentido de estabelecer uma ação conjunta com o outro.

Portanto, os interagentes se influenciam mutuamente em várias dimensões, incluindo a física, a emocional, a conceitual, a linguística. Nesse sentido, a interconectividade da ação discursiva faz com que as fronteiras entre os níveis de organização social, as escalas de tempo, o ambiente físico e o indivíduo sejam tênues. Esses sistemas complexos, por isso, estão sempre respondendo uns aos outros por meio

de processos que incluem *feedback*, coadaptação, auto-organização e causalidade recíproca que operam, na maioria das vezes, abaixo do nível de consciência. O comportamento em cada situação de uso da língua(gem) é dependente de um ambiente discursivo específico. Isso quer dizer que a trajetória do sistema discursivo muda e adapta-se continuamente mediante a paisagem multidimensional sobre a qual o sistema é conduzido.

Diante disso, Larsen- Freeman e Cameron (2008) afirmam que fatores históricos e socioculturais influenciam na mudança da paisagem do sistema de interação. As autoras atestam que, nos últimos anos, com o desenvolvimento tecnológico e o incremento dos *sites* de redes sociais, a mudança no espaço estado da paisagem discursiva tem sido muito rápida. Esse momento de mudança e adaptação pode indicar que o sistema do discurso esteja “à beira do caos”, ou seja, esteja em um momento de criatividade, que faz com que o sistema se mova para novos atratores.

Nesse sentido, minha pesquisa se alinha à complexidade do discurso nas interações em *sites* de rede sociais. O imbricamento entre os agentes nas interações, juntamente com a percepção das *affordances* do ambiente têm propiciado o desenvolvimento de um discurso híbrido, multisemiótico, fluido, flexível, evidenciando que novas trajetórias na paisagem de possibilidades do sistema do discurso emergem no contexto da academia ambientado no *site* de rede social. Entender a variabilidade em meio a estabilidade do sistema complexo é a chave para entender as práticas de linguagem em curso. Assim como Larsen-Freeman e Cameron (2008), minha posição é a de não acreditar na dicotomia entre discurso oral e escrito nas novas mídias, pois essa ideia é muito simplista. O discurso é multimodal em qualquer uma de suas realizações, e no ambiente das redes sociais na *internet* não é diferente, esse ambiente é mais uma possibilidade criada pela criatividade humana para compor sentidos.

Na seção seguinte apresento minhas reflexões sobre dois espaços de fase, padrões de uso da língua(gem): a língua(gem) da *internet* e a língua(gem) acadêmica.

### 1.1.5 Espaços de fase no uso da língua(gem) em redes sociais: a linguagem da *internet* e a linguagem acadêmica

Para entender a língua(gem) em uso que emerge nas interações entre professores e alunos em grupos na rede social *Facebook*, é preciso compreender os espaços de fase ou as bacias atratoras envolvidos nessas interações, que são a academia e a *internet*. Para discutir como os diferentes grupos usam a língua(gem) e entender como se apropriam da rede, é que passo a descrever duas variedades de língua(gem) de acordo com os referenciais estudados sob meu ponto de vista.

#### 1.1.5.1 Língua(gem) da *internet* ou língua(gem) *on-line*

A terminologia em relação à língua(gem) em uso no contexto das novas mídias digitais, assim como em outras áreas, não é monorreferencial. Isso quer dizer que vários termos são adotados por diferentes autores para denominar uma mesma realidade. Autores como Crystal (2011) utilizam o termo língua(gem) da *internet*, enquanto outros como Barton e Lee (2013) usam língua(gem) *on-line*. Penso que os dois termos sejam intercambiáveis, pois ambos tratam das formas de comunicação realizadas nos dispositivos em rede, e por isso os usarei como sinônimos.

Barton e Lee (2013) esclarecem que as palavras *on-line*, *internet*, *Web* referem-se a um contexto amplo onde a comunicação *on-line* toma lugar. Os autores esclarecem também que outros termos como: comunicação mediada por computador (CMC), mídia digital, comunicação digital, nova mídia, novas tecnologias, ferramentas digitais, *sites* e plataformas são usados geralmente para se referir às ferramentas que as pessoas utilizam para realizarem sua comunicação *on-line*. Isso mostra que não há consenso na terminologia usada, isso é de se esperar quando se trata de língua(gem).

Os autores descrevem que existem três abordagens de pesquisa da língua(gem) no contexto *on-line* desenvolvidas pelos linguistas nas últimas décadas. São elas: a abordagem estrutural; a da variação social e a da ideologia da língua(gem) e metalinguística.

A abordagem estrutural é uma das primeiras e, talvez, a mais dominante e tradicional. Essa abordagem está focada na identificação e descrição das características e estratégias linguísticas que não são comumente encontradas em outros modos de

comunicação. O foco principal no âmbito desta abordagem é saber se a comunicação mediada por computador (doravante CMC) baseada em texto deve ser tratada como fala ou escrita, ou se é um híbrido das duas modalidades. Os pesquisadores dessa linha tentam descrever a CMC como uma variedade nova de língua(gem) e têm uma visão determinista do meio sobre a língua(gem), ou seja, uma visão reducionista. Enquadram-se nesta abordagem autores como David Crystal (2001).

Crystal (2001) cunhou o termo *netspeak* para designar o padrão de uso da língua(gem) nas interações *on-line*, principalmente em *sites* de mídia social e em mensagens de texto *on-line*, abrangendo uma variedade de recursos.

De acordo com Baron (2001) e Mann e Stewart (2000), *netspeak* compreende recursos como *emoticons*, *emojis*, abreviaturas, siglas e modificações em palavras e frases. *Netspeak* é normalmente usada como um sistema para encurtar ou modificar a ortografia das palavras de modo a limitar as combinações de teclas durante a digitação para economizar tempo e acelerar o processo. As mensagens são digitadas, ou seja, são escritas, mas, muitas vezes, parece como se a pessoa estivesse conversando (BARON, 2005).

Crystal (2001) salienta, contudo, que *netspeak* é melhor vista como uma língua escrita que foi levada de alguma forma para o lado da fala, do que como uma língua falada que foi escrita. O linguista destaca que essa variedade de língua(gem) não é idêntica à fala nem à escrita, mas, seletivamente e de forma adaptativa, exibe propriedades de ambas. *Netspeak* faz coisas que nenhum outro meio faz, e deve ser vista como uma nova espécie de comunicação (CRYSTAL, 2001).

O autor (2001), em suas pesquisas, buscou identificar as mudanças que o uso da tecnologia propiciaram na estrutura da língua(gem), advogando por um Linguística da *internet* (2011). O autor confirma, porém, que pouca proporção do vocabulário, da gramática e da ortografia da língua(gem) foi afetada com o uso dessa mídia. A maioria do que vemos na *internet* é muito similar ao que vemos *off-line*. Crystal (2011) afirma que a principal evidência de mudança na língua(gem) da *internet* parece ser nos padrões de discurso, que caracterizam os vários *outputs* da *internet*. Cada tecnologia faz emergir padrões de utilização da língua(gem) diferentes dos padrões anteriores, mas não faz com que os padrões anteriores sejam abandonados. Nesse ponto, concordo com o autor. Novas *affordances* são percebidas à medida que as pessoas interagem por meio das tecnologias. Elas vão se apropriando dessas tecnologias de acordo com seus propósitos, adaptando o

uso da língua(gem) ao contexto de sua emergência. Mas isso não quer dizer que usos estabilizados anteriormente não possam ser retomados e não coexistam no mesmo meio que os usos emergentes.

Nesse sentido, Baron (2005), e também Crystal (2011) estabelecem distinções entre as duas modalidades de linguagem, embora ambos os autores admitirem que é mais realístico pensar em fala e escrita como sendo extremidades de um contínuo multidimensional, com variantes que podem ser localizadas mais próximas à fala ou à escrita, dependendo da prática de língua(gem).

Penso que, dada a natureza complexa da língua(gem), não seja sensato entendê-la de forma independente e distinta em cada uma de suas modalidades. Mediante o que discuti anteriormente sobre a língua(gem) como SAC, é mais coerente entendermos a língua(gem) como em adaptação dinâmica aos seus contextos de uso, em seus espaços de fase que vão variar conforme a paisagem discursiva da interação em curso.

Nesse sentido, entendo que novas tecnologias sempre desenvolvem, ampliam o alcance estilístico da língua(gem). O mesmo acontece com a *internet*. A variedade de tipos de atividade *on-line* resulta em novas estratégias de gestão de uso da língua(gem). Penso que o meio eletrônico apresenta-se como um canal que facilita e restringe - restrições possibilitadoras nos termos de Davis e Simmt (2003) -, nossa capacidade de comunicação em maneiras que são fundamentalmente diferentes das encontradas em outras situações semióticas e contextuais. Muitas das expectativas e práticas que associamos à língua falada e à escrita deixam de existir, elas passam a se sobrepor.

Ainda na abordagem estrutural, conforme Barton e Lee (2013), foi cunhado o termo Análise do Discurso Mediado por Computador (ADMC), como um termo guarda-chuva para descrever a CMC sob uma visão analítica do discurso. Os autores citam Susan Herring (2001) como expoente dessa linha. Em seus trabalhos iniciais, Herring (2001) tenta esclarecer o que é o discurso mediado por computador (doravante DMC), fazendo um apanhado histórico do desenvolvimento da comunicação mediada por computador, situando a entrada desse tema na agenda dos estudos linguísticos em meados de 1990.

Na pesquisa desenvolvida por Herring (2001), ela define o DMC como a interação de humanos com outros humanos transmitindo mensagens via redes de computadores *on-line*. O estudo do DMC é uma especialização dentro do estudo interdisciplinar mais amplo da CMC. E o que distingue o DMC da CMC é seu foco na linguagem em uso em ambientes *on-line* e o uso de métodos de análise do discurso (HERRING, 2001).

Outra discussão importante apresentada por Herring (2001) é sobre a posição exagerada de alguns pesquisadores em considerar a influência determinística do meio sobre a linguagem. A autora esclarece os equívocos cometidos por alguns pesquisadores, eu incluo Crystal (2001), que acreditavam que as propriedades e a natureza do meio influenciavam o discurso, mas não levaram em conta os diferentes tipos e usos do DMC. A autora afirma que estudos posteriores demonstraram que a língua(gem) e a interação são sensíveis a uma variedade de técnicas e fatores situacionais, tornando-se muito mais complexos e variáveis do que o que foi imaginado pelos primeiros estudiosos.

A autora ressalta que o meio influencia, sim, a produção da língua(gem), mas não só o meio, outros fatores de ordem sociocultural e situacionais também são fundamentais. Penso que nesse sentido, Herring (2001) percebe a complexidade (mas não menciona) da língua(gem), de que é um sistema aninhado a outros sistemas e, por isso, não só a tecnologia, mas todos os sistemas socioculturais e o contexto influenciarão no seu uso.

A autora discute ainda sobre a estrutura linguística do DMC demonstrando que, ao contrário do pensamento comum que acredita que o DMC reflete uma comunicação empobrecida ou simplificada, as estratégias utilizadas pelos usuários, como o uso de recursos não-padrão, representação de elementos de prosódia, abreviações, repetições, tentativa de reprodução da fala, etc., demonstram a capacidade dos usuários para se adaptarem aos recursos do computador no sentido de ampliarem suas necessidades expressivas.

Herring (2001) observa que o uso dessas estratégias de língua(gem) estão relacionadas mais fortemente à questão da sincronicidade da interação (quando síncronas as interações devem ser mais dinâmicas e por isso há menos tempo para elaborações linguísticas) e também à formalidade da comunicação (quanto mais formal, mais preocupação com padrões da língua(gem) escrita convencional e o contrário também é verdadeiro).

Entendo que a rapidez exigida em interações síncronas e também em interações formais pode ser um dos fatores influenciadores no uso das estratégias mencionadas pela autora, mas não só isso, novas *affordances* podem ser percebidas pelos usuários para utilizarem tais recursos, como por exemplo: usar *netspeak* como forma de identificação com determinado grupo; como uma forma de “código”, ou seja, o uso de língua(gem) cifrada para dificultar o entendimento por parte de outros usuários; o tipo de ferramenta, como limitação de caracteres, etc.



Barton e Lee (2013) mencionam que a abordagem estrutural foi importante, pois abriu oportunidades de pesquisa sobre a língua(gem) no contexto *on-line*. Entretanto, havia entre os pesquisadores uma tendência de supergeneralizar suas descobertas e de supor que existiam convenções estáticas e previsíveis em toda CMC. De acordo com os autores, na vida real, o que pode ser referido como características do *netspeak* não são empregadas em todos os tipos de CMC e em todos os contextos de uso. Mais uma vez, os autores percebem a complexidade da língua(gem) e seus contextos de uso e as necessidades individuais e culturais de determinados grupos, mas não assumem uma posição complexa.

A segunda abordagem de estudos da língua(gem) *on-line* mencionada por Barton e Lee (2013) é a da variação social do discurso mediado por computador. Nessa linha, os pesquisadores começam a perceber que a língua(gem) é influenciada por vários fatores sociais e situa-se em seu contexto específico de uso. Essa abordagem admite que as semelhanças e as diferenças regulares ocorrem dentro e para além de um modo único de CMC, e também entende que os usuários não aplicam o mesmo conjunto de características de CMC a todos os contextos, mas sim (re)apropriam, (re)adaptam constantemente seus recursos comunicativos a diferentes modos de CMC, para que se adequem aos seus diferentes propósitos. Entendo que é o que acontece nas interações nas novas mídias sociais. Os diferentes grupos se adaptam dinamicamente, em escalas de tempo e níveis, conforme suas necessidades comunicativas e práticas sociais e, por isso, o uso da língua(gem) é heterogêneo mesmo em contextos semelhantes.

Os trabalhos de Susan Herring (2002, 2004) são citados novamente por Barton e Lee (2013) como representativos também dessa abordagem. De acordo com Herring (2004), o uso da língua(gem) é altamente variável em ambientes mediados por computador, mesmo dentro de um único modo. Essa variação reflete a influência sobre as escolhas linguísticas dos usuários de DMC relacionadas a fatores sociais, como a identidade.

Algumas questões relativas à identidade dos usuários são mais evidentes em DMC, como o nível de escolaridade, que emerge nas interações de forma não intencional, de acordo com o nível de sofisticação da língua(gem) usado, adesão a normas prescritivas, etc. Outras questões apontadas pela autora sobre aspectos sociais são a idade e o gênero. Alguns estudos apontam para uso diferenciado da linguagem por participantes de idades e sexos diferentes, mas tudo isso pode ser relativizado no DMC, visto que os participantes

de DMC podem assumir outras identidades, encobrando suas verdadeiras, exigindo análises menos estereotipadas da língua(gem) desses grupos.

A variação do DMC também pode ser influenciada por fatores situacionais que constituem o contexto da comunicação, como diferentes estruturas de participação; a distinção entre trocas públicas e privadas; e o grau de anonimato proporcionado por todo o sistema, tudo isso tem consequências potenciais sobre o uso da língua(gem).

Herring (2004) argumenta que experiências anteriores dos participantes, tanto dentro como fora da *internet*, também motivam o comportamento linguístico; assim, os usuários podem transferir termos e práticas culturais *off-line* para o *on-line*, e modalizarem a língua(gem) de acordo com a situação vivenciada, refletindo suas realidades sociais. Concorro com esse posicionamento, os sistemas citados pela autora, como identidade, fatores socioculturais situacionais diversos são sistemas aninhados ao sistema da língua(gem) e por isso não podem ser vistos de forma desvinculada, eles fazem parte da ecologia de uso da língua(gem).

A terceira abordagem de pesquisa da linguagem *on-line* mencionada por Barton e Lee (2013) é a que eles denominam de ideologias de língua(gem) e metalinguagem. Essa abordagem segue uma linha mais crítica de análise dos dados linguísticos das novas mídias, percebendo-os não apenas em um nível microlinguístico, mas numa dimensão ideológica. Nessa linha, os estudiosos buscam entender como os meios de comunicação são moldados pelas ideologias sociais e como essas ideologias são discursivamente construídas nas novas mídias. Um tema recorrente é como língua(gem) é tratada no ambiente *on-line* metalinguisticamente, ou seja, como os usuários procuram entender e explicar a própria língua(gem) nesse contexto.

Barton e Lee (2013) afirmam que, nessa linha de pesquisa, os pesquisadores direcionam suas atenções para *Web 2.0*, ou seja, mídias que envolvem conteúdo multimodal gerado pelo usuário. Essa abordagem vai muito além de enxergar a língua(gem) apenas como uma ferramenta de comunicação, ela está mais preocupada em entender como a língua(gem) é representada, ou mal representada, *on-line* e na sociedade como um todo.

Na delimitação da área de estudos da CMC, Barton e Lee (2013) afirmam que uma quarta fase começa a ser vislumbrada nas investigações da língua(gem) *on-line*, na qual os conceitos tradicionais da linguística, como o da dicotomia fala e escrita, são deixados de lado em favor de novos enquadramentos nos quais conceitos como

superdiversidade e hipermobilidade revelam novos *insights* sobre a língua(gem) e as mudanças contemporâneas.

Seguindo essa linha de pensamento, destaco Tannen e Trester (2013) que afirmam que os meios eletrônicos passaram a dominar nossas vidas linguísticas. Mídias sociais, como *Facebook*, estão remodelando as interações entre as pessoas. Esses novos mundos de palavras desenvolvem usos inovadores da língua(gem) e novos espaços para a construção de identidades, estabelecimento de relacionamentos e expressão de significados sociais. Por isso, assim como esses estudiosos, acredito que explorar e entender como estas tecnologias, em constante mudança, afetam a língua(gem) em uso e as práticas sociais, que cada vez mais se efetivam no *on-line*, nos sinalizará sobre o tipo de sociedade na qual estamos nos transformando.

Ao analisar essa realidade em transformação, Herring (2013) argumenta que o discurso mediado por computador passa por um processo de ampliação e mudança, dada a convergência de mídias ou a justaposição das tecnologias digitais na atualidade. A autora denomina esse processo de convergência de mídias da comunicação mediada pelo computador – CMC (convergent media computer-mediated communication).

Entendo que o *site* de rede social *Facebook*, assim como outras mídias convergentes da *Web 2.0*, são ambientes de uso da língua(gem). Numa perspectiva ecológica, não são meramente panos de fundo, mas são interlocutores no discurso, por influenciarem os indivíduos no uso da língua(gem), mas nem por isso determinarem esse uso, visto que as tecnologias são apropriadas pelos usuários de acordo com suas condições iniciais.

Entendo que as interações e apropriações são emergentes, ou seja, são processos de adaptação e auto-organização do sistema de interações mediante as necessidades comunicativas dos usuários que fazem emergir novos usos da língua(gem), novas formas de interação, novos propiciamentos que vão sendo percebidos pelos usuários no uso dessas novas mídias digitais. Isso quer dizer que o *software* foi programado para determinados fins, possibilitando determinadas práticas de língua(gem), mas à medida que os usuários interagem por meio da plataforma, vão descobrindo e criando novas possibilidades de uso. Percebo, também, que, ao mesmo tempo, os engenheiros da rede vão melhorando, adaptando o sistema para atender às demandas da sociedade atual, criando novas ferramentas para serem apropriadas pelos usuários produzindo novas necessidades expressivas, o que evidencia a recursividade de todo o sistema e a interação

dos sistemas entre si.

Araújo (2016) esclarece a organização dos gêneros nas práticas discursivas em *sites* de redes sociais, que foram esclarecedoras para meu entendimento sobre as práticas discursivas *on-line*. Segundo o autor, o ambiente das redes é propício para o processo de reelaboração criadora de gêneros promovido pelos usuários, em um *continuum* entre estandardização e emergência. Segundo o autor

esse *continuum* traz, portanto, um aspecto novo e produtivo para a análise de gêneros em redes sociais na internet na medida em que “as reelaborações criadoras se mostram um processo mais complexo, posto que origina gêneros mais inclinados à emergência (com maior grau de ineditismo ou novidade) ou à estandardização (mais próximos de gêneros já existentes)” (COSTA; ARAÚJO, 2011 *apud* ARAÚJO, 2016, p. 57).

Araújo (2016) percebe o imbricamento das formas de língua(gem) em uso nas novas mídias, como nos *sites* de redes sociais. Os usos da língua(gem) são sempre ancorados em formas e em práticas já existentes em outros ambientes e em outros contextos. Ao se usar a língua(gem) no ambiente da *Web*, essas práticas e formas são reelaboradas. De acordo com Araújo (2016, p. 58),

esse processo de reelaboração criadora e inovadora de gêneros discursivos nas redes sociais está associado à relativa liberdade de criação proporcionada por esses espaços virtuais, que permitem aos usuários experimentarem diferentes técnicas de produção de textos híbridos que acontecem por meio das atividades de recortar/copiar e colar, próprias das tecnologias digitais. Esse processo é mutante e criativo, como a própria língua e, em função disso, as pessoas não param de inventar uma moda nova, decorrente da vida social existente nesses ambientes.

Araújo (2016), baseando-se em Navas (2010), designa essas práticas de *remix* e *mashup*, bases da *cultura remix* consumida e produzida nas redes sociais. O *remix* seria a releitura criativa de uma matriz primária, ou seja, de um gênero já existente gerando novos sentidos. Já o *mashup* seria a combinação e colagens de diferentes matrizes gerando “*remixes* de natureza híbrida mais acentuada” (ARAÚJO, 2016, p. 58). Para Buzato et al (2013, p. 1214) tanto o *remix* quanto o *mashup* são “formas culturais, métodos e processos de atividade semiótico-discursiva que já existiam [...], mas que, no âmbito da cultura digital [...] ganham uma nova relevância quantitativa e qualitativa”.

No meu entendimento o importante é que Araújo (2016) admite que o ambiente das mídias digitais influencia e promove “alterações decorrentes de apropriações sociais

da tecnologia pelo indivíduo” (ARAÚJO, 2016, p. 53). Por isso, penso que o uso da língua(gem) em redes sociais na *internet* é complexo, e não pode ser categorizado em modalidades de língua(gem) estanques. Assim como na conversação diária, na interação nas mídias digitais os usuários fazem escolhas entre as muitas opções, entre a gama de fenômenos linguísticos possíveis, ou seja, diante da paisagem do espaço estado do sistema, os agentes preferem uma determinada trajetória, devido ao imbricamento de outros sistemas com o sistema de língua(gem), como as inúmeras influências socioculturais. Tudo isso dialoga com o entendimento da língua(gem) em uso na perspectiva da Complexidade, que foi discutido anteriormente.

Passo a seguir a caracterizar outro estado de fase de uso da língua(gem) nesse contexto: a língua(gem) acadêmica.

#### 1.1.5.2 Língua(gem) Acadêmica

Não é simples definir a língua(gem) acadêmica e o que seria essa variedade de língua(gem). Snow e Uccelli (2009) afirmam que uma forma de caracterizá-la é recorrer aos contextos de sua utilização. Uma definição provisória seria a língua(gem) usada na escola, na escrita, em público, em contextos formais. Portanto, essa variedade de língua(gem) não é usada somente na escola, é usada no mundo profissional, burocrático, em práticas da esfera pública e institucional (GEE, 2004). Segundo esse autor, a linguagem acadêmica não pode ser vista como uma “coisa”, mas composta por uma família de variedades relacionadas, eu diria de gêneros estabilizados, ou bacias atratoras, como práticas sociais reconhecidas pelos seus usuários.

Scarcella (2003) define o inglês acadêmico como uma variedade ou registro do inglês usado em livros profissionais, caracterizado por propriedades linguísticas associadas a disciplinas acadêmicas. De forma similar, Chamot e O’Malley (1994), apontados por Snow e Uccelli (2009), definem a língua(gem) acadêmica como aquela usada por professores e estudantes com o propósito de adquirir novo conhecimento e habilidades, transmitir novas informações, descrevendo ideias abstratas e desenvolvendo entendimento conceptual. O contexto de uso tem importância central para o entendimento da língua(gem) acadêmica, assim como para qualquer outra variedade de língua(gem), pois representa uma possibilidade, uma trajetória na paisagem do sistema.

A autora (2003) identifica três dimensões requeridas para a proficiência em língua(gem) acadêmica, são elas: a linguística, a cognitiva e a sociocultural. A linguística diz respeito ao conhecimento da língua; a cognitiva aos conceitos envolvidos e a sociocultural às práticas sociais. O autor define como sendo academicamente proficiente aquele que conhece e é capaz de usar vocabulário geral e conteúdo específico, estruturas gramaticais elaboradas e especializadas e múltiplas funções da língua(gem) e estruturas de discurso.

Não há limite exato para definir a língua(gem) acadêmica; pois ela representa a extremidade de um *continuum* (definido pela formalidade de tom, a complexidade do conteúdo e grau de impessoalidade), estando no outro extremo a língua(gem) coloquial, informal.

Nesse sentido, Halliday (1993) enfatiza a natureza dinâmica e multifuncional da língua(gem) acadêmica. Não há uma variedade única de língua(gem) acadêmica, mas variedades que compartilham certas características fundamentais. A língua(gem) acadêmica está em contínua mudança, acompanhando o desenvolvimento da ciência, das disciplinas e subdisciplinas. Snow e Uccelli (2009) afirmam que a evolução da ciência caminha lado a lado com a mudança da língua(gem) científica, de modo que a língua(gem) acadêmica não é composta por conjuntos arbitrários de convenções, mas sim por recursos gramaticais que fazem o pensamento científico possível. Eu diria de espaços de fase que o sistema prefere nesse contexto específico: a ciência.

As autoras (2009), no sentido de caracterizar a língua(gem) acadêmica de modo geral, mesmo admitindo a variabilidade, fazem um inventário de características comuns na língua(gem) acadêmica em contraste com as características da língua(gem) coloquial. De acordo com as autoras, as características linguísticas são divididas naquelas que se referem à posição interpessoal, carga de informação, organização das informações, escolhas lexicais e congruência representacional (como a gramática é usada para retratar a realidade). Obviamente, a realização dessas características requer conhecimento de vocabulário especializado e estruturas gramaticais elaboradas. Além das habilidades linguísticas, outros domínios cognitivos estão envolvidos na performance da língua(gem) acadêmica, são eles: domínio do gênero, organização do raciocínio / estratégias argumentativas e conhecimento da disciplina (área de especialidade). Contudo, ressalto que qualquer variedade de língua(gem) está em estreita ligação com as demais, por isso as fronteiras entre as variedades são tênues e as características de uma ou outra variedade

não podem ser tomadas como estanques.

Pelo fato de a atividade linguística ser primordialmente uma atividade interativa, as ações dos agentes utilizando estratégias e marcas linguísticas de uma ou de outra língua(gem) dar-se-á na interação, na negociação de sentidos no momento microgenético da ação conjunta (LARSEN-FREEMAN; CAMERON, 2008). Isso quer dizer que os interlocutores moldam seu discurso de acordo com o contexto de uso da linguagem no momento da interação.

Os autores citados, Scarcella (2003) e Snow e Uccelli (2009) concordam que a língua(gem) acadêmica não é um bloco monolítico. A língua(gem) acadêmica varia com relação a fatores como tema, propósito e situação, bem como no que diz respeito à região, classe social e etnia. A língua(gem) acadêmica é dinâmica no sentido de que está em constante evolução, moldando-se aos contextos educativos, que também estão em constante mudança. Alterações nos contextos educacionais refletem novos avanços em tecnologia e descobertas de pesquisas, por isso a língua(gem) acadêmica mudará para responder às novas demandas e fins dos letramentos. Desta maneira, a língua(gem) acadêmica não é adquirida de uma vez por todas. Os indivíduos devem se apropriar continuamente de novos recursos, novos letramentos para lidarem com as demandas das disciplinas em desenvolvimento. Por isso, segundo os autores, a língua(gem) acadêmica deve ser ensinada.

Para se comunicar em uma variedade de situações comuns, cotidianas e em situações acadêmicas, todos os alunos devem desenvolver níveis avançados de proficiência em cada uma das quatro competências linguísticas: leitura, escrita, fala e escuta. Ler, enquanto um componente importante da língua(gem) acadêmica, é apenas uma parte dela. A língua(gem) acadêmica exige não só o desenvolvimento das habilidades de leitura avançadas que permitem aos alunos acessar palavras com alta carga conceitual, mas também as habilidades avançadas que capacitem os alunos a entender e a usar essas palavras em contextos falado e escrito.

O contexto das mídias digitais, especialmente dos *sites* de redes sociais, tem se tornado um *locus* de práticas discursivas acadêmicas, um espaço de interação entre professores e alunos, e entender como se dá esse processo pode trazer luz à própria evolução da língua(gem) acadêmica e noções acerca dos letramentos. O espaço das redes sociais na *internet* prevê um uso multimodal da língua(gem) e novas práticas discursivas que são completamente estranhas ao universo acadêmico, na terminologia de Herring

(2013), emergentes.

Penso que o imbricamento, a convergência dos espaços de interação, das práticas discursivas, das relações sociais tornará o uso da língua(gem) também cada vez mais imbricado. E práticas discursivas, gêneros e linguagens de modo geral transitarão nos diferentes espaços de interação sem causar tanta perplexidade. Exemplifico essa ideia com a tese de doutorado apresentada sob a forma de história em quadrinhos (HQ), em 2014, pelo norte americano Nick Sousanis na Universidade de Columbia<sup>34</sup>. O autor pretendia discutir sobre a importância do pensamento visual no processo de ensino e de aprendizagem e, por isso, usou justamente as imagens dos quadrinhos para defender seu posicionamento e foi bem sucedido, pois sua tese foi aprovada.

Isso mostra, no meu entendimento, que o contexto da academia, embora seja uma bacia atratora profunda, ou seja, onde o discurso encontra-se estabilizado, com formas composicionais típicas, é um sistema aberto, e como tal recebe influências, energia, práticas de língua(gem) de outros contextos. E essas práticas de língua(gem) começam a ser aceitas com mais naturalidade, dado o momento histórico-cultural em que vivemos, de hibridismo (BHABHA, 2003) cultural, de fluxos de toda ordem. Por isso, os gêneros discursivos também passam a transgredir as fronteiras de suas esferas de utilização sem causar tanto espanto.

Minha intenção nessa seção foi delinear de modo geral a língua(gem) acadêmica, evidenciando as características comuns no seu uso, nos seus diferentes registros. Entendo que o novo *locus* no qual a linguagem acadêmica tem sido veiculada, *site* de rede social, também pode influenciar o seu uso. Professores e alunos, por isso, encontram-se a “beira do caos”, tentando perceber novos *affordances* nesse contexto de interação. Em função disso, novos gêneros ou registros podem ser desenvolvidos, novas semioses podem ser arroladas para que a interação institucionalizada, formal, como a de uma sala de aula, possa ser mantida (ou não) pelos participantes nesse novo ambiente.

Na seção seguinte, apresento minhas leituras sobre interação mediada por computador, no sentido de fundamentar minha compreensão sobre as interações em rede sociais e ainda as apropriações que diferentes grupos podem fazer das redes sociais *on-*

---

<sup>34</sup> A reportagem pode ser lida nas seguintes fontes:

<<http://educacao.uol.com.br/noticias/2015/07/26/professor-publica-tese-de-doutorado-em-forma-de-quadrinhos-nos-eua.htm>>. Acesso em: 06/03/2016.

<<http://twentytwowords.com/a-phd-dissertation-about-comics-written-in-comic-form/>>. Acesso em: 06/03/2016.



*line* para gerar capital social.

## **1.2 Interação mediada por computador na apropriação de *sites* de redes sociais**

Para entender as interações mediadas por computador, é preciso esclarecer sobre o contexto em que as interações se processam: os *sites* de rede sociais. Por isso, início essa seção apresentado minhas leituras sobre esse contexto.

### **1.2.1 Sites de redes sociais: um novo espaço social**

Antes de discutir sobre os *sites* de redes sociais, começo a seção discorrendo sobre redes sociais na *internet* (RSI), e para isso recorro ao nome que é referência em pesquisas sobre RSI no Brasil, Raquel Recuero (2005, 2006, 2009, 2010, 2011, 2012, 2014). A autora tem se dedicado a compreender como essas redes estão modificando os processos sociais e informacionais nas sociedades contemporâneas. Recuero argumenta que o advento da CMC está mudando as formas de organização, identidade, conversação e mobilização social. Essa comunicação, mais do que permitir aos indivíduos comunicar-se, amplificou a capacidade de conexão, permitindo que redes fossem criadas e expressas nesses espaços (RECUERO, 2009). Esses espaços de interação se caracterizam pela ação dos agentes.

O estudo das redes sociais nasceu nas ciências exatas; entre os matemáticos e físicos, que contribuíram significativamente para o desenvolvimento de modelos e abordagens. Posteriormente, a Sociologia desenvolve o que denominam de análise estrutural das redes sociais, baseada na abordagem dos grafos, que é uma representação de um conjunto de nós conectados por arestas que, formam uma rede (RECUERO, 2005). Segundo a autora, esse tipo de análise fundamenta-se em uma abordagem sistêmica, sustentada na ideia de uma análise do todo e não de partes independentes, como era a tradição cartesiana. Nesse sentido, Newman, Barabási e Watts (2006) sustentam que as redes sociais são produtos de processos dinâmicos, que se reconfiguram ao longo do tempo e assim devem ser estudadas, e não como um modelo matemático estático.

Dada a complexidade do ciberespaço, as redes sociais na *internet* têm sido concebidas como SAC. Santaella e Lemos (2011) afirmam que uma RSI é um sistema complexo, pois “é um conjunto inter-relacionado, uma totalidade integrada de partes

diferenciadas, formando um todo organizado que propicia a consecução de algum fim a partir de suas interações conjuntas” (SANTAELLA; LEMOS, 2011, p. 18). Portanto, uma rede é um todo formado pela interação de diversas partes (computador, internet, atores, linguagens), elementos heterogêneos imbricados; evidenciado pelas inter-relações dinâmicas das conexões (estabelecidas pelos usos das linguagens, pelas ferramentas das RSI, etc.) e dos atores (os usuários) que interagem de forma emergente.

Recuero (2009a) define a RSI como o conjunto de dois elementos: atores (pessoas, instituições ou grupos; que são os nós da rede) e suas conexões (interações ou laços sociais). De acordo com a autora (2009a), uma rede é “uma metáfora para observar os padrões de conexão de um grupo social, a partir das conexões estabelecidas entre os diversos atores” (p. 24). A rede social, portanto, existe se houver pessoas conectadas, visto que, como argumenta a Recuero (2007, *on-line*),

o sistema, sem o grupo, nada mais é do que um site/software. Já o grupo, mesmo sem o sistema, continua sendo um grupo. O risco de tratar todo o tipo de sistema como comunidade ou como a rede é aquele de que nem todos os sites possuem um grupo social associado. E nem todo o grupo social associado pode constituir uma comunidade virtual.

No sentido de compreender os elementos da rede, Recuero (2009a) identifica os atores como as pessoas que estão em processo permanente de construção e expressão de suas identidades no ciberespaço. Eles atuam de forma a moldar as estruturas sociais, através da interação e da constituição de laços sociais. E por isso, um requisito da comunicação em rede é a visibilidade do ator, a expressão de sua individualidade, da constituição do “eu”. Recuero (2009a) afirma que “talvez, mais do que ser visto, essa visibilidade seja um imperativo para a sociabilidade mediada pelo computador” (p. 27). As pessoas na rede são julgadas e percebidas pelas seus discursos, pelas identidades que forjam nas interações que mantêm na rede. O ator é um dos agentes do sistema, que por meio de seu discurso, interage com os demais agentes, propiciando a dinâmica perpétua do sistema complexo.

A autora (2009a) aponta que o processo de sociabilidade está fundamentado nas impressões que os atores sociais percebem e constroem nas interações. Baseada em Goffman (1975), Recuero (2009a) afirma que essas impressões são em parte construídas pelos atores e em parte percebidas por eles, relativas a seus papéis sociais. Essa percepção

se dá graças à possibilidade de os rastros sociais dos indivíduos serem detectados devido à sua permanência no ciberespaço.

Recuero (2009a) ainda afirma que formas mais complexas de expressão dos atores surgiram com o desenvolvimento de ferramentas de interação social também mais complexas, como os *sites* de rede social. A complexidade das interações também se manifesta nas relações que se estabelecem entre os atores, computadores e *softwares*, o que complexifica a expressão dos sujeitos como construções plurais, que representam múltiplas facetas de sua identidade (RECUERO, 2009a). A autora difere redes sociais dos *sites* de redes sociais, pois segundo ela “embora os *sites* de redes sociais atuem como suporte para as interações que constituirão as redes sociais, eles não são, por si, redes sociais”, pois as redes “somos nós” (RECUERO, 2009, 103).

De acordo com Recuero (2012, p. 598), os *sites* de rede social geram novas apropriações pelos atores e passam, assim, a não ser apenas “representadas”, mas, igualmente, mantidas e geradas pela e na ferramenta através de práticas de adição de atores e nas apropriações construídas. Isso significa que os atores, que são pessoas, instituições ou grupos, por meio de suas conexões, que são as interações ou laços sociais, constroem-se, comunicam-se uns com os outros, deixando na rede de computadores rastros que permitem o reconhecimento dos padrões de suas conexões e a visualização de suas redes sociais através desses rastros (RECUERO, 2009a, p. 24).

A autora (2009a) afirma que estudar a interação social pressupõe estudar a comunicação entre os atores. “Estudar as relações entre suas trocas de mensagens e o sentido das mesmas, estudar como as trocas sociais dependem, essencialmente, das trocas comunicativas (...) das possibilidades de comunicação das ferramentas utilizadas pelos atores” (RECUERO, 2009a, p. 32). As interações podem ocorrer nos sistemas mediados por computador de forma síncrona e assíncrona, em virtude das possibilidades do suporte. Essas formas de interação possibilitam formas diferenciadas de se estabelecer laços sociais.

Os laços sociais são “formas mais institucionalizadas de conexão entre atores, constituídos no tempo e através da interação social” (RECUERO, 2009a, p. 38). Segundo a autora, “o laço é a efetiva conexão entre os atores que estão envolvidos nas interações” (p. 39). O laço social é resultado do acúmulo ou aprofundamento das relações estabelecidas entre os agentes. Os laços representam os outros elementos essenciais da

RSI, que são as conexões, que representam os nós da rede. Welman (2001, p. 7) afirma que laços sociais:

consistem em uma ou mais relações específicas, tais como proximidade, contato frequente, fluxos de informação, conflito ou suporte emocional. A interconexão destes laços canaliza recursos para localizações específicas na estrutura dos sistemas sociais. Os padrões destas relações – a estrutura da rede social – organiza os sistemas de troca, controle, dependência, cooperação e conflito<sup>35</sup>.

Segundo esse autor, os laços sociais são relações mantidas por meio da interação social. Ele denomina esse tipo de laço de relacional, pois é fruto de relações que se estabelecem entre atores por meio da interação direta, ou seja, de processo comunicacional. Contudo, Recuero (2009a) busca em Breiger (1974), inspirado nos trabalhos de Goffman (1975), outra visão acerca do laço social. Segundo os trabalhos desses autores, o laço social pode ser constituído através de associação, baseado em sentimento de pertencimento. Os laços de associação independem da interação, “sendo necessário, unicamente, um pertencimento a um determinado local, instituição ou grupo” (p. 39).

Diante dessa constatação, Recuero (2009b) afirma que a mediação da *internet* tem complexificado a interconexão entre os indivíduos, pois ela proporciona que as conexões das redes sociais sejam ampliadas no espaço *on-line*. De acordo com a autora (2007), as conexões podem ser de dois tipos: as emergentes, que se caracterizam por manter laços relacionais construídos através da conversação entre os atores (**redes emergentes**); e as conexões ou laços de filiação ou associação, caracterizados pela manutenção da conexão realizada pelo *software* ou *site* utilizado (**redes associativas**). Recuero (2007) afirma que nas conexões emergentes há o processo de aprofundamento do laço social. Já nas conexões associativas, os interagentes podem jamais ter qualquer interação, exceto no momento de estabelecimento da conexão. Existem ainda, segundo a autora, **redes híbridas** que exibem ambos padrões de laços sociais.

Outras caracterizações dadas aos laços sociais, por autores como Granovetter (1973 *apud* RECUERO; ZAGO, 2011), são as de laços fortes e fracos. Segundo esse

---

<sup>35</sup> No original: Ties consist of one or more specific relationships, such as kinship, frequent contact, information flows, conflict or emotional support. The interconnection of these ties channel resources to specific structural locations in social systems. The pattern of these relationships – the social network structure – organize sustems of exchange, control, dependency, cooperation and conflict.

autor, “a força de um laço é uma combinação, provavelmente linear (eu não acredito que seja), da quantidade de tempo, intensidade emocional, intimidade (confiança mútua) e serviços recíprocos que caracterizam um laço”. Garton et al. (1997) afirmam que, dependendo do grau de intimidade que se estabelece entre os integrantes da rede, os laços entre eles podem variar entre fracos e fortes, únicos ou múltiplos.

Outras especificações acerca dos laços sociais relacionam-se à reciprocidade dos mesmos. A esse respeito Recuero (2009a) afirma que eles podem ser simétricos, quando há reciprocidade na interação e força nos laços sociais mantidos entre os interagentes; e assimétricos, quando não há força de sentido semelhante e a reciprocidade se restringe à troca de interações e informações, sem vínculos de amizade, por exemplo.

A autora menciona que alguns autores como Degenne e Forsé (1999) e Scott (2000) caracterizam ainda os laços sociais como sendo multiplexos, que é quando eles são constituídos de diversos tipos de relações sociais. A autora afirma que os laços sociais mediados pelo computador geralmente são desse tipo, pois refletem interações que ocorrem em diversos espaços e sistemas.

Acerca da força dos laços sociais, Recuero (2009a, p. 41) afirma que “os laços fortes constituem-se em vias mais amplas e concretas para as trocas sociais, enquanto os fracos possuem trocas mais difusas”. Esses laços fortes e fracos são sempre relacionais, já que são consequência das interações das mensagens trocadas entre os atores da rede. Wellman (1997) entende que tanto laços fracos quanto fortes podem ser sustentados pelas RSI, contudo adverte que essas redes parecem ser mais configuradas para suportar a participação dispersa, decorrente dos laços fracos. Granovetter (1973 *apud* RECUERO; ZAGO, 2011) também menciona a importância dos laços sociais fracos para a circulação de informações nas redes sociais. Segundo os autores (2011, p. 23), “quanto maior a quantidade de laços fracos de alguém, maiores as chances de se receber informações diversificadas que podem representar oportunidades”.

Segundo Recuero (2009a), a *internet* suporta laços de diferentes naturezas, “tanto laços altamente especializados (formados por relações do mesmo tipo), quanto laços multiplexos” (p. 43). A autora adverte que essas definições de laços fortes e fracos evidenciam uma visão reducionista, embora popular, acerca das relações mantidas no ciberespaço. Um laço pode mudar ao longo do tempo e seu estabelecimento está relacionado a uma série de fatores, que também podem mudar. Os laços mantidos na rede social na *internet* podem se aprofundar no universo *off-line* e vice versa. Por isso, a autora

acredita que a *internet* tem potencial de gerar e aprofundar laços sociais através da interação mediada pelo computador. Devido à imprevisibilidade dessas relações, a autora defende uma abordagem sistêmica das interações em rede e essa também é a posição a que me afilio.

### 1.2.2 Interação Mediada por Computador em *sites* de redes sociais

Para compreender o que são as interações em rede ou interações mediadas por computador, busquei em Primo (2003) o sentido da palavra interação, que segundo o autor, tem registro lexicográfico recente na história. O autor relata que o substantivo *interaction* apareceu pela primeira vez, como um neologismo, no *Oxford English Dictionary* em 1832, e seu correspondente verbal *to interact*, em 1839, com o significado de agir reciprocamente. O autor menciona que na França, a palavra “interação” surgiu apenas depois de outro neologismo: “interdependência”, e foi registrada lexicograficamente apenas em 1867. Portanto, em suas acepções figuram os sentidos de *agir reciprocamente* e *interdependência*.

Busquei uma definição dicionarizada<sup>36</sup> em língua portuguesa e as acepções da palavra são:

- 1 Ato de reciprocidade entre dois ou mais corpos.
- 2 Influência de um órgão ou organismo em outro.
- 3 Qualquer atividade compartilhada.
- 4 Contato entre indivíduos que convivem.
- 5 Ação recíproca entre o usuário e um equipamento.
- 6 (FÍS) Processo em que o estado de uma partícula é alterado devido à ação de outra partícula ou de um campo.
- 7 (SOCIOL) Conjunto de atividades entre os membros de uma comunidade.

A partir das definições de ordem geral de interação, todas elas dizendo respeito à ação recíproca, procurei identificar o significado especializado do termo. Para tanto, encontrei subsídios também em Paiva (2010, p. 1)<sup>37</sup> que, a partir dos morfemas constituintes da palavra interação (inter- e -ação), conceitua o termo como sendo “uma atividade mútua que requer pelo menos a participação de duas pessoas e que provoca

<sup>36</sup> Definição de interação do dicionário Michaelis – disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/busca?id=BVqoW> Acesso em: 02/02/2016.

<sup>37</sup> O artigo de Paiva (2010) é um texto digital e não possui número de página, porém o conceito foi retirado da primeira página do arquivo. O texto está disponível em: < [www.veramenezes.com/interactionvera.pdf](http://www.veramenezes.com/interactionvera.pdf) >. Acesso em: 03 de outubro de 2015.

também um efeito mútuo”. Para Ellis (1999), que segue a mesma linha de raciocínio de Paiva, a interação é aquela cujo comportamento social decorre da comunicação de uma pessoa com outra, que pode ser face-a-face ou mediada por algum recurso tecnológico. Já Goffman (2004) define interação como um encontro que tem lugar em qualquer ocasião em que um conjunto de pessoas está em contínua presença mútua. Paiva (2010) complementa afirmando que a interação é um instinto humano básico e ocorre de forma multimodal. Isso quer dizer que a interação se estabelece com a presença do outro, da relação entre indivíduos e essa relação pode se desenvolver de vários modos, pela fala, pela escrita, por meio de outros recursos semióticos.

Primo (2003, p. 2), seguindo uma abordagem sistêmica, entende a interação como uma “ação entre os participantes do encontro, na relação estabelecida entre os interagentes, e não nas partes que compõe o sistema global”.

Recuero (2009), citando Watzlawick, Beavin e Jackson (2000), explica que a interação é sempre um processo comunicacional. É uma ação que tem um “reflexo comunicativo entre o indivíduo e seus pares, com reflexo social. Os autores entendem que a interação atua diretamente sobre a definição da natureza das relações entre aqueles envolvidos no sistema interacional” (p. 31). Isso quer dizer que toda interação implica um tipo de relação entre os envolvidos, com implicações para ambos.

Portanto, como mencionei anteriormente, a interação sempre remete à ideia de ação recíproca, ação conjunta; remete a um processo que envolve mais de um interagente. Segundo Leffa (2006)<sup>38</sup>,

interação, na sua essência, parte, portanto, da ideia de contato, podendo ser definida como um contato que produz mudança em cada um dos participantes. Esse contato não precisa, necessariamente, ocorrer entre seres da mesma natureza; pode ocorrer entre seres de natureza diversa, como por exemplo, entre pessoas e objetos, mas sempre afetando a ambos.

A afirmativa de Leffa (2006), a da interação como contato que produz mudança em cada um dos participantes<sup>39</sup>, é a essência da complexidade, pois é a partir da interação entre os agentes e o ambiente de interação que o sistema se organiza.

---

<sup>38</sup> O artigo de Leffa (2003) é um texto digital e não possui número de página. O texto está disponível em: <http://www.leffa.pro.br/textos/trabalhos/simulada.pdf> Acesso em: 02 de outubro de 2015.

<sup>39</sup> Acho importante mencionar que os termos **participante**, **usuário**, **agente**, **ator**, **interagente** são tomados como sinônimos por mim, pois todos eles se referem ao indivíduo que interage numa rede social na *internet*. Cada autor utiliza um determinado termo, mas entendo-os como denominações de uma mesma realidade.

Para compreender as interações em *sites* de redes sociais, encontrei em Primo explicações às quais me afiliei. Primo (2000) ressalta a relação interpessoal estabelecida no contexto da comunicação mediada por computador (CMC) como uma emergência da contemporaneidade e afirma que é preciso entender empiricamente as mudanças da linguagem impulsionadas por esse contexto. Acredito que as interações mediadas por computador foram potencializadas pelo advento dos *sites* de redes sociais e, concordo com Georgakopoulou (2011), que afirma que existe um *continuum* complexo e multifacetado de práticas discursivas nas interações *on-line*.

Primo (2003) distingue as interações mediadas por computador quanto ao relacionamento mantido entre os interagentes. Seu posicionamento é o de que

interagir não é algo que alguém faz sozinho, num vácuo. Comunicar não é sinônimo de transmitir. Aprender não é receber. Em sentido contrário, quer-se insistir que interação é um processo no qual o sujeito se engaja. Essa relação dinâmica desenvolvida entre os interagentes tem como característica transformadora a recursividade (PRIMO, 2003, p. 75).

Primo (2003), citando Maturana e Varela (1995), afirma que a comunicação humana ocorre apenas quando se estabelece uma coordenação comportamental em um domínio de acoplamento estrutural. O ser humano age conforme sua estrutura e não através de “interações instrutivas”. Essa afirmação relaciona-se à crítica que o autor faz ao modelo transmissionista de comunicação, que enfatizava seu aspecto técnico. O autor usa a “metáfora do tubo” para se referir a esse modelo, que acreditava que a comunicação seria algo gerado em um ponto e levado integralmente a outro extremo, como se fosse através de um “tubo”, não havendo nenhuma perturbação (n)do sistema.

Devido à ausência de estudos que abordassem a comunicação humana em sua complexidade, Primo (2003), a partir de uma abordagem sistêmico-relacional, propõe uma tipologia: interação mútua e interação reativa, para compreender a comunicação mediada por computador na contemporaneidade.

Segundo o autor (2003), em linhas gerais, a interação mútua é aquela caracterizada por relações de interdependência e “processos de negociação, em que cada interagente participa da construção inventiva e cooperada da relação, afetando-se mutuamente” (p. 62). Já a interação reativa seria aquela limitada por relações de causa e efeito, ou estímulo e resposta, e que por isso, pode ser determinada. A interação reativa, para o autor, é sempre limitada para os atores envolvidos no processo. Recuero (2009) exemplifica a



interação reativa com a relação de um interagente com um *hiperlink* na *web*. “Ao agente é permitida, modo geral, apenas a decisão entre clicar ou não no *link*. Ele não pode redefinir a URL para onde este *link* aponta, tampouco pode escolher para onde deseja ir a partir daquele *link*” (RECUERO, 2009, p. 33). Devido a esse caráter determinista, a interação reativa é previsível.

Já o termo interação mútua, de acordo com o Primo (2003), não deve ser entendido como um pleonismo, visto que na definição geral do vocábulo a ação recíproca, mútua é inerente. Contudo, o autor faz questão de reforçar a ideia de que nas interações mútuas há modificações recíprocas dos interagentes durante o processo, ou seja, ao interagir, um agente modifica o outro recursivamente. O comportamento na interação é construído em virtude das ações dos interagentes, que se auto-organizam dinamicamente. Por isso, o relacionamento construído é imprevisível.

Nesse sentido, processos interativos mútuos mediados pelo computador são entendidos por Primo (2003) como um sistema complexo, diferentemente do entendimento transmissionista, que reduzia a comunicação humana à emissão de informações (estímulo) e à reação do receptor (resposta).

Primo (2000) ressalta que algumas premissas são importantes para a compreensão da comunicação nessa perspectiva, são elas:

comunicação é comportamento, onde não é possível não comunicar, já que não existe um oposto a comportamento (o silêncio é comportamento); a interpretação do comportamento comunicativo deve ocorrer com base nos padrões desses comportamentos e sua interconexão (a interpretação de eventos isolados é insuficiente e falha); para encontrar o significado dos padrões de comunicação é preciso posicioná-los em seu contexto (PRIMO, 2000, p. 5).

O autor (2000) observa que nas interações mediadas por computador podemos pensar em algo como multi-interações, ou seja, várias interações simultâneas. O autor (2003) exemplifica essa ideia na interação mediada por computador com o *chat*. Nessa ferramenta, ao mesmo tempo em que se conversa com outra pessoa também se interage com a interface do *software* e também com o *mouse*, com o teclado. Por isso, na comunicação mediada por computador tanto se estabelecem interações reativas quanto mútuas, simultaneamente.

Vale ressaltar, que o *software Facebook* propicia várias opções de gerenciamento da rede, opções essas que colocam o usuário em interação reativa, nos termos de Primo (2003), com o *software*. Um exemplo disso seria selecionar quem pode ou não ver as

postagens na *timeline*, ou ainda escolher o idioma, dentre outras opções determinadas pelo sistema. Ações desse tipo são interações reativas, pois o usuário responde às opções dadas pelo sistema para administrar seu próprio perfil ou o perfil do grupo.

De acordo com Recuero (2012), em ferramentas como o *Facebook*, as conexões entre os interagentes são necessariamente recíprocas, por isso é mais fácil percebê-las como laços sociais. Para interagir com outros usuários, o *design* do *software* oferece opções, como a de postar.

Na opção de interação por meio de postagem, o usuário tem algumas possibilidades, como escrever uma mensagem de texto diretamente na *timeline*; adicionar um arquivo que pode ser foto, vídeo ou texto; criar uma álbum de fotos; ou postar um *hyperlink*, que leva demais os usuários para fora do sistema *Facebook*. Tem ainda a possibilidade de marcar amigos na publicação, que seria uma forma de dar visibilidade aos amigos que se relacionam àquela postagem; inserir um *emoticon* mostrando o que está fazendo ou como está se sentindo em dado momento; adicionar uma localização na publicação; e também de selecionar quem pode ver a publicação. Segundo Recuero (2012), esse tipo de interação é uma forma mais direta de investimento na rede social e, por isso, uma forma de criar laços fortes e manter interações mútuas.

Na opção de postar, o usuário do sistema faz múltiplas interações, tanto com o próprio sistema, selecionando as opções que lhe são propiciadas, quanto com os demais usuários, que a partir da postagem regem à ação conforme as possibilidades descritas a seguir.

As demais formas de interação na rede social são as ações de curtir, comentar e compartilhar, visualizar que podem ser ações recursivas, pois a partir da reação dos usuários, o sistema pode se auto-organizar. A cada postagem, os usuários ou membros de grupos podem estabelecer relacionamentos com seus “amigos” da rede ou membros de determinado grupo por meio das ações citadas.

De acordo com Recuero (2012), a ação de curtir é uma forma mais clara de perceber o retorno de investimento (emocional, discursivo, social) na rede social. Comentar seria uma forma de desenvolver conexões sociais mais fortes, por meio de interações diretas com alto investimento. Compartilhar uma postagem seria uma forma de apoiar e dar visibilidade a um determinado usuário, o que demanda menor investimento. Visualizar seria uma forma de indicar que a postagem foi vista pelo interagente.

Diante do exposto, percebo que o comportamento dos usuários nesse *site* de rede social pode ser rastreado de várias formas. Mesmo que o usuário não interaja diretamente por meio do estabelecimento de uma “conversa”, um comentário, há outras ações que podem manifestar sua contínua presença: curtindo, compartilhando uma postagem que achou relevante, ou ainda, simplesmente visualizando as postagens dos amigos que aparecem em sua *timeline*. Aparentemente, essas opções restringem as possibilidades de interação e poderiam ser comparadas às ferramentas de gerenciamento do perfil, constituindo-se um sistema fechado, de interações reativas, nos termos de Primo (2003).

Contudo, compreendo essas opções como trajetórias que o usuário pode ou não tomar, ou seja, ele pode escolher a forma que melhor lhe convier de interagir, ou pode simplesmente ignorar a postagem, não interagindo de nenhuma forma. A escolha de uma dessas opções é imprevisível, visto que ela é (re)significada e contextualizada a cada interação. Portanto, caminhos diferentes podem ser trilhados pelos usuários, propiciando a emergência de interações mútuas, mesmo que o sistema restrinja as possibilidades de interação às descritas. E ainda, essas ações podem assumir diferentes significados para os interagentes, sendo imprevisíveis.

Por isso, na minha concepção, no ambiente *Facebook* os usuários passam a interagir reciprocamente, mesmo que apenas pela mútua presença, como lembra Goffman (2004). Acredito que nesse ambiente, mesmo que o usuário prefira o silêncio, agindo como uma espécie de *lurker*<sup>40</sup>, ou seja, que não estabeleça nenhum tipo de ação conjunta com um “amigo”, comentando uma determinada postagem, sua presença mútua contínua não deixa de existir e a partir dessas ações a comunicação pode ser estabelecida.

A esse respeito, Recuero (2009) acredita que só o fato de aceitar ou não amizade numa rede social, embora não se constitua interação mútua, tem impacto social e também reflexos nos dois lados da relação comunicativa. A autora afirma que mesmo a interação reativa, apesar de suas limitações, do reduzido espectro de relações sociais que por ventura possa gerar, também estabelece de laços sociais.

No meu entendimento, mesmo que o *design* do sistema *Facebook* restrinja as possibilidades de ação de seus usuários às elencadas anteriormente, penso que as

---

<sup>40</sup> Na cultura da *internet*, designa o membro de uma comunidade on-line que observa, mas não participa ativamente com comentários Disponível em: <<https://en.wikipedia.org/wiki/Lurker>>. Acesso em 25 de março de 2016.

interações nesse *site* de rede social sejam sempre mútuas, em **nuances de envolvimento** nos processos de negociação, que variam conforme a ação empreendida.

Primo (2000) define processos de negociação como “um processo de comunicação para a resolução de diferenças” (p. 5). No caso das possibilidades de ação do *Facebook*, a ação de visualizar seria de envolvimento mínimo; a ação de compartilhar uma postagem teria um investimento um pouco maior; a ação de curtir ou adicionar um *emoticon* na postagem do outro teria um investimento um pouco mais alto; mas ainda assim, os interagentes estariam em contínua presença, engajados de alguma maneira e medida na ação conjunta, na interação. E a ação de comentar seria de alto investimento no processo de negociação.

De acordo com Primo (2000), envolvimento nos processos de negociação é o que define a relação. Esse envolvimento surge da qualidade da sincronização e reciprocidade na interação. Quanto mais reciprocidade e sincronia, mais engajamento na interação, mais investimento no processo de negociação. Segundo Recuero (2012), o desenvolvimento dessas interações gera clusterização<sup>41</sup> entre os atores (usuários/agentes da rede), ou seja, cria laços fortes, uma aproximação que gera benefícios para o grupo como um todo. De acordo com a autora,

a clusterização é um benefício relevante para a rede, pois proporciona acesso a melhores recursos para o grupo e a possibilidade de circulação desses recursos. Ela também gera maior proximidade, permitindo que os atores tornem-se mais investidores no próprio grupo e aumentem ainda mais a clusterização. Redes mais cluterizadas, portanto, são mais capazes de fazer circular outros benefícios para os atores (RECUERO, 2012, p. 609).

Primo (2000), quando se refere ao engajamento e investimento no processo de negociação, faz isso em relação à interação mútua, como ação conjunta, no caso da rede social, comentar uma publicação. Entretanto, penso que nas demais possibilidades: visualizar, curtir, compartilhar há **nuances de interação mútua**, pois essas ações demandam investimento e engajamento na interação por parte do usuário. Acredito que essas ações criam vínculos e valores para os interagentes e, por isso, entendo-as como interações mútuas, porque o usuário investe na relação em alguma medida e este investimento (custos) pode gerar benefícios aos interagentes, ou seja, **capital social**.

---

<sup>41</sup> O termo clusterização relaciona-se com a densidade de uma rede social. De acordo com Recuero (2005), os clusters são grupos de nós muito conectados, representam os laços sociais entre os indivíduos de uma rede social.

Relaciono tudo isso ao papel que as tecnologias digitais tem ocupado nas mudanças experimentadas em todos os aspectos da vida social. A natureza, os motivos prováveis e possíveis desdobramentos dessas alterações, por sua vez, são extremamente complexos, assim como os relacionamentos humanos. No contexto das mídias digitais, como os *sites* de rede social, um novo *ethos* se configura, assim como novas sociabilidades, propiciando relações de naturezas diversas, com uma amplitude nunca vista. Por esse motivo, tanto ações altruísticas como negativas têm repercussões imprevisíveis na rede.

Apropriei-me da terminologia de Primo de interação mútua ressignificando-a sob meu ponto de vista e contexto de análise, em dimensões sistêmicas (complexas) para fundamentar meu entendimento sobre a língua(gem) em uso manifestada nas interações entre professores e alunos em grupos na rede social *Facebook*. Contudo, agreguei a ideia de **nuances de interação mútua**, por acreditar que as interações mútuas nesses grupos se dão em níveis microgenéticos na escala de tempo de cada interação, que não pode ser determinado categoricamente, mas contínua e sucessivamente, conforme Larsen-Freeman e Cameron (2008). Em grupos desse *site* de rede social, sob o meu ponto de vista, as interações são sempre mútuas, pois as relações que se estabelecem são entre interagentes humanos, que mantêm algum tipo de laço social e, por isso, as interações estabelecidas estão relacionadas à geração de **capital social** na rede.

### 1.2.3 Capital Social nas apropriações da rede

O termo “capital social” tem sido recorrente nos trabalhos desenvolvidos em Linguística Aplicada e na área da Comunicação Social, como em vários trabalhos da coletânea organizada por Leffa e Araújo (2016) e nos estudos de Matos (2009) e, mais especificamente, de Raquel Recuero (2006, 2009, 2010, 2011, 2012, 2014), que evidenciam a necessidade de se entender o que a participação em redes sociais na internet tem gerado aos interagentes em termos de benefícios e valores. Recuero (2012) afirma que qualquer conexão, laço estabelecido dá acesso a recursos sociais para ambos interagentes. Por isso, a definição de laço social está também ligada àquela de capital social” (RECUERO, 2012, p. 601).

Pierre Bourdieu (1998) foi pioneiro na sistematização do conceito. O autor (1998, p. 67) define o capital social como

o conjunto dos recursos reais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de inter-reconhecimento mútuos, ou, em outros termos, à vinculação a um grupo, como o conjunto de agentes que não somente são dotados de propriedades comuns (passíveis de serem percebidas pelo observador, pelos outros e por eles mesmos), mas também que são unidos por ligações permanentes e úteis.

De acordo com Portes (2000) o tratamento inicial do conceito foi desenvolvido por Bourdieu em “Notas provisórias” publicadas nas *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, em 1980. Segundo o autor (2000), o artigo não teve a atenção generalizada no mundo anglófono por ter sido escrito em língua francesa, por isso teve discreta repercussão. Portes (2000) considera lamentável a pouca visibilidade, já que a análise de Bourdieu é a que apresenta maior refinamento teórico dentre as que introduziram o termo no discurso sociológico contemporâneo. Na visão de Bourdieu, “as redes sociais não são um dado natural, tendo de ser construídas através de estratégias de investimento orientadas para a institucionalização das relações do grupo, utilizáveis como fonte digna de confiança para aceder a outros benefícios” (BOURDIEU, 1985 *apud* PORTES, 2000, p. 135).

Bourdieu (1980) destaca alguns aspectos do capital social: os elementos constitutivos; os benefícios obtidos pelos indivíduos mediante sua participação em grupos ou redes sociais e as formas de reprodução desse tipo de capital. Os elementos que constituem o capital social são as redes de relações sociais, que permitem aos indivíduos ter acesso aos recursos dos membros do grupo ou da rede; e à quantidade e à qualidade de recursos do grupo. Esses elementos dizem respeito às relações estabelecidas entre os indivíduos pertencentes a um determinado grupo que não advêm apenas do compartilhamento de relações objetivas ou de proximidade no mesmo espaço econômico e social. Essas relações fundam-se também nas trocas materiais e simbólicas, cuja instauração e perpetuação supõem o reconhecimento dessa proximidade pelos agentes.

Quanto à quantidade e à qualidade de recursos do grupo, de acordo com o autor, o volume de capital social de um agente individual depende tanto da extensão da rede de relações que ele pode efetivamente mobilizar como do volume das diferentes formas de capital (econômico, cultural ou simbólico) que é propriedade exclusiva de cada um dos agentes a quem o indivíduo está ligado. Portanto, para esse autor a rede de relações é o que possibilita a geração de recursos aos que fazem parte dela. Assim, um recurso está diretamente ligado ao pertencimento a um determinado grupo; às relações que um

determinado ator é capaz de manter; e o conhecimento e reconhecimento mútuo entre os participantes do grupo. “Esse conhecimento transformaria o capital social em capital simbólico, capaz de objetivar as diferenças entre as classes e adquirir um significado” (RECUERO, 2009a, p. 47).

Outra definição importante é dada por Coleman (1988), que confere ao termo um aspecto relacional e dá ênfase nas redes densas e fechadas, pois estas facilitam certas ações dos indivíduos (**relações intragrupais**). Mais uma vez, as relações são a chave para o desenvolvimento de capital social. Segundo esse autor, as redes fechadas são as que podem gerar maior capital social. As redes sociais não são um dado natural, tendo de ser construídas através de estratégias de investimento orientadas para a institucionalização das relações do grupo, utilizáveis como fonte digna de confiança para aceder a outros benefícios. Coleman definiu capital social partindo da sua função, como uma variedade de entidades com dois elementos em comum: todas elas consistem num certo aspecto das estruturas sociais e facilitam determinadas ações dos atores no interior da estrutura (COLEMAN, 1988).

Outro autor importante na definição do capital social é Robert Putman (1993) que destaca aspectos das organizações sociais que facilitam a coordenação das ações coletivas e a cooperação, entre elas: redes, normas de confiança, bem comum, coesão social e participação (**relações intergrupais**) (MATOS, 2009). Trocando em miúdos, trata-se de um valor relacionado também às conexões sociais, ou seja, obtido através do pertencimento a um grupo social e mantido por meio da observância de determinados elementos.

O conceito de capital social está diretamente relacionado com as conexões das redes sociais. Putman (1995) assevera que existem diferenças quanto às conexões que geram capital social. Segundo ele, as conexões podem ser de dois tipos: *bonding* (vínculo) e *bridging* (ponte). O primeiro tipo se refere ao relacionamento com laços fortes, mantido entre pessoas que possuem uma relação de confiança entre si e que depositam tempo, interesse e interação constante umas com as outras. Já o segundo tipo está relacionado com laços fracos e abrange pessoas de realidades sociais diferentes. O laço social do tipo *bridging* amplia as redes sociais e conecta grupos a recursos de modo a gerar fluxos de informações, identidades coletivas e reciprocidade. O laço social do tipo *bonding*, por seu turno, cria forte lealdade dentro do grupo, o que pode ser positivo para reciprocidade interna e obtenção de recursos sociais e psicológicos para grupos marginalizados

(MATOS, 2009). Granovetter (1973) argumenta que as conexões fracas são importantes para alguns tipos de capital social. Enquanto as conexões mais fortes são capazes de gerar intimidade, engajamento e valores reconhecidos pelos grupos. Ele acredita que seja por meio das conexões fracas que outros valores, como o acesso a informações novas, podem ser atingidos.

Ellison, Steinfield, Lampe (2011) afirmam que o conceito de capital social descreve os benefícios que os indivíduos retiram de suas relações e interações sociais. Eles citam como recursos: suporte emocional, exposição a diversas ideias, acesso à informação relevante. O capital social é incorporado na estrutura das redes sociais e, como os *sites* de redes sociais têm o potencial de reformular as redes sociais e reduzir os custos de comunicação (e, assim, contribuir para e extrair benefícios), o uso deste tipo de rede social pode ter implicações para a geração de capital social. Esses autores acreditam que as RSI, como o *Facebook*, apresentam um terceiro tipo de capital social, denominado *maintained* (de manutenção), visto que esses *sites* são, em tese, utilizados para manter contato. Contudo, a dinâmica das redes nos mostra que a apropriação dessas ferramentas tem sido heterogênea e dinâmica. Por isso, apenas a observação empírica de uma RSI pode desvelar o capital social gerado.

Recuero (2012) observa que o capital social pode ser entendido como aquele recurso cujo acesso é facilitado pelo pertencimento a uma rede social. A autora (*on-line*) complementa que o capital social, assim

constitui-se em um conjunto de recursos de um determinado grupo, obtido através da comunhão dos recursos individuais, que pode ser usufruído por todos os membros do grupo, e que está baseado na reciprocidade. Ele está embutido nas relações sociais e baseia-se no conteúdo delas. O acesso ao capital social é a vantagem última de fazer parte de um grupo<sup>42</sup>.

A noção de pertencimento a um grupo, segundo a autora, é algo que “requer investimento de recursos pessoais (tais como tempo, sentimentos, etc.)” e, por isso, o capital social também está relacionado ao “investimento que cada ator faz na rede social” e este está, por sua vez, “relacionado às expectativas que o ator tem de retorno” (RECUERO, 2012, p. 600). Para compreender o capital social, portanto, é preciso analisar o investimento e a captura dos benefícios pelos indivíduos nessas relações (LIN, 2001).

---

<sup>42</sup> Disponível em: <<http://www.raquelrecuero.com/alaic2006.pdf>>. Acesso em: 29 de março de 2016.



A ideia de investimento e benefícios é um importante elemento motivador para o envolvimento em uma rede social e parece ser essa ideia que move as pessoas.

De acordo com Recuero (2012),

é por isso que o capital social tem uma forma dupla de usufruto: ao mesmo tempo que gera benefícios que podem ser apropriados pelos atores individualmente, gera também benefícios para a rede como um todo. Neste sentido, o capital social é bem ao mesmo tempo público e privado (RECUERO, 2012, p. 600).

Os benefícios gerados nas relações, assim, podem se refletir nos indivíduos e no grupo, o que torna as interações em *sites* de redes sociais importantes recursos de captação de capital social. Contudo, os *sites* de redes sociais não são reservatórios prontos de capital social, tudo vai depender da forma como as pessoas se apropriam dessas ferramentas, da criação de vínculos de confiança, da reciprocidade, da colaboração social entre os interagentes. Portanto, o capital social não é um produto, ele é gerado a partir das inúmeras relações sociais positivas e negativas estabelecidas entre os interagentes, conforme suas funções e capacidade de gerar ganhos para os indivíduos (MATOS, 2009).

Segundo Coleman (1988), o capital social é heterogêneo e se desenvolve segundo categorias. Essas categorias segundo Bertolini e Bravo (2004) podem ser:

- a) relacional – que seria a soma das relações, laços e trocas entre os indivíduos de uma determinada rede;
- b) normativo – que seriam as normas de comportamento de um determinado grupo e os valores deste grupo;
- c) cognitivo – que seria a soma do conhecimento e das informações em comum trocadas por um determinado grupo;
- d) confiança no ambiente social – que significaria a confiança no comportamento de indivíduos em um determinado ambiente;
- e) institucional - relacionado às instituições formais e informais, que constituem-se na estruturação geral dos grupos, o estabelecimento de “regras” de interação social; nesses grupos o nível de cooperação e coordenação é bastante alto.

Outra caracterização do capital social dada também por Bertolini e Bravo (2004) é a que salienta que o capital social pode ser de primeiro e segundo nível. O capital de primeiro nível relaciona-se a aspectos individuais, como as relações (a), as leis ou normas (b) e o conhecimento (c), que variam de acordo com os indivíduos. O de segundo nível

estaria relacionado a aspectos de grupo, ou seja, aqueles que apenas podem ser desfrutados pela coletividade, como a confiança no ambiente social (d) e a presença das instituições (e). “A existência de capital social de primeiro nível é requisito para a constituição do capital de segundo nível (que representa uma sedimentação do primeiro)” (RECUERO, 2009a, p. 51).

O capital social, assim, é um esforço de sociabilidade, pois envolve “dispêndio de tempo e energia e de outras formas de capital de modo indireto” (RECUERO, 2006, p. 4), requer investimento e custos para os envolvidos na rede. O capital social está, por isso, associado à competição e às vantagens que podem ser obtidas.

Segundo Recuero (2012, p. 606), os investimentos mais comuns feitos em um *site* de rede social são:

a) Criação e manutenção das conexões sociais: investir no laço social promove o acesso do ator a determinados valores (capital social).

b) Construção de perfil: também é um investimento, pois é uma forma divulgar informações de uma identidade, podendo servir como um espaço pessoal (por onde se pode receber benefícios variados) e de criação e manutenção de uma determinada identidade.

c) Compartilhamento de recursos:

o capital social prevê o acesso a recursos compartilhados por outros. Esses recursos, que são disponibilizados por alguém como investimento, geram benefícios a outros. Para que o capital social seja construído, assim, é preciso que alguns invistam seus recursos pessoais, imaginando o benefício que poderão ter, também acesso, em retorno (RECUERO, 2012, p. 606).

A autora complementa que “sem investimento, os laços sociais tendem a enfraquecer com o tempo, depreciando o capital social de um determinado grupo” (RECUERO, 2007, p. 6).

Recuero e Zago (2011, p. 23) afirmam que o “capital social é, desse modo, um conceito metafórico, relacionado ao fato de que existem vantagens em pertencer a determinados grupos sociais, vantagens essas que podem ser apropriadas pelo grupo e/ou pelos atores”.

Recuero (2012) explica que *sites* de rede social, como o *Facebook*,

permitem que as conexões sociais sejam geradas a partir de associações (uma vez que basta solicitar uma conexão ou clicar em um botão para

estar conectado a outro ator) e mantêm de forma artificial essas conexões. Enquanto no mundo *offline*, manter uma conexão social, seja forte ou fraca, necessita investimento de atenção, sentimento e etc. tanto para a sua criação quanto para a sua manutenção, nos *sites* de rede social as conexões são inicialmente mantidas pela própria ferramenta. Mesmo que nenhuma interação ocorra, a menos que um dos atores delete a conexão, esta, uma vez estabelecida, permanece.

No intuito de visualizar as relações estabelecidas em *sites* de redes sociais, o tipo de laço social, de investimento e o capital social gerado, reproduzo o quadro elaborado por Recuero (2012), o qual julguei importante para entender as interações nos grupos do *Facebook*.

**Figura 2:** Capital social nos *sites* de rede social

TIPO DE CONEXÃO	CARÁTER	INVESTIMENTO	BENEFÍCIO REDE	BENEFÍCIO INDIVÍDUO
EMERGENTE	FORTE	Criação e Manutenção de Perfil	Confiança	Presença Legitimação
		Criação e Manutenção de Conexões Sociais	Proximidade Clusterização	Suporte social Legitimação
		Compartilhamento de recursos	Confiança Cooperação	Suporte Social
	FRACA	Criação e Manutenção de Perfil	Confiança	Legitimação
		Criação e Manutenção de Conexões Sociais	Informação	Visibilidade
		Compartilhamento de recursos	Confiança	Informação Autoridade Reputação
ASSOCIATIVA	FRACA	Criação e Manutenção de Perfil	Informação	Presença
		Criação e Manutenção de Conexões Sociais	Informação Filtragem	Visibilidade Popularidade
		Compartilhamento de recursos	Informação Filtragem	Informação Visibilidade Popularidade

Fonte: Recuero, 2012, p. 611.

Recuero (2012) afirma que o que parece ser o grande impacto dos *sites* de redes sociais nas redes sociais é a mudança na forma de obter e dividir valores. Tais ferramentas passam a criar novas formas de investir e captar capital social, principalmente através das conexões ditas “associativas” (RECUERO; ZAGO, 2009), que não são necessariamente

construídas pela interação mútua, nos termos de Primo (2003). Os *sites* de redes sociais parecem permitir aos atores que maximizem o capital social a que têm acesso devido ao fato de ampliarem as conexões, que seriam difíceis de criar e manter no espaço *off-line*. Ellison, Steinfeld e Lampe (2007) exemplificam essa ideia afirmando que *sites* como o *Facebook* estão gerando um novo tipo de capital social, que possibilitaria a manutenção dos laços sociais de forma facilitada, laços esses estabelecidos *off-line*, como já mencionado.

Outro esclarecimento importante, é feito por Portes (1998) que explica que apenas o **retorno** ou o **recurso** obtido através da rede constitui-se em capital social e não a habilidade em consegui-lo. Diante disso, Recuero (2012) esclarece que os laços sociais não são capital social, mas os meios para se obter capital social. O investimento na manutenção dos laços, também não é capital social. Mas os **benefícios** obtidos através desses investimentos, como, por exemplo, o acesso a determinadas informações que não estariam disponíveis de outro modo é capital social.

Recuero (2012) também lembra que os recursos que estão disponíveis nas redes sociais na *internet* são dependentes das diferentes apropriações que os grupos fazem dos *sites* de redes sociais. E “essa apropriação é capaz de gerar novos usos, novas formas de construção social” (RECUERO, 2007), por isso eles são “dinâmicos, são construídos, negociados e transformados pela própria ação dos grupos” (RECUERO, 2012, p. 607). A autora lembra também que a qualidade do capital social está relacionada com a qualidade das conexões (que, por sua vez, depende do investimento) e com os demais atores e os recursos pessoais que possuem e que estão dispostos a investir na rede, ou seja, está tudo conectado recursivamente. Portanto, o capital social não depende apenas do investimento de um único ator, mas dos investimentos e recursos de toda a rede.

O uso social da tecnologia está atrelado à apropriação que o usuário dá à ferramenta de acordo com seus interesses. A apropriação tende a ser polivalente, pois essas ferramentas permitem aplicações diversas, como lúdicas, profissionais, educativas, etc (JOUET, 2000).

Recuero (2014), no sentido de entender a apropriação que os diferentes grupos fazem dos *sites* de redes sociais, desenvolveu uma pesquisa acerca das ferramentas do *Facebook* relacionando-as à geração de capital social na rede, que tomei como fundamental para minha pesquisa. Segundo Recuero (2014), as opções de comentar, curtir e compartilhar são uma forma de os usuários tomarem parte na conversação no *Facebook*,

de maneira simbólica. A conversação seria uma forma de apropriação da rede

através da criação de convenções e novos sentidos entre os atores. E esses sentidos são constantemente adaptados e reconstruídos pelas redes sociais que estão em movimento na ferramenta, pela dinâmica sistêmica que envolve esses grupos (RECUERO, 2014, p. 114).

A autora faz uma descrição de seu entendimento acerca do significado atribuído pelos usuários ao uso dos recursos da rede associados ao conceito de “face” e “trabalho de face” a partir de Goffman (1967, 2001).

De acordo com Recuero (2014), a opção curtir é uma forma de participação que mostra que a mensagem foi recebida. Outro significado atribuído à opção “curtir” é que os atores passam a ter seu nome vinculado à postagem e toda a sua rede social vê que a postagem foi “curtida” por meio de notificações. A autora ressalta que o sentido de “curtir” tem um valor simbólico que vai além de seu significado semântico. Mais que gostar, apoiar a postagem, o “curtir” é uma forma de participação na interação com baixo envolvimento ou exposição da face (GOFFMAN, 2001), pois o usuário não tem que elaborar uma interação verbal, mas evidencia para toda a sua rede sua participação na interação e isso é uma forma de visibilidade e ainda de legitimar e apoiar a face do outro. Em seu trabalho de pesquisa, Recuero (2014) cita Goffman (1967) explicando que a face, para o autor,

é constituída pelos “valores sociais positivos” que um determinado ator reivindica através de sua expressão, de sua participação em situações de interação com outros. “A face é uma imagem do self delineada em termos de atributos sociais aprovados” (Goffman, 1967, p. 5), ou seja, uma imagem positiva constituída por um ator diante dos demais. A face é mantida através de um “trabalho de face”, ou seja, negociações entre os atores de modo a manter os valores sociais positivos atribuídos à face proposta e que precisam ser legitimados pelos demais (RECUERO, 2014, p. 118).

Curtindo ou não, há a opção de fazer comentários sobre uma postagem, que será publicada junto com a postagem original. De acordo com Recuero (2014), os comentários são as práticas mais evidentes de interação. O comentário “é visível tanto para o autor da postagem quanto para os demais comentaristas, atores que “curtam” e compartilhem a mensagem e suas redes sociais” (p. 120). Esta opção é uma forma de participação, que traz uma efetiva contribuição para a interação. O comentário compreenderia, assim, uma participação mais efetiva, demandando esforço comunicativo, nas palavras de Recuero,

o maior engajamento do ator na interação e um maior risco para a face, pois é uma participação mais visível. Isso porque aquilo que é dito pode ser facilmente descontextualizado quando migrar para outras redes através das ferramentas de compartilhamento, de curtida e mesmo de comentário. Essa compreensão do comentário como um risco para a face também leva muitos usuários a desistir de comentar e optar por apenas “curtir” a postagem, uma vez que o risco para a face é menor (RECUERO, 2014, p. 121).

Nos comentários é que percebemos uma maior carga discursiva e a possibilidade de emergência de padrões de língua(gem) imprevisíveis, dependendo das condições iniciais, da perturbação do sistema, da interação entre os agentes, da complexidade manifestada.

A outra ferramenta do *Facebook* é “compartilhar”, o usuário que recebeu a mensagem tem a opção de publicá-la, compartilhando-a com seus contatos. Este compartilhamento pode ser público, a todos amigos da rede, ou ainda para listas selecionadas, os grupos. A principal função, segundo Recuero (2014), parece ser a de dar visibilidade para a conversação ou mensagem, ampliando o alcance dela. A percepção dos usuários, de acordo com a pesquisa de Recuero (2014), é veicular algo que é relevante para a rede social e isso é um valor para aquele que compartilha e para aquele que foi compartilhado. Essa ação também promove os atores da rede dando-lhes credibilidade e visibilidade.

Segundo Recuero (2014) participar de uma conversação no *Facebook* parece ter uma relação direta com a manutenção da face positiva. Há um acordo tácito entre os usuários, o qual o objetivo do uso de ferramentas como o curtir e o compartilhar é o de legitimar o que está sendo dito, concordando ou assentindo, atuando, dessa forma, na manutenção da face alheia e a própria e, através dessas práticas, construir laços sociais mais fortes e maior confiança no ambiente social da conversação. A confiança seria um dos requisitos que asseguraria a segurança do ambiente, esta teria implicação direta com a manutenção da face, visto que a segurança faria com que o ator se colocasse na conversação sem medo de sofrer sanções que pudessem ameaçar sua face.

Contudo, de acordo com a autora, devido à dimensão globalizada do *Facebook*, que reduz as distâncias sociais entre grupos heterogêneos dentro da ferramenta, as ações de compartilhamento, curtidas e comentários tornam as conversações mais visíveis para os atores que fazem parte de grupos diferentes, justamente por conta das características dos públicos e da própria conversação em rede (RECUERO, 2012). Assim, surgem

contextos interpretativos diferentes, por conta da heterogeneidade da rede participante da conversação. Segundo Recuero (2014), esses elementos parecem colocar em risco a interação e a participação ativa na conversação por parte dos atores, principalmente por meio de comentários, que é justamente a ação cuja apresentação da face fica exposta à diferentes interpretações. Na pesquisa de Recuero (2014), os usuários entrevistados mostraram-se claramente reticentes em comentar. De acordo com a autora,

a maioria deles explicitou um certo receio com as interpretações de suas falas em contextos diferentes, receios com relação à tensão com outros usuários, receios com a ocorrência de atos de ameaça a face e efeitos negativos sobre sua reputação (RECUERO, 2014, p. 122).

Sentindo-se em risco, os atores investem menos na manutenção das conexões no sistema. Há menos engajamento dos usuários nas práticas conversacionais e, possivelmente, menos capital social é gerado, menos grupos sociais emergem e a probabilidade de esvaziamento do valor social da ferramenta é um fato que pode ocorrer. Nas palavras de Recuero (2014, p. 122), “é um risco, portanto, presente para a interação”. A autora conclui que devido ao registro, amplitude e migração da conversação em rede, parece haver redução do capital social gerado em função da redução da confiança no ambiente para a manutenção da face. “Com essa percepção, parece que há atores evitando investir em participações mais complexas na conversação para evitar expor a face a atos de ameaça” (RECUERO, 2014, p. 122). Os resultados da pesquisa da autora são reveladores, visto que a hiperconexão proporcionada pelas redes publicizou as conversações de tal forma que o que antes acontecia em espaços privados, agora ganha espaços públicos em dimensões nunca vistas, isso acrescenta novos problemas para a mediação, a construção e a proposição da face. Assim, esses resultados “são relevantes na medida em que geram um tensionamento nas práticas de manutenção dos laços sociais no *Facebook* (ELLISON et al., 2007), reduzindo o valor da ferramenta para os usuários” (RECUERO, 2014, p. 123).

Penso que diferentes formas de apropriação podem gerar valores diferentes para as redes e para os atores que interagem em RSI, mesmo se tratando de redes sociais supostamente com perfis semelhantes. E o uso da língua(gem) nesse ambiente pode estar relacionado a outros sistemas complexos com os quais a língua(gem) se aninha, como o da preservação de face, como mencionado por Recuero (2014).

Neste capítulo, procurei evidenciar as abordagens que fundamentaram meu entendimento sobre as o uso da língua(gem), assim como as relações que podem estar

sendo estabelecidas entre os interagentes e a apropriação da RSI para geração de capital social.

Como foi ratificado pelos autores, todos os elementos em uma rede social estão inter-relacionados; as conexões são constituídas pelos laços sociais, que, por sua vez, são formados através da interação social entre os atores. A interação tem, por isso, um caráter social relacionado diretamente ao processo comunicativo, mas também à ideia de pertencimento. As interações são centrais neste estudo, porque são elas que manifestam os usos da língua(gem) pelos agentes do sistema e são elas também que evidenciam os laços sociais que são formados em virtude das possibilidades e restrições do *software Facebook* para geração de capital social. Acredito, por isso, que a mediação dessa tecnologia oferece novas formas de acumulação e acesso a recursos que, normalmente, não estariam acessíveis aos grupos e aos indivíduos nas relações do cotidiano.

O *Facebook*, como novo espaço de mediação da comunicação, pode gerar novas apropriações pelos atores, novas formas de obter e dividir valores. A apropriação da ferramenta pelos grupos é heterogênea, assim como são diversificados os grupos sociais. Além disso, essa apropriação pode mudar ao longo do tempo se mostrando dinâmica, por isso imprevisível.

As interações em *sites* de redes sociais podem evidenciar novas formas de expressão ou manter formas tradicionalmente ratificadas, veiculando discursos de diferentes naturezas, dependendo das condições iniciais que animam esse sistema complexo. Essas interações podem revelar também os laços sociais estabelecidos entre os membros dos grupos e os investimentos de cada indivíduo na rede para gerar capital social e desenvolver novas formas de sociabilidade, contribuindo para o estabelecimento de relações sociais institucionais menos hierárquicas.

No capítulo seguinte descrevo a metodologia que guiou o desenvolvimento dessa investigação.



## CAPÍTULO 2

### METODOLOGIA

Neste capítulo, apresento a metodologia de pesquisa utilizada no desenvolvimento desta investigação. Primeiramente, delinheio a base metodológica como sendo a pesquisa prioritariamente qualitativa de cunho interpretativista. Em seguida, discorro sobre a pesquisa qualitativa *on-line*, com base na etnografia virtual de Hine (2000). Na seção seguinte, descrevo o ambiente de pesquisa e, na sequência, os grupos participantes. Posteriormente, caracterizo metodologicamente esse estudo. E, por último, apresento os procedimentos de composição e análise dos dados.

#### 2.1 Bases da Proposta Metodológica

A base metodológica que proponho para esta investigação é a pesquisa prioritariamente qualitativa de cunho interpretativista. Dörnyei (2007) descreve a pesquisa qualitativa como aquela que envolve procedimentos de composição que resultam em dados primariamente abertos e não-numéricos que são, *a posteriori*, analisados por métodos não-estatísticos, ou seja, por métodos de base interpretativa.

De uma forma geral, a pesquisa qualitativa, descrita por Denzin e Lincoln (2006), é aquela que se desenvolve a partir de uma variedade de materiais empíricos - estudo de caso; experiência pessoal; introspecção; história de vida; entrevista; artefatos; textos e produções culturais; textos observacionais, históricos, interativos e visuais - que evidenciam as rotinas e problemas enfrentados pelos indivíduos em seus contextos sociais, no sentido de tentar entender e interpretar o objeto de análise da investigação.

A interpretação é a base metodológica da pesquisa qualitativa e é a adotada nesta investigação. Essa base metodológica qualitativo-interpretativista tem conduzido grande parte das pesquisas em L A. Para tanto, o pesquisador qualitativo parte do princípio de que “nossas afirmações funcionam dentro de concepções coletivamente mantidas acerca do mundo e sobre o modo como nos relacionamos com ele” (DE GRANDE, 2011, p. 13). Portanto, o envolvimento do pesquisador como agente da realidade investigada exige uma

capacidade de reflexão e de autocrítica e, ainda, preocupações intelectuais, filosóficas, técnicas, práticas e éticas para estar consciente das decisões tomadas, no sentido de entender seu objeto de estudo.

Contudo, vale ressaltar, como esclarecem Bogdan e Biklen (1984), que as abordagens qualitativas e quantitativas podem ser complementares e que em alguns estudos é até desejável. A utilização da estatística descritiva quando complementada com a interpretação dos dados de forma qualitativa é denominada de triangulação metodológica. Pedro Demo (2001) também defende que métodos quantitativos e qualitativos precisam ser tomados como complementares, já que qualidade e quantidade são faces diferenciadas do mesmo fenômeno. Nessa investigação, a composição e tabulação quantitativa dos dados foi necessária para a posterior análise qualitativa, portanto, os dados estatísticos não foram tomados como categorias de análise, eles serviram para evidenciar padrões, portanto foram importantes.

Por isso, posso afirmar que foi nos fundamentos metodológicos da pesquisa qualitativa que busquei recursos para desenvolver este estudo, visto que a realidade por mim investigada requereu um olhar interpretativo da complexidade do sistema observado. Segundo Ellis e Larsen-Freeman (2006), a realidade complexa compreende as interações ecológicas de muitos agentes, pessoas que querem se comunicar e um mundo a ser comunicado; no caso desta pesquisa, professores e alunos em contexto acadêmico interagindo por meio de um *site* de rede social. Dessa forma, a escolha da abordagem qualitativa pareceu-me a mais adequada para a composição de dados de natureza subjetiva em profundidade, tendo em vista que a análise parte das interações entre professores e alunos em grupos do *Facebook* e pressupõe o entendimento de muitos sistemas complexos aninhados, o da linguagem, o das redes sociais. Por meio da interpretação da complexidade desses sistemas é que busquei entender as práticas de língua(gem) e a apropriação da rede pelos participantes da pesquisa através de suas interações.

Outra questão importante em relação à minha escolha pela abordagem qualitativa, ressaltada por Denzin e Lincoln (2006, p. 21), é que a “pesquisa qualitativa é um campo interdisciplinar, transdisciplinar e, às vezes, contradisciplinar, que atravessa as humanidades, as ciências sociais e as ciências físicas. A pesquisa qualitativa tem um foco multiparadigmático”. Por isso, acredito ser a base metodológica adequada para entender a complexidade dos fatos humanos, dentre os quais a interação em redes sociais na *internet*.

Dentro da abordagem qualitativa enquadra-se a etnografia. O termo etnografia tem sido usado de maneira holística para se referir à “descrição da cultura de uma comunidade ou sociedade, entendendo-se por cultura o que as pessoas precisam saber ou fazer para serem aceitas como membros de uma dada comunidade” (REES; MELLO, 2011, p. 32).

Nunan (1992, p. 69) caracteriza a etnografia como sendo um estudo naturalista, não-manipulativo das especificidades de um grupo em seu contexto original, ou seja, sem intervenções laboratoriais e utilizando técnicas como a observação participativa ou não-participativa, entrevistas e diários para documentação sociocultural do comportamento dos participantes em seus ambientes naturais. Nunan (1992) ainda complementa essa visão, observando que a análise dos dados em estudos etnográficos é sempre qualitativa, mesmo se envolver alguma quantificação. Além disso, ela é descritiva, visto que descreve um fenômeno. Há, contudo, a possibilidade de se extrapolar essa dimensão para apresentar interpretações socioculturais dos dados coletados. As pesquisas etnográficas buscam a compreensão da sociedade sob o ponto de vista das pessoas que nela vivem. Para isso, não é suficiente fazer perguntas, é necessário observar o que as pessoas fazem, as ferramentas que utilizam e como se relacionam entre si. Por isso, minha inserção e interação nos grupos no *site* de rede social *Facebook* foi fundamental para experienciar todos os fenômenos interativos mediados por essa mídia digital.

Segundo Agar (2004), a etnografia é o tipo de pesquisa que o pesquisador deve conduzir se pretender investigar e teorizar o mundo social na perspectiva da complexidade. Adotar uma perspectiva complexa de pesquisa implica o reconhecimento de muitos elementos em interação que podem se auto-organizar e, por isso, devem ser observados numa dimensão holística.

Nesse sentido, Paiva e Rodrigues Júnior (2007, p. 59) afirmam que “a etnografia como lógica de investigação deve considerar cuidadosamente as complexidades dos eventos em análise, a fim de representar a realidade como um sistema complexo, dinâmico e principalmente imprevisível”. Esses autores ratificam que a metodologia etnográfica está em consonância com a ciência da complexidade, pois enfoca a observação e descrição de diversos níveis de sistemas adaptativos complexos aninhados, não perdendo a dimensão do todo.

Com o mundo contemporâneo em transformação, em processo de mudanças socioculturais sem precedentes, novos modelos de estudo da realidade foram propostos, inclusive os da realidade virtual, que pode ser entendida como algo mediado ou

potencializado pela tecnologia; produto da externalização de construções mentais em espaços de interação cibernéticos (SOUZA, s.d.).

Diante dessa crise e dos novos cenários de pesquisa como o *on-line*, Hine (2000) propõe uma alternativa de estudo etnográfico da rede, a etnografia virtual, essa metodologia aproxima-se do objeto de estudo desta pesquisa, por isso, passo a descrevê-la em seguida.

## 2.2 Pesquisa Qualitativa *on-line*: etnografia virtual

Segundo Varis (2014), a pesquisa etnográfica, sobre as práticas e comunicação *on-line* e as práticas *off-line* moldadas pela digitalização, tornou-se cada vez mais popular nos últimos anos, com a crescente influência e presença da *internet* na vida cotidiana. A autora afirma que esse tipo de pesquisa pode apresentar-se sob uma infinidade de formas, aparecendo em várias disciplinas e sob diferentes terminologias: como *webnografia*, *netnografia*, *etnografia digital*, *etnografia virtual*, dentre outras. O que há em comum entre todos os estudos é que eles incluem algum tipo de dado *on-line* e todos eles empregam (uma versão específica ou uma compreensão) a etnografia no processo de investigação.

Varis (2014) ratifica que é nesse aspecto que as semelhanças terminam, devido à diversidade do campo da pesquisa etnográfica sobre a cultura e as práticas digitais. A diversidade se apresenta devido aos vários tipos de dados e ambientes cobertos pela pesquisa sobre a comunicação digital como: *sites* de redes sociais, *blogs*, fóruns, ambientes de jogos, *sites* de relacionamento, *wikis*, etc. E, também devido ao que se entende por etnografia, pois ela que pode ser tratada de forma limitada, apenas como técnicas específicas ou métodos de coleta de dados (principalmente de observação e entrevistas), ou como uma abordagem epistemológica.

A pesquisa qualitativa *on-line* é uma abordagem que busca capturar a forma e a natureza das práticas comunicativas *on-line*. Essa abordagem metodológica investiga as práticas sociais na *internet* e o significado destas para os participantes. Permite um estudo detalhado das relações nos espaços virtuais, nos quais a *internet* é a interface cotidiana na vida das pessoas e lugar de encontro que permite a formação de comunidades, de grupos e a emergência de novas formas de sociabilidade.

Domínguez et. al. (2007) também afirmam que o rótulo de “etnografia virtual”

inclui uma ampla gama de abordagens metodológicas que visam responder às complexidades do objeto de pesquisa e às diferentes maneiras nas quais esse objeto foi construído. Etnógrafos virtuais, os etnógrafos da *internet* ou do ciberespaço, são confrontados com a necessidade de responder a questões muito prementes, tais como a forma de se utilizar os dados (texto, dados audiovisuais, etc.) em sua análise, ou como combinar investigação na frente da tela e no campo virtual. Na etnografia virtual, a mediação tecnológica está presente durante todo o processo etnográfico, tanto na observação participante como no registro e construção de dados.

Christine Hine (2000) foi uma das primeiras pesquisadoras a se dedicar a analisar as interações sociais em comunidades virtuais, problematizando a utilização do método etnográfico nesses ambientes. A autora propõe o entendimento da *internet* sob dois aspectos: como uma cultura e um artefato cultural. Na primeira perspectiva concebe-se que a *internet* representa um lugar, o ciberespaço, onde a cultura é constituída e reconstituída (HINE, 2000). Nesse sentido, a internet é “normalmente compreendida enquanto um espaço distinto do *off-line*” e os estudos que seguem essa perspectiva costumam enfocar “o contexto cultural dos fenômenos que ocorrem nas comunidades e/ou mundos virtuais” (RECUERO; FRAGOSO; AMARAL, 2011, p. 41). A segunda abordagem vê a *internet* como um produto da cultura: uma tecnologia que foi produzida por pessoas particulares com objetivos e prioridades situadas contextualmente (HINE, 2000). Tal ótica “favorece a percepção da rede como um elemento da cultura e não como uma entidade à parte, em uma perspectiva que se diferencia da anterior (...) pela integração dos âmbitos *on-line* e *off-line*” (RECUERO; FRAGOSO; AMARAL, 2011, p. 42). Hine (2000) propõe que se una as duas perspectivas para que o estudo seja mais abrangente.

Segundo Hine (2000), o ambiente de interação *on-line* cria novos comportamentos, hábitos, produções que são fruto da interação humana, que se constituem como uma cultura - a cultura da *internet*. Simultaneamente, a *internet* é um conjunto de programas que possibilitam diversos tipos de comunicação e troca de informação e relacionamentos, ou seja, é um produto da genialidade humana – um produto cultural. Esse imbricamento evidencia a complexidade desse ambiente e das interações que nele se estabelecem. Hine (2000) afirma, ainda, que a etnografia virtual deve ser entendida como exploração engajada, interativa e vivenciada da conectividade para entender as relações e processos que ocorrem nos ambientes virtuais. Entender como

é a cultura e, ao mesmo tempo, como as pessoas se apropriam do artefato cultural, a *internet*, é relevante para o linguista aplicado.

A autora (2000) observa que a *internet* pode ser vista como um espaço de interação social e um conjunto de textos e esses dois construtos são intrincados, visto que as interações sociais se materializam nas linguagens veiculadas na rede. Esses textos podem ser materiais etnográficos que irão apontar a compreensão que seus autores têm da realidade em que vivem. Hine (2000) propõe um estudo delimitado e situado da *internet*, mas não relacionado, como na etnografia tradicional, a lugares, a espaços físicos tentando entendê-los holisticamente. A autora propõe uma etnografia centrada na conectividade, vendo o campo de estudos como um campo de relações, que adquire sentido a partir de um contexto inicial. O campo da etnografia poderia converter-se em um estudo dos espaços em fluxos e estruturar-se ao redor das conexões sociais.

Na etnografia virtual, a mediação técnica é parte constitutiva da interação observada, não existe distância e transformação entre o comportamento e seu registro, já que ambos são formados de interações textuais. Acrescento que, além das interações textuais, o pesquisador deve ficar atento para outras marcas discursivas, outras semioses deixadas pelos usuários, que os ambientes *on-line* possibilitam.

Levei em conta os fundamentos da etnografia virtual de Hine (2000) pelo fato de a pesquisa ter sido ambientada em uma ferramenta de interação *on-line*, o *site* de rede social Facebook, mas na composição e tratamento dos dados de pesquisa levei em consideração o contexto que foi o acadêmico. Minha inserção e vivência nos grupos possibilitou que eu experienciasse as diferentes práticas de lingua(gem) no ambiente de interação, o *site* de rede social. Por essa razão, pelo fato de o ambiente de interação ser no ciberespaço, minha opção por basear-me na etnografia virtual.

### **2.3 Ambiente de composição de dados**

É importante discorrer sobre o *locus* de pesquisa, o ambiente onde se desenvolveu a pesquisa - o *site* de rede social (SRS) - *Facebook*. Antes, defino o que são *sites* de rede social. Segundo Boyd e Ellison (2007) SRS são aqueles que permitem: (1) a construção de um perfil público ou semi-público em uma determinada ferramenta; (2) a articulação de uma lista de conexões (também pública ou semi-pública) e (3) a possibilidade de ver e navegar nessas conexões disponibilizadas na mesma ferramenta

(BOYD; ELLISON, 2007)<sup>43</sup>.

No sentido de conhecer a ferramenta, busquei dados que descrevessem a história do *Facebook*. Segundo a enciclopédia virtual *Wikipedia*<sup>44</sup>, o *site* foi criado em fevereiro de 2004 por Mark Zuckerberg, um estudante norte-americano da Universidade de Harvard, nos Estados Unidos, para fins acadêmicos. Dustin Moskovitz, Chris Hughes e Eduardo Saverin foram co-fundadores do projeto, mas, devido a desentendimentos de gestão, venderam suas participações ao fundador principal. O desenvolvimento e crescimento da rede social foi estrondoso e, em menos de um ano, o *Facebook* saiu dos limites da Universidade de Harvard para alcançar mais de um milhão de usuários que estavam localizados em diversos países.

Segundo dados disponibilizados pelo portal de notícias da companhia, o *Facebook* tem 1,04 bilhões de usuários ativos diários; 934 milhões de usuários ativos diários que acessam a rede por celulares; 1,59 bilhões de usuários mensais ativos; 1,44 bilhões de usuários ativos mensais que acessam por celulares até 31 dezembro 2015<sup>45</sup>. Isso significa que um em cada sete habitantes do planeta tem um perfil cadastrado, ou seja, são potenciais usuários das linguagens neste universo; e o Brasil é o segundo país com o maior número de usuários do *Facebook*.

Como mencionado anteriormente, o *Facebook* é entendido como um *software on-line* hospedado em sítios na *internet* que possibilita a formação de redes sociais construídas por todos aqueles que têm conta no *site* (atores, que podem ser indivíduos, instituições, coletividades), que interagem (conexões, que são laços sociais formados pelas interações) por meio dele. O *Facebook* funciona por meio dos perfis dos atores e da interação que eles constroem a partir das mais variadas práticas de linguagens. Estudos como o de Steinfield et al. (2008) evidenciaram que o primeiro objetivo da rede foi a manutenção de contatos já estabelecidos *off-line*.

Portanto, o *Facebook* é um *software* que possibilita a formação da rede social, mas ele não é a rede social em si, pode-se dizer que ele media a rede de pessoas que se conectam. Recuero (2007, *on-line*) analisa muito bem esse tipo de *software* afirmando

---

<sup>43</sup> “We define social network sites as web-based services that allow individuals to (1) construct a public or semi-public profile within a bounded system, (2) articulate a list of other users with whom they share a connection, and (3) view and traverse their list of connections and those made by others within the system”.

<sup>44</sup> Dados disponíveis em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria\\_do\\_Facebook](https://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_do_Facebook)>. Acesso em: 01/02/16

<sup>45</sup> Esses dados foram coletados da *newsroom* do *Facebook* em 07 de março de 2016. Disponível em: <<http://newsroom.fb.com/company-info/>>.

que o sistema, sem o grupo, nada mais é do que um *site/software*. O grupo sem o software pode continuar a existir. O que não se pode confundir é sistema com comunidade ou que toda a rede ou todos os *sites* possuem um grupo social associado. É importante ressaltar também que nem todo o grupo social associado pode constituir uma comunidade virtual.

Algo importante a ser mencionado sobre esse *site* de rede social, ressaltado por Varis (2014), é que ele não significa uma coisa consistente ou estática para todos os grupos, mas sim uma construção ideológica da mídia e a maneira pela qual os usuários visualizam este meio em relação a outros meios de comunicação precisa ser investigada por significados e dotações locais.

Apresentado um histórico sobre *site* de rede social, descrevo as funcionalidades do *software*. Para começar a utilizar o *Facebook* e aderir à rede, o primeiro passo é criar um perfil pessoal ou página. A página é um perfil público, geralmente utilizado por empresas, organizações, pessoas públicas. A criação do perfil é central nos *sites* de redes sociais, porque representa a persona pública do usuário (BOYD, 2011). Os usuários do *Facebook* acreditam que são positivamente representados em seus perfis (LAMPE, et al., 2006).

**Figura 3:** Perfil de usuário do *Facebook* em 2015



Fonte: perfil pessoal da própria autora, 2014.

A imagem acima mostra meu perfil pessoal de usuária do *Facebook*, onde aparecem as informações que são públicas, como uma imagem maior (que pode ser uma



foto, figura, desenho, etc.), nesse caso, a foto de uma paisagem, e uma foto menor que me identifica como usuária (foto ou avatar do perfil). A capa ocupa um espaço maior e com maior destaque do que o espaço reservado para a foto do usuário (figura 3).

A função "grupos" do *Facebook* foi criada em outubro de 2010 com o objetivo de unir pessoas com objetivos comuns para a troca privada de informações. A ferramenta disponibiliza entre as suas funcionalidades um *chat* (bate-papo *on-line*); compartilhamento de postagens: textos, fotos/vídeos; além da possibilidade de criação de documentos. A configuração dos grupos pode ser fechada e ter a supervisão de um administrador, o que permite uma maior privacidade no compartilhamento de informações, já que apenas os membros têm acesso às postagens. Nos grupos, a função de notificações de novas postagens acontece da mesma forma em que se apresenta na *timeline*<sup>46</sup> do perfil pessoal. Isso quer dizer que quando um membro posta uma mensagem, comentário ou utiliza a opção "curtir", todos os demais usuários do grupo irão receber uma notificação. O grupo pode ser personalizado com uma foto de perfil, descrição de seus objetivos, álbum de fotos e documentos próprios do grupo.

A *timeline* passou a ser o formato oficial de perfil e página para a visualização do usuário e suas conexões. Nela todas as atividades realizadas são descritas cronologicamente. O usuário pode acrescentar atividades passadas também, como, por exemplo, adicionar informações sobre formação, evento em que participou e ilustrar isso com imagens. Na *timeline*, todas as informações podem ser editadas pelo usuário para serem públicas ou privadas, mas a capa é sempre pública.

---

<sup>46</sup> De acordo com Lima-Neto (2014, p. 86), em dezembro de 2011, o *Facebook* disponibilizou para uma parte de seus usuários um novo recurso que recria a interface: é a *Timeline*, ou Linha do tempo, que tem como finalidade mostrar, numa linha temporal, todos os momentos da vida de um usuário, sedimentando o que Hornick (2005) já propunha pelo menos seis anos antes: a transposição da vida real para o meio virtual por meio das RSI.

**Figura 4:** Imagem de grupo privado no *Facebook*

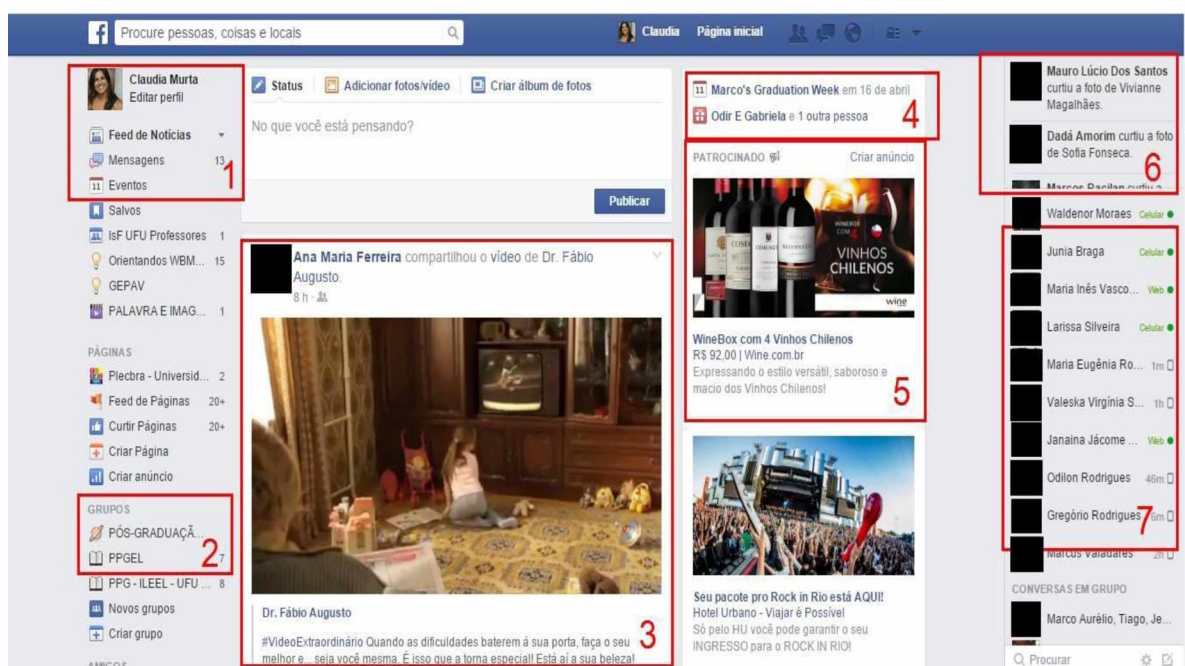


Fonte: Própria autora, 2015.

A figura (4) mostra a página de visualização do usuário ao inserir seu *login* e senha no site e abrir um determinado grupo no qual está inserido.

Na figura seguinte, sintetizo algumas funcionalidades importantes do *software*, que descrevo a seguir:

**Figura 5:** Página inicial do usuário do *Facebook* em 2015



Fonte: própria autora, 2015.

Em (1), há três links importantes e muito acessados pelo usuário: o “*feed* de notícias”, ou mural, que mostra as postagens mais recentes da rede de contatos apresentado por (3), que é um dos locais onde as interações podem ocorrer, pois uma postagem pode desencadear a auto-organização do sistema. O “*feed* de notícias” é uma lista atualizada em tempo real de todas as publicações das pessoas e/ou páginas as quais o usuário está conectado. O usuário que faz a publicação pode escolher o que vai alimentar o *feed* de notícias de seus amigos, tendo a opção de deixar informações restritas a um grupo de pessoas. A partir destas notícias, as conexões de uma página aumentam, já que é possível ver quando um(a) amigo(a) curtiu, comentou ou compartilhou alguma informação publicada pela página. As interações podem se estabelecer por meio de diversas linguagens, como a que aparece em (3) que relaciona imagem e texto escrito. Neste espaço, a pergunta no início da página é: “Escreva aqui o que você está pensando?” e, a partir desse mote, interações de variadas naturezas podem ocorrer, desde a replicação de memes<sup>47</sup> até complexas discussões político-ideológicas, que “podem surgir a partir de um comentário, assemelhando-se a um fórum de discussão; além de propagandas, aforismos, cumprimentos, convites e outros gêneros ainda sem denominação” (LIMA-NETO, 2014, p. 87).

Além do *feed* de notícias, o outro *link* disponível é o “mensagens”, nesse *locus* é onde o usuário pode interagir de forma privada com um amigo ou grupo de amigos, que tenha selecionado para interagir particularmente. E, por último, o *link* eventos (que aparece também em 1 e em 4), que mostra acontecimentos sociais aos quais o usuário é convidado a participar e tem as opções: participar/ não sei/ recusar. Esse *link* funciona como uma espécie de “agenda cultural” e é usado geralmente para a divulgação de eventos dessa natureza.

Em (2), aparecem os grupos nos quais o usuário é participante, como já mencionado anteriormente, mas a figura (5) mostra sua localização na página. Esta opção é uma forma de criação de comunidades de virtuais.

Além da agenda de eventos, (4) mostra os aniversariantes do dia e possíveis






---

<sup>47</sup> Segundo Recuero (2011) “a palavra meme foi usada pela primeira vez no livro “O Gene Egoísta”, de Richard Dawkins (1979). A proposta é que as ideias funcionam de modo análogo aos genes. Elas nos utilizam enquanto modo de evoluir e sobreviver. Assim, os memes são pedacinhos de informações, ideias, que são passadas adiante (e aqui está um dos pontos polêmicos da memética: somos meros hospedeiros dessas idéias, que “pulam” de cérebro a cérebro), recombina-se e transformam-se tentando sobreviver.” Para maiores informações, acesse: <[http://www.raquelrecuero.com/arquivos/sobre\\_memes\\_e\\_redes\\_sociais.html](http://www.raquelrecuero.com/arquivos/sobre_memes_e_redes_sociais.html)>.

mensagens não vistas, como solicitação de aplicativos em aberto. O item aniversariantes é uma forma de o *software* conectar as pessoas, lembrando-as de interagirem com seus amigos felicitando-os.

Uma forma de gerar dividendos financeiros ao *Facebook* são os anúncios que aparecem como “Patrocinado” à direita do navegador (5). No espaço (6) aparece uma ferramenta que foi criada pelo *Facebook* em setembro de 2011. Ela é uma barra de atualizações em tempo real de todas as ações dos amigos do usuário, inclusive se comentaram ou curtiram algo postado por outro usuário que não esteja entre os contatos do dono do perfil. É uma barra que notifica o usuário com uma mensagem curta, sendo necessário clicar em cima dela para ver a ação completa efetuada pelo amigo acerca das atividades que estão desenvolvendo no *Facebook* (LIMA-NETO, 2014).

Na imagem (7), aparecem os contatos que estão *on-line* (indicados com uma esfera verde à direita do nome) para bater papo naquele momento, por meio do *chat* do *Facebook*.

Para todas as publicações realizadas no site há três opções permanentes: curtir, comentar e compartilhar. Recentemente, a partir de 24 de fevereiro de 2016, o *Facebook* criou a possibilidade de os usuários adicionarem *emoticons*      <sup>48</sup>) além do “curtir”. Essas opções registram os fluxos interacionais do usuário em relação às postagens de seus amigos e também de seus comentários.

Nesta seção, apresentei o *site* de rede social *Facebook* como o todo, no qual se aninham os grupos, que foram focalizados nessa investigação. Embora não possa perder de vista a dimensão do todo, o *Facebook*, tenho que considerar que meu foco são os grupos acadêmicos. Por isso, penso ser necessário definir o que entendo por grupo.

Para tanto, encontrei em Braga (2007), que faz uma descrição detalhada dos referenciais que tratam desse tema, subsídios para uma melhor compreensão desse objeto. Braga (2007) busca em Lewin (1951) uma relação do conceito de grupo com a complexidade, afirmando que “as propriedades de um grupo são caracterizadas pelas relações entre as partes e não pelas partes ou elementos por si só” (LEWIN, 1951 *apud* BRAGA, 2007, p. 40). Isso significa que o que caracteriza um grupo são as interações

<sup>48</sup> O Facebook acrescentou as aplicações à opção de curtir na *timeline* do usuário em inglês, os cinco novos botões se chamavam: “Love”, “Haha”, “Wow”, “Sad” e “Angry”. No Brasil, as “reações” passarão a ser “Amei”, “Haha”, “Uau”, “Triste” e “Grr”, respectivamente. Essas novas aplicações foram lançadas no dia 24 de fevereiro de 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2016/02/botoes-alternativos-do-facebook-geram-memes-e-piadas-na-web.html>>. Acesso em: 03 de setembro de 2015.

entre seus participantes, com base em alguma finalidade específica. Ainda, Braga afirma que o autor “já previa o comportamento de um grupo como uma função do grupo e do seu ambiente e não, meramente, a soma de características e comportamentos dos integrantes de um grupo” (LEWIN, 1951 *apud* BRAGA, 2007, p. 40), o que evidencia o caráter complexo dessa formação social.

Braga (2007) destaca o trabalho de Lewin por dar ênfase à questão da aprendizagem, foco da tese da autora, que versa sobre a formação de comunidades de aprendizagem. A pesquisa desenvolvida por Lewin (1951) mostra que a aprendizagem é desenvolvida de forma mais produtiva em grupos nos quais os integrantes interagem e refletem sobre suas experiências mútuas.

Diante disso, sob análise da complexidade, Braga (2007) cita alguns critérios para determinar o quão agrupado está um sistema de relações:

a) se as pessoas envolvidas se consideram integrantes do grupo; b) se os integrantes de um grupo reconhecem um ao outro como integrante e se conseguem distinguir os integrantes que não pertencem ao grupo; c) se os integrantes se sentem ligados aos outros membros do grupo e ao projeto do grupo; d) se os integrantes coordenam seu comportamento em prol de projetos coletivos; e) se os integrantes coordenam o uso de instrumentos compartilhados, conhecimento e outros recursos; f) se os integrantes compartilham resultados coletivos (tanto honras quanto custos) com base em sua atividade interdependente no grupo (BRAGA, 2007, p. 40).

Esses critérios devem ser levados em conta ao se caracterizar um grupo. Braga (2007, p. 40) citando Arrow, Macgrath e Berdahl (2000) afirma que

os grupos influenciam seus integrantes, gerenciam conflitos, processam informações, auxiliam na aprendizagem e auto-realização. Além disso, os grupos e seus integrantes têm intenções e objetivos, alguns desses objetivos e intenções são designados aos grupos, outros, gerados pelos próprios grupos.

Segundo Braga (2007), é unanimidade entre os autores, como Lewin (1951), Johnson, Johnson (1982) e Arrow, Macgrath, Berdahl (2000), que as interações e a interdependência entre os integrantes do grupo são o que o mantém ativo e cumprindo suas funções. Nas palavras de Braga (2007, p. 40), “essas considerações que preveem a interação entre elementos ou agentes e a constante ação e reação dos mesmos, nos remetem ao conceito de sistema”.

Braga (2007, p. 40-41) veicula uma definição de grupo proposta por Luft (1984,

p. 2), que retrata seu caráter sistêmico, descrevendo-o como

[u]m sistema vivo, auto-regulador através da percepção e da interação compartilhada, do sentir e do feedback e através da troca com o meio ambiente. Cada grupo tem qualidades, especiais e únicas, de integridade que se tornam padronizadas pela maneira de pensar, comunicar e sentir dos membros em subsistemas estruturados. O grupo encontra um modo de manter o equilíbrio enquanto se movimenta através de mudanças progressivas, criando suas próprias diretrizes e regras e indo em busca de seus próprios objetivos por meio de ciclos recorrentes de comportamento independente.

Entendo que, dadas as características elencadas pelos autores acerca de grupos e as transformações que o ciberespaço tem propiciado na vida humana, posso relacionar a formação desses grupos ao desenvolvimento de comunidades virtuais. Rheingold (1995, p. 20) foi quem primeiro definiu o termo “comunidade virtual”, como sendo:

as comunidades virtuais são agregados sociais que surgem da Rede [internet], quando uma quantidade suficiente de gente leva adiante essas discussões públicas durante um tempo suficiente, com suficientes sentimentos humanos, para formar redes de relações pessoais no ciberespaço<sup>49</sup>.

Recuero (*on-line*)<sup>50</sup> salienta que o conceito de comunidade virtual “é uma tentativa de explicar os agrupamentos sociais surgidos no ciberespaço. Trata-se de uma forma de tentar entender a mudança da sociabilidade, caracterizada pela existência de um grupo social que interage através da comunicação mediada pelo computador”.

Parreiras (2005), citando Palácios (1996), afirma que a noção de comunidade é uma invenção da modernidade que fez emergirem novas formas de organização social. Segundo o autor,

uma comunidade ideal organiza-se em torno de um sentido de pertencimento, o que lhe garante: um caráter corporativo, a existência de um projeto comum, um caráter de permanência em oposição à efemeridade, uma territorialidade e uma forma própria de comunicação, tendendo para a institucionalização dessa comunidade ideal. Sob essa perspectiva, as comunidades digitais que envolvem CMC são exemplos da complexidade dessas redes devido à inversão dos valores mencionados para o modelo de comunidade ideal (PARREIRAS, 2005, p. 101)

<sup>49</sup> “Virtual communities are social aggregations that emerge from the Net when enough people carry on those public discussions long enough, with sufficient human feeling, to form webs of personal relationships in cyberspace”.

<sup>50</sup> Disponível em: <<http://docplayer.com.br/212891-Comunidades-em-redes-sociais-na-internet-um-estudo-de-caso-dos-fotologs-brasileiros.html>>. Acesso em: 29 de março de 2016.

O conceito de comunidade virtual é amplo, pois abarca diferentes grupos que se relacionam segundo diferentes tipos de laços sociais. Rheingold (1995) salienta o compromisso do grupo a partir de laços fortes que unem pessoas com objetivos comuns. Já Wellman (1997) relaciona que diversos tipos de relações estão sendo construídas no ciberespaço, inclusive agrupamentos mais fluidos, que possuem laços sociais mais fracos e amplos.

De acordo com Recuero (*on-line*)<sup>51</sup>, o estudo das comunidades em redes sociais está diretamente ligado à análise dos laços sociais construídos pelas interações entre os atores que constituem esses laços e pelo capital social produto do mesmo. É somente a partir da análise que se percebe o conteúdo constituído como característico das estruturas de *cluster*<sup>52</sup>. Foi a partir das ideias apresentadas sobre grupos e comunidades virtuais descritas pelos autores citados, que construí meu entendimento acerca dos grupos de professores e alunos que se relacionam em contexto acadêmico no *site* de rede social *Facebook*, mas sem perder de vista a ideia da rede como um todo. E também sem perder de vista que o contexto da investigação é o acadêmico que se ambienta em uma ferramenta digital o *site* de rede social *Facebook*. O Facebook nesta pesquisa não foi o contexto de interação, mas sim o ambiente digital que, ao mediar as interações, pode absorver, reconfigurar os vários contextos de uso da língua(gem), pois contexto e ambiente se interfundem mutuamente.

Em relação às funcionalidades do *site* descritas anteriormente, o *Facebook* apresenta inúmeras outras ferramentas que não serão exploradas neste trabalho, como jogos e outros aplicativos, que tornam a rede uma verdadeira “caixa de ferramentas”. Meu foco foi nos itens descritos, as postagens, os comentários e nas ações de curtir, compartilhar e visualizar, pois é por meio desses movimentos discursivos que poderei evidenciar as práticas de língua(gem) manifestadas nas interações e perceber as formas de geração de capital social.

---

<sup>51</sup> Link para acesso à página *on-line* na nota de rodapé anterior, a de número 11.

<sup>52</sup> Este termo já foi explicado na fundamentação teórica.



## 2.4 Participantes da pesquisa

Os participantes da pesquisa foram professores e alunos de cursos de graduação e pós-graduação da área de Letras e Linguística, de três universidades que aceitaram participar da pesquisa e que mantêm grupos fechados, secretos e públicos na rede social *Facebook*. Fui participante de todos os grupos.

Seguindo as sugestões de Mann e Stewart (2000) e exigências do Conselho de Ética e Pesquisa, redigi um formulário de consentimento livre e esclarecido (APÊNDICE A), que foi desenvolvido no *Google Forms* e enviado via *Facebook* aos grupos para conseguir a permissão dos participantes para a utilização de suas interações para fins de pesquisa. Os dados utilizados foram os fornecidos pelos participantes que responderam ao formulário consentindo sobre a utilização de suas interações nos grupos. Ao selecionar as amostras das interações tomei o cuidado de analisar aquelas cujos participantes consentiram e aceitaram o termo de consentimento livre e esclarecido, fornecendo os dados e preservando suas identidades. Ao usar as postagens, comentários e demais interações dos participantes em excertos para discussão, apaguei qualquer imagem ou nome que levasse à identificação do participante.

Quanto à delimitação do número de participantes, foram cinco (5) grupos de alunos e professores de cursos de graduação e pós-graduação de três universidades, em um total de trezentos e oitenta e quatro (384) participantes, entre professores e alunos de graduação, de mestrado e doutorado, dentre dos quais me incluo. Contudo, é importante salientar que os dados utilizados não são de todos os participantes (384). Esse é o universo de pesquisa, as amostras que utilizei foram de dados representativos das propriedades dos SAC, sem identificar os interagentes.

Identifiquei cada grupo por uma letra do alfabeto e o número respectivo de participantes, ficando da seguinte forma:

Grupo A – 25 membros (houve alteração no número de participantes, devido à rotatividade de integrantes no programa)

Grupo B – 8 membros

Grupo C – 320 membros (o número de participantes está em constante alteração)

Grupo D – 10 membros

Grupo E – 17 membros

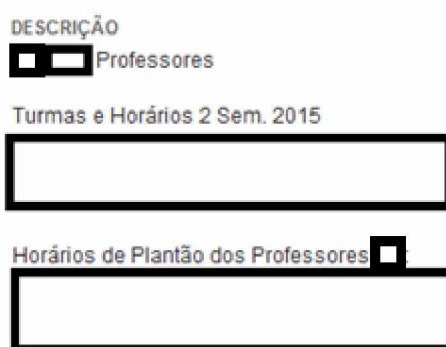


Descrevo brevemente, a seguir, cada um dos grupos no sentido de delinear suas características fundamentais, sua identidade.

O grupo que denomino de A é composto por professores em formação da área de Letras/Inglês e seus coordenadores que atuam em um programa de ensino de língua inglesa implementado em universidades. Esse grupo tem um total de 25 integrantes (sou participante/observadora em todos os grupos), dentre os quais três (3) são administradores. É um grupo **secreto**, o que quer dizer que somente os membros podem encontrar e ver as publicações do grupo. Ele foi criado com o intuito de facilitar a comunicação entre os integrantes desse programa que, em sua maioria, é constituído por professores de língua inglesa em formação e em pós-graduação, alunos de mestrado e doutorado de uma universidade. Os participantes não são fixos, ou seja, entram e saem integrantes do grupo, devido à demanda por professores, ao término de contrato das bolsas e a fatores particulares que levam os participantes a se desligarem do programa e do grupo no *Facebook*.

Não há uma descrição propriamente dita na *timeline* do grupo. No local destinado para esse fim é exibido o nome do grupo com horários de turmas e plantões, como mostra a figura a seguir:

**Figura 5:** Descrição do grupo A



Fonte: grupo do *Facebook*, 2016.

O grupo denominado B é composto por um professor e seus orientandos de pós-graduação em Estudos Linguísticos de uma universidade. O grupo é composto por oito (8) participantes, sendo três (3) alunos de doutorado, quatro (4) de mestrado e o professor orientador. É um grupo **fechado**, o que significa que qualquer pessoa pode encontrar o

grupo e ver quem está nele, mas somente membros podem ver as publicações. A descrição dada pelo orientador para o grupo é a seguinte:

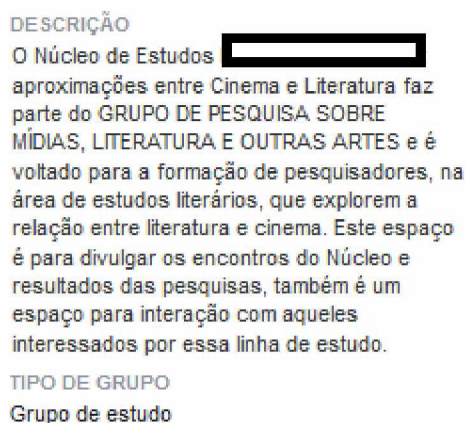
**Figura 7:** descrição do grupo B



Fonte: grupo do Facebook, 2016.

O grupo denominado C é um grupo **público**, que é aquele em que qualquer pessoa da rede pode ver os membros e publicações do grupo. Ele foi criado por um professor de pós-graduação em Letras, com foco na Literatura e no Cinema. Por ser um grupo aberto, ele tem o maior número de participantes, que se altera constantemente devido à essa característica. A descrição elaborada pelo administrador do grupo é a seguinte:

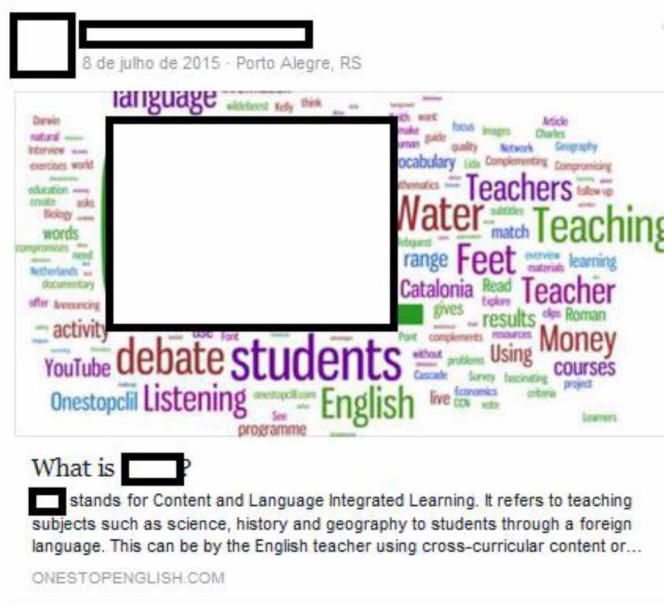
**Figura 8:** descrição do grupo C



Fonte: grupo do Facebook, 2016.

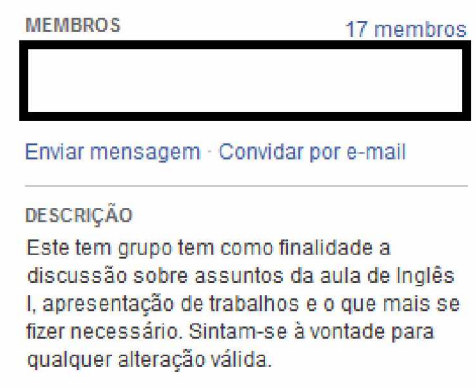
Outro grupo é o denominado D, composto por um professor e seus alunos de pós-graduação em Estudos Linguísticos, em um total de dez (10) participantes; é também um grupo **secreto**. Procurando uma descrição do grupo, no local destinado para esse fim na *timeline*, não encontrei nenhuma, mas olhando as postagens do grupo, reconheci uma que identifica o nome dado ao grupo. A postagem é um hipertexto, postado por uma das participantes, formado por uma nuvem de palavras em um *hiperlink*, que reporta o participante para uma página da *internet* que é um *site* administrado pela editora Macmillan e que traz informações precisas (em língua inglesa) sobre o que é a sigla dada como nome ao grupo.

**Figura 9:** Postagem com definição do termo nome do grupo



Fonte: grupo do *Facebook*, 2016.

Finalmente, o grupo E formado por um professor e seus alunos de graduação em Letras/Inglês de uma universidade; é um grupo **fechado**; tem dezessete (17) membros. Seus objetivos são descritos como mostra a figura a seguir:

**Figura 10:** Descrição do grupo E

Fonte: grupo do *Facebook*, 2016.

Baseando-me no conceito de complexidade já exposto, que se refere a diferentes partes constituintes inseparavelmente associadas (MORIN, 2007), afirmo que qualquer grupo no *Facebook* é complexo, já que é um ambiente de interação composto de diferentes agentes (professores e alunos), por várias ferramentas de interação (*posts*, comentários, curtidas com *emoticons*, *chat*, etc.) que materializam diferentes usos da linguagem em suas multimodalidades. Entretanto, o sistema complexo que me interessa nessa investigação é o sistema de interações que se materializa no uso da língua(gem).

As condições iniciais desses sistemas complexos são determinadas pelos propósitos estabelecidos pelos professores e administradores dos grupos; ou seja, pelos objetivos das interações entre os participantes dos grupos, como apresentado na descrição de cada um deles, contudo, como sistema complexo, ao longo de sua existência e dinâmica, outros objetivos e propósitos podem emergir, (re)configurando as interações, assim como as língua(gens) em uso. Vale salientar que alguns dos grupos encontram-se em plena dinâmica de interação, ou seja, estão em constante fluxo de interações, já outros grupos não interagem mais, devido ao fato de as disciplinas às quais eles estavam ligados terem finalizado. Contudo, a existência dos grupos (já que os administradores não os exluíram) sem interações deve ter algum sentido simbólico para os participantes e também é fonte de recursos para seus membros. Ainda assim, é possível analisar o fluxo e o dinamismo do sistema enquanto esteve em uso, observando as postagens, comentários e demais ações dos participantes em suas interações. Essa é uma das grandes vantagens de dados digitais, sua permanência no ciberespaço.

## 2.5 Caracterização metodológica da pesquisa

Um dos fatores que viabilizou o desenvolvimento desta pesquisa foi minha inserção nos grupos investigados na rede social *Facebook*, para que pudesse observar e vivenciar as interações entre professores e alunos, entendendo como esses grupos se apropriam da rede sob o olhar do Paradigma da Complexidade. Por isso, me vali da observação participante *on-line*, focando principalmente a língua(gem) em uso e as ações manifestadas pelas pessoas dos grupos analisados no ambiente virtual.

Quanto aos objetivos de pesquisa, trata-se de uma pesquisa descritiva, ou seja, aquela em que o pesquisador tem a preocupação de observar, registrar, analisar e relacionar fatos ou fenômenos. Nesse tipo de pesquisa, é comum a ideia de neutralidade do pesquisador, no sentido de descobrir, com a melhor precisão possível, a frequência com que um fenômeno ocorre, sua relação e conexão com outros, sua natureza e suas características. Entretanto, entendo que essa suposta neutralidade é ilusória, visto que o pesquisador é um sujeito de seu tempo, que tem sua interpretação da realidade social, dos acontecimentos humanos históricos que estabelecem relações entre si, constituindo, assim, uma teia de interações, sob um viés ideológico.

Em relação à natureza da pesquisa, ela pode ser classificada como aplicada, pois visa gerar conhecimento para melhor compreensão do uso das redes sociais em contextos específicos, como o acadêmico.

Quanto aos procedimentos técnicos, a interpretação dos fenômenos linguísticos e não linguísticos e a atribuição de significados a tais fenômenos são a base desta pesquisa de caráter qualitativo, embora dados quantitativos tenham sido arrolados para discussão. Os dados foram analisados indutivamente por mim, sendo o processo e o seu significado os focos principais. Procurei identificar as ações e reações dos agentes do sistema. A visão que tive como pesquisadora e participante dessa cultura e desse artefato cultural é a que prevaleceu na pesquisa.

Como instrumentos de composição de dados, vali-me das observações *on-line* das postagens e ações (visualizar, curtir, comentar, compartilhar) desenvolvidas pelos participantes dos grupos, compondo amostras representativas dos padrões de uso da língua(gem) e das interações mantidas nos grupos, para tanto me pautei nas propriedades dos SAC. Para analisar as interações dos participantes, observei suas postagens nos grupos, seus comentários e seu comportamento em relação às postagens dos colegas, que

seriam as ações de curtir, compartilhar e também visualizar, porque, segundo Herring (2004), as pessoas estão se comportando na rede num sentido performativo, elas "fazem coisas" *on-line*. A mesma autora afirma que as pessoas estão se envolvendo em atividades socialmente significativas *on-line* e deixando traços multimodais, tornando as interações mais acessíveis ao escrutínio e reflexão dos pesquisadores. Esse fato possibilitou a composição dos dados que permanecem na ferramenta, mesmo nos grupos que se encontram sem fluxos de interação.

## 2.6 Procedimentos de composição e análise de dados

Varis (2014) atesta que a digitalização e as comunicações *on-line* fornecem aos pesquisadores oportunidades sem precedentes para acessar e examinar repertórios comunicativos das pessoas - as complexidades 'global', 'local' e 'translocal'. As maneiras pelas quais as pessoas fazem circular (globalmente) materiais semióticos, que fazem parte de seus próprios repertórios comunicativos, podem ser escrutinados com maior facilidade, já que tudo pode ser rastreado *on-line*. Varis (2014) declara que a pesquisa da comunicação mediada por computador (CMC) inicialmente era centrada no estudo das "coisas", ou seja, dos textos, mas que a atual é voltada para o estudo de "ações" contextualizadas, isso quer dizer o estudo de textos e das práticas culturais. Foi esse o foco que busquei nessa investigação, estudar as ações e as interações dos participantes nos grupos do *Facebook*.

Para evidenciar a dinâmica dos grupos, os fluxos interacionais, e organizar os dados, no sentido de facilitar a observação, pensei em utilizar algum *software* de visualização de rede, cujo uso é muito comum em trabalhos de análise estrutural de redes sociais. O objetivo do uso desses *softwares* é apresentar uma imagem das conexões estabelecidas entre os atores da rede, o que ajuda na análise e no entendimento do processo de percepção dos laços da rede social. A imagem a seguir é um exemplo de visualização de rede, recorrente em análises estruturais de redes sociais.



**Figura 10:** Mapa de rede social na *internet*



Fonte: Recuero (*on-line*)<sup>53</sup>.

A imagem mostrada, gerada a partir de um *software* de visualização de rede social, como o *NodeXL*, é a que eu imaginava criar para cada um dos grupos pesquisados em momentos distintos. Mas, para minha surpresa, ao investigar sobre a existência de *softwares* para o desenvolvimento de tal tarefa, Recuero (*on-line*)<sup>54</sup> esclarece que o *site Facebook* não dispõe de recursos para monitorar indivíduos ou grupos e nem permite que se use *softwares* (conhecidos como *crawlers*) para coletar dados dos mesmos, devido ao seu Termo de Uso de Serviços - TOS (*Terms of Service*) que veda a coleta de informações de perfis e grupos por ferir o anonimato dos usuários. De acordo com a autora, a maioria dos *sites* de redes sociais proíbe o uso dessas ferramentas e banem contas que tenham sistemas assim associados.

O *site Facebook*, contudo, dispõe de um mecanismo de informações sobre páginas, que são perfis públicos, como o mostrado na figura a seguir.

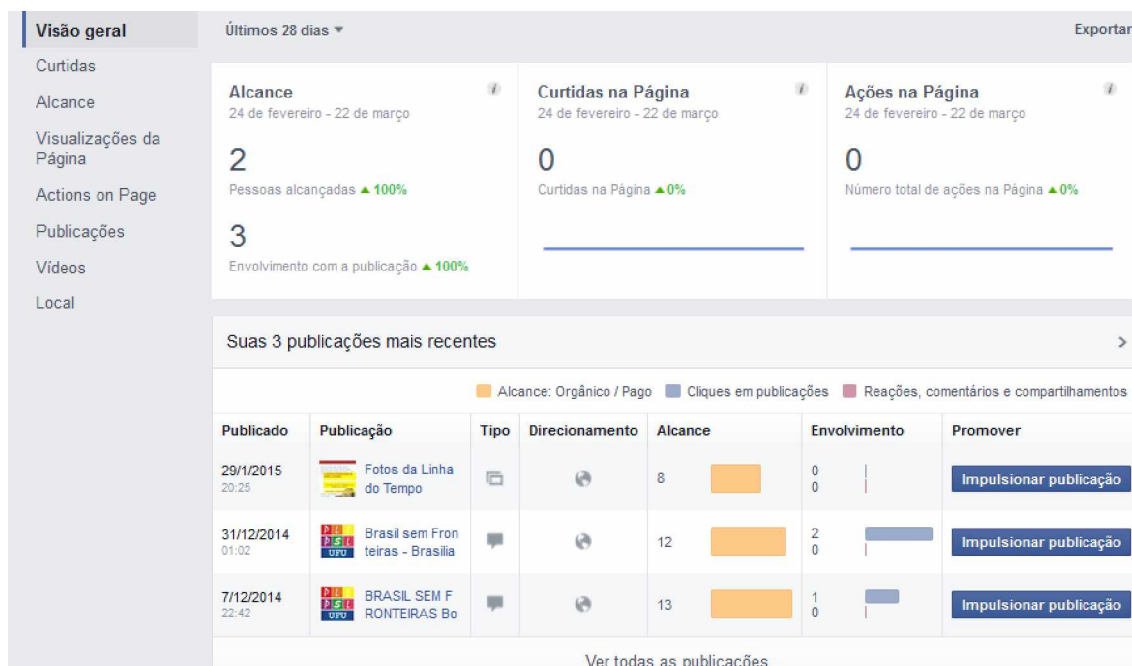
<sup>53</sup>

Disponível

em:

<[http://www.raquelrecuero.com/arquivos/mapeando\\_redes\\_sociais\\_na\\_internet\\_softwares.html](http://www.raquelrecuero.com/arquivos/mapeando_redes_sociais_na_internet_softwares.html)>. Acesso em: 03 de setembro de 2015.

<sup>54</sup> Link para acesso à página *on-line* na nota de rodapé anterior, a de número 58.

**Figura 12:** Informações sobre página do *Facebook*

Fonte: Página do *Facebook* administrada pela autora da tese, 2016.

A figura 11 mostra uma página do *Facebook* que administro, nela podem ser vistos dados como: o alcance, as curtidas, o envolvimento e ações para cada publicação, informações valiosas para o monitoramento da dinâmica e visibilidade da página na rede (a minha está ☺). Informações desse tipo poderiam revelar a dinâmica dos grupos e ajudaria em meu trabalho de análise, mas não pude contar com essa facilidade. Por isso, segui recomendação de Recuero (*on-line*)<sup>55</sup>, que afirma que a melhor estratégia para compor dados de redes como o *Facebook*, seria criar um aplicativo ou coletar os dados manualmente. O último procedimento foi o utilizado por mim.

Para compor os dados manualmente, primeiramente selecionei as postagens dos grupos para conhecer nas interações mantidas os usos da linguagem e os laços sociais manifestados nos grupos, tentando reconhecer algum padrão. Para tanto, criei uma planilha de interações com os seguintes itens, como a mostrada a seguir:

- a) quem postou; (esse dado foi relevante para conhecer os dinamizadores do sistema)
- b) que tipo de postagem – procurei identificar: multimodalidades de linguagens (texto, imagem, vídeo), predomínio de tipo de linguagens (*internet*, acadêmica);
- c) quantos visualizaram;

<sup>55</sup> Link para acesso à página *on-line* na nota de rodapé anterior, a de número 59.



- d) quantos curtiram;
- e) quantos compartilharam;
- f) quantos comentaram;
- g) qual foi o conteúdo do comentário – nesse item fiz uma categorização genérica com os seguintes itens: conversa (C), resposta ao post (R), comentário crítico (CC), pedido de ajuda (PA), orientações pedagógicas (OP), comentário de apoio (CA), *hiperlink* (H).

Essa categorização serviu para que não tivesse que compilar cada um dos comentários e tentar encontrar padrões, embora ressalte que a lista não se esgotou nesses itens, e retornei ao *site* no momento da análise para ter uma visão global do contexto. É bom ressaltar que no grupo C, que possui trezentos e vinte (320) membros (no primeiro momento de coleta), não foi possível verificar quantos visualizaram as postagens, pois, de acordo com a central de ajuda do site *Facebook*<sup>56</sup>, as mensagens e publicações em grupos com menos de duzentas e cinquenta (250) pessoas são marcadas como "vistas", depois que os membros do grupo as visualizaram. Se o seu grupo atingir ou ultrapassar duzentos e cinquenta (250) membros, não será mais possível ver quem visualizou mensagens e publicações.

O procedimento de selecionar as interações dos participantes dos grupos serviu para que pudesse atingir meus dois primeiros objetivos específicos:

- 1) evidenciar as características dos SACs que se manifestam nas interações entre professores e alunos no contexto acadêmico em grupos na rede social *Facebook*;
- 2) Analisar a emergência de padrões de linguagens em uso nas interação entre os membros dos grupos investigados.

Baseada nas ações dos participantes (visualizar, curtir, comentar, compartilhar), que foram coletadas quantitativamente, analisei os laços sociais desenvolvidos entre os membros dos grupos, tendo como premissa que todas as interações nos grupos do *Facebook* são interações mútuas (PRIMO, 2003). A partir das ações dos membros nos grupos, tentei interpretar o investimento na interação por meio das postagens, curtidas, visualizações e compartilhamento de postagens e o valor gerado em nuances de interação mútua de forma complexa. Isso quer dizer que levei em consideração que a interação produz um processo global que é diferente da somas das ações individuais, ou seja, os laços estabelecidos entre os agentes do sistema de forma individual podem fazer emergir

---

<sup>56</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/help/409719555736128>>. Acesso em: 02 de dezembro de 2015.

um todo qualitativamente diferente. Esse procedimento foi fundamental para alcançar meu terceiro objetivo específico:

3- Entender o capital social gerado em cada grupo ao se apropriar da rede social *Facebook* no contexto da academia a partir das interações nos grupos.

A identificação das ações (visualizar, curtir, comentar, compartilhar) dos participantes a cada postagem teve como objetivo, não o de identificar o fluxo de interações para retratar os nós interacionais entre os participantes, como feito por Parreiras (2005), mas sim analisar o que denomino de nuances de interação mútua para entender as relações estabelecidas nos grupos, os laços sociais (fortes e fracos) na rede. Para tanto, embasei-me em Recuero (2014), já citada na fundamentação teórica, sobre o uso das ferramentas do *Facebook* acima citadas, relacionando-as à geração de capital social na rede. Segundo Recuero (2014), essas opções são uma forma de os usuários tomarem parte na conversação no *Facebook*, de maneira simbólica, e, consequentemente, gerar algum tipo de capital social.

Para fundamentar minhas análises, acredito ser importante lembrar as diretrizes que guiam a pesquisa de Sistemas Adaptativos Complexos (SAC) apresentadas por Larsen-Freeman e Cameron (2008, p. 230), que serviram de pano de fundo para as discussões que teço no capítulo seguinte. De acordo com as autoras, em uma análise complexa é importante:

- Focalizar um determinado aspecto do sistema complexo, não significa deixar de observar os demais aspectos como o contexto. É a perspectiva da figura e fundo, ora focalizamos o primeiro plano do sistema, ora o plano de fundo. Foi minha intenção focalizar os grupos, mas sem perder de vista sua relação com o ambiente mais amplo da rede, as interações nos perfis pessoais de alguns participantes.

- As condições iniciais do sistema complexo são importantes, verificar o estado do sistema como um todo quando começamos a observá-lo. Levei em consideração que os grupos no *site* de redes sociais *Facebook* é um sistema relacionado a outros sistemas aninhados que são a academia, a própria *internet*, a identidade dos participantes e que por isso estão imbricados, o que configura as condições iniciais de pesquisa.

- Dada a abertura do sistema, a dinâmica é de entrada e saída; há fluxos dinâmicos. As interações entre os sistemas imbricados é o que pode gerar perturbação e emergência nos grupos, a linguagem da *internet*, a acadêmica, a multimodalidade.

- É importante observar: a co-adaptação entre sistemas ligados; os padrões de

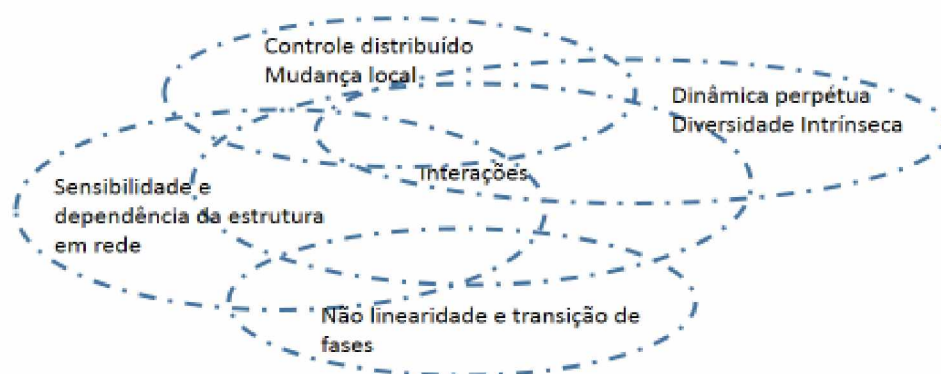
emergência de estabilidade e variabilidade em torno da estabilidade; os pontos de mudança ou transição, quando o sistema muda de um comportamento para outro. A observação dos pontos de bifurcação nas interações, os atratores que agem no sistema são importantes para entender os padrões.

- Entender a dinâmica do sistema complexo, todas as possíveis influências que possam afetar o comportamento do sistema precisam ser consideradas. Atentar para as pequenas coisas. Atentar para os dinamizadores do sistema que podem levar à emergência de padrões importantes.

Para a primeira parte das análises, busquei relacionar as características da língua(gem) como Sistema Adaptativo Complexo propostas pelo *Five Graces Group*, já apresentadas na fundamentação teórica deste estudo, na rodagem dos dados a partir dos procedimentos descritos na caracterização da pesquisa. Isso quer dizer que minha análise foi norteada por algumas das propriedades dos SAC elencadas pelo *Five Graces Group* (2009) no sentido de entender as interações, a linguagem em uso.

A figura a seguir apresenta as características do SAC que serviram de categorias de análise nessa investigação.

**Figura 13:** Matriz de análise das interações segundo *Five Graces Group* (2009)

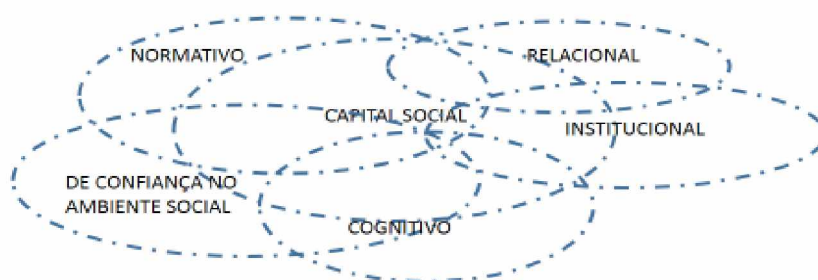


Fonte: a própria autora, 2015.

Minha intenção ao criar essa imagem como categorias de análise foi a de tentar mostrar a complexidade presente no sistema de interações. As linhas pontilhadas e imbricadas representam a abertura do sistema, ou seja, as condições mudam dada a dinâmica perpétua de entrada e saída de energia n(d)o sistema e a interação entre as propriedades. Os produtos são produtores do processo recursivamente. As características da língua(gem) como SAC serviram de ponto de partida para as análises das interações; lembrando que, numa perspectiva complexa, outros sistemas estão interconectados ao sistema observado e, por isso, podem influenciar as interações. A partir das características da língua(gem) como SAC, procurei entender como são as linguagens em uso manifestadas nas interações entre professores e alunos em contexto acadêmico no *site* de rede social *Facebook*.

Na segunda parte das análises, na qual procuro entender como os agentes se apropriam e geram capital social na rede, tomei como categorias de análise os tipos de capital social elencados por Bertolini e Bravo (2004). São elas:

**Figura 14:** Matriz de análise do capital social segundo Bertolini e Bravo (2004)



Fonte: a própria autora, 2016

Tomo como categorias de análise os tipos de capital social preconizados por Bertolini e Bravo (2004), que dizem respeito aos benefícios gerados nas interações

entre os participantes dos grupos que podem ser usufruídos individualmente (capital social de primeiro nível) e aqueles que beneficiam o grupo como um todo (capital social de segundo nível). O capital social que beneficia o indivíduo são: o relacional, que tem a ver com os benefícios advindos das relações estabelecidas; o normativo, que se relaciona às normas de comportamento internalizadas por pertencer a determinado grupo; o cognitivo, que são as informações e conhecimentos adquiridos por meio das interações. O capital social que beneficia o grupo são: o institucional, que confere valor institucional formal e informal ao grupo; o de confiança no ambiente social, que tem a ver com a confiança depositada no ambiente de interação. Procurei entender o capital social gerado nas apropriações do *Facebook* nas interações entre professores e alunos em contexto acadêmico a partir dessas categorias para compreender os benefícios que os participantes podem ter nessas interações.

Apresentada a metodologia de pesquisa proposta para esta investigação, passo a seguir a analisar as interações entre professores e alunos em grupos no *site* de rede social *Facebook*.

## CAPÍTULO 3

### ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Neste capítulo, analiso as interações entre professores e alunos participantes de grupos do *site* de rede social *Facebook*, materializadas pela língua(gem) em uso à luz do Paradigma da Complexidade, no sentido de entender as apropriações que os grupos fazem desse *site* de rede social e o capital social que geram a partir dessas apropriações.

As condições iniciais das interações neste ambiente foram marcadas pela criação dos grupos e inserção dos participantes, pelos objetivos propostos por seus administradores e pelos mecanismos de participação na rede social. Essas condições foram e continuam sendo adaptadas ao longo do tempo à medida que os participantes interagem e se apropriam da ferramenta.

É importante salientar que esses grupos não surgiram por meio de relações *bottom up*, ou seja, não foram grupos sociais que emergiram a partir de afinidades e interesses comuns de forma espontânea, como em redes emergentes (RECUERO, 2009). Os grupos foram deliberadamente criados com fins específicos, em contexto acadêmico, no *site* de rede social, em uma relação *top down*, ou seja, foram criados por um administrador que convidou, inseriu e aprovou seus membros (exceto no grupo público que não precisa de aprovação). Essa questão é um dado importante acerca das condições iniciais desses grupos, pois os sistemas complexos são sensíveis a elas. No caso dos grupos investigados, as condições iniciais de cada um podem ter influenciado as condições de uso e apropriação da rede pelos participantes e, ao mesmo tempo, esse fato pode transparecer a imprevisibilidade do sistema complexo, que pode se adaptar para que uma comunidade de interesses (WELLMAN, 1999) emerja mesmo que o grupo tenha surgido pela determinação de um líder.

A maioria dos grupos investigados permanece ativa (A, B e C), com intenso fluxo de interações; já outros (os grupos D e E), aparentemente, não apresentam dinâmicas interacionais. As minhas observações se referem aos momentos de dinâmica do sistema, sendo um recorte da totalidade das interações em andamento ou das interações que já ocorreram.

Embora tenha utilizado dados do período coletado para esta análise (período de seis meses de observação), por se tratar de um fenômeno sistêmico, entendo que a melhor

observação seja do seu estado atual, por isso utilizei dados mais recentes (observados depois da coleta inicial). Devido à robustez do sistema de interações, continuei observando os grupos que permaneciam ativos (A, B e C) no sentido de conhecer suas dinâmicas e mudanças ao longo do tempo.

De acordo com a literatura revisada (LARSEN-FREEMAN; CAMERON, 2008), um sistema complexo apresenta agentes de naturezas diferentes (5 grupos de professores e alunos, cada um com uma identidade e propósitos específicos, descritos na metodologia desta tese, que interagem mediados por um *site* de rede social, em contexto acadêmico); suas interações foram (são) distintas e mudaram (mudam) ao longo do tempo (cada postagem foi única e suscitou reações imprevisíveis dos participantes, essas interações se transformaram à medida que os grupos ganharam experiência) formando uma rede intrincada de interações, como será apresentada ao longo da análise.

Portanto, segundo esses princípios, posso afirmar que as interações entre professores e alunos em grupos no *site* de rede social *Facebook* são complexas por se estabelecerem entre diferentes agentes, mediadas por um determinado contexto, ambientadas em um *site* de rede social e por apresentarem as propriedades da complexidade (FIVE GRACES GROUP, 2009) que serão discutidas na primeira seção deste capítulo.

As interações nos grupos no *Facebook* são materializadas pelas postagens feitas pelos participantes na *timeline* de cada um deles e pelas ações manifestadas pelos seus membros relativas a essas postagens, que são as ações de visualizar, curtir, comentar e compartilhar. Considerei que todas essas ações estabelecem **nuances de interação mútua**, tomando o termo “interação mútua” de Primo (2003), mas ressignificando-o no contexto dos grupos no *site* de rede social em nuances por entender que, ao reagir mediante uma postagem, o participante instaura um vínculo, uma relação comunicacional com o outro, investindo em alguma medida (embora seja difícil mensurar e não seja essa minha intenção) tempo, atenção, emoção, discurso. Isso quer dizer que em cada um dos mecanismos de participação do *Facebook* os participantes têm a possibilidade de interagir entre si, deixando marcas na rede de suas presenças contínuas (GOFFMAN, 2004), de seus discursos.

Como mencionei no capítulo de metodologia, o *site Facebook* não permite o uso de *crawlers*, por isso tive que tabular as postagens manualmente (Apêndice B) no sentido de conhecer as interações, ou seja, seu conteúdo e, ainda, os *clusters* das redes, a

proximidade entre os participantes dos grupos por meio de suas conexões. Minha intenção, contudo, como já mencionei na metodologia, não foi fazer uma análise estrutural dessas redes, conhecendo os tipos de redes desenvolvidas, mas sim saber como os agentes desse sistema (inclusive eu) interagem nesse ambiente, como utilizam esse *site* de rede social e os benefícios sociais que têm.

No sentido de esclarecer o leitor sobre a forma como este capítulo está organizado, primeiramente analiso as interações por meio das postagens e ações dos participantes dos grupos, examinando os padrões de uso da língua(gem) emergentes segundo as propriedades dos SACs (*FIVE GRACES GROUP*, 2009), a saber: diversidade interna, dinâmica perpétua, controle distribuído, mudança local, sensibilidade e dependência da estrutura em rede, não linearidade e transição de fases. Posteriormente, analiso as apropriações que os grupos individualmente fazem do *site* de rede social e, por fim, o tipo de capital social (BERTOLINI; BRAVO, 2004) gerado a partir dos laços sociais estabelecidos entre os participantes nos grupos.

### **3.1 O uso da língua(gem) nas interações nos grupos de professores e alunos no *Facebook*: propriedades dos Sistemas Adaptativos Complexos**

Para afirmar que as interações em grupos de professores e alunos em contexto acadêmico no *Facebook* são complexas, elas precisam exibir as propriedades dos sistemas adaptativos complexos apresentadas na fundamentação teórica desta tese. Por isso, nessa seção apresento os comportamentos análogos aos encontrados em sistemas adaptativos complexos presentes nas interações do contexto investigado. É importante ressaltar que as propriedades dos sistemas adaptativos complexos foram percebidas por mim nos dados de forma imbricada. Contudo, apresento as propriedades dos SACs manifestadas nos dados sob a forma de tópicos no sentido de facilitar a organização e leitura da tese. Um mesmo dado pode apresentar mais de uma propriedade e, por isso, posso retomá-lo mais de uma vez ao longo desta análise. Além das propriedades elencadas para a análise (*FIVE GRACES GROUP*, 2009), outras propriedades da complexidade podem ser evidenciadas, caso emergjam.



### 3.1.1 Diversidade Intrínseca e Dinâmica Perpétua

A diversidade intrínseca e a dinâmica perpétua foram as propriedades mais salientes nos dados analisados, pois cada interação é produto da exposição e experiências de uso da língua(gem) de forma única. A **diversidade** é o produto de adaptações progressivas do SAC (HOLLAND, 1997), é um padrão dinâmico do sistema adaptativo complexo, que cria novas possibilidades de respostas e ações inovadoras, é o que garante a inteligência do sistema. A **dinâmica perpétua** do sistema complexo relaciona-se à evolução, à alteração de estado do sistema no tempo. A diversidade é intrínseca ao uso da língua(gem) em todo e qualquer contexto, pois cada prática de língua(gem) é produto da adaptação dinâmica a um contexto específico de uso (LARSEN-FREEMAN, 1997) e nos grupos não foi diferente. Os participantes se adaptaram ao contexto e ao ambiente de interação de forma dinâmica.

Em relação à **diversidade**, ela foi manifestada nos grupos no *site* de rede social pelos padrões interativos dos participantes, revelando que as interações não são fixas. A cada interação o sistema exibiu novas **dinâmicas** interativas, ocupando um **espaço de fase** na paisagem de possibilidades interativas (LARSEN-FREEMAN; CAMERON, 2008), que variou conforme a postagem. Apareceram postagens, como uma do grupo D, em que houve maior participação por meio de comentários, e outras que suscitaram apenas visualizações. Na figura a seguir mostro postagens em que houve maior participação por meio de comentários e outra na qual os participantes apenas visualizam a postagem.

**Figura 15: Diversidade de Interações**



Fonte: grupo secreto (D) do *Facebook*, 2016.

As duas postagens do grupo D exemplificam padrões de interação que apareceram em todos os grupos. Na primeira, todos os membros do grupo visualizaram o *post* e oito comentaram, envolvendo-se em processo de negociação, na ação conjunta, visto que o

tema suscitou diálogos no sentido de resolver um problema imediato do grupo. Na segunda, os participantes apenas visualizaram o *post*, não exibindo outros mecanismos de interação do *Facebook*, não investindo na ação conjunta. Percebi que postagens de *hyperlinks* geraram, de modo geral, as reações de visualizar e curtir dos participantes. Enquanto postagens nas quais houve elaboração discursiva do participante apareceram recorrentemente mais comentários. Nesse segundo padrão de interação percebi mais claramente a diversidade e dinâmica do sistema, já que os participantes exploraram mais recursos de língua(gem), como a multimodalidade, como discutirei mais adiante, e diferentes possibilidades de respostas. Contudo, a postagem de *hyperlinks* trouxe energia nova para o sistema retroalimentando a viabilidade de novas respostas dos participantes, garantindo a inteligência do sistema.

Foi importante notar que a ação de apenas visualizar as postagens foi algo redundante em todos os grupos. A recorrência de ações também é outra manifestação da complexidade do sistema de interações, já que da mesma forma que a diversidade intrínseca dinamiza o sistema, a **redundância**, que se refere às similaridades, também é vital para a sobrevivência do SAC, como atestam Davis e Sumara (2006). A redundância é o complemento da diversidade, é uma condição que está intimamente ligada à capacidade do sistema em manter a coerência e o equilíbrio. Essas duas propriedades são fontes de estabilidade e criatividade no SAC, por isso devem estar em equilíbrio no sentido de manter a robustez e a capacidade de adaptação. Um exemplo de redundância do sistema de interações é a língua em comum entre os agentes, todos os participantes dos grupos partilhavam a mesma língua, a língua materna, o português.

A redundância em meio à heterogeneidade do sistema de interações foi manifestada nos grupos nas ações dos participantes, já que alguns padrões se repetiram, como a ação de visualizar e também a ação de curtir as postagens. Visualizar foi a ação mais redundante em todos os grupos (é importante lembrar que no grupo C não tive acesso a esse dado). Algumas postagens suscitaram apenas visualizações, foi o caso da maioria dos *hyperlinks*. Penso que visualizar é uma ação simbólica que sinaliza para o interlocutor que houve investimento na interação. Em *sites* de redes sociais as ações de visualizar e curtir são indicativos de que a postagem teve relevância para os interlocutores e pode ser um indicativo de popularidade. Na figura a seguir mostro exemplos de postagens que foram apenas visualizadas.

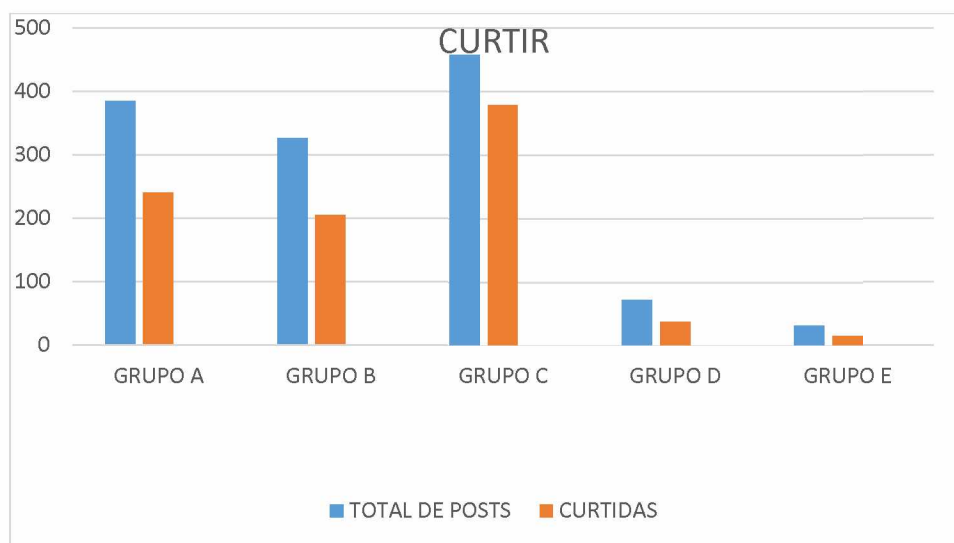
**Figura 16:** Visualização da postagem



Fonte: Grupo secreto (A) do Facebook, 2016.

Na figura é evidenciado que mais participantes visualizaram que curtiram. Penso que visualizar demanda um esforço interativo menor, o interagente não investe recursos na elaboração discursiva, como em um comentário, mas mesmo assim, esta ação tem valor e significado para os participantes.

Para evidenciar a redundância da ação de curtir, mostro no gráfico a seguir o número de postagens que foram apenas curtidas no total de postagens de cada um dos grupos no período de coleta inicial (fevereiro a agosto de 2015 e no período total de interações dos grupos D e E) como um indicativo da importância dessa ação.

**Gráfico 1:** Número de curtidas relativas ao número total de postagens

Fonte: elaboração própria

O percentual de postagens que foram apenas curtidas nos grupos foi elevado se comparado com o número total de postagens no período coletado. No grupo A, duzentos e quarenta (240) *posts* foram apenas curtidos em um total de trezentos e oitenta e cinco (385), ou seja, 62%; no grupo B, duzentos e cinco (205) foram somente curtidos no total de trezentos e vinte e seis (326), 63%; no C, trezentos e setenta e nove (379) foram apenas curtidos no total de quatrocentos e cinquenta e sete (457) *posts*, 83%; no D foram trinta e oito (38) no total de setenta e três (73), 52%; no E, dezesseis (16) no total de trinta e duas (32) postagens, 50%.

Esses dados revelaram que “curtir” foi uma ação que se repetiu, por isso, posso afirmar que foi um estado que o sistema de interações preferiu. O sistema de interações foi levado para uma determinada região do espaço de fase da paisagem de possibilidades interativas, para um **atrator** que foi o de curtir as postagens. Lembrando que o atrator para Larsen-Freeman e Cameron (2008) é o estado da “paisagem” (*landscape*) que o sistema complexo prefere. O espaço estado de um sistema, para as autoras, seria a junção de todas as possibilidades de estado de um sistema, de seu comportamento. Dentro dessa paisagem, há ao menos uma dimensão que reflete a mudança ao longo do tempo. No caso dos grupos investigados, o comportamento de curtir postagens levou o sistema de interações para esse atrator. Curtir parece sinalizar que os participantes investiram na interação, que mostraram interesse em estabelecer um vínculo comunicacional com o outro, interagindo sem o uso de recursos verbais.

Entendo que a **adaptação** do sistema de interações ao seu ambiente mediador (*Facebook*) levou à emergência de determinados padrões de uso da língua(gem) (visualizar e curtir) aparentemente estáveis. Esse comportamento parece demonstrar que o sistema apresenta estabilidade em meio à variabilidade. Essa estabilidade é aparente porque, no sistema de interações, as **mudanças** são sistêmicas; mediante turbulências, o sistema pode ser levado para outro estado, através da atuação de um parâmetro de controle.

No contexto acadêmico investigado, o *Facebook*, como ambiente de interação, parece ter atuado como **parâmetro de controle** no sistema de interações dos grupos, influenciando os participantes a curtirem (e também visualizarem) as postagens. A ação de curtir é uma sociabilidade prototípica de redes sociais na *internet* que vem se tornando um discurso d(n)a rede (RECUERO, 2014). Curtir é dizer. Ao curtir se estabelece uma comunicação com o outro, um esforço de sociabilidade, uma forma de interagir que vem se tornando cada vez mais significativa e normalizada para os usuários de redes sociais. Como atesta Recuero (2014), curtir tem um valor simbólico que vai além de seu significado semântico; vários sentidos são construídos pelos usuários da rede a partir dessa ação. No caso dos grupos de professores e alunos, a ação de curtir também foi uma sociabilidade. Não foi meu objetivo conhecer os sentidos que os participantes atribuíam a essa ação, mas ela, sem dúvida, carrega sentidos múltiplos.

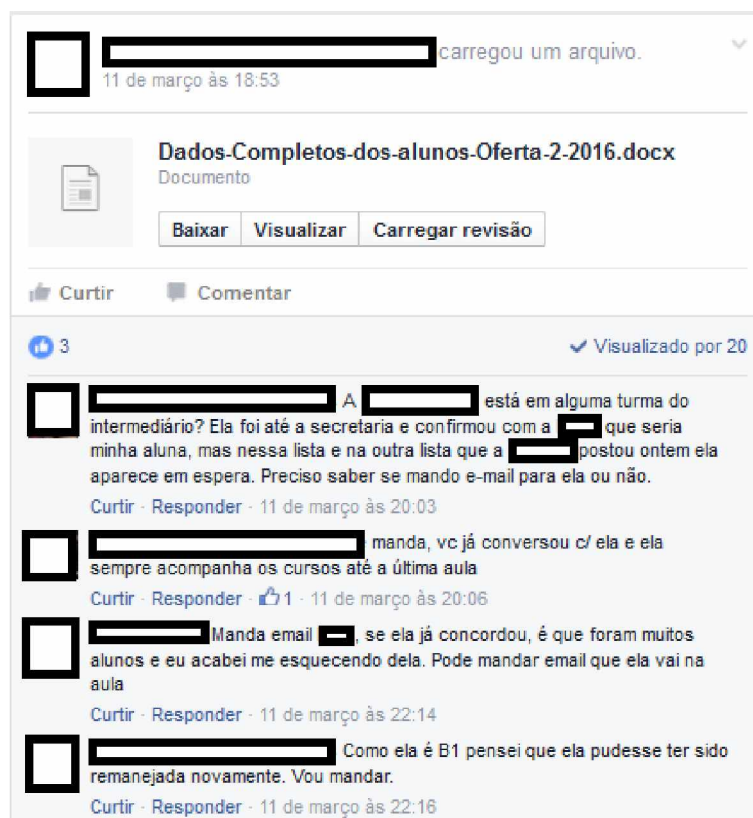
Em sistemas complexos, agentes e ambiente se influenciam mutuamente (VAN LIER, 2002); no contexto investigado, a mesma influência parece se confirmar. Professores e alunos, nos grupos, usaram a língua(gem) em um processo de acoplamento estrutural com o ambiente de interação (*Facebook*) e com o contexto (academia). É importante ressaltar que o sistema de interação dos grupos é fruto do imbricamento do contexto acadêmico e sua ambientação no *site* de rede social, por isso, os agentes desse sistema de interação sofreram influências desses dois elementos em suas práticas de língua(gem).

Devido à interconectividade entre agentes, contexto e ambiente, eles estão sempre respondendo um ao outro, o que caracteriza sua dinâmica. Além disso, a abertura do sistema faz com que insumos advindos de outros sistemas aninhados entrem no sistema de interações. Em todos os grupos houve influência mútua entre o contexto e o ambiente, ou seja, práticas de linguagem típicas da academia e típicas da rede foram usadas pelos participantes nos grupos, atestando que as fronteiras são tênues no sistema. Práticas

discursivas digitais de natureza mais formal, como envio de e-mail, envio de arquivos digitais de textos, apesar de terem sua origem no universo *on-line*, são práticas que se naturalizaram no contexto acadêmico. Essas práticas comuns à academia foram levadas pelos participantes para os grupos no *site* de rede social, evidenciando linguisticamente, um uso de linguagem bastante situado na interdiscursividade entre língua(gem) da Internet e língua(gem) acadêmica).

Na figura a seguir, exemplifico a interinfluência entre a academia e o *site* nas práticas de língua(gem) dos participantes dos grupos no *Facebook* com a postagem de arquivos digitais de textos. Na universidade, a veiculação de arquivos digitais de textos com finalidade instrutiva é uma prática de língua(gem) normalizada e típica do discurso desse contexto. Na rede social, esse tipo de arquivo não é comum, não é uma prática de linguagem típica desse ambiente. Mas, os participantes ao interagirem em contexto acadêmico no ambiente do *site* de rede social trouxeram insumos da academia para os grupos na rede social na *internet*. Na figura a seguir mostro uma postagem de um arquivo de texto, na qual há o desenvolvimento de uma ação conjunta que mostra linguisticamente um uso da língua(gem) bastante situado na interdiscursividade entre língua(gem) da *internet* e língua(gem) acadêmica).

**Figura 17:** Postagem de arquivo de texto no grupo A



Fonte: Grupo secreto (A) do Facebook, 2016

A postagem de arquivos digitais de textos, como a mostrada na figura, na qual um dos participantes do grupo A carrega (faz *upload*) um arquivo no formato docx – *word* (editor de textos da *Microsoft*) de um documento muito comum no universo acadêmico, uma lista de dados de alunos. O carregamento de arquivos de texto foi uma prática de língua(gem) que os participantes trouxeram do universo acadêmico para o ambiente do *site* de rede social. Além disso, um participante menciona se deve ou não enviar um e-mail para uma aluna, prática *on-line*, mas que se institucionalizou no universo *off-line*. Ao interagir no ambiente *Facebook*, os participantes levaram suas práticas de língua(gem) do contexto *off-line* (academia) para o ambiente de interação *on-line* (rede social), veiculando os textos de ordem burocrático-institucional na rede social na *internet*.

Como atestam Larsen-Freeman e Cameron (2008, p.68),

fatores contextuais não são externos ao sistema, mas se tornam parte do sistema. Na metáfora visual que mostra que o espaço estado é uma



“paisagem de possibilidades”, essa paisagem tem tantas dimensões quantas necessárias para incluir o físico, o cognitivo e o sociocultural<sup>57</sup>.

O contexto é parte do sistema complexo e, por isso, no imbricamento com os demais agentes, todos eles acabam se influenciando mutuamente. Por isso, o conteúdo das interações também manifestou as influências dos agentes relacionados nesse SAC.

Em relação ao conteúdo das interações, o sistema de interações também apresentou **diversidade intrínseca e dinâmica perpétua**. A diversidade de práticas de língua(gem) usadas pelos participantes evidenciaram a criatividade do sistema de interações. Os participantes usaram línguas diferentes, (multi)modalidade de língua(gens) e registros<sup>58</sup> (língua(gem) da *internet* ou língua(gem) acadêmica) para interagirem. Nas postagens a seguir, exemplifico a **diversidade** de usos da língua(gem) por professores e alunos no *Facebook* com relação à língua usada nas interações.

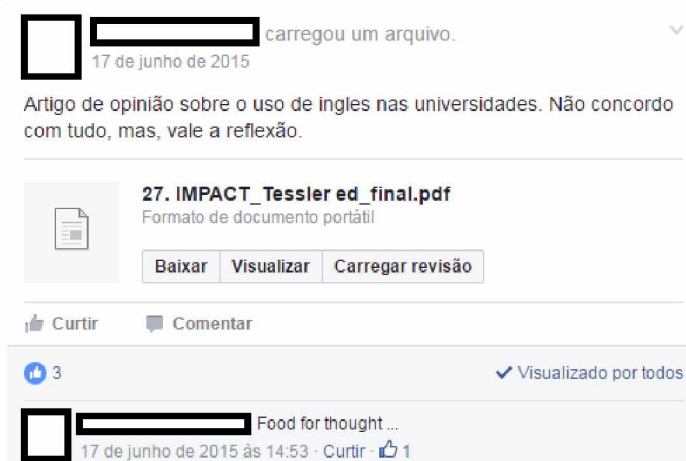
**Figura 18:** Diversidade intrínseca no uso da língua(gem) nos grupos



Fonte: Grupo secreto (A) do Facebook, 2016

<sup>57</sup> “Contextual factors are not external to the system, but becomes part of the system. In the visual metaphor that shows the state space of a system as a ‘landscape of possibilities’, that landscape has as many dimensionas as needed to include the physical, cognitive, and sociocultural”.

<sup>58</sup> Registro segundo Agha (2003, p. 231 *apud* BARTON; LEE, 2015, p. 240) é quando um repertório linguístico torna-se diferenciável dentro de uma língua como um registro socialmente reconhecido de formas.



Fonte: Grupo secreto (D) doFacebook, 2016.

Nas postagens mostradas na figura, há o uso da língua inglesa na introdução de uma postagem do grupo A e também no comentário de um dos participantes do grupo D. O uso da língua inglesa foi comum especialmente nos grupos A, D e E. Esse dado comprova a **diversidade intrínseca** no uso da língua(gem), evidenciando que o sistema de interações se adapta à paisagem discursiva a cada interação, ocupando um espaço de fase ou outro no discurso. Larsen-Freeman e Cameron (2008) apontam a dependência do contexto no qual a língua se move, pois a língua se adapta ao contexto e, por isso, a experiência de uso da língua se ajusta ao aqui e agora da comunicação. O uso da língua adicional e da língua materna nas interações entre os agentes também mostra a adaptabilidade dos participantes ao sistema de interação.

Na língua(gem) em uso nos grupos citados, a **dinâmica** interativa foi a de oscilar entre um estado atrator e outro. Os atratores nos quais o sistema oscila é que irão delimitar a interação ou mesmo o seu constante movimento. Nesse caso, os atratores foram a língua portuguesa e a língua inglesa, dois espaços de fase que o sistema de interações desses grupos preferiu naquele momento microgenético (LARSEN-FREEMAN; CAMERON, 2008).

É importante notar que em sistemas complexos tudo está conectado, as fronteiras entre os múltiplos níveis e escalas de tempo das organizações sociais são tênues, por isso, os participantes dos grupos A, D e E usaram a língua inglesa em suas interações, devido ao fato de esse padrão linguístico fazer parte de seus repertórios discursivos relacionados a seus contextos sociais. A **dinâmica** de uso da língua(gem) nesses grupos está ligada às suas condições iniciais; os grupos A, D e E eram (são) de professores e alunos engajados

no ensino e aprendizagem de língua inglesa e, por isso, tinham (têm) nos grupos a oportunidade de praticarem o idioma. Assim, nesses grupos, os participantes usaram (m) as línguas materna e adicional para interagir, oscilando de um atrator discursivo<sup>59</sup>, nos termos de Resende (2009), a outro com naturalidade.

No grupo B, o uso da língua inglesa também foi um padrão linguístico que emergiu. Grande parte das postagens do grupo (especialmente de *hyperlinks*) eram manifestadas nessa língua. Alguns comentários também foram em língua inglesa, embora a maioria tenha sido apenas interjeições de apoio às postagens. O uso da língua inglesa nesse grupo também é justificado pelos contextos sociais dos participantes. A maioria deles também é da área do ensino de língua inglesa. Na figura a seguir, mostro alguns exemplos de postagens em língua inglesa no grupo B.

**Figura 19:** Postagens em língua inglesa do grupo B



<sup>59</sup> O termo atrator discursivo é usado por Resende (2009, p. 135) “para se referir aos padrões de comportamentos linguísticos e não-linguísticos estabelecidos em dada sociedade, a partir das forças centrípetas da língua propostas por Bakhtin (1986). Essas forças concorrem para que ideologias sejam naturalizadas via discurso e rotinização e atuam no sentido de formar identidades sociais aceitáveis, relacionadas aos atratores discursivos, também criados a partir delas”.



Fonte: Grupo fechado (B) do *Facebook*, 2016.

Outras línguas também apareceram no grupo C, como a espanhola, francesa e também a inglesa. Às vezes em uma mesma postagem línguas diferentes foram usadas, como mostra a figura a seguir.

**Figura 20:** Postagens em diferentes línguas no grupo C



Fonte: Grupo público (C) do *Facebook*, 2016.

Em todos os grupos, outras línguas além da materna (portuguesa) foram usadas pelos participantes nas interações mostrando a criatividade do sistema e ainda que as dinâmicas de uso da língua não são fixas, elas mudam conforme muda a paisagem da interação em curso.



Outra variação apresentada nas interações foi quanto à multimodalidade no uso da língua(gem). A multimodalidade diz respeito ao uso de recursos expressivos da língua(gem) verbal e não-verbal, a modos semióticos que as pessoas mobilizam na construção de sentido (BARTON; LEE, 2015). De acordo com Jewitt e Kress (2003, p. 1)

Modo é usado para se referir a um conjunto organizado de recursos regularizados para a criação de significado, incluindo imagem, olhar, gesto, movimento, música, fala e efeito sonoro. Modos são amplamente entendidos como o efeito do trabalho da cultura em moldar o material em recursos para a representação<sup>60</sup>

Potanto, todos os recursos verbais e não verbais, assim como as diferentes modulações gráficas que despertarão expressividades multimodais, ou seja, a multimodalidade. Ao contrário do que se pensa, comumente, a multimodalidade não se reduz unicamente ao uso de múltiplas formas de língua(gem), mas também das modulações internas em uma das formas semióticas (como a verbal), como a repetição de sons e letras, por exemplo.

Os participantes dos grupos se valeram da multimodalidade para interagirem por meio de hipertextos eletrônicos e seus *hyperlinks* e também pelo uso de modulações internas. Em todos os grupos, a **diversidade intrínseca** se manifestou na multimodalidade de língua(gens) usada nos *outputs* postados e nos comentários dos participantes. Na figura a seguir exemplifico o uso de multimodalidades de língua(gens) em um único *post* do grupo C.

---

<sup>60</sup> Mode is used to refer to a regularised organized set of resources for meaning-making, including image, gaze, gesture, movement, music, speech, and sound-effect. Modes are broadly understood to be the effect of the work of culture in shaping material into resources for representation.

**Figura 21:** Diversidade na multimodalidade de língua(gens) em uso



Fonte: grupo público (C ) do Facebook, 2016.

Na figura, há a presença de múltiplas língua(gens) como: texto verbal escrito, imagens - fotografias das atrizes, *emojis*<sup>61</sup> e *emoticons*<sup>62</sup> em uma única interação. Os participantes usaram os recursos expressivos propiciados pela ferramenta para postar textos multimodais, nos quais a diversidade de língua(gens) manifestaram seus discursos. Contudo, nessa postagem o participante não foi levado para fora da rede pelas conexões do *hiperlink*. Os hipertextos foram incorporados na própria postagem na *timeline*.

O uso de múltiplas formas de língua(gem) foi mais expressivo no grupo C, que explorou sobremaneira a convergência de mídias propiciada pelo *Facebook*. Nos termos de Herring (2013), o discurso mediado por computador tem apresentado convergência de mídias e justaposição de tecnologias digitais. A autora denomina esse processo de “convergência de mídias da comunicação mediada pelo computador – CMCMC” (*convergent media computer-mediated communication*). O discurso mediado por computador agrega, converge várias linguagens em um único *output* graças às ferramentas digitais, como o *Facebook*.

Para dar mais um exemplo de uso de multimodalidades, o professor do grupo C, responsável pela quase totalidade das postagens de seu grupo, valeu-se da modalidade de língua(gem) visual postando oitocentas e oito (808) imagens no grupo, relacionadas a atores e atrizes de cinema, peças teatrais, capas de livros, etc. como mostra o *link* de fotos da *timeline* do grupo na figura a seguir.

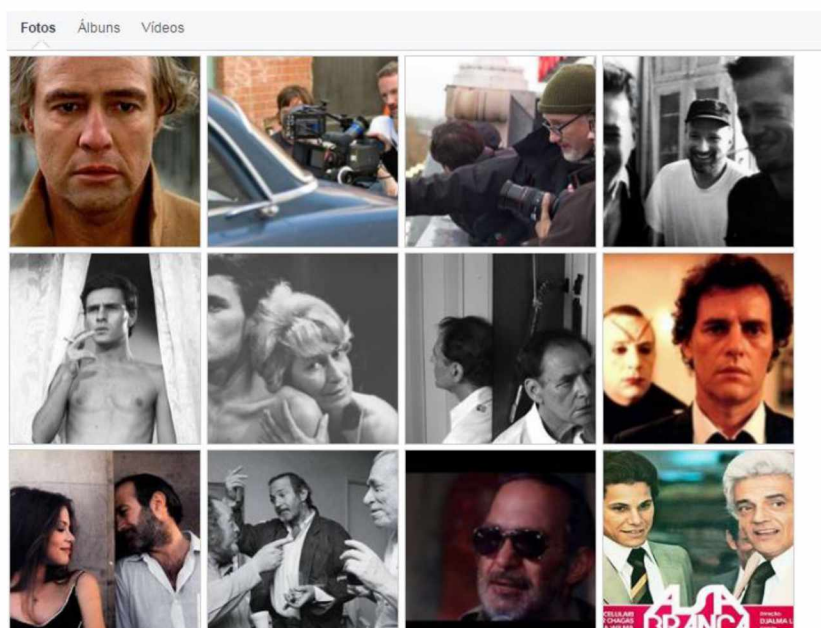
---

<sup>61</sup> Emoji é uma palavra derivada da junção dos termos em japonês: e (絵, "imagem") + moji (文字, "letra"). Com origem no Japão, os emojis são ideogramas e smileys usados em mensagens eletrônicas e páginas web, cujo uso está se popularizando para além do país. Eles existem em diversos gêneros, incluindo: expressões faciais, objetos, lugares, animais e tipos de clima. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Emoji> Acesso em: 14/07/2016.

<sup>62</sup> Forma de comunicação paralinguística, um emoticon, palavra derivada da junção dos seguintes termos em inglês: emotion (emoção) + icon (ícone) (em alguns casos chamado smiley) é uma sequência de caracteres tipográficos, tais como: :), :( , ^-^, :3,e.e,'!-' e :-); ou, também, uma imagem (usualmente, pequena), que traduz ou quer transmitir o estado psicológico, emotivo, de quem os emprega, por meio de ícones ilustrativos de uma expressão facial. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Emoticon> Acesso em: 04/09/2016.



**Figura 22:** Uso de língua(gem) imagética (fotografia) no grupo C



Fonte: grupo público (C) do Facebook, 2016.

A veiculação de imagens, vídeos, músicas fez parte do repertório discursivo de todos os grupos, mas sem dúvida a prática de linguagem mais significativa foi a postagem e compartilhamento de *hiperlinks*. Essa prática de língua(gem) foi a mais usada em todos os grupos, evidenciando a multimodalidade da língua(gem) nas mais diversas temáticas e mídias. No grupo E, por exemplo, das trinta e duas (32) postagens no período de atividade do grupo, quinze (15) foram de *hiperlinks*. Como os mostrados na figura a seguir.

**Figura 23:** *Hiperlinks* postados no grupo E



Fonte: Grupo fechado (E) do Facebook, 2016.

No grupo B, essa modalidade de linguagem apareceu em duzentas e sessenta e sete (267) postagens das trezentas e vinte e seis (326), 82% das postagens contabilizadas durante o período de coleta de dados. E dessas, a maioria foi feita pelo professor do grupo, que postou e compartilhou cento e noventa e dois (192) *posts* de *hiperlinks* (só no período de coleta inicial). Foi interessante notar a fractalidade das ações desse participante que em outro grupo (ele também participa do grupo A) exibiu esse mesmo padrão interativo – a postagem de *hiperlinks*.

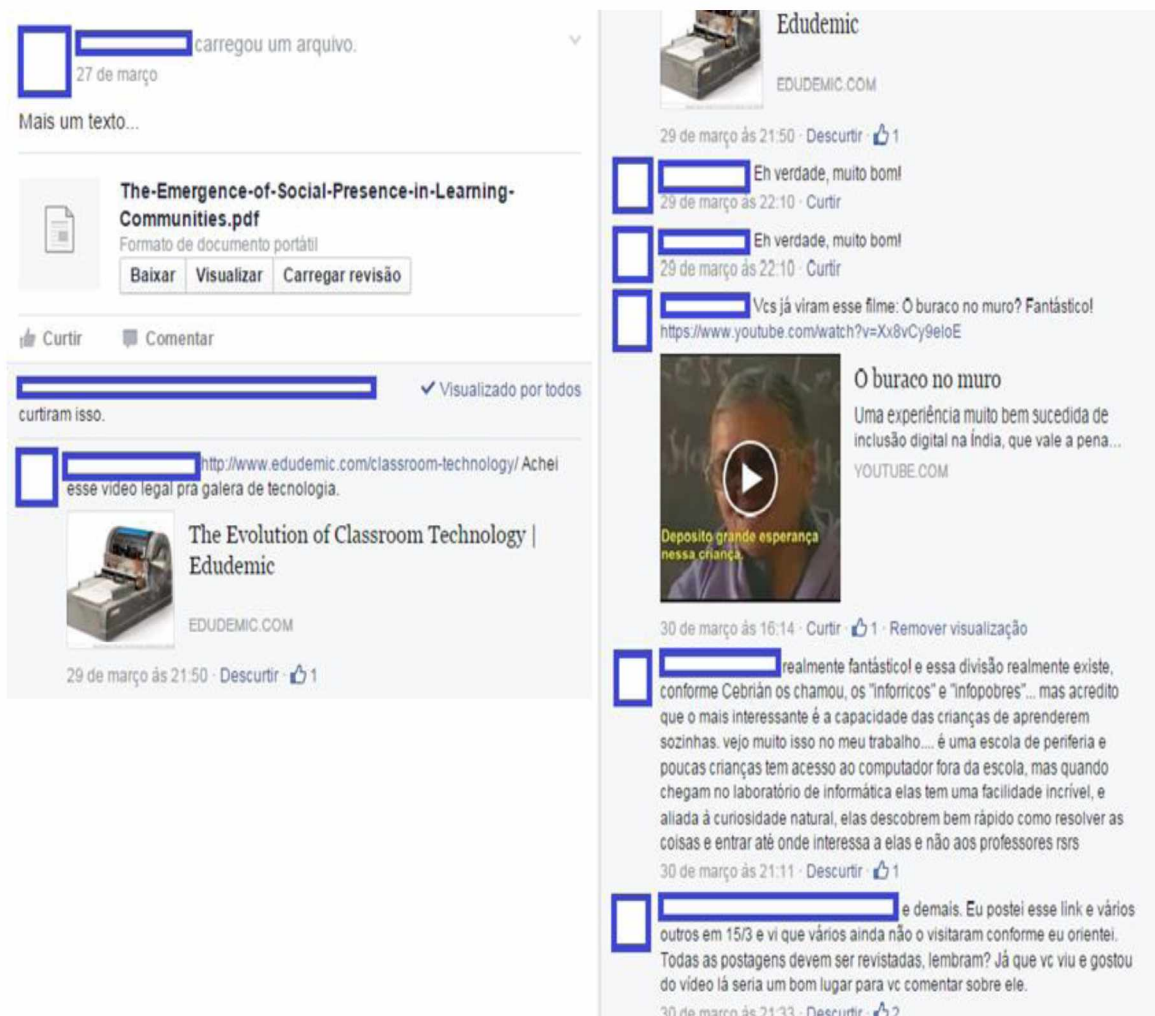
A recorrência dessa prática de linguagem também é uma evidência de que o sistema de interações preferiu esse atrator, apresentando estabilidade no comportamento de postar e compartilhar *hiperlinks*. Esse comportamento também pode ser uma evidência da influência do ambiente de interação *Facebook* no uso da língua(gem) por esse grupo sociocultural - os acadêmicos.

A postagem de *hiperlink* também é uma evidência da **abertura** do sistema de interações; energia de fora dos grupos entra e também sai n(d)o sistema. Um sistema complexo é aberto devido ao fato de trocar insumos com o ambiente e por isso ser suscetível às mudanças resultantes de *feedback*, adaptando-se ao novo ambiente e aprendendo por meio de sua experiência (LARSEN-FREEMAN; CAMERON, 2008).

No *hiperlink*, a soma das partes é maior que o todo, o interagente é levado para novos sítios de navegação, para fora da rede social, para outras mídias e, daí, pode tomar

caminhos imprevisíveis. Insumos novos entram podendo promover adaptações e trazer energia nova para o sistema. Na figura a seguir, mostro uma postagem na qual os participantes postaram *hiperlinks*, que trouzeram insumos novos e promoveram novas discussões no grupo.

**Figura 24:** Postagens de *hiperlinks* no grupo B



Fonte: Grupo fechado (B) do *Facebook*, 2016.

Na figura, as postagens dos *hiperlinks* levaram o sistema de interações para discussões não previstas, ou seja, não relacionadas ao arquivo postado inicialmente, que era sobre a presença social em comunidades de aprendizagem. A partir das postagens de *hiperlinks* por dois dos participantes, energia nova entrou no sistema promovendo ações conjuntas, retroalimentando o sistema de interações, o que comprova que o sistema responde a *feedbacks*, em ciclos recursivos. A postagem dos *hiperlinks* pelos participantes

gerou interações mútuas por meio de comentários e reações imprevisíveis dos participantes, inclusive do professor que advertiu os alunos que já havia postado aquele mesmo *hiperlink* em outro local. Esse comentário me levou a pensar que no SAC a “emergência, assim, pode ter trajetórias diferentes, pode acontecer por caminhos distintos<sup>63</sup>”, como afirma Van Lier (2004). O participante encontrou outro lugar, outro caminho, para comentar o *post* do professor e, assim, atingir o objetivo proposto, que era de discutir o conteúdo do *hiperlink*.

Contudo, devo ressaltar que comentários gerados a partir da postagem de *hyperlinks* não foi uma prática recorrente. Na maioria das postagens de *hyperlinks* os participantes de todos os grupos reagiram visualizando e curtindo o *post*.

Essa prática de língua(gem) é um recurso propiciado pelo *site* de rede social e parece ser uma ação discursiva da ferramenta que está ligada à facilidade de acesso aos recursos da rede para se veicular informação, pela agilidade na sua difusão e pelo pouco investimento na elaboração discursiva. Penso que ela pode estar ligada também à efemeridade da informação nos *sites* de redes sociais, essas informações são veiculadas em quantidade, mas sem o necessário tempo para a apreensão das mesmas. Copiar e colar um *hiperlink* parece ter se tornado uma prática das redes sociais na *internet*. Na figura a seguir, exemplifico esse dado com as postagens de *hyperlinks* em um único dia no grupo B.

**Figura 25:** Postagens de *hyperlinks* no grupo B



<sup>63</sup> “emergence thus can have different trajectories, can come about in different ways”.



10 de agosto às 16:56 · Brasília, Distrito Federal



**CLIL Magazine**

Read the free online CLIL Magazine, published twice a year with articles that concern you: the CLIL teacher.

Young profiles, cultural work experience for bilingual students  
CLIL, Career: C7  
The Best Insights from the CLIL World: Aiming for CLIL  
CLIL, Culture  
Integrating CLIL & PE: A Model for the CLIL Teacher  
CLIL, and Technology: How to use it?  
Photo and CLIL: Can it work?  
Connecting with the CLIL World: A Model for the CLIL Teacher

10 de agosto às 16:15 · Brasília, Distrito Federal



**Porvir lança guia de infraestrutura de conectividade para gestores**

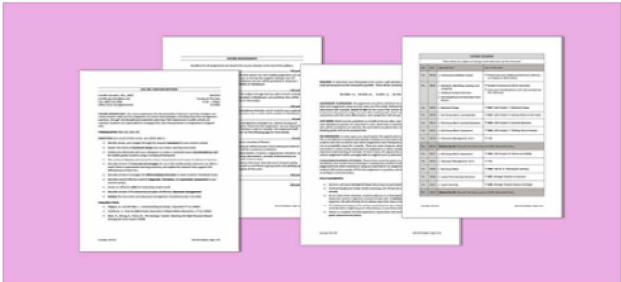
Nova seção de infraestrutura do guia Tecnologia na Educação oferece um mapa com orientações para ajudar secretarias a equiparem suas escolas de forma eficiente

PORVIR.ORG

[Curtir](#) [Comentar](#) [Compartilhar](#)

Você e [\[nome\]](#) [Visualizado por todos](#)

10 de agosto às 16:06 · Brasília, Distrito Federal



**How to Write a Syllabus**

This model and template will help college, high school, and middle school teachers put together a syllabus that sets you and your students up for a great year. Continue Reading →

WWW.CULTOFPEDAGOGY.COM | POR CULT OF PEDAGOGY

[Curtir](#) [Comentar](#) [Compartilhar](#)

Você e [\[nome\]](#) [Visualizado por todos](#)

Fonte: Grupo fechado (B) do Facebook, 2016.

A postagem (e o compartilhamento) de *hiperlinks* revela também a diversidade dessa prática de língua(gem), pois o *hiperlink* se diversificou quanto à multimodalidade de língua(gem) usada, ou seja, levou o participante a *sites* com vídeos, imagens, fotos, textos escritos, eventos, *sites* institucionais, etc. O uso dessa multimodalidade da língua(gem) foi muito recorrente (especialmente no grupo B) e foi um importante recurso informativo em todos os grupos, pois as informações veiculadas ficam “salvas” na *timeline* dos grupos, podendo ser recuperadas pelos participantes para consultas posteriores.

Outra **diversidade** no uso da língua(gem) manifestada pelos participantes dos grupos diz respeito aos registros<sup>64</sup> ou variedades linguísticas. Barton e Lee (2013) também verificaram o hibridismo linguístico presente nas práticas de linguagem de alunos universitários em grupos no *Facebook*, identificando uma gama de estilos discursivos usados por alunos e professores, desde os mais formais até os mais informais usados comumente na rede aberta.

Os participantes de todos os grupos também interagiram usando variedades de língua(gem) prototípicas do contexto e ambiente mediadores das interações: a língua(gem) acadêmica e a língua(gem) da *internet* mescladas com as variedades padrão e coloquial. Por língua(gem) da *internet*, tomo os *outputs* nos quais aparecem *netspeak* nos termos de Crystal (2001, 2011) e língua(gem) *on-line* segundo Barton e Lee (2013). E por língua(gem) acadêmica, o que Snow e Uccelli (2009) definem como sendo a língua(gem) usada no contexto da escola (academia) com o propósito de adquirir novos conhecimentos e habilidades, interagindo acerca de um tópico ou transmitindo informações para outros usando vocabulário geral e conteúdo específico, estruturas gramaticais complexas e especializadas e múltiplas funções da linguagem e estruturas de discurso. Em relação à variedade padrão, entendo que seja a norma de maior prestígio social e a usada na escrita. Já a variedade coloquial, considero como sendo a utilizada no cotidiano em interações informais<sup>65</sup>.

Em todos os grupos apareceram marcas pontuais de *netspeak*, como *emoticons*, *emojis*, uso de abreviações, como os mostrados na figura a seguir.

<sup>64</sup> “O registro se refere ao processo pelo qual um repertório linguístico torna-se diferenciável dentro de uma língua como um registro socialmente reconhecido de formas” (BARTON; LEE, 2015, p. 240).

<sup>65</sup> As definições de língua padrão e coloquial foram tomadas de meu conhecimento internalizado, pois não é meu foco analisar essas variedades, por isso não busquei definições teóricas.

**Figura 26:** Uso de língua(gem) da *internet*

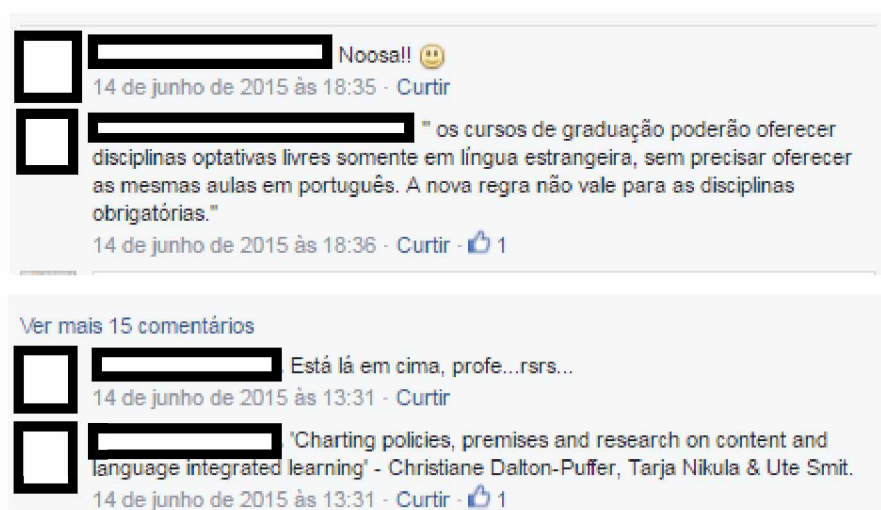


Fonte: Grupos secretos, fechados e aberto (A, B, C, D, E) do *Facebook*, 2016.

A figura mostra o uso de *netspeak*, como diferentes *emoticons* (☺ ☹ <3), abreviações (bj) e representação de risos (ahahahaha). Essa variedade de língua(gem) foi usada pelos os participantes como outro atrator no sistema de interações, que passou a funcionar como outra rota para o sistema, uma possibilidade interativa. Os participantes usaram a língua(gem) da *internet* na maioria das vezes no sentido de reforçar sua expressividade, para ratificar um determinado sentido já expresso com língua(gem) escrita na variedade padrão ou coloquial, como o uso dos *emoticons*, selecionados dos *posts* da figura anterior: mas fiquei em dúvida ☹ Quería estar em [redacted] para ir. ☹☹☹☹

Interessante notar que esse registro de língua(gem) foi usado de forma esporádica pelos participantes de todos os grupos, ou seja, não foram em todas as postagens e comentários coletados que a língua(gem) da *internet* apareceu. No grupo D, por exemplo, essa variedade foi usada em dezoito (18) interações das setenta e três (73) coletadas e foram basicamente *emoticons* e abreviações, como as da figura a seguir.

**Figura 27:** Uso de linguagem da *internet* pelo grupo D



Fonte: Grupo secreto (D) do Facebook, 2016.

No grupo E, das trinta e duas (32) postagens do grupo em apenas três (3) delas os participantes usaram *netspeak*, como mostrado na figura a seguir.



**Figura 28:** Uso de linguagem da *internet* no grupo E



Fonte: Grupo fechado (E) do Facebook, 2016.

Nos demais grupos, marcas de *netspeak* pontuais também foram registradas, tal como nos exemplos apresentados. Alguns *memes*<sup>66</sup> e *emojis* também foram registrados nos grupos A, B e C, como nos exemplos a seguir:

**Figura 29:** Uso de *memes* e *emojis* nas interações dos grupos

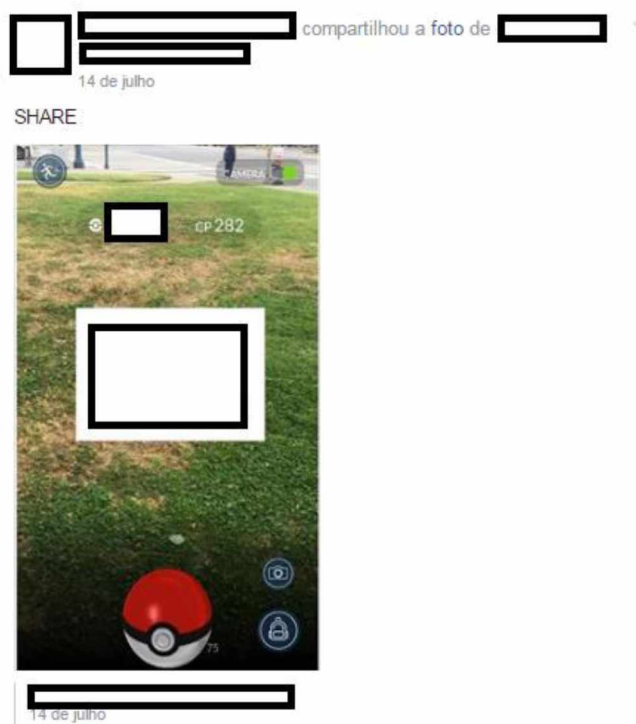


Fonte: Grupo fechado (B) do Facebook, 2016.

<sup>66</sup> A expressão meme de internet é usada para descrever um conceito de imagem, vídeo e/ou relacionados ao humor, que se espalha via internet. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Meme\\_\(Internet\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Meme_(Internet))  
Acesso em: 19/09/2016.



Fonte: Grupo aberto (C) do Facebook, 2016.



Fonte: Grupo secreto (A) do Facebook, 2016.

Na figura, diferentes recursos da língua(gem) da *internet* foram usados nos grupos, mas esses recursos não foram recorrentes. Apesar da atuação do parâmetro de controle do sistema, o *Facebook*, ele não teve força para levar os participantes e se estabilizarem no comportamento de usar esses recursos da língua(gem) da *internet*, o que evidencia que há variabilidade na estabilidade no SAC.

Outro modo de interação que reflete as práticas de língua(gem) das mídias sociais é a postagem de GIF<sup>67</sup> (*Graphics Interchange Format*, que pode ser traduzido para o português como “Formato para Intercâmbio de Gráficos”). O GIF seria um novo padrão

<sup>67</sup> Segundo a Wikipedia, o GIF é um formato de imagem muito usado na *web*, para imagens fixas e para animações. O *Facebook*, a partir de maio de 2015, liberou a postagem desse tipo gráfico, que têm viralizado na rede, devido ao seu conteúdo anedótico.

de uso da língua(gem) fruto do processo de convergência de mídias na comunicação mediada pelo computador. Nos termos de Araújo (2016), o GIF seria um *mashup*, uma combinação de colagens de diferentes matrizes gerando “remixes de natureza híbrida mais acentuada” (ARAÚJO, 2016, p. 58). Na figura a seguir, exemplifico esse modo com dois *posts*.

**Figura 30:** Uso da linguagem da *internet* - postagem de GIF



Fonte: Grupo público (C) do Facebook, 2016.



Fonte: Grupo secreto (A) do Facebook, 2016.

A figura mostra dois GIFs veiculados nos grupos C e A, que são textos multimodais que combinam imagens, movimentos repetitivos e texto escrito. Na primeira postagem, o GIF retrata a explosão de uma poltrona e uma televisão repetidamente, uma forma hiperbólica de expressar o sentido. A segunda postagem, trata-se de uma mixagem de cenas do filme *Forrest Gump*, que foram usadas como mote para a publicidade dos cursos oferecidos pelo grupo A no *site* de rede social.

Os grupos A e C passaram a usar os GIFs com mais frequência em postagens mais recentes (nos meses de junho/julho de 2016, o grupo A postou sete (7) e o grupo C postou oito (8) GIFs nesse intervalo de tempo)<sup>68</sup>. A frequência na postagem de GIFs pode estar relacionada ao fato de os participantes dos grupos (no grupo C, somente o professor e administrador do grupo postou e, no grupo A, dois participantes diferentes postaram) terem ganhado experiência na produção e veiculação desse modo de língua(gem) devido à facilidade de captação desse texto em *sites* especializados em sua produção e também à sua popularidade mais recente no *Facebook*. O GIF geralmente é usado como forma de atrair a atenção dos usuários da rede (e dos participantes dos grupos) para as postagens.

Como mencionei anteriormente, o GIF é uma espécie de *mashup*, que significa a convergência de diferentes linguagens em um único *output*, uma prática de língua(gem) criativa e inovadora das mídias sociais. Sua novidade consiste na hibridização de linguagens, movimentos repetitivos e textos escritos contextualizados à situação comunicativa imediata. O GIF é mais uma variedade dentre as possibilidades de uso da língua(gem) da *internet*.

A existência do GIF está associada à disponibilidade de tecnologia e suporte que permitem sua produção e veiculação. Esse gênero discursivo que traz em sua natureza os princípios da hibridização é um formato de texto que passou a ser suportado pela tecnologia do *Facebook* a partir de 2015. Além da disponibilidade de tecnologia, o uso dessa prática de língua(gem) exige conhecimento e experiência do participante em utilizar os *sites* de criação desse tipo de língua(gem) para sua veiculação na *timeline* do grupo,

---

<sup>68</sup>Como justifiquei anteriormente, minha observação dos grupos ativos foi contínua e ocorreu mesmo durante a redação da tese, por isso trago dados atualizados dos grupos, embora não os tenha contabilizado no número de postagens do período de coleta de dados, que foi no intervalo de seis meses. Julguei importante trazer dados fora desse intervalo, pois eles mostraram as transformações ocorridas nas interações nos grupos.

bem como o entendimento do sentido de sua veiculação, isto é, de que se trata de uma prática de língua(gem) típica das redes sociais, de um “viral<sup>69</sup>” nesse tipo de mídia.

Essa prática interativa foi observada nos grupos A e C; nos demais grupos não registrei nenhuma ocorrência desse uso da língua(gem).

Diante das possibilidades interativas, os participantes dos grupos usaram a língua(gem) da *internet* por influência do ambiente de interação, o *Facebook*, que exerceu o papel de um **parâmetro de controle** no sistema. Contudo, observei que a rede influenciou os participantes a se estabilizarem em alguns comportamentos mais do que em outros. As ações visualizar, curtir e postar *hyperlinks* foram mais estáveis nos grupos do que o uso de outros recursos da linguagem da *internet*, como os *emojis*, *memes*, GIFs. Esses recursos foram usados no sentido de ampliar a expressividade discursiva dos participantes, devido ao ambiente que mediava as interações e que propiciava esses recursos, mas não foi um estado que o sistema de interações preferiu.









Em relação à língua(gem) acadêmica, ela foi outra possibilidades de uso da língua(gem). Os participantes usaram essa variedade de língua(gem) especialmente em interações burocráticas, em práticas sociais reconhecidas pelos usuários como prototípicas do universo acadêmico, como é o caso da veiculação de arquivos de textos carregados em todos os grupos, como já mencionei. O número de arquivos de texto de cada grupo foi o seguinte: grupo A (189), grupo B (59), grupo C (2), grupo D (12) e grupo E (3). Os arquivos veiculados eram de artigos científicos, capítulos de livros, listas de alunos, programas de ensino, etc. Na figura a seguir, exemplifico o uso dessa variedade de língua(gem) com os arquivos postados em cada um dos grupos. Como eram muitos arquivos, fiz um recorte da *timeline* de cada grupo com o conteúdo de alguns dos arquivos postados.

---

<sup>69</sup> “Derivação sufixal da palavra vírus que dá ideia de contaminação, mas na verdade esta palavra tem sua origem a partir de lançamentos de clips bem bolados e postados no *Youtube* onde alcançam milhões de acesso pelo mundo todo se tornando um **VIRAL** por sua contagiante influência e reconhecimento pela mídia, resultando num mega sucesso e, celebrizando seu autor. Em suma, algo que pega”. Disponível em: <http://www.dicionarioinformal.com.br/viral/> Acesso em: 15/09/2016.



**Figura 31:** Uso da linguagem acadêmica em arquivos de texto dos grupos

	<b>Turmas-salas-e-horários-Oferta-6-2016.xlsx</b> 5 de setembro às 12:04 · Versão mais recente por [redacted]	Baixar	Carregar revisão
	<b>Turmas-salas-e-horários-Oferta-6-2016.xlsx</b> 29 de agosto às 11:11 · Versão mais recente por [redacted]	Baixar	Carregar revisão
	<b>lista de espera ba_sico.docx</b> 28 de agosto às 18:47 · Versão mais recente por [redacted]	Baixar	Carregar revisão
	<b>TURMAS - BÁSICO Atualizada 25-08.docx</b> 25 de agosto às 19:01 · Versão mais recente por [redacted]	Baixar	Carregar revisão
	<b>TURMAS - INTERMEDIARIO.docx</b> 24 de agosto às 22:53 · Versão mais recente por [redacted]	Baixar	Carregar revisão
	<b>TURMAS - BÁSICO Atualizada (ULTIMA VERSÃO).docx</b> 24 de agosto às 22:52 · Versão mais recente por [redacted]	Baixar	Carregar revisão
	<b>TURMAS - BÁSICO Atualizada (mila).docx</b> 24 de agosto às 16:10 · Versão mais recente por [redacted]	Baixar	Carregar revisão
	<b>TURMAS - BÁSICO Atualizada.docx</b> 23 de agosto às 16:18 · Versão mais recente por [redacted]	Baixar	Carregar revisão

Fonte: Grupo secreto (A) do *Facebook*, 2016.



2014\_WashingtonRibeiro.pdf

3 de novembro de 2015 às 11:56 · Versão mais recente por

Baixar

Visualizar

Carregar revisão



Doc1.docx

6 de outubro de 2015 às 21:39 · Versão mais recente por

Baixar

Carregar revisão



CristianeDib.pdf

6 de outubro de 2015 às 13:34 · Versão mais recente por

Baixar

Visualizar

Carregar revisão



Wenger Cultivating communities of practice.pdf

5 de outubro de 2015 às 07:08 · Versão mais recente por

Baixar

Visualizar

Carregar revisão



affordance - Gibson.pdf

5 de outubro de 2015 às 07:03 · Versão mais recente por

Baixar

Visualizar

Carregar revisão



89110615-Marshall-McLuhan-A-Galaxia-de-Gutenberg.pdf

5 de outubro de 2015 às 07:02 · Versão mais recente por

Baixar

Visualizar

Carregar revisão




Fonte: Grupo fechado (B) do *Facebook*, 2016.

Todos os arquivos    Arquivos carregados    Documentos compartilhados				
	<b>O+ânus+solar+--Bataille.compressed.pdf</b> 17 de junho às 14:57 · Versão mais recente por [redacted]	Baixar	Visualizar	Carregar revisão
	<b>resenha do livro do Murilo o mundo sitiado - estado de minas (1).pdf</b> 10 de maio às 12:16 · Versão mais recente por [redacted]	Baixar	Visualizar	Carregar revisão

Fonte: Grupo aberto (C) do *Facebook*, 2016.

	<b>27. IMPACT_Tessler ed_final.pdf</b> 17 de junho de 2015 às 10:27 · Versão mais recente por [redacted]	Baixar	Visualizar	Carregar revisão
	<b>Sanchez 2010.pdf</b> 15 de junho de 2015 às 09:41 · Versão mais recente por [redacted]	Baixar	Visualizar	Carregar revisão
	<b>CLIL AT UNIVERSITY- RESEARCH AND DEVELOPMENTS L.pdf</b> 8 de junho de 2015 às 11:55 · Versão mais recente por [redacted]	Baixar	Visualizar	Carregar revisão
	<b>Christiane Dalton-Puffer, Tarja Nikula, Ute Smit-Language Use and Language Learning in CLIL Classrooms (AILA Applied Linguistics Series). John Benjamins Publishing Company (2010).pdf</b> 8 de junho de 2015 às 08:54 · Versão mais recente por [redacted]	Baixar	Visualizar	Carregar revisão
	<b>MaastrichUniversity.pdf</b> 2 de maio de 2015 às 20:41 · Versão mais recente por [redacted]	Baixar	Visualizar	Carregar revisão
	<b>Programa-EMI.pdf</b> 22 de abril de 2015 às 11:28 · Versão mais recente por [redacted]	Baixar	Visualizar	Carregar revisão

Fonte: Grupo secreto (D) do *Facebook*, 2016.

Todos os arquivos	Arquivos carregados	Documentos compartilhados	+ Criar documento	+ Carregar Arquivo
	<b>PET exam practice com Key 2.pdf</b> 11 de novembro de 2015 às 17:52 · Versão mais recente por [redacted]	Baixar	Visualizar	Carregar revisão
	<b>KET exam.pdf</b> 2 de setembro de 2015 às 17:03 · Versão mais recente por [redacted]	Baixar	Visualizar	Carregar revisão
	<b>Reading Skills and Strategies.pptx</b> 23 de agosto de 2015 às 17:36 · Versão mais recente por [redacted]	Baixar	Carregar revisão	

Fonte: Grupo fechado (E) do *Facebook*, 2016.

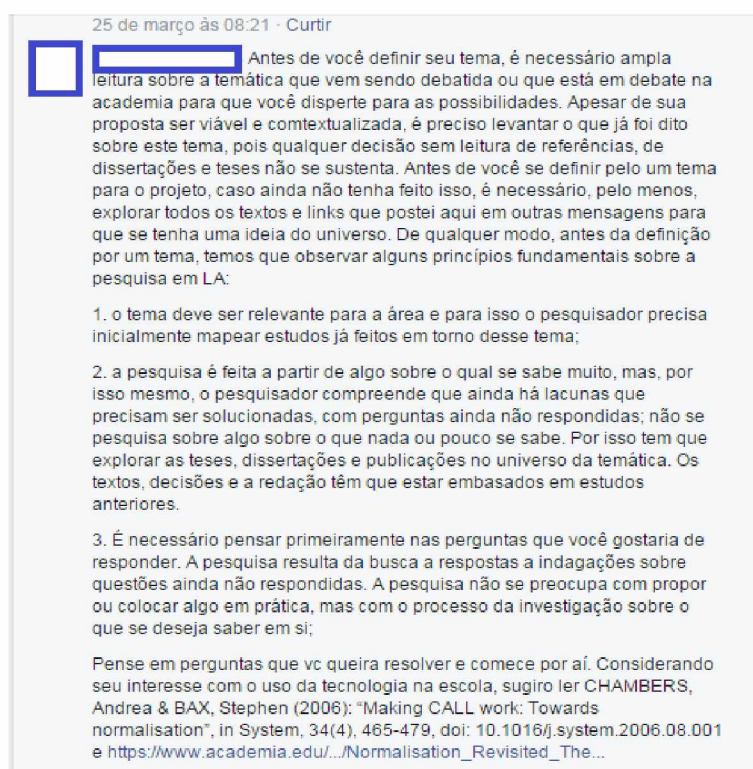
Todos os arquivos relacionavam-se ao universo acadêmico burocrático institucional, eram textos em linguagem escrita com padrões composicionais típicos das práticas de linguagem usadas na academia. Os participantes do grupo A, por exemplo, trocaram arquivos de texto, que na sua maioria estavam relacionados à organização dos cursos promovidos pelo grupo, como turmas de alunos, listas de inscrições, horários, etc. No grupo B, os arquivos relacionavam-se aos projetos dos orientandos e artigos científicos. No grupo C, os dois arquivos que apareceram foram uma resenha de um livro literário e uma digitalização de um livro teórico. No grupo D, todos os textos eram arquivos de artigos científicos. No grupo E, orientações pedagógicas e artigos científicos.

Embora a veiculação de arquivos de textos nos mais variados formatos não seja uma prática de linguagem típica da academia, pois ela aparece em outros contextos, ela é um recurso muito utilizado no meio acadêmico, como uma forma de veiculação da informação para que os alunos tenham acesso à bibliografia e demais textos escritos propostos nas diferentes disciplinas dos cursos de graduação e pós-graduação. Percebo

nesse tipo de postagem a influência do contexto acadêmico nas práticas de língua(gem) no *site* de rede social, evidenciando a tenuidade das fronteiras entre os diferentes espaços e práticas sociais.

Outra evidência do uso da linguagem acadêmica no *site* de rede social são postagens e comentários nos quais os participantes usam língua(gem) acadêmica para veicular informação e conhecimento, com o desenvolvimento de textos com densidade conceptual, como preconizam Snow e Uccelli (2009). Na figura a seguir, mostro uma postagem de um professor de um dos grupos que exemplifica o uso de língua(gem) acadêmica.

**Figura 32:** Interação do grupo B com padrão acadêmico de linguagem



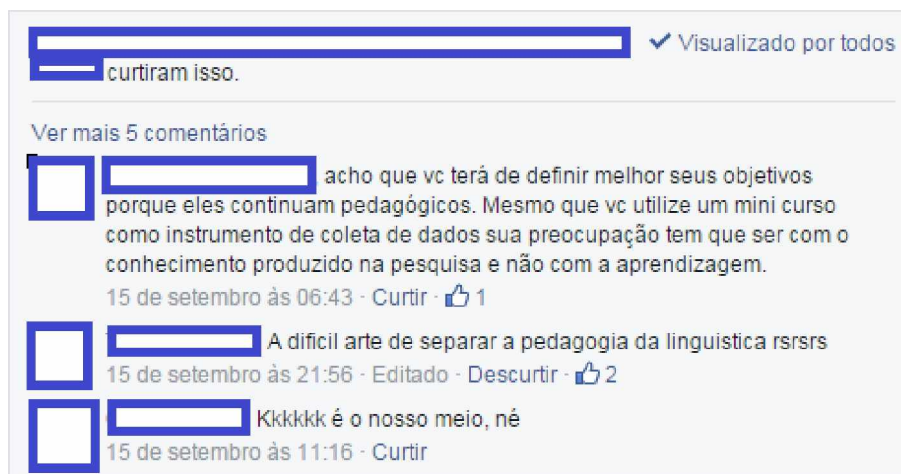
Fonte: grupo fechado (B) do Facebook, 2016.

Na figura, o discurso do professor é predominantemente acadêmico. Ele explica à aluna a estrutura de um projeto de pesquisa, as fases da investigação e o que se espera que seja feito em cada uma delas usando língua(gem) acadêmica. No último parágrafo da postagem, entretanto, aparecem marcas de língua(gem) da *internet*, como uma abreviação de você (*vc*) e de conversação (*Pense em perguntas que vc queira resolver e comece por aí*), que são característicos do discurso mediado por computador, como ratifica Tannen



(2013). O participante usa em seu discurso língua(gem) impessoal, com distanciamento discursivo, e também a personalização das ações linguísticas, interagindo diretamente com seu interlocutor. O mesmo aconteceu em uma postagem de outro participante do grupo B, como mostra a figura a seguir.

**Figura 33:** Interação do grupo B com hibridismo de língua(gem)



Fonte: grupo fechado (B) do *Facebook*, 2016.

O mesmo padrão de participação emerge na postagem mostrada. O participante usa língua(gem) acadêmica (organização estruturada da informação, uso de terminologia como escolha lexical, de acordo com Snow; Uccelli, 2009), em sua interação. Mas aparecem também marcas típicas da linguagem da *internet*, como abreviações (vc), marcas de oralidade (né) da linguagem coloquial, *netspeak* (kkkkk, rrsrsrs), evidenciando mudança na trajetória do discurso e comprovando o **hibridismo** típico do uso da língua(gem) em *sites* de redes sociais (TANNEN, 2013). Os participantes interagem e suas linguagens movem-se nas trajetórias, acadêmica e *internet*, padrão e coloquial mostrando que o sistema se **adapta** o tempo todo à paisagem discursiva em que se desenvolve. Esse fato evidencia a **diversidade** e **dinamismo** no uso da língua(gem) nos grupos no *site* de rede social.

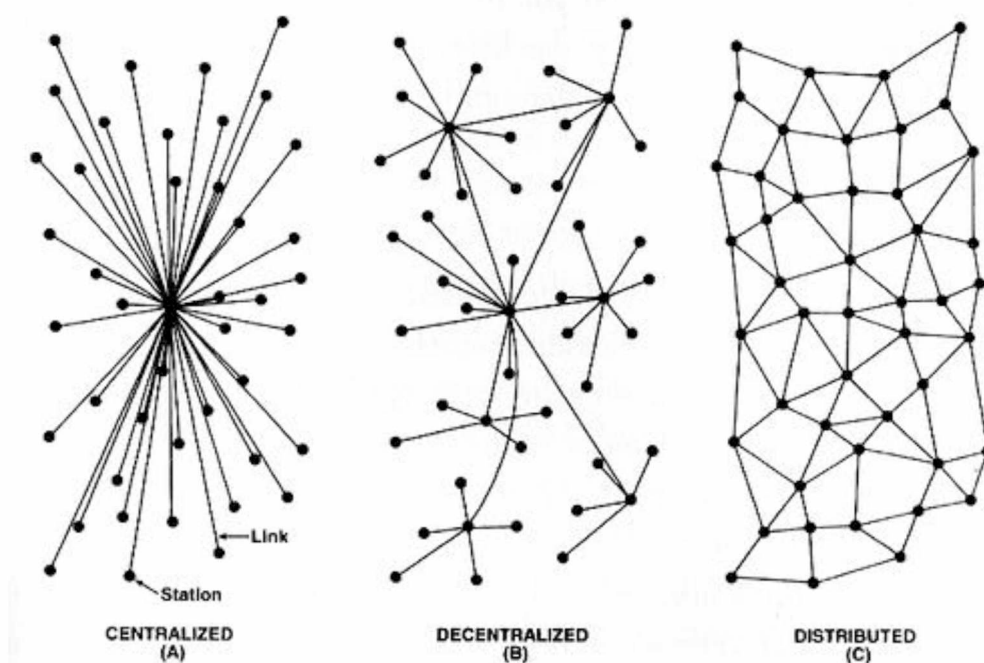
Os exemplos de postagens mostrados até então são bastante elucidativos por revelarem a alternância de estado nas interações, ou seja, o caráter **dinâmico** do sistema adaptativo complexo interacional dos grupos de professores e alunos no *Facebook*. Os agentes dos grupos adaptam sua língua(gem), mudam seu comportamento mediante a paisagem discursiva das interações, seja usando línguas diferentes (materna e adicional),

seja valendo-se das multimodalidades da língua(gem) (imagens estáticas, texto escrito, vídeos) ou variedades de língua(gem) diferentes (da *internet* e acadêmica). Tudo isso comprova a dinamicidade do sistema de interações, sua evolução ao longo do tempo e a diversidade de práticas de língua(gem) das quais se valeram professores e alunos para interagir em grupos no *Facebook*.

### 3.1.2 Controle distribuído e Mudança local

O controle distribuído e a mudança local no SAC dizem respeito à capacidade de auto-organização, à emergência de um padrão global resultante de interações locais (FIVE GRACES GROUP, 2009). O controle distribuído se estabelece quando não há centralidade de ações, os vários agentes do sistema complexo promovem mudanças locais em movimento *bottom up*, de baixo para cima, sem um comando central. Por meio da ação e da interação dos agentes o todo emerge. A figura a seguir mostra as imagens que representam os controles centralizado, descentralizado e distribuído.

**Figura 34:** Controles centralizado, descentralizado e distribuído



Fonte: Google imagens<sup>70</sup>

<sup>70</sup> Disponível em: <https://goo.gl/4UMxEP> Acesso em: 15/10/2016.

No controle centralizado, as ações são oriundas do centro e depois são espalhadas para os demais nós. Um exemplo de controle centralizado seria a Televisão, cujo poder de controle e distribuição da informação é concentrado na fonte emissora.

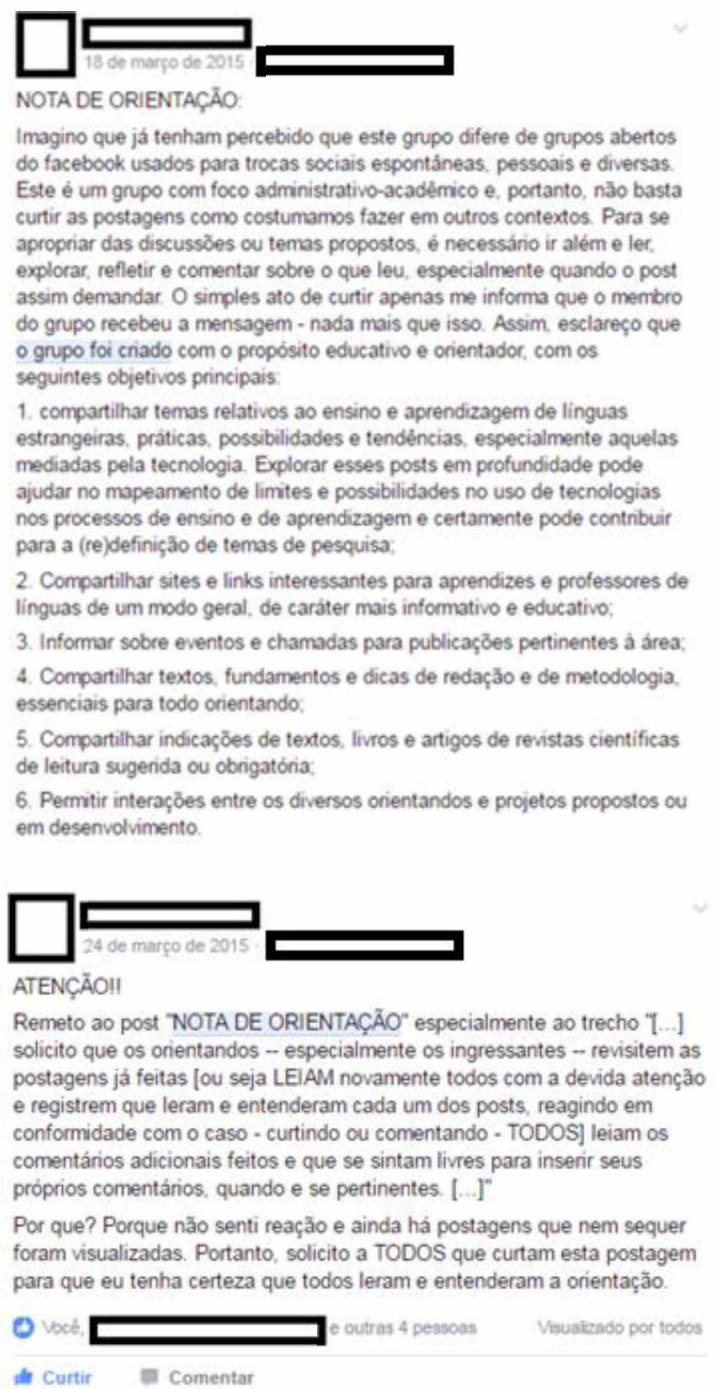
No controle descentralizado há vários centros, com várias redes centralizadas conectadas entre si, nas quais vários nós centralizam e distribuem a informação. Muitas organizações hierárquicas funcionam sob esse modelo (igreja, governo, empresas).

No controle distribuído não existe centro. Todos os agentes são responsáveis pelas ações no sistema. Assim, o poder e o controle são distribuídos pelos nós, não há um comando central determinando as ações, não há nenhuma estrutura hierárquica. No SAC, o controle é distribuído, o que propicia sua **estrutura em rede**. Conforme Braga (2014), os controles centralizados (e descentralizados) aumentam o estresse e diminuem os recursos disponíveis no sistema. Ao passo que o controle distribuído diminui o estresse e aumenta os recursos no sistema. A liderança distribuída emerge a partir da dispersão de controle entre os diversos agentes do sistema. O comportamento coerente é gerado pela competição ou cooperação entre os agentes do sistema (BRAGA, 2007).

Um padrão global emergente em todos os grupos foi a ação de apenas curtir as postagens, como já mencionei anteriormente, ao mostrar quantitativamente as postagens que foram somente curtidas em todos os grupos. Curtir foi uma emergência coletiva que surgiu a partir das reações dos participantes em cada uma das interações, penso que influenciados pelo comportamento normalmente exibido por usuários de redes sociais. A interação local de dois ou mais agentes fez emergir padrões globais capazes de modificar o estado do sistema de forma global, levando à mudança de estado.

Em um dos grupos (B), o professor percebeu o comportamento de apenas curtir dos alunos e os advertiu sobre a necessidade de comentar as postagens, no sentido de aprofundar as discussões sobre os temas relativos ao seu grupo de pesquisa, como pode ser observado nas postagens na figura a seguir.

**Figura 35:** Advertência do professor sobre o comportamento de curtir



Fonte: Grupo fechado (B) do Facebook, 2016.

Nas duas postagens, o professor apresenta sua expectativa em relação à participação de seus alunos no grupo. Ele esperava que os alunos estabelecessem uma **dinâmica** de interação diferente da comumente apresentada pelos usuários do *Facebook*. Embora mediados pelo *site* de rede social, os participantes do grupo deveriam ter uma

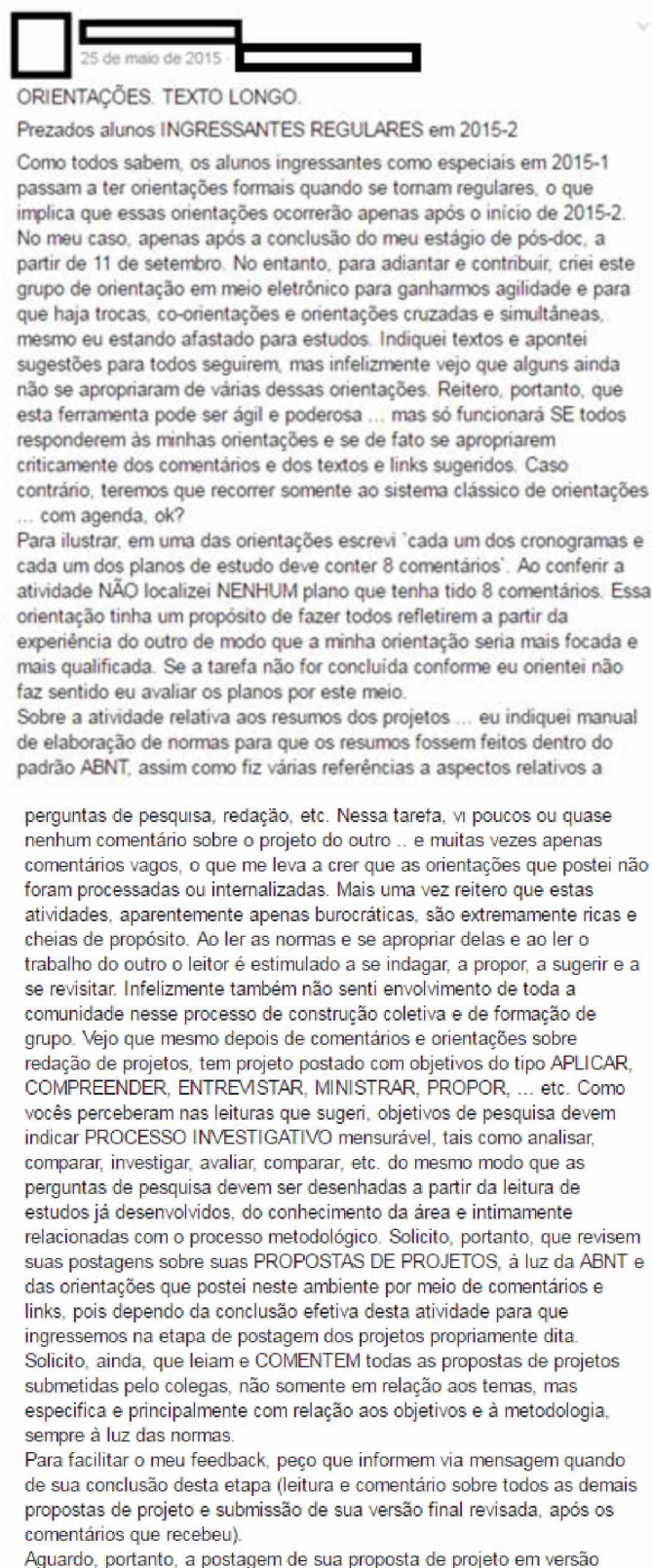
postura acadêmica de engajamento e participação, não exibindo comportamentos análogos aos da rede aberta. Na rede aberta, a ação de curtir é recorrente, mas essa ação não seria suficiente para marcar a participação no grupo em contexto acadêmico. O professor, por isso, orienta seus alunos para que explorem, reflitam e comentem as postagens, no sentido de se adaptarem ao contexto de interação, que no caso, teria “foco administrativo-acadêmico”, embora estivessem usando uma ferramenta de rede social na *internet*.

Contudo, apesar de não validar a ação de curtir como significativa na participação dos alunos, o professor reconhece a utilidade da ferramenta curtir como forma de assentimento à sua orientação. Percebendo o comportamento coletivo do grupo de curtir as postagens, o professor pede aos alunos que curtam a mensagem como comprovação de sua leitura. É interessante notar, que o curtir tem uma função na rede e, por isso, também no grupo e o professor reconhece essa função, que é de concordância, de ratificação de um discurso, de presença (o participante viu a postagem), etc. Mas devido ao objetivo do grupo, não bastava curtir as postagens, os alunos deveriam desenvolver processos negociativos em ações conjuntas.

Não obtendo a reação dos alunos para as interações acadêmicas, o professor novamente adverte os alunos acerca das relações que deveriam ser estabelecidas no grupo no *site* de rede social, como pode ser observado na figura a seguir.



**Figura 36:** Orientações do professor para o uso do grupo



Fonte: Grupo fechado (B) do Facebook, 2016.

O professor, nas postagens mostradas, orienta os alunos sobre como deveriam ser as atividades e discussões no grupo, o que é comum em uma sala de aula presencial e mesmo em um AVA. Geralmente, nos ambientes de aprendizagem (presenciais e não presenciais), o professor é quem “dá o tom”, quem dinamiza o sistema, nos termos de Silva (2008). Entendo que o processo de dinamização seja importante, mas não deve ser centralizado na figura do professor. É preciso que haja espaço para a agência dos alunos. Penso que as repetidas solicitações de participação dos alunos pelo professor foi uma tentativa de controle do SAC de interações.

No caso do grupo B, em um primeiro momento, após as solicitações do professor, que percebi como um estado de turbulência no sistema, os alunos foram levados para o estado de fase de comentar e postar as tarefas propostas, exibindo o comportamento esperado pelo professor, como mostra a figura a seguir.

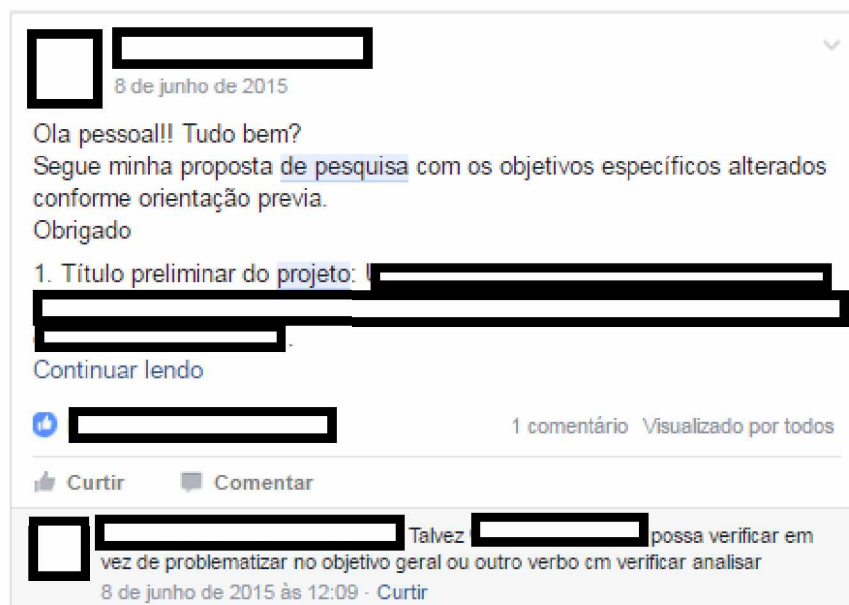
**Figura 37:** Comentários dos alunos na atividade sugerida



Fonte: Grupo fechado (B) do Facebook, 2016.

Nessa postagem, um projeto de pesquisa de um dos participantes, aparecem os oito (8) comentários dos colegas sugeridos pelo professor, no sentido de que as discussões contribuíssem para a melhoria do desenho e redação dos trabalhos. Os alunos se envolveram na ação conjunta negociando sentidos, engajando-se na discussão. Contudo, esse comportamento não foi emergente no grupo, ele foi um processo *top down*, por isso, não promoveu a **auto-organização** do sistema de interações levando-o para o estado de fase de comentar as postagens. Devido a esse fato, logo em seguida, os alunos voltaram ao estado de fase que o sistema de interações preferia, ao padrão coletivo emergente no grupo, que era o de apenas visualizar e curtir as postagens. Na figura a seguir mostro uma postagem feita um dia após a postagem da figura anterior em que apenas um participante comenta o projeto do colega, embora todos tenham visualizado e dois participantes, curtido.

**Figura 38:** Postagem com padrão coletivo de comportamento do grupo



Fonte: Grupo fechado (B) do Facebook, 2016.

Nessa postagem, fica claro que mesmo com as advertências do professor para que todos os alunos comentassem as postagens uns dos outros, os alunos não exibiram o comportamento esperado. O sistema de interações voltou ao atrator de visualizar e curtir as postagens. É interessante notar que esse comportamento foi uma **emergência coletiva** nesse grupo (nos demais grupos também), inclusive porque o professor também exibia



esse padrão de ação. Na maioria das postagens dos alunos, o professor também curti e/ou visualizava.

Nesse sentido, é importante perceber que em sistemas complexos o **controle é distribuído**, ou seja, o comportamento é **emergente** e não determinado por um líder (*top down*). Tentar controlar as ações em um SAC não fará com que o sistema exiba o padrão de comportamento esperado. A emergência é *bottom up*, ela se desenvolve mediante as interações locais entre os agentes do sistema. Apesar das orientações do professor, o sistema de interações não foi levado para a trajetória pretendida por ele. Davis e Sumara (2006) afirmam que há de se abrir mão do controle centralizado se quisermos que a complexidade aconteça.

Em alguns grupos, os professores parecem ter centralizado as ações, como mostrado no grupo B, cuja maioria das postagens foi feita pelo professor, e também do grupo C. Nesse último grupo, a quase totalidade das postagens foi de responsabilidade do professor e administrador do grupo. Das 457 postagens, apenas 4 foram feitas por participantes diferentes. Nos grupos D e E houve maior distribuição de liderança nas ações. Diferentes agentes postaram nesses grupos, mas ainda assim os professores tiveram papel relevante nas ações dos grupos. No grupo D, por exemplo, das setenta e três (73) postagens do grupo, vinte e sete (27) foram do professor. No grupo E, das trinta e duas (32) postagens do grupo, dezesseis (16) foram do professor.

Contudo, foi no grupo A que percebi a maior alternância de líderes, a emergência de um **controle distribuído**. De acordo com Braga (2007, p. 182),

a liderança distribuída parece ser responsável pela robustez das comunidades de aprendizagem autônomas *on-line* considerando-se que da descentralização ou do controle distribuído dessas comunidades desencadeia-se um repertório de possibilidades, sendo a primeira delas, a própria essência da complexidade considerando-se que, como aponta Johnson (2001). (...) Além desse aspecto, a liderança distribuída favorece a emergência de possibilidades coletivas tais como a criatividade, oportunidades de maior comunicação entre os aprendizes, construção de significado compartilhado, reciprocidade, coesão grupal, colaboração, dentre outras.

No grupo A, o controle foi distribuído no sistema de interações por meio de interações locais, que expressavam as necessidades imediatas dos participantes. Diferentes participantes postaram na *timeline* do grupo dinamizando o SAC de interações, não centralizando as ações em um único participante. Os professores e coordenadores do programa, ao qual todos estavam vinculados, não se constituíram como líderes, esse papel

coube a diferentes agentes em diferentes momentos. Na figura a seguir, mostro interações feitas em um mesmo dia nas quais três (3) diferentes agentes dinamizam o SAC de interações.

**Figura 39:** Controle distribuído no SAC de interações no grupo A

  5 de setembro às 16:30

 are a little late posting this, but we're having our introductory conversation club tomorrow from 5-6:30. Tell your students! Tell your friends! Bring your class! [Key Words: Free Food]



  5 de setembro às 15:16

Atenção professores:

O evento da USP encerra o período de inscrições no dia 10/09 (Sábado). ... Ver mais



**Inscrições | Centro Interdepartamental de Línguas**

Inscrições Para que os trabalhos aprovados figurem no caderno de resumos, lembramos que é necessário o envio do comprovante de depósito da inscrição. Para participar do evento COM apresentação de trabalho,...

CLINGUAS.DEV.FFLCH.USP.BR



  carregou um arquivo.

 5 de setembro às 12:04

Pessoal, essa planilha está atualizada com algumas salas.



**Turmas-salas-e-horários-Oferta-6-2016.xlsx**

Planilha

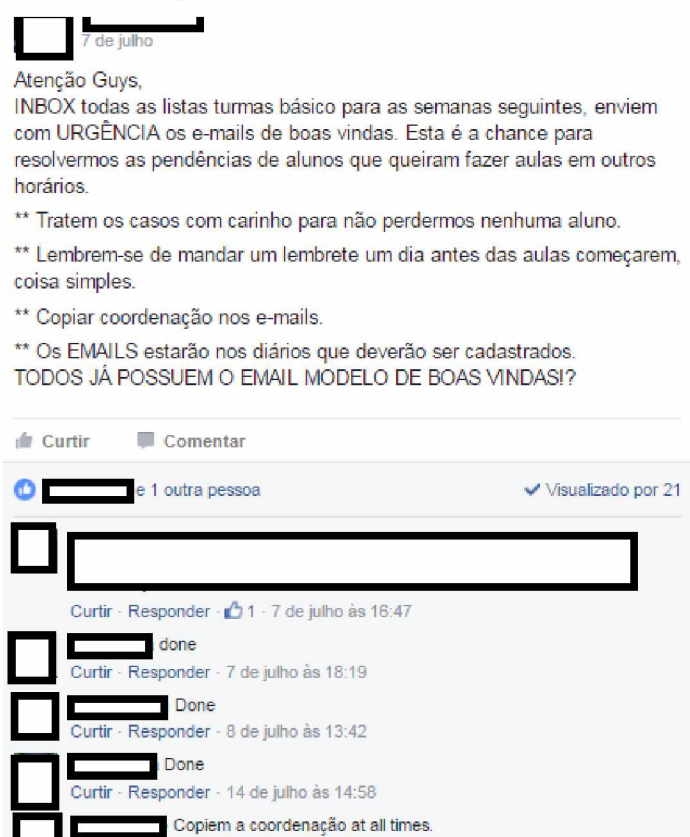
[Baixar](#) [Carregar revisão](#) [Histórico \(2\)](#)



Fonte: Grupo secreto (A) do Facebook, 2016.

No sistema de interações desse grupo em particular o controle foi distribuído; padrões coletivos emergiram a partir das interações imediatas entre os agentes que buscaram sinergicamente resolver os problemas do grupo sem esperar por uma liderança. Contudo, mesmo nesse grupo houve momentos em que os professores tentaram controlar o SAC, o que mostra que esse comportamento centralizador é muito forte nos professores de modo geral. Na figura a seguir mostro uma postagem em que o professor tenta controlar as ações no SAC.

**Figura 40:** Tentativa de controle



Fonte: Grupo secreto (A) do *Facebook*, 2016.

Na postagem um participante orienta os demais sobre como proceder no início das aulas, indicando ações desejáveis para o andamento do curso. Essa postagem mostra o controle distribuído nas interações, um participante, diferente do professor, toma a iniciativa de postar um roteiro de ações, inclusive instruindo que todos enviem e-mails com cópia para a coordenação. Mas ao mesmo tempo, mostra controle centralizado, quando no último comentário, o professor mesmo visualizando que o participante já havia

instruído os demais sobre as cópias para a coordenação, reforça essa ideia afirmando que a coordenação deveria ser informada o tempo todo. Entendi nessa ação uma tentativa de controle do SAC de interações por parte do professor, que parece ser um comportamento típico desse agente em diferentes contextos. Mesmo no *site* de rede social, em um grupo em que há liderança distribuída, o professor tenta controlar as ações dos participantes. Contudo, nesse grupo como o controle distribuído já é uma estabilidade, sendo portanto um atrator robusto, a tentativa de controle do professor não altera a trajetória do sistema, por isso os alunos continuam iniciando as propostas, dinamizando o SAC.

Nos demais grupos, principalmente no B e no C, embora houvesse centralidade de ações na figura do professor, a interação local entre os participantes promoveu a emergência coletiva que foram as reações de visualizar e curtir as postagens. Isso demonstra que no SAC o controle é distribuído.

### 3.1.3 Sensibilidade e Dependência da estrutura em rede

A sensibilidade e dependência da estrutura em rede no SAC relaciona-se ao fato de a estrutura interna e a conectividade do sistema terem um impacto profundo sobre a dinâmica do sistema (FIVE GRACES GROUP, 2009). Tudo está conectado no sistema adaptativo complexo formando uma rede intrincada de interações. Por isso, nada ocorre de forma aleatória no SAC.

Pelo fato de tudo estar conectado, os padrões de uso da língua(gem) emergentes nos grupos são fruto dessa disposição em rede. A emergência da ação de curtir, por exemplo, é um indicativo de que o sistema é sensível e dependente dessa estrutura em rede. Mesmo se tratando de grupos específicos (1 aberto, 2 fechados e 2 secretos) de professores e alunos interagindo com finalidades essenciais como as de estreitar laços sociais, de ampliar tempo/espço de interação, de resolver problemas de ordem pragmática desses grupos, ao interagirem mediados pelo *site* de rede social, os participantes dos grupos passaram a usar essa sociabilidade da rede social que é a ação de curtir.

Outra questão que relaciono à estrutura em rede é o fato de o sistema de interações dos grupos não ter se estabilizado no **atrator** de comentar as postagens. Na tabulação dos dados coletados, observei, por exemplo, que das 326 postagens do grupo B (o grupo mais ativo em comentários) 121, ou seja, 37 % foram comentadas, não por todos os

participantes, mas pela maioria. No grupo A, das 385 postagens, 145 foram comentadas, 37,6%. No grupo C das 457, apenas 78 foram comentadas, 18,2%. No grupo D, das 73, 35 foram comentadas, 48%. No grupo E, das 32 postagens, 16 foram comentadas, 50%.

Penso que uma das razões de o sistema de interações nos grupos não ter se estabilizado no comportamento de comentar seja o fato de o sistema complexo responder a *feedback*. O *feedback* pode ser entendido como um laço causal, uma cadeia circular de causas e efeitos, a retroalimentação do sistema devido a sua estrutura em rede (PALAZZO, 1999). No caso do grupo B, embora o professor tenha solicitado a participação ativa de seus alunos com comentários, ele não exibiu esse comportamento recorrentemente, não alimentando o sistema de interações na *timeline* do grupo recursivamente. Penso que esse seja um indicativo da estrutura em rede do sistema, os membros do grupo B não comentaram todas as postagens, porque o professor pouco comentou. Esse aspecto pode ser um importante dado para os professores ao utilizarem *sites* de redes sociais. Dinamizar sistemas interativos requer *feedback* imediato para que os laços sociais não se enfraqueçam, motivando os membros dos grupos para que tenham maior engajamento e participação e, assim, distribuir o controle entre todos os participantes.

Em meu entendimento, um dos motivos que pode ter influenciado no baixo envolvimento dos participantes em discussões nos grupos, o que poderia estar restringindo a participação dos alunos para o cumprimento dos propósitos do grupo, uma das forças contrárias que estaria competindo com a participação ativa dos membros no grupo, foi a justificativa manifestada no comentário a seguir.

**Figura 41:** Postagem de justificativa para baixa participação

Lembro, no entanto, que os posts marcados como obrigatórios devem ser lidos e explorados, tais como aqueles relacionados à metodologia e redação de projetos científicos ou aqueles para os quais eu demandar comentários.

Em breve, solicitarei a cada um que poste sobre seus projetos para que todos possam opinar e sugerir. Para que cheguemos neste ponto é essencial, no entanto, que todos tenham uma base comum de referência. Daí a importância de ler e explorar os posts neste grupo em suas potencialidades.

Bom trabalho.



Fonte: Excerto de grupo fechado (B) do Facebook, 2015.

Nesse comentário o aluno mostra consciência do não cumprimento dos propósitos do grupo, mas a justificativa para a pouca participação era o número excessivo de postagens de *hiperlinks* para leitura e reflexão. Textos acadêmico-científicos, como mencionado na fundamentação teórica deste estudo, devido à sua densidade lexical e conceptual, exigem leitura e reflexão acuradas, por isso demandam tempo e processamento da informação de maneira mais sistemática. Portanto, em função da grande quantidade de textos, principalmente de *hiperlinks*, os alunos não estavam conseguindo processá-los a contento. Esse pode ter sido um dos fatores que influenciou o grupo B, que levou o sistema para o estado de fase de apenas visualizar e curtir as postagens. Contudo, em um sistema complexo, as diferenças entre dois estados de fase dependem de diferenças mínimas nas condições iniciais entre eles (GLEICK, 1991). Mudanças nas condições iniciais podem ter implicações desproporcionais no comportamento futuro do sistema, por isso outros fatores não detectados por mim podem ter influenciado o sistema.

Nos demais grupos, como no D e E, minha percepção também está relacionada à falta de *feedback* dos professores. No grupo A, associei o baixo número de comentários à apropriação que o grupo fez da rede, que detalharei mais adiante. No grupo C, relaciono

a pouca participação dos membros com comentários ao tipo de rede que se formou, uma rede associativa nos termos de Recuero (2009). Portanto, os fatores citados podem ter influenciado o comportamento do sistema de interações nesses grupos, sem determiná-lo. Mas outros fenômenos podem ter contribuído para que o sistema preferisse o comportamento exibido.

Um aspecto importante de se lembrar é que a estrutura em rede do sistema de interações propicia relações horizontais entre os participantes, que passam a ter acesso a recursos de outras redes sociais dos integrantes dos grupos. Foi esse justamente o meu caso, a partir do momento que me inseri no grupo C, por exemplo, passei a ter acesso a recursos e a conhecimentos aos quais não obteria facilmente em minhas redes sociais. Esse fato demonstra a sensibilidade e dependência da estrutura em rede dos sistemas complexos. A estrutura interna e a conectividade do sistema podem ter um impacto profundo na dinâmica das relações sociais e propiciar a emergência de valores importantes para os grupos.

### 3.1.4 Não linearidade e transição de fases

A não linearidade diz respeito ao fato de o todo não ser exatamente a soma das partes. Pequenas mudanças podem causar grandes efeitos: a emergência não é proporcional (FIVE GRACES GROUP, 2009). A transição de fases relaciona-se a um ponto de bifurcação, que ocorre sempre que o sistema está em dois estados ou fases qualitativamente diferentes ao mesmo tempo, “a beira do caos” (LARSEN-FREEMAN; CAMERON, 2008). O ponto de bifurcação pode significar uma mudança qualitativa no desenvolvimento do sistema. O sistema pode escolher um ou outro estado, pois as bifurcações são pontos na paisagem de possibilidades do sistema e podem significar mudança na trajetória de um atrator.

Entendi a **não linearidade** na desproporcionalidade no sistema de interações no grupo C. Embora o C tenha sido o grupo com o maior número de postagens no período coletado (457), os participantes desse grupo foram os que menos interagiram por meio dos mecanismos de participação do *Facebook*, ou seja, as reações dos participantes desse grupo às postagens foram esparsas. Poucos membros curtiram, comentaram e compartilharam as postagens feitas no grupo, tendo em vista o número expressivo de participantes (527 membros, número atualizado de 17/10/16). O *output* dessa rede não foi



proporcional ao *input* recebido, isto é, as muitas postagens feitas pelo professor não geraram interação proporcional no grupo. Na figura a seguir, exemplifico com um postagem que mostra poucas interações entre os participantes.

**Figura 42:** Exemplo de interação no grupo C



Fonte: Grupo aberto (C) do Facebook, 2016.

Apesar do número significativo de participantes, pouca interação foi manifestada, como pode ser visto na figura. Na primeira postagem, sete (7) pessoas reagem (5 curtir e



2 amei) e uma (1) comenta e o professor responde ao comentário (texto escrito e *emoticon*). Na segunda, apenas uma pessoa (1) curte. Esse fato se repetiu em todas as postagens feitas pelo professor observadas por mim; em cada um dos *posts*, uma média de dez (10) pessoas reagiu, número desproporcional ao número de participantes do grupo, o que mostra que as interações são não lineares ao número de participantes e de postagens. Interessante notar, que embora houvesse pouca interação nesse grupo por meio dos mecanismos de participação do *Facebook*, nenhum dos participantes se desligou do grupo. Os integrantes se mantiveram conectados e a cada dia novos integrantes se associaram ao grupo. Penso que esse fato possa estar relacionado ao teor das postagens. Todas elas tratavam de temas “leves”, ou seja, não houve discussões teóricas ou elucubrações dos participantes. O professor veiculou textos multimodais, especialmente os imagéticos, e interagiu com os participantes de forma espontânea, utilizando recursos da linguagem da *internet*, como os GIFs, e essas sociabilidades parecem atrair a atenção dos participantes desse grupo.

Em sistemas complexos, pequenas diferenças quantitativas de certos parâmetros muitas vezes podem levar a **transições de fase** (diferenças qualitativas). O sistema linguístico é definido como adaptação dinâmica a um contexto específico, no qual o contexto também é modificado pelos usuários da língua (LARSEN-FREEMAN; CAMERON, 2008). No entanto, essas adaptações não ocorrem ao acaso; elas são propiciadas por **parâmetros de controle**, os quais levam o sistema para um estado ou outro na paisagem de possibilidades. Penso que o uso de práticas de língua(gem) da *internet* como a postagem de GIFs, *memes*, a postagem, compartilhamento de *hiperlinks*, *emoticons*, *emojis*, abreviações, etc., possa ter significado uma **transição de fase** no uso da língua(gem) nas interações entre professores e alunos em grupos acadêmicos no *Facebook*. As práticas de língua(gem) da rede social na *internet* nesses grupos podem ser uma fase de transição no uso da linguagem, um momento de máxima criatividade, na qual “a estabilidade cede espaço à criatividade e à transformação”, como adverte Paiva (2009, p. 7). Essas práticas de linguagem gradativamente passaram a fazer parte do repertório dessa comunidade discursiva e foram usadas nas interações entre professores e alunos nesses grupos, mesmo se tratando de contexto acadêmico em um *site* de rede social. Entendo como parâmetro de controle no sistema de interações capaz de levá-lo à transição de fase, o próprio ambiente *Facebook*, que exerceu força capaz de levar professores e alunos a exibirem comportamentos típicos da rede social aberta, embora estivessem





Grupo fechado (B) do Facebook, 2016.



Grupo aberto (C) do Facebook, 2016.



Grupo fechado (E) do Facebook, 2016.

Na figura são mostradas postagens de todos os grupos com práticas de linguagem típicas da rede social, como um *hyperlink* que leva a um *site* que trata do tema específico do grupo em que aparece uma nuvem de palavras; na segunda imagem, um *meme* criado para divulgar o programa de ensino de línguas; na terceira imagem, um vídeo que se tornou viral na rede com diferentes apropriações, tratando-se de um *mashup*; na outra imagem, um GIF e na última um *meme* anedótico sobre aprendizagem de línguas com personagens da mídia televisiva conhecidas de todos nós. É interessante notar que em todos os grupos essas práticas de língua(gem) foram usadas como forma de interação em um contexto em que esse uso da linguagem não seria previsível. Isso mostra que o sistema estava em dois estados ou fases qualitativamente diferentes ao mesmo tempo, o contexto acadêmico e o ambiente da *internet*, e por força maior exercida pela rede, o sistema passou a exibir comportamentos prototípicos do *site* de rede social.

Finalizo essa seção ratificando que o uso da língua(gem) nos grupos analisados parece compatível com as noções gerais dos sistemas adaptativos complexos desenvolvidas pelo *Five Graces Group* (2009) e demais autores da Complexidade apresentadas no capítulo 1. O uso da língua(gem) foi dinâmico e emergente, ocupou

diferentes trajetórias na paisagem do sistema de usos da língua(gem), estabilizando-se em determinados atratores, por força do ambiente de interação e de demais forças socioculturais que influenciaram as dinâmicas do sistema.

O uso da linguagem foi heterogêneo, dinâmico; as mudanças foram imprevisíveis e desproporcionais aos *inputs* recebidos; novos usos emergiram de interações locais entre os agentes, promovendo comportamentos globais, devido à estrutura em rede do sistema de interação que foi influenciado pelo *site* de rede social.

Na seção seguinte, apresento a discussão acerca das apropriações que os grupos fizeram do *site* de rede social *Facebook* e o capital social gerado nas relações.

### **3.2 – Apropriações da rede e geração de capital social em grupos de professores e alunos no *Facebook***

Início esta seção com o posicionamento de Valadares e Murta (2012) de que o *Facebook* é um artefato contemporâneo de (re)apropriações, que se adapta às necessidades de seus usuários e à demanda da sociedade atual por conhecimento, interação, colaboração. Esse *site* de rede social, como qualquer outra invenção humana, é uma construção social e sua estruturação adapta-se à crescente multiplicidade de usos que os seres humanos dão aos artefatos culturais. Assim, como toda e qualquer tecnologia, o *Facebook* possui potencialidades e restrições (*affordances*) que são percebidas e efetivadas (ou não) por seus usuários, de acordo com seus objetivos e necessidades. À medida que as pessoas vão usando a ferramenta, novas apropriações vão surgindo, novas *affordances* sendo percebidas, diferentes dos propósitos originais. Penso que foi justamente o que aconteceu com o *Facebook*, ele foi criado por seus idealizadores para ser uma rede de contatos, uma forma de ampliar as redes sociais de universitários norte-americanos, mas atualmente ele é usado no mundo inteiro pelos mais diferentes grupos sociais, com os mais variados fins: comerciais, políticos, religiosos, de relacionamentos sociais e amorosos, educacionais, etc.

Recuero (2009) destaca que ao observar uma rede social é preciso perceber que a apropriação pode variar de acordo com o grupo que está utilizando o *site*. A autora complementa afirmando que “a apropriação de diferentes ferramentas de comunicação mediada pelo computador, a partir de suas limitações e forças, poderia servir a diferentes propósitos para um mesmo ator” (RECUERO, 2009, p. 106). Por isso, penso que o

*Facebook*, apesar de ser considerado pela autora como um *site* de rede social propriamente dito, ou seja, um sistema focado em expor e publicar as redes sociais dos atores, esse *site* tem sido usado para os mais diferentes fins por diferentes grupos sociais, e mesmo se tratando de grupos aparentemente análogos, como é o caso dos grupos analisados nesta pesquisa, grupos de professores e alunos universitários, a apropriação que esses agentes fazem desse ambiente não é idêntica.

Ao observar e, principalmente, ao interagir como usuária e participante de grupos acadêmicos no *Facebook*, percebi que embora as condições iniciais dos grupos tenham sido marcadas (ou não - alguns grupos não evidenciaram seus objetivos) pelos objetivos propostos pelos administradores dos grupos, os usos, as apropriações da rede nem sempre estavam em consonância com o que foi proposto. Os grupos se apropriaram de formas diferenciadas e também semelhantes do *site* de rede social, de acordo com seus interesses, envolvimento dos participantes e formas de interação. Todos os grupos investiram e geraram recursos que se tornaram acessíveis aos participantes por meio da interação ou da associação e que foram desfrutados individual ou coletivamente, gerando capital social de primeiro e segundo níveis.

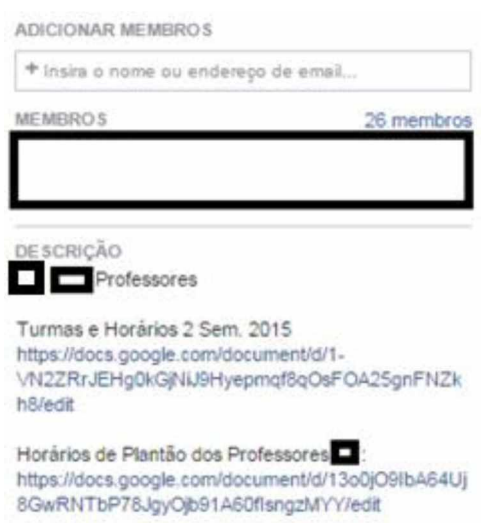
A seguir, analiso a apropriação da rede por cada um dos grupos separadamente, bem como o capital social gerado em suas interações, de forma a refletir sobre os impactos que esse artefato cultural pode ter nas interações entre professores e alunos em contexto acadêmico nesse *site* de rede social.

### **3.2.1 Grupo A**

O primeiro grupo que descrevo é o A, que é constituído por professores formadores e em formação que coordenam e ministram cursos de língua inglesa em um programa do governo federal em uma universidade pública. O uso da rede por esse grupo teve finalidade pragmática. De modo geral, os participantes se apropriaram da rede para resolução de problemas cotidianos relativos ao andamento dos cursos, das aulas e do programa como um todo. O *Facebook* para esse grupo parece funcionar como um meio de comunicação acessível e direto, para interações breves e instantâneas para resolução de problemas de ordem burocrática e institucional. Ao mesmo tempo, a rede funciona como um repositório de documentos importantes para o funcionamento do programa e ainda como espaço de troca de informações relevantes para a formação docente.

Uma evidência do pragmatismo do grupo é que no local destinado à descrição aparecem *links* de acesso a turmas e horários de aulas e plantões, como mostrado na figura a seguir.

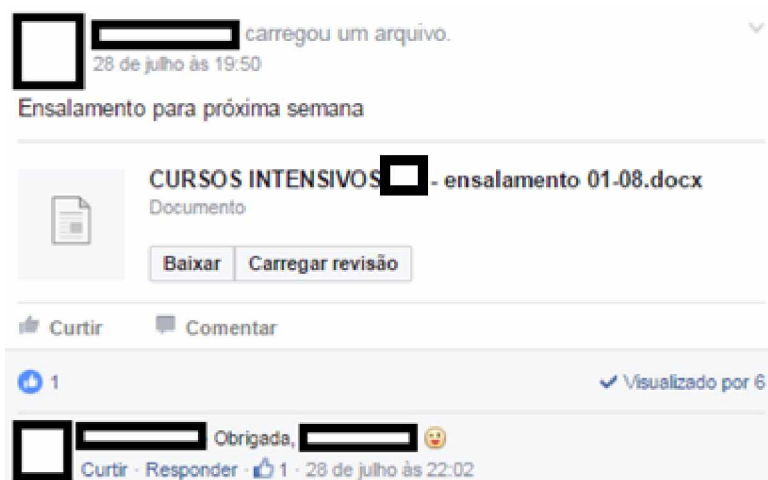
**Figura 44:** Descrição do grupo.



Fonte: Grupo secreto (A) do *Facebook*, 2016.

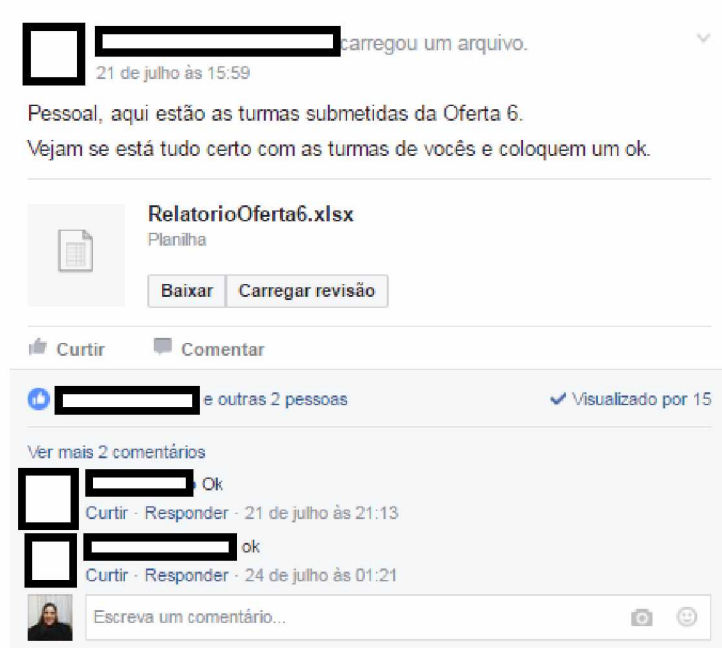
A grande maioria das interações do grupo, por meio de postagens e de comentários, refere-se a questões burocráticas de funcionamento do programa, como ensalamento, cronograma de aulas, lista de alunos e turmas, como mostra a postagem a seguir.

**Figura 45:** Uso do grupo para solução de questões burocráticas



Fonte: Grupo secreto (A) do *Facebook*, 2016.





Fonte: Grupo secreto (A) do Facebook, 2016.

As postagens de arquivos de texto consistem em documentos e planilhas de organização dos cursos, pois a rede funciona como um canal de comunicação direto para tratar de questões institucionais do programa. Devido à possibilidade de arquivamento de textos, a rede funciona também como um local convergente e acessível aos membros do grupo aos documentos produzidos no programa e pelos participantes, como um banco de dados. A figura a seguir, mostra alguns arquivos do grupo



Figura 46: Arquivos do grupo



Fonte: Grupo secreto (A) do Facebook, 2016.

A troca de materiais, organogramas, relatórios, cronogramas, etc. predominou no grupo, mas a postagem de *hiperlinks*, como mencionei na seção anterior, foi uma **estabilidade** também nesse grupo. Ao analisar as postagens de *hiperlinks*, percebi que a grande maioria delas foi feita por um mesmo membro, um dos professores formadores. As postagens desse participante divergiram das demais postagens dos outros membros. Percebo que isso reflete a imprevisibilidade dos sistemas complexos. A ideia do grupo era para o compartilhamento de informações específicas do programa de ensino de línguas e seus membros seguiram esse padrão. No entanto, esse participante “quebrou” a rotina, postando *hiperlinks* que não estavam relacionados com esse objetivo imediato. Tal atitude ressalta também a não linearidade e a dinamicidade do sistema. Enquanto as postagens dos outros participantes relacionavam-se a questões do próprio grupo e do programa ao qual estão filiados, as desse participante em particular estavam relacionadas a temas gerais da educação e ensino de línguas. Ao pesquisar as postagens desse agente no sistema de buscas do grupo, apareceram apenas postagens de *hiperlinks*, como as mostradas na figura a seguir:

**Figura 47:** Postagens de *hiperlinks* por professor do grupo A



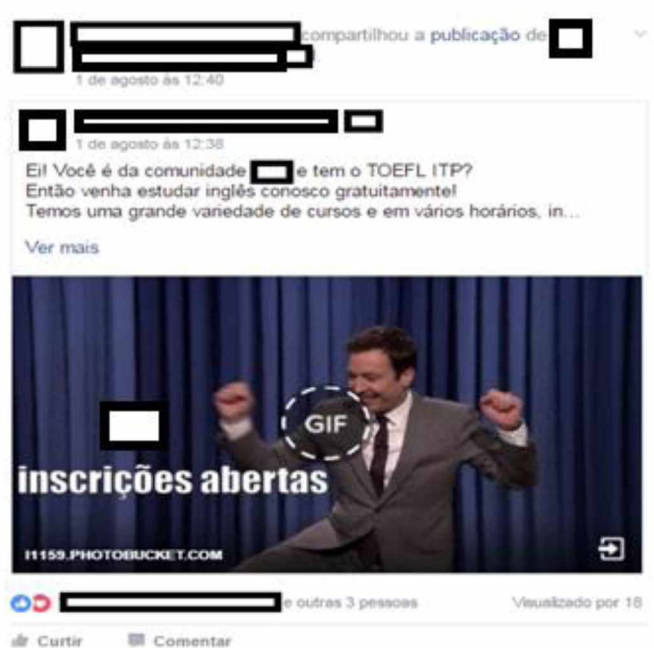
Fonte: Grupo secreto (A) do Facebook, 2016.

Contabilizando as postagens desse participante, até a escrita deste relatório em 08/08/2016, foram 158 *hiperlinks* relacionados ao ensino de língua inglesa. É importante ressaltar que as postagens de *hiperlink*, principalmente as de cunho educacional geral, feitas pelo professor que investiu recursos pessoais na seleção dos *hiperlinks*, foram uma fonte significativa de recursos e conhecimentos para o grupo, benefícios que foram obtidos e acumulados de forma privada pelos participantes, embora esses benefícios

sejam construídos e negociados na rede como um todo. Por isso, a postagem de *hiperlinks* gerou **capital social** relevante para o grupo e para os participantes, pois foram recursos que ampliaram os conhecimentos e informações do grupo.

Outras postagens de *hiperlinks*, feitas por outros membros, apareceram no grupo, entre elas GIFs, e estavam relacionadas ao programa de língua inglesa, principalmente à divulgação dos cursos, o que demonstra mais uma vez o caráter pragmático da rede, como mostra a figura a seguir.

**Figura 48:** Postagem de *hiperlinks* por membros do grupo



Fonte: Grupo secreto (A) do Facebook, 2016.

Ao observar essa rede, como mencionei na seção anterior, percebi que as interações nesse grupo apresentaram **controle distribuído**. Não houve assimetria na participação nessa rede, pois vários foram os membros do grupo que postaram e dinamizaram o sistema. Essa rede, por isso, mostrou-se mais coesa que as demais, pois o grupo apresentou mais reciprocidade nas interações, transparecendo mais envolvimento e participação, utilizando os mecanismos de interação do *Facebook*, as ações de postar, curtir, comentar, compartilhar e visualizar, de forma distribuída. Por isso, os laços sociais estabelecidos nesse grupo parecem ter sido mais **fortes**, todos os participantes (os atuais e os que já deixaram o grupo) interagiram em **nuances de interação mútua** no sentido de solucionar problemas cotidianos do grupo, para trocar informações e conhecimentos

relativos ao seu objetivo comum: o ensino de língua inglesa em um programa governamental. Granovetter (1973) explica que os laços vão acumulando intimidade e confiança. Os laços fortes tendem a conectar atores mais semelhantes entre si (ou seja, com características mais homogêneas, com *backgrounds*, cultura e educação semelhantes), uma característica denominada homofilia. Contudo, em sistemas complexos humanos, a não linearidade é inerente, isso quer dizer que mesmo em grupos semelhantes, aparentemente homogêneos, os laços sociais podem mudar tornando-se fracos ou até associativos. Entretanto, nesse grupo em especial, a confiança e a intimidade entre os participantes e os objetivos comuns mantiveram a força das relações. Penso que o controle distribuído teve grande importância para que o grupo atingisse seus objetivos e se mantivesse unido.

As interações por meio de ações conjuntas nesse grupo foram pontuais, breves, curtas, pois elas tinham finalidades práticas, mesmo assim, cumpriram seu propósito comunicativo. Na figura a seguir, mostro alguns comentários veiculados no grupo que ilustram bem o caráter das discussões.

**Figura 49:** Exemplo de comentários no grupo



Fonte: Grupo secreto (A) do Facebook, 2016.



Os diálogos estabelecidos entre os participantes comprovam o caráter prático das interações e o uso que os participantes deram à rede: resolver problemas cotidianos do grupo; os participantes afirmaram que resolveriam as atividades pelo grupo, pois ficaria mais organizado.

Devido ao pragmatismo do uso do *site* de rede social por esse grupo, as relações mantidas entre os participantes foram de reconhecimento mútuo em prol de um objetivo comum (o desenvolvimento do programa de ensino de língua inglesa). A manutenção dos laços sociais entre os participantes demandou investimento e custos para os participantes e todos eles fizeram esforço de sociabilidade para que os laços sociais do grupo não se enfraquecessem, mesmo com a entrada e saída de agentes do sistema. Para a manutenção dos laços, eles utilizaram os mecanismos comunicacionais do *Facebook*, estabelecendo nuances de interação mútua.

O grupo, a partir do uso que estabeleceu para a rede, gerou capital social heterogêneo (COLLEMAN, 1988), recursos materiais e simbólicos que todos puderam usufruir. Esses recursos foram disponibilizados para o grupo por meio de diferentes usos da língua(gem) e foram usufruídos individual e coletivamente, constituindo capital social de primeiro e segundo níveis.

No grupo, percebi o desenvolvimento de diferentes categorias de capital social de acordo com Bertolini e Bravo (2004), que listo a seguir:

**a) relacional** – os participantes se relacionaram mutuamente em nuances de interação mútua, mantendo laços sociais fortes, cuja finalidade primária era (é) a manutenção de relações profissionais. Na postagem a seguir, exemplifico o tipo de interação mantida no grupo:

**Figura 50:** Interação mútua com objetivos profissionais



Fonte: Grupo secreto (A) do Facebook, 2016.

As interações do grupo A tiveram um caráter estritamente acadêmico-profissional. Todas as interações observadas tinham conteúdo relacionado com as atividades desenvolvidas pelos participantes do grupo (ensino de língua inglesa) ou com o universo educacional. Os participantes mantiveram os laços sociais nesse grupo como forma de obter e disponibilizar recursos. O **capital relacional** foi de **manutenção dos laços** estabelecidos entre os participantes no contexto *off-line* (a universidade a qual pertencem

e o programa de ensino que coordenam/ministram cursos). Esse é um tipo de capital social de primeiro nível, ou seja, aquele que é usufruído pelo indivíduo.

**b) normativo** – as regras e as normas de comportamento foram internalizadas pelos participantes no uso da rede. A apropriação dada pelo grupo à rede restringiu as possibilidades de interação ao universo acadêmico-profissional. O grupo estabeleceu algumas normas de comportamento, como a mostrada na figura:

**Figura 51:** Normas de comportamento do grupo



Fonte: Grupo secreto (A) do Facebook, 2016.

Na postagem é possível identificar uma norma destacada pelo grupo: a obrigatoriedade no compartilhamento de publicações em modo público e as ações de curtir e compartilhar como forma de assentimento. É importante ressaltar que nem sempre essas normas de comportamento são explicitadas, na maioria dos casos, elas são subentendidas e internalizadas a partir da experiência. Nesse caso, os participantes acharam por bem reforçar essas regras manifestando-as na interação, e a iniciativa de estabelecer essa norma partiu de um dos participantes; o professor no comentário só incentiva a ideia do aluno.

**c) cognitivo** – o conhecimento e as informações disponibilizadas no grupo por meio da língua(gem) em uso, que foram (são) as postagens de textos relativas à organização dos cursos e as postagens de *hiperlinks* com informações de fora da rede (contexto externo) sobre ensino e aprendizagem de línguas foram fontes que puderam ser

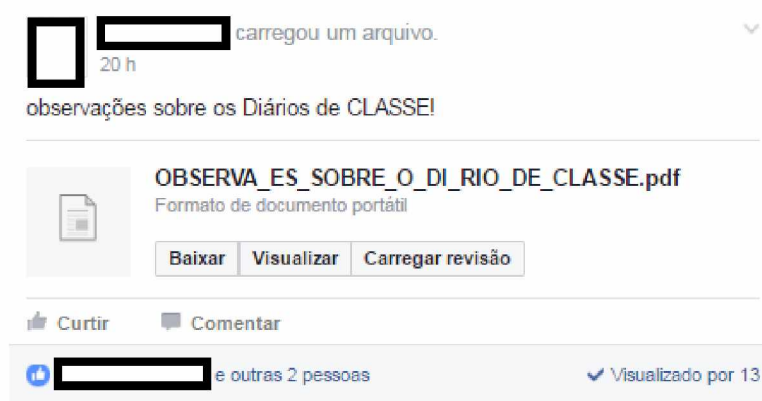
usufruídas pelos participantes. E ainda, o conhecimento advindo das experiências acumuladas no grupo, manifestadas nas interações por meio de ações conjuntas, que puderam ser apropriadas pelos participantes. Exemplos de capital social cognitivo foram apresentados ao longo desse capítulo, trata-se de todas as postagens que de alguma forma podem ter gerado conhecimento e informação aos participantes.

**d) confiança no ambiente social** – os participantes apresentaram um alto nível de confiabilidade no ambiente da rede e manifestaram vontade de cooperar uns com os outros. Um dos aspectos que relaciono à confiabilidade no ambiente é a configuração secreta do grupo. Nesta configuração, somente os participantes podem encontrar o grupo e ver suas publicações, o que pode ter propiciado confiança e engajamento. Aliado a isso, penso que o fato de as interações no *Facebook* serem de manutenção de laços sociais *off-line* reforça a confiança que os participantes depositam no grupo. Para ilustrar esse aspecto da confiança, mostro duas postagens nas quais os participantes compartilham documentos (simulado e diário) de uma pasta pessoal e observações sobre diários de classe, que são documentos sigilosos. Os participantes mostram confiança no ambiente da rede para compartilhar arquivos dessa natureza.

**Figura 52:** Confiabilidade no ambiente de interação







Fonte: Grupo secreto (A) do *Facebook*, 2016.

**e) institucional** - Bertolini e Bravo (2004, p. 4) baseados em North (1990) definem instituições como “complexos de construções informais, de regras formais e de mecanismos que são auto-sustentáveis, que constituem de tal maneira as regras do jogo da interação humana”<sup>71</sup>. Penso que os participantes tenham se mobilizado neste grupo também em função de seu caráter institucional, como professores de um programa de língua estrangeira vinculado a uma universidade, na qual são docentes e discentes.

O capital social gerado nesse grupo foi de primeiro e segundo níveis, conforme Bertolini e Bravo (2004), ou seja, aquele que pode beneficiar o indivíduo e o coletivo. Os participantes usufruíram do conhecimento, das informações, das relações interpessoais de forma individual, mas o coletivo também se fortaleceu devido à confiança no ambiente da rede e nas instituições envolvidas. Por isso, a apropriação do *Facebook* pelo grupo propiciou a **emergência** de uma **comunidade de interesses** (WELLMAN, 1999). O grupo A usou e ainda usa o *site* de rede *Facebook* como um meio de comunicação eficiente, ou seja, como uma **rede social**, no cotidiano acadêmico e profissional de seus participantes, que inclui ser uma **plataforma convergente de recursos**.

<sup>71</sup> By "institution" we mean, according to the definition given by North (1990, 384), those complexes of "informal constructions, of formal rules and of mechanisms which are self-supporting", which constitute in such a way "the rules of the game of human interaction".

### 3.2.2 Grupo B

As interações nesse grupo, bem como as apropriações da rede pelos participantes foram dinâmicas. O comportamento dos participantes variou substancialmente ao longo do tempo, bem como de acordo com as ferramentas do *site* utilizadas.

O professor orientador fez questão de evidenciar os objetivos da criação do grupo no *site* de rede social no local destinado para esse fim, como mostra a figura a seguir:

**Figura 53:** Descrição dos objetivos do grupo.



Fonte: Grupo fechado (B) do *Facebook*, 2016.

É importante mencionar que a criação deste grupo no *Facebook* foi o recurso tecnológico que possibilitou que o professor mantivesse seus alunos sob sua orientação em um período de afastamento. A ferramenta teve uma função comunicativa primária e foi percebida pelos participantes, a princípio, como um canal de comunicação acessível e amigável que mediaría as interações, mitigando o problema do afastamento do professor.

Desde o início da criação do grupo, o professor estabeleceu que o *Facebook* mediaría as orientações e a rede seria usada como um **ambiente virtual de aprendizagem** (AVA)<sup>72</sup>, onde os alunos deveriam postar seus projetos, compartilhar textos de diferentes modalidades que fossem pertinentes às pesquisas e demais atividades propostas e ainda interagir mutuamente em prol da formação.

<sup>72</sup> De acordo com a Wikipedia: Ambientes virtuais de aprendizagem (Virtual learning environment) são softwares que auxiliam na montagem de cursos acessíveis pela internet. Elaborado para ajudar os professores no gerenciamento de conteúdos para seus alunos e na administração do curso, permite acompanhar constantemente o progresso dos estudantes. Como ferramenta para EAD, são usados para complementar aulas presenciais. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Ambiente\\_virtual\\_de\\_aprendizagem](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ambiente_virtual_de_aprendizagem) Acesso em: 14/08/2016.

Em suas interações, o professor se comportou como que em um AVA, demandando a participação ativa dos alunos nas atividades de orientação propostas. Para isso, o professor afirmou que os participantes deveriam se adaptar àquele ambiente de interação acadêmica. Desde o início, o professor quis imprimir um caráter institucional ao grupo, afirmando que aquele espaço seria de orientação formal. O comportamento dos participantes no grupo, contudo, foi, na maioria das vezes, como *lurkers*<sup>73</sup>, visualizando e curtindo frequentemente e compartilhando e comentando as postagens feitas pelo professor na maioria das vezes apenas quando demandados. A apropriação da rede pelos participantes parecia estar em descompasso com a pretendida pelo professor. Os alunos utilizaram os mecanismos de participação do *Facebook*, especialmente os naturalizados na rede, como curtir e visualizar, apesar das recomendações do professor, como no exemplo da postagem a seguir.

**Figura 54:** Mecanismos de interação utilizados pelos participantes



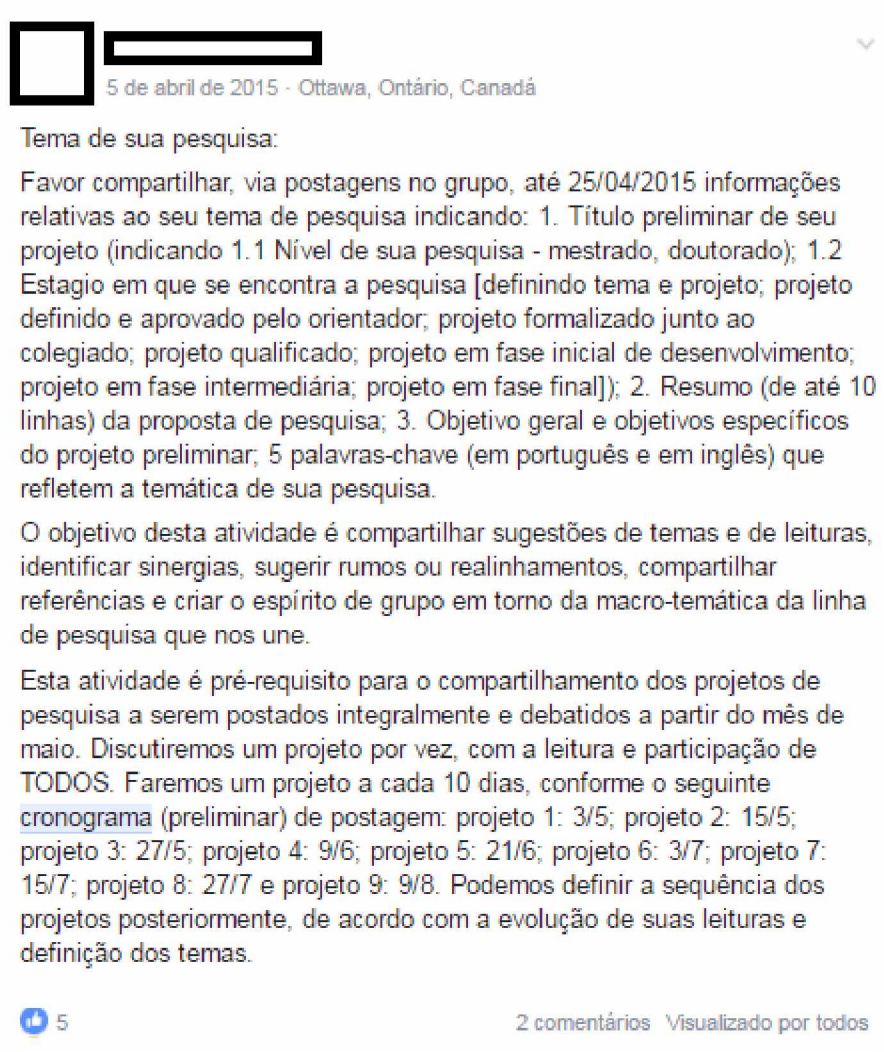
Fonte: Grupo fechado (B) do Facebook, 2016.

<sup>73</sup> Na cultura da internet, é alguém que lê as discussões em fóruns, grupos de notícias, chats ou compartilhamento de arquivos, mas nunca ou raramente participa de forma ativa. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Lurker> Acesso em: 23/10/2016.



No sentido de evidenciar a orientação, o professor dinamizou o grupo solicitando o engajamento e a participação a partir de atividades que foram: postagem dos temas de pesquisa, postagem e análise dos projetos de pesquisa, cronogramas de desenvolvimento das pesquisas e planos de estudo. Na figura a seguir, mostro um exemplo de atividade proposta pelo professor.

**Figura 55:** Atividade proposta pelo professor



Fonte: Grupo fechado (B) do *Facebook*, 2016.

Assim como em um AVA, o professor buscou desenvolver a participação dos alunos no grupo por meio de tarefas. Contudo, essa dinâmica de participação/orientação não ocorreu como prevista por ele, pois os alunos não se engajaram nas atividades de

forma espontânea. O controle do grupo ficou centralizado na figura do professor, o que tornou sua tarefa pesada. Parece que os alunos perceberam o professor como o único parâmetro de controle no sistema, ou seja, o responsável por dinamizar as interações. O professor, por seu turno, não retroalimentou os fluxos interacionais entre os participantes dando *feedbacks* nas postagens, nem motivou o comportamento mais ativo de seus alunos. O comportamento tanto do professor quanto dos alunos parece ter levado ao controle centralizado no grupo. A participação nas atividades foi determinada pelo cumprimento de tarefas havendo pouca manifestação espontânea, de interação emergente, na *timeline* do grupo. As postagens espontâneas dos alunos não foram muitas, dentre elas destaque: postagens de *hiperlinks*, referenciais bibliográficos de interesse do grupo, propagação de *memes*, divulgação de eventos acadêmico-científicos, fotos dos participantes em eventos acadêmicos. Estes foram alguns tipos de postagens voluntárias dos participantes, que surgiram de acordo com as necessidades de interação de cada um. No exemplo a seguir mostro uma postagem de um *meme* feita por um dos participantes na *timeline* do grupo.

**Figura 56:** Postagem espontânea de participante na *timeline* do grupo B.



Fonte: Grupo fechado (B) do Facebook, 2016.

Como em um AVA, as tarefas foram cumpridas pelos alunos, mas as interações por meio de comentários, com discussões aprofundadas sobre as tarefas, como demandadas pelo professor, o que também é típico de um AVA, não foram desenvolvidas.

No exemplo a seguir, mostro uma postagem de uma das atividades na qual houve contribuições dos participantes (só três comentaram) ao trabalho do colega.

**Figura 57:** Postagem de atividade e comentários dos participantes.

The image shows a screenshot of a Facebook post and its comments. The post is from a user whose name is redacted with a black box. The post is dated '23 de abril de 2015' and is from 'Uberlândia, Minas Gerais'. The text of the post is as follows:

Pessoal,

Estou postando a Atividade Obrigatória 02. Durante as leituras e elaboração desta atividade, já fiz algumas modificações em relação ao [projeto inicial](#). Sei que haverão outras e espero sugestões.

Continuar lendo

3 likes · 5 comentários · Visualizado por todos

Below the post, there are three comments, each from a user whose name is redacted with a black box:

**Comment 1:** legal sua proposta. Acredito que vc terá que desenhar bem a metodologia e fundamentar teoricamente seu trabalho. Dois autores interessantes que trabalham com ESP é o Bathia (não sei se é assim que se escreve) e Swalles. Outro que fala das questões de letramento social é o Street. Vc terá que desenhar bem sua pesquisa porque da forma com que vc apresenta seu objetivos eles são totalmente pedagógicos, é como se fossem objetivos de ensino. E embora sua intenção seja desenvolver um experimento montando um curso, acredito que vc fará uma pesquisa de intervenção, uma pesquisa-ação (me corrija se estiver errada) e por isso seus objetivos têm que ser de pesquisa, sua preocupação não é com o aluno e sim com o desenvolvimento do conhecimento. Vc não tem que proporcionar desenvolvimento profissional, utilizar elementos da língua, nem capacitar o aluno para autonomia, vc tem que desenvolver conhecimento científico acerca do seu objeto que vc irá testar por meio da criação do curso para ver se sua hipótese de pesquisa se confirma ou não. Sobre avaliação, escrevi um artigo de área complementar depois compartilho quando for aprovado, mas se vc quiser ler alguma coisa na área o Alex Primo escreve sobre avaliação em AIVA. Bem, espero ter contribuído um pouco... E a gente vai conversando...

23 de abril de 2015 às 18:13 · Curtir · 2 likes

**Comment 2:** amigo não sei, mas a meu ver precisa verificar o excesso de objetivos, vc sabe que quanto mas objetivos mais trabalho, bjs

28 de abril de 2015 às 23:37 · Curtir

**Comment 3:** Você pode focar também o despertar o lado crítico dos alunos enquanto leitores dos temas certo? Você fala um pouco a esse respeito?

1 de maio de 2015 às 17:44 · Curtir

**Comment 4:** A princípio não falo não... Não sei se seria o momento, uma vez que vou trabalhar só com textos técnicos e científicos... Talvez outro nível de criticidade...

1 de maio de 2015 às 17:53 · Curtir · 1 like

**Comment 5:** creio que vc pode condensar seu objetivo geral, a meu ver ficou extenso e tm os objetivos específicos que começam com utilizar, pois estão, a meu ver na mesma linha, não pude perceber sua metodologia, mas acredito que vc terá sabedoria para ajustar seu [projeto](#) como deseja. bjs

26 de maio de 2015 às 11:29 · Curtir

Fonte: Grupo fechado (B) do Facebook, 2016.

Nesta atividade, que o participante ressalta como obrigatória, somente três alunos comentam, quando deveriam ser oito comentários (inclusive o do professor). Nesse



comentário, o participante deu sua contribuição lendo o projeto com cuidado, indicando referências, investindo na interação, engajando-se na atividade. Contudo, não houve envolvimento de todos, nem mediação do professor, o que poderia ter retroalimentado o sistema de interações.

Alguns participantes tentam justificar a pouca participação nas atividade com os seguintes comentários mostrados na figura a seguir.

**Figura 58:** Comentário de participantes justificando a ausência de participação.



Fonte: Grupo fechado (B) do Facebook, 2016.

Os participantes poderiam ter negociado com o professor as tarefas de orientação para que fossem mais compatíveis com suas necessidades ou poderiam eles mesmos ter demandado a ajuda que esperavam obter no grupo. Os momentos em que os participantes mostraram maior engajamento foram aqueles que tratavam de interesses mais pragmáticos, como informações sobre o programa, sobre bolsas, eventos acadêmicos e demais assuntos que despertaram o interesse pessoal de cada participante, como na postagem a seguir.

**Figura 59:** Postagem que despertou interesse dos alunos e envolvimento na interação



Fonte: Grupo fechado (B) do Facebook, 2016.

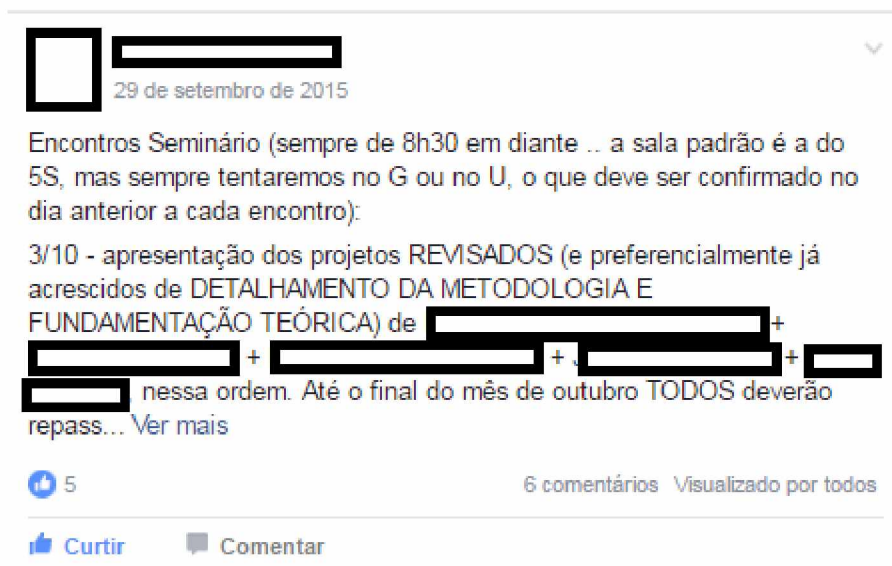
Esta postagem proposta pelo professor, mas que era um assunto de interesse de todos foi comentada espontaneamente pelos alunos (dezessete (17) comentários de quatro participantes). O envolvimento na interação por meio de negociação de sentidos relacionava-se às necessidades imediatas dos participantes, de interações que emergiram de relações de curto alcance (DAVIS; SUMARA, 2006), para obtenção de informações práticas.

Diante das postagens mostradas até então, percebi que a expectativa do professor orientador era de que o grupo no *Facebook* funcionasse como uma extensão da sala de aula, de que o grupo se apropriasse do *Facebook* como um AVA. E foi o que aconteceu durante um período de tempo em alguns aspectos, como nas interações motivadas pelas



atividades, na postagem de arquivos de textos, na organização da agenda dos encontros presenciais e não presenciais de orientação e de disciplinas, como mostra a figura a seguir.

**Figura 60:** Exemplo de postagem semelhante à postagens de AVA



Fonte: Grupo fechado (B) do Facebook, 2016.

O comportamento dos participantes nesses aspectos foi como o observado geralmente em AVAs: participação motivada por atividades, repositório de textos e *hiperlinks*, uso acadêmico da língua(gem), controle centralizado pelo professor.

Entretanto, em outros aspectos, tanto os alunos quanto o próprio professor se comportaram e usaram o grupo como rede social na *internet*. O comportamento dos participantes na rede esteve longe do ponto de equilíbrio, por isso variou ao longo do tempo. As ações de curtir e visualizar, típicas dos *lurkers* da rede, foram as ações mais convergentes no grupo e também fizeram parte dos comportamentos apresentados pelo professor. O uso de língua(gem) típica da *internet*, como a postagem de *hiperlinks*, foi a ação mais recorrente no grupo, principalmente nas postagens do professor.

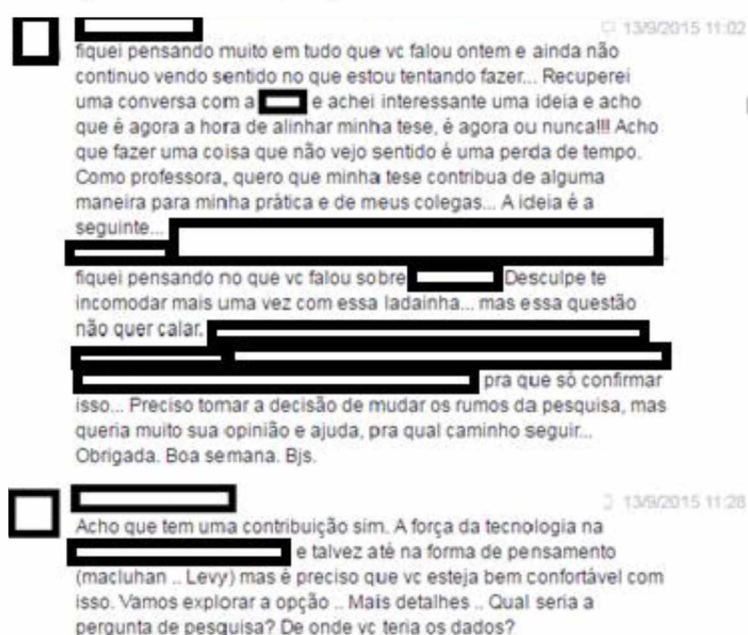
Após o término do afastamento do professor e a retomada das aulas e dos encontros presenciais, os laços sociais entre os participantes foram se enfraquecendo na *timeline* do grupo, houve um certo esvaziamento de propósitos, embora o professor continuasse a alimentar a *timeline* com postagens de *hiperlinks*.

Mediante a falta de engajamento na *timeline* em postagens e comentários de todos os participantes, é importante frisar que eles, inclusive o professor, perceberam

*affordances* do ambiente encontrando outros mecanismos de participação, em outras ferramentas (o *chat*), para manter as relações. O *chat* foi utilizado pelos participantes para manter conversas privadas e em grupo (só os alunos) e essas conversas promoveram a aproximação e cooperação entre os participantes.

Nesse sentido, penso que o controle centralizado promovido pelo professor e a falta de agência dos alunos foi um ponto de bifurcação no sistema que forçou o grupo a criar subsistemas de interação buscando trajetórias alternativas. Esse ponto de decisão no sistema possibilitou que os participantes reconhecessem novas *affordances* do ambiente. Alunos entre si e alunos e professor passaram a interagir por meio de conversas no *chat* estabelecendo interações individualizadas, dando os *feedbacks* necessários para os interesses de cada um. Na conversa a seguir, mostro uma interação entre professor e aluno no *chat* no *Facebook*.

**Figura 61:** Interação por meio do *chat* do *Facebook*



Fonte: *Chat do Facebook*, 2016.

Por meio do *chat*, o aluno pode ter orientação do professor estabelecendo com ele um diálogo no qual pode usufruir de seu apoio emocional e conceptual acerca de dúvidas sobre o andamento da pesquisa.

Afirmo que a rede foi usada por esse grupo como ferramenta de manutenção de relações sociais interpessoais *on* e *off-line*, como preconizam Ellison, Steinfield, Lampe

(2011). A rede foi usada para estabelecer vínculos para resolver problemas acadêmicos, pessoais e também para manter contato, por meio da ferramenta *chat*. A rede foi apropriada por esse grupo como **AVA** e também como **site de rede social**; oscilando entre dois **atratores**: a academia e a rede social na *internet*.

Em relação aos laços sociais, eles foram **multiplexos** no grupo, pois os participantes interagiram de modo contínuo, estabelecendo relações de vários tipos, fortes e fracas. Interagiram mutuamente (por meio de comentários) mais frequentemente motivados pelas tarefas promovidas pelo professor no período de seu afastamento.

Houve ganhos, principalmente individuais, produzidos nas interações do grupo B, por isso, houve geração de **capital social**. Os participantes tiveram benefícios a partir das relações sociais que estabeleceram no grupo. Entre esses benefícios posso citar: o suporte emocional, o acesso à informação relevante e a manutenção de laços sociais. O grupo foi capaz de criar laços, ora mais fortes, ora mais fracos, mas de todo modo, fundaram uma **comunidade de interesses** (WELLMAN, 1999). O grupo B, a partir da apropriação da rede, gerou **capital social heterogêneo**, bens materiais e imateriais que foram desfrutados por todos. Entendo que foi desenvolvido nesse grupo, principalmente, capital social de primeiro nível (ganho individual) embora algum capital de segundo nível (ganho coletivo) tenha se formado.

As categorias de capital social desenvolvidas no grupo, nos termos de Bertolini e Bravo (2004), percebidas por mim foram:

**a) relacional** – assim como no grupo A, os participantes do grupo B estabeleceram nuances de interação mútua, mantendo laços sociais fortes e fracos, conforme a interação. Na postagem a seguir, exemplifico tipos de interações mantidas no grupo, que foram emergentes (a partir do interesse dos alunos) e também *top down* (motivada pelas atividades do professor), que geraram capital social relacional. As relações no grupo foram de interesse acadêmico, mas também de manutenção de laços sociais de intimidade e confiança que foram sendo aprofundados *on* e *off-line* entre os participantes.

**Figura 62:** Tipos de interação que contribuíram para a geração de capital relacional

 1 de maio de 2015 - Uberlândia

1. Título preliminar de seu projeto: A AUTONOMIA NO ENSINO E APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA: UMA PERCEPÇÃO DE AFFORDANCES

1.1. Nível de sua pesquisa: Mestrado.

1.2. Estágio em que se encontra a pesquisa: Definindo tema e projeto....

Ver mais

3 3 comentários Visualizado por todos

 Curtir  Comentar

  Meu projeto dialoga muito com o seu, minha investigação vai analisar elementos realmente bem próximos aos seus. Podemos trabalhar mais nas pesquisas envolvendo CALL e negociação de sentido que a  esta trabalhando com a gente certo? Além é claro de ensino cooperativo e colaborativo. Veja se consegue ler alguns materiais da Vani KENSKI, gosto muito da perspectiva dela. 

2 de maio de 2015 às 12:29 · Curtir

  não consegui em minha santa ignorância perceber de que maneira ocorrerá seu projeto metodologicamente, outra coisa, seu objetivo geral não deveria casar com seu tema? a meu ver ele distanciou-se mas veja aí, o seu objetivo específico de nº entender, me parecer ser compreender, então dei uma lida.bjs

26 de maio de 2015 às 11:20 · Curtir

  Oi . Concordo com a  em relação ao objetivo específico que você coloca "entender..." - penso que seria melhor algo como "investigar" ou "analisar". Outro ponto, como você pretende desenvolver sua pesquisa, metodologicamente falando? Vai utilizar questionários com os alunos? Serão os seus próprios alunos do  ou de outros professores?

8 de junho de 2015 às 07:29 · Curtir

 15 de fevereiro

Um mapinha que fiz na especialização sobre teorias que sustentam o ensino de línguas mediado por computador.



 Curtir  Comentar

3 Visualizado por todos

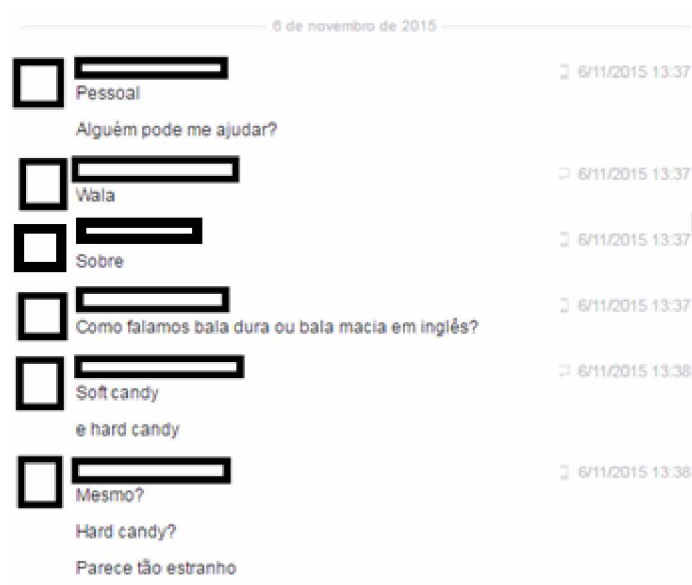


Fonte: Grupo fechado (B) do *Facebook*, 2016.

Na figura há dois tipos de interações, uma motivada por uma atividade do professor e outra espontânea, a postagem de um mapa conceitual que o participante compartilhou com os colegas por saber que eles estavam estudando teorias de aprendizagem. A interação que se segue à postagem anterior se desenvolveu sem motivação prática, apenas para “jogar conversa fora”, manter contato. Postagens dessa natureza não foram recorrentes na *timeline* do grupo, as interações espontâneas foram mais recorrentes no *chat*. O uso dessa ferramenta foi para manter contato e tratar de assuntos variados, inclusive para pedir ajuda e orientações. A figura a seguir exemplifica o uso dessa ferramenta, gerando capital social relacional.



**Figura 63:** Interação em *chat* gerando capital social relacional



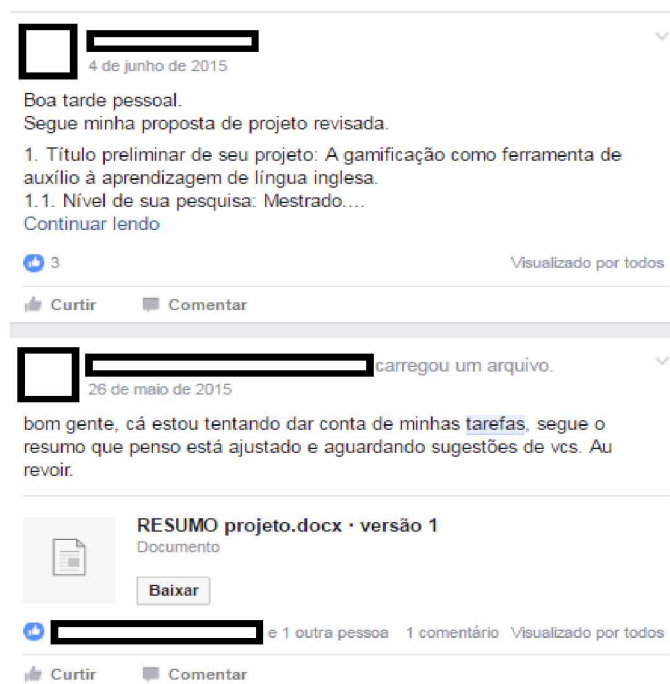
Fonte: Mensagem arquivada no *Chat* do Facebook, 2016.

**b) cognitivo** – outro tipo de capital social que pode ter sido desenvolvido a partir do conhecimento e das informações veiculadas pelas práticas de língua(gem) no grupo. A principal fonte de informações foi a postagem de *hiperlinks* feita principalmente pelo professor, que permanece alimentando a *timeline* do grupo com esse tipo de prática de língua(gem). O *hiperlink* foi uma **estabilidade** no uso da língua(gem) nesse e nos demais grupos e foi uma importante fonte de recursos disponibilizada para os participantes, que puderam usufruir dos benefícios não somente em suas pesquisas, mas em suas práticas profissionais, devido ao fato de os *hiperlinks* estarem relacionados ao ensino de línguas e ao uso de tecnologias na educação.

Outra fonte de conhecimentos para os participantes foram as interações por meio de ações conjuntas motivadas pelas atividades propostas pelo professor. Embora essa ação não tenha sido *bottom up*, um comportamento que emergiu das necessidades e afinidades dos participantes, ela promoveu aproximação na rede, gerando capital cognitivo significativo. As leituras, análises e discussões dos projetos de pesquisa uns dos outros contribuíram para a melhoria dos trabalhos, a partir do confronto de ideias e negociação de sentidos. A dinamização do sistema de interações por meio de tarefas é uma forma de gerar capital social cognitivo que pode ser propiciada pela ação dos professores. Esse tipo de capital foi exemplificado nas postagens ao longo dessa seção e da anterior.

**c) confiança no ambiente social** – os participantes manifestaram confiança no ambiente da rede para manter suas interações, inclusive para a manutenção das orientações acadêmicas. Sem o ambiente da rede social, professor e alunos deveriam encontrar outros canais de mediação para manter as orientações no período em que o professor esteve afastado, ou até mesmo, seriam obrigados a mudar de orientador. A escolha do *site* de rede social para o desenvolvimento das orientações confirma a confiança na rede, embora os laços sociais tenham se enfraquecido depois do retorno do professor e as interações no grupo tenham se tornado esparsas e, conseqüentemente, os laços sociais mais fracos. O grupo no *Facebook* serviu para que os participantes mantivessem os laços sociais desenvolvidos em outros espaços de interação, como a universidade e o programa de mestrado e doutorado. Além disso, o *Facebook* é um ambiente no qual há convergência de ações, de linguagens, de ferramentas, o que facilitou os contatos entre os alunos e o professor, por isso todos tinham/têm no grupo um ponto de apoio e encontro. A confiança no ambiente pode ser comprovada pela postagem dos projetos de pesquisa dos alunos, que veicularam suas versões iniciais e finais, como mostra a figura a seguir.

**Figura 64:** Postagens de projetos de pesquisa demonstrando a confiança no ambiente



Fonte: Grupo fechado (B) do Facebook, 2016.

Percebi neste grupo o desenvolvimento de capital social de primeiro (individual) e segundo (coletivo) níveis. Embora o capital de primeiro nível tenha sido mais evidente, pelo conhecimento, pelas informações e pelas relações usufruídas pelos participantes, o coletivo também teve benefícios ao estabelecer relações nesse *site* de rede social, devido à confiança no ambiente.

A apropriação do *Facebook* pelo grupo B foi complexa. Os participantes exibiram padrões diferenciados de uso, usaram a rede como **AVA** e como **site de rede social**. Penso que constituíram uma **comunidade de interesses** (WELLMAN, 1999), apesar de as relações nesse grupo terem perdido força interativa e seus laços sociais terem se enfraquecido ao longo da escala de tempo observada. O grupo foi um importante elo entre os participantes e um ambiente de interação mitigador dos problemas enfrentados pelos pós-graduandos.



### 3.2.3 Grupo C

O C foi o grupo que mais divergiu dos demais devido à peculiaridade de ser um **grupo público**. As interações nesse grupo, por isso, se mostraram diferentes das dos outros grupos analisados.

Embora o C tenha sido o grupo que mais postou, os participantes desse grupo foram os que menos interagiram por meio dos mecanismos de participação do *Facebook*. A ação de postar foi, quase que em sua totalidade, desenvolvida pelo professor e administrador do grupo, comprovando que os laços sociais nesse grupo foram **assimétricos**, ou seja, a força interativa foi diferente entre o professor e os demais participantes. Outro fato importante é que os participantes desse grupo, na sua maioria, parece ter estabelecido **relações de associação**, de pertencimento ao grupo, com pouco ou nenhum esforço de sociabilidade.

Por isso, o C foi o grupo que menos apresentou interação mútua por meio de comentários e o número de participantes que interagiu em **nuances de interação mútua** (curtir, especialmente pelos novos *emojis* - *amei*, *haha*, *uau*, *triste*, *grr*, e compartilhar) foi bem pequeno se comparado ao número de participantes do grupo (o número atualizado em 27/08/2016 é de 514 participantes). Os participantes desse grupo interagiram por meio de ação conjunta de forma esporádica, mantendo, por isso, **laços sociais esparsos e mais fracos**.

A apropriação da rede por esse grupo foi **imprevisível**, pois aparentemente ela não se baseava na expectativa de interação, o que seria previsível para uma rede social na *internet*. O professor pareceu não se preocupar com a participação ativa dos membros por meio de ações conjuntas, pois, mesmo não havendo muita interação, ele manteve (mantém) regularidade nas postagens e nesse aspecto foi (é) altamente produtivo. Essa produtividade nas postagens mantém a dinâmica e sobrevivência do sistema, que beneficia quem segue o grupo.

A apropriação do *site* de rede social por esse grupo parece estar fundada nas necessidades e interesses do professor e administrador do grupo. A rede parece ser uma forma de divulgar os estudos desenvolvidos por ele especialmente e por seu grupo de pesquisa, constituindo-se como uma espécie de **vitrine multimidiática**, onde os participantes podem ter acesso a recursos multimodais relativos aos temas que deram origem à criação do grupo: a Literatura e o Cinema. Esses recursos foram (são)

disponibilizados quase que em sua totalidade pelo professor, que investe continuamente na rede sem impor custos aos participantes, pois os membros do grupo se afiliam livremente ao grupo e se manifestam pelos mecanismos de participação do *Facebook* de forma espontânea e esporádica. A participação ativa dos membros do grupo, ou seja, a interação, parece não ser a motivação de manutenção do grupo. O investimento mais evidente na participação do professor no grupo é o de **construção de perfil**, pois o grupo parece ter se tornado um espaço pessoal.

Ao dinamizar a *timeline* do grupo com postagens multimodais em uma variedade de assuntos ligados à arte, o professor disponibiliza recursos gerando capital social de primeiro nível para os participantes, mas ao mesmo tempo gerando capital de segundo nível (para o grupo) por ratificar a confiança no ambiente social. O grupo, graças a sua visibilidade, passou a ser uma referência na rede sobre o tema.

O *Facebook* para esse grupo, ou poderia dizer para o professor, funcionou (funciona) como um **blog**<sup>74</sup>, um ambiente no qual o professor veicula suas produções, buscas e pesquisas na *internet* relativas ao seus temas de pesquisa, uma forma de disseminar suas ideias, de expressão do *self*. Dada a audiência que tem alcançado na rede, o professor tem se tornado um *hub* e conquistado credibilidade e autoridade na rede. Penso que ele tenha optado pela tecnologia desse *site* de rede social e não de um *blog* convencional, devido à abrangência, audiência, acessibilidade e convergência desse *site*. O *Facebook* é a rede social na *internet* mais usada no Brasil e no mundo, facilmente acessível nos dispositivos móveis e que converge várias ferramentas em um único ambiente.

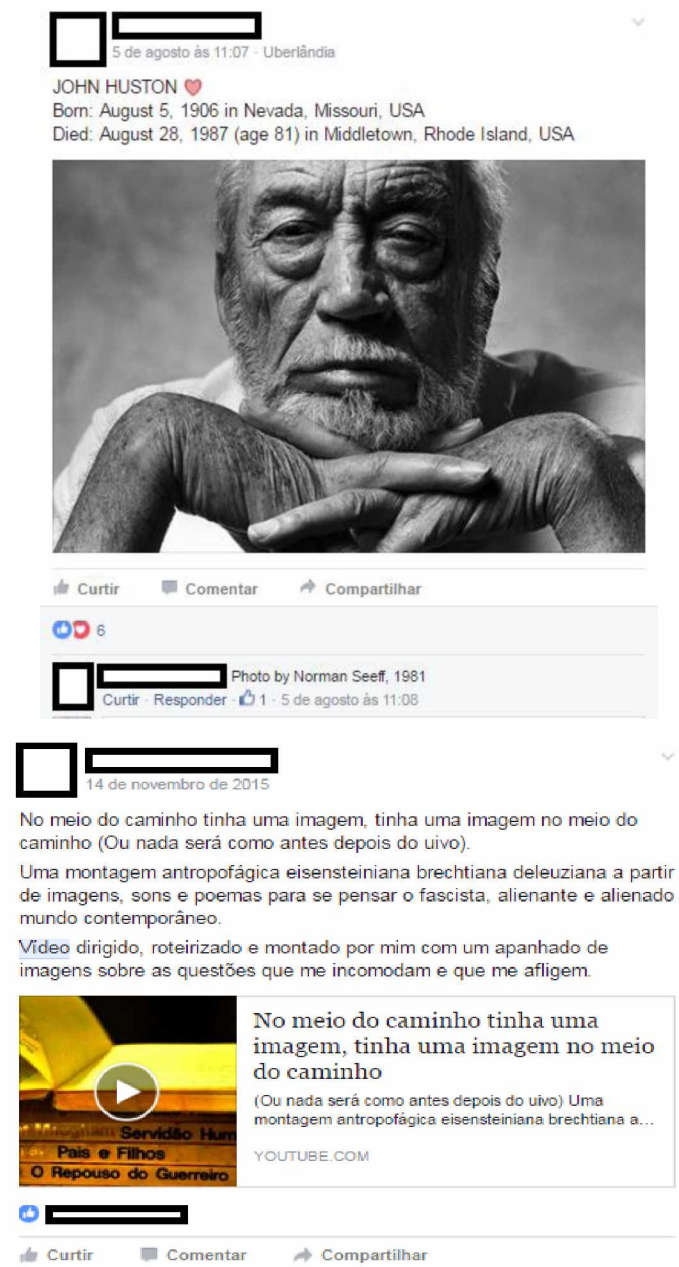
As práticas de linguagem veiculadas nesse grupo apresentam **diversidade interna**, assim como nos demais grupos, mas as variedades usadas pelo professor evidenciaram práticas de língua(gem) da *internet*. A heterogeneidade no uso da língua(gem) também é uma forma de propiciar **modelos internos** de práticas de língua(gem) emergentes das mídias digitais, com as quais os participantes poderão se expressar em suas interações futuras, o que também é um tipo de capital social.

---

<sup>74</sup> Miller e Shepherd (2009, p. 92) sintetizam o blog como “um gênero que atende à atemporal exigência retórica em formas que são específicas do nosso tempo. (...) as potencialidades da tecnologia, um conjunto de padrões culturais, convenções retóricas disponíveis em gêneros antecedentes e a história do sujeito combinaram-se para produzir um motivo retórico recorrente que encontrou um modo de expressão convencional. O blog enquanto gênero é uma contribuição contemporânea à arte do *self*”.

Esse grupo, mais que os outros, explorou a multimodalidade e convergência de mídias que o *Facebook* propicia. Postagem de imagens, vídeos, *memes*, GIFs, fotos, textos, *hiperlinks* foram os tipos que mais predominaram, como os exemplos mostrados a seguir.

**Figura 65:** Postagens emergentes do grupo C





Fonte: Grupo público (C) do Facebook, 2016.

As postagens feitas pelo professor no grupo não foram (são) de ordem pragmática, nem institucional, elas tiveram (têm) caráter informativo e artístico, foram (são) uma fonte rica de conhecimentos e informações para o grupo. A maioria dos membros desse grupo apenas se manteve conectada sem interagir reciprocamente, apenas seguindo o grupo sem manifestar esforço de sociabilidade (laços associativos). Outros participantes mantiveram laços desenvolvidos em outros espaços, como na sala de aula, no campus da universidade, ou em outros ambientes *on-line* (laços de manutenção). E outros participantes estabeleceram laços mais fluidos, com pouco investimento pessoal, mas ainda assim investindo na interação esporadicamente (laços fracos). Na figura a seguir, mostro interações nesse grupo para exemplificar minha afirmação.

**Figura 66:** Interações no grupo C

Fonte: Grupo aberto ( C ) do Facebook, 2016.

Considere, por isso, os laços sociais desse grupo como: **laços associativos** (a maioria dos 527 membros em 17/10/2016), **laços de manutenção** (os orientandos de pós-graduação do professor do grupo) e **laços fracos** (os participantes do grupo que interagiram em nuances de interação mútua). É importante ressaltar que a qualidade do capital social está relacionada com a qualidade dos laços sociais, que depende do investimento dos atores e os recursos pessoais que possuem e que estão dispostos a investir na rede. O capital social, por isso, não depende apenas do investimento de um

único ator, mas dos investimentos de recursos de toda a rede. O professor investiu predominantemente alocando recursos, mas os participantes investiram na associação e manutenção dos laços sociais no grupo, que fortaleceu a visibilidade e a credibilidade do professor.

Embora no grupo tenha havido a predominância de laços associativos, não tenho como afirmar que laços sociais mais fortes não possam ser desenvolvidos em redes públicas como o grupo C. Devido à não-linearidade do sistema complexo, as relações entre os agentes podem mudar e eles podem aprofundar os laços sociais entre si, inclusive no contexto *off-line*. Para comprovar esse fato, apresento meu exemplo pessoal com relação a minha participação nesse grupo e os laços que mantenho nessa rede. Passei a seguir o grupo C como pesquisadora, apenas observando as interações no grupo, sem nenhum tipo de interação. Mas, à medida que fui observando as postagens, fui vendo o quão interessantes elas eram, fui admirando a riqueza das linguagens usadas, fui me sentido motivada a participar da rede interagindo mutuamente no grupo, expressando meu interesse (curti, comentei e principalmente compartilhei muitas postagens), aprofundando, assim, os laços sociais mantidos por mim nesse grupo, mesmo que esporadicamente. Uso o meu exemplo apenas para mostrar que as interações em grupos em redes sociais na *internet* podem mudar, porque elas são complexas. Contudo, na escala de tempo observada no período de investigação, com os instrumentos e objetivos propostos, posso afirmar que a maioria dos participantes do grupo C não investiu na interação mútua e por isso o padrão interativo desse grupo pode ser caracterizado como **reativo**, nos termos de Primo (2003), em sua maioria.

Apesar da pouca reciprocidade nas interações do grupo, todos os participantes, mesmo aqueles que não investiram nas nuances de interação mútua sem precisar demandar o tempo e o esforço na construção de laços sociais, passaram a ter acesso ao **capital social** do grupo, pois este, conforme Bertolini e Bravo (2004), compreende os recursos coletivos que estão disponíveis a um indivíduo que faz parte de um grupo. Na concepção de Bourdieu (1983), o capital social apenas existe enquanto recurso coletivo, mas por ter capacidade de ser alocado pode ser utilizado individualmente. De todo modo, a filiação ao grupo deu acesso ao capital social, por meio do conhecimento disponibilizado no grupo, através da leitura das eventuais discussões entre os participantes, que constituíram parte do valor do grupo e da própria estrutura social.

Embora a maior parte dos laços mantidos no grupo seja fraca, é importante lembrar que são os laços fracos que constituem o que Putman (1995) denomina de pontes (*bridings*), laços que conectam redes distantes e grupos diferenciados, ampliando as redes de contatos entre os grupos sociais como um todo, gerando, assim, capital social. Exemplifico esse fato com minha experiência ao seguir esse grupo.

Por isso, associar-se a grupos diversificados pode ser uma fonte de recursos e benefícios expressivos para a ampliação de conhecimentos e informações de professores e alunos, uma forma de obter ganhos sociais sem demandar muito investimento e custo. Esse é um dado importante para a formação docente, já que o professor é alguém que deve ter uma formação multicultural e, paradoxalmente, não possui muito tempo disponível para investir nas relações para obter ganhos pessoais. Por isso, manter laços sociais mesmo que associativos ou laços fracos com grupos culturalmente diferenciados é uma alternativa de uso das redes sociais na *internet*, pois o acesso ao capital social é a vantagem última de fazer parte de um grupo.

As categorias de capital social que relacionei ao grupo, de acordo com Bertolini e Bravo (2004), foram:

**a) relacional:** embora tenha havido pouca interação mútua no grupo, especialmente na nuance de comentar as postagens feitas pelo professor, o grupo gerou capital relacional por estabelecer laços sociais, mesmo que associativos e fracos entre os participantes. O grupo serviu como um ambiente de manutenção de laços sociais para os alunos de pós-graduação orientados pelo professor e de estabelecimento de pontes de acesso a redes diferenciadas para os demais participantes, como no meu caso. Meu universo acadêmico, profissional e pessoal não intersecciona com os interesses que congregam o grupo, mas uma vez inserida nesse grupo passei a ter acesso a recursos dos quais me benefico pessoalmente. Os participantes do grupo, mesmo que interagindo esparsamente, se mantiveram associados ou mantendo laços sociais fracos no grupo. A evidência deste fato é que nenhum participante deixou o grupo e o número de membros cresce todos os dias. As interações do grupo foram (são) todas relacionadas ao universo da Literatura e do Cinema e também da academia.

**b) cognitivo:** muito conhecimento e informação acerca da Literatura e do Cinema foram (são) disponibilizados no grupo, por isso o capital social cognitivo pode ter sido

gerado. Os participantes puderam obter os recursos oferecidos na *timeline* do grupo sem muito esforço de sociabilidade, o que é característico de redes associativas. O grupo possibilita a expansão das conexões de seus participantes, viabilizando a criação de pontes entre redes distintas, por meio dos *hiperlinks* veiculados no grupo. Essas conexões podem levar os membros do grupo a outros sítios de navegação e mesmo a outras redes, ampliando o escopo de seus interesses e conhecimentos.

A apropriação do *Facebook* pelo grupo C, ou melhor, pelo professor que foi quem dinamizou a rede, parecer ter sido a de um **blog**. O *site* de rede social por sua abrangência e acessibilidade foi o canal encontrado pelo professor para difundir suas impressões, especialmente as multimodais, sobre a Literatura e o Cinema, que teve muito mais audiência do que talvez teria um *blog* convencional.

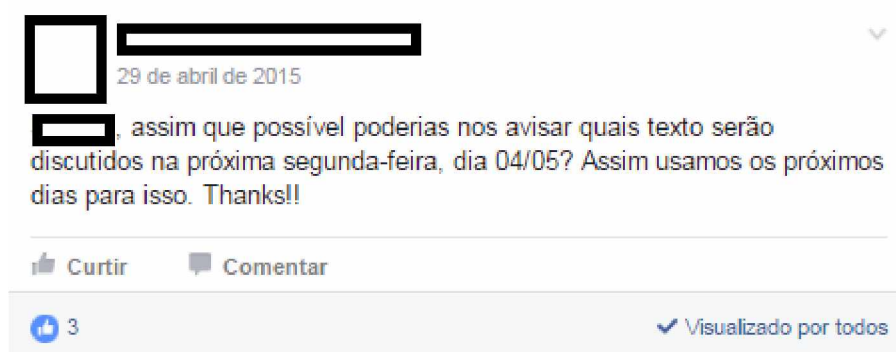
### 3.2.4 Grupos D e E

Analiso os dois grupos conjuntamente, pois o perfil dos mesmos é bem parecido e a apropriação feita pelos grupos também foi semelhante. Apesar de o nível de ensino dos dois grupos ser diferente, o grupo D é um grupo de pós-graduação e o E é um grupo de graduação, ambos se apropriaram da ferramenta de forma bem parecida. Outros fatores que corroboram a semelhança como o silenciamento dos participantes após o término das disciplinas e o baixo número de postagens e interações se comparado com os demais grupos.

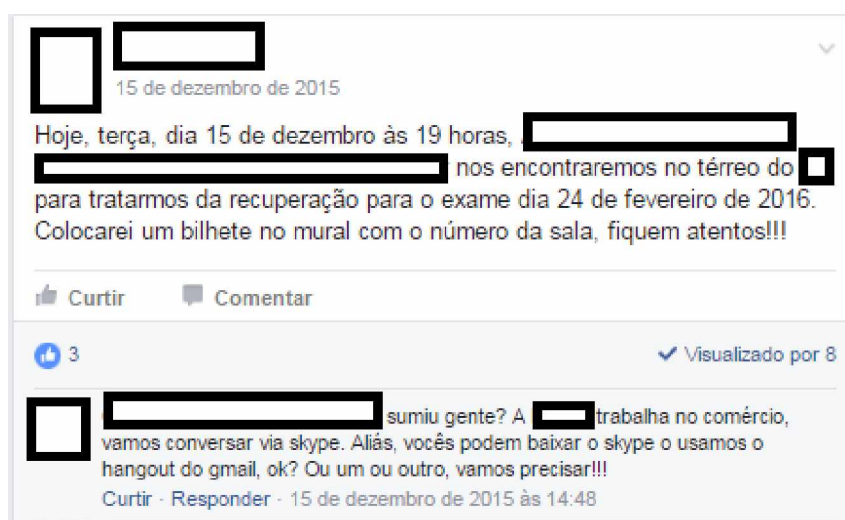
Pelo teor das postagens, percebo que os dois grupos foram criados pelos professores para servirem de **apoio às aulas presenciais** das disciplinas que ministravam nos dois níveis de ensino. Esse uso geralmente é dado a AVAs como forma de ampliar o espaço da sala de aula convencional. O *Facebook* teve para esses grupos a função de mediar a comunicação para fins específicos nas disciplinas presenciais, que foram, principalmente: agendar encontros presenciais, deixar recados, pedir ajuda do professor e dos colegas, divulgar eventos acadêmicos e também arquivar e compartilhar textos e *hiperlinks*. Penso que o grupo tenha funcionado como um AVA. As postagens na figura a seguir mostram o caráter de uso dado pelos participantes ao *site*.



**Figura 67:** Postagens dos grupos D e E com usos dados pelos participantes ao *site*



Fonte: Grupo secreto (D) do *Facebook*, 2016.



Fonte: Grupo fechado (E) do *Facebook*, 2016.

Na primeira postagem, a aluna manda um “recado” para a professora sobre os textos para leitura na aula presencial, o que evidencia que o grupo era usado como ferramenta de comunicação. A segunda postagem tem o mesmo caráter, a professora deixa um recado na *timeline* do grupo sobre um encontro presencial para discutirem questões sobre um exame e reforça que deixará um bilhete no mural (fiquei pensando se o mural seria a *timeline* do grupo ou um mural físico na sala de aula presencial). Achei interessante notar no comentário da professora, que ela propõe o uso de outra ferramenta para interação, como *Hangout* e *Skype*. A professora justifica a mudança com o fato de uma das alunas trabalhar no comércio. A inferência que fiz desse discurso foi a de que o grupo deveria encontrar outro meio de comunicação que não fosse o *Facebook* para se comunicar, já que esse *site* geralmente é bloqueado em locais de trabalho (e em algumas

escolas e universidades também) pelo fato de o *site* ser considerado um fator de distração para funcionários e alunos. Parece que para esse grupo (E) o *Facebook* é só mais uma ferramenta de comunicação, que pode ser facilmente substituída por outra.

As postagens dos dois grupos refletem que o grupo no *Facebook* era mais um apoio comunicativo às aulas presenciais, por isso a pouca interação nos grupos e o silenciamento do sistema ao término das disciplinas dos dois professores. Durante todo o período de escrita deste relatório continuei observando os grupos para perceber se haveria alguma dinâmica no sistema de interações, mas nenhuma postagem foi feita depois do dia 09/06/2015 no grupo D e 23/12/2015 no grupo E, datas das últimas postagens nos grupos, feitas por dois participantes alunos, como mostra a figura a seguir.

**Figura 68:** Últimas postagens dos grupos D e E



Fonte: Grupo secreto (D) do Facebook, 2016.



Fonte: Grupo fechado (E) do Facebook, 2016.

Apesar de nenhum participante (inclusive as professoras) ter utilizado o grupo para interações depois do encerramento das atividades nas disciplinas presenciais, os dois professores não excluíram os grupos de seus perfis, o que não impede que o sistema possa ser dinamizado novamente.

Um fato que chamou minha atenção foi a falta de interação no grupo D, cujo professor também se afastou da pós-graduação durante um período de tempo. Diferentemente do grupo B, no grupo D não houve nesse período nenhuma dinâmica de interação na *timeline* do grupo, embora não possa afirmar que os participantes tenham ou não interagido por meio de outras ferramentas do *Facebook*, como o *chat* e e-mail. Fato que corrobora a ideia de que o grupo estava estritamente ligado à disciplina presencial dos professores. Com o fim das disciplinas, os laços sociais entre os participantes enfraqueceram-se e, por isso, houve dispersão dos grupos.

Apesar disso, nos momentos de dinâmica do sistema, os laços sociais mantidos nos grupos foram relacionais fortes, fracos e de manutenção, pois todos os participantes interagiram em **nuances de interação mútua** enquanto os grupos estiveram ativos.

Por isso, as interações nos grupos geraram capital social de primeiro e segundo níveis. As categorias de capital social que relacionei aos grupos D e E, de acordo com Bertolini e Bravo (2004), foram:

**a) relacional:** os participantes dos grupos D e E estabeleceram relações em nuances de interação mútua nos grupos do *Facebook*, mantendo laços sociais fortes enquanto os grupos permaneceram ativos, cuja finalidade primária era a manutenção de relações acadêmicas. As interações nos grupos estavam vinculadas às relações *off-line* estabelecidas nas disciplinas presenciais ministradas pelos professores. Todas as interações dos grupos tinham caráter acadêmico (ensino e aprendizagem de línguas), exceto duas postagens observadas no grupo D, que tinham um caráter político, como mostro na figura a seguir.

**Figura 69:** Postagens de cunho político no grupo D

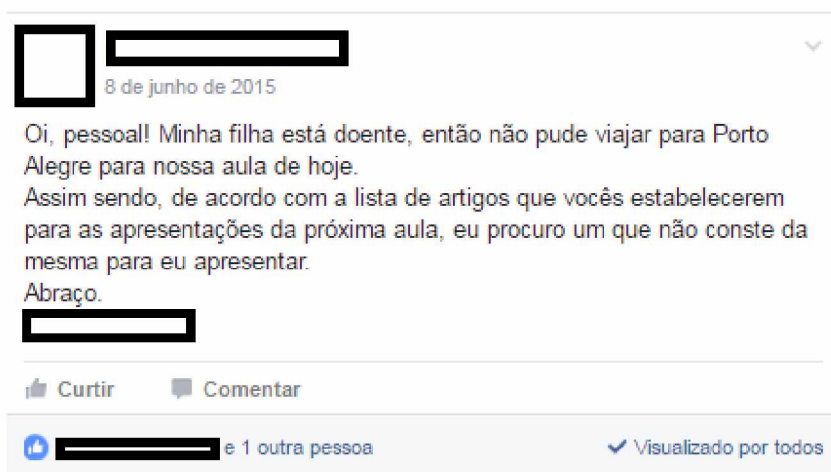


Fonte: Grupo secreto (D) do Facebook, 2016.

Apenas essas duas postagens não faziam parte do universo acadêmico e educacional como um todo, nos dois grupos. Atribuo o uso do grupo para divulgação de posicionamentos políticos ao contexto sócio histórico vivido naquele momento, de acirramento entre posições político-partidárias no Brasil. Essas postagens foram pontuais e somente a segunda imagem da figura 68 gerou um comentário. Penso que os participantes perceberam o caráter acadêmico do grupo e não quiseram se posicionar.

Os participantes, como já mencionei, mantiveram os laços sociais nos grupos somente durante o desenvolvimento da disciplina presencial das professoras, laços esses de manutenção de relações *off-line*, e nesse período disponibilizaram ou obtiveram recursos na rede, como mostram os *posts* a seguir.

**Figura 70:** Interações que geraram capital relacional



Fonte: Grupo secreto (D) do Facebook, 2016.



Fonte: Grupo fechado (E) do Facebook, 2016.



No primeiro *post*, um participante usa o perfil de outro participante (provavelmente o aluno que deixa a mensagem não tinha perfil no *Facebook*) para veicular uma mensagem justificando sua ausência na aula. Essa interação demonstra o capital social relacional obtido pelo participante, que se beneficia das relações que mantém no grupo. Na segunda postagem, a professora disponibiliza para o grupo *links* de acesso aos seus arquivos no *Google drive*. Os participantes se beneficiam das relações que mantém no grupo com a professora e demais colegas. É interessante notar que a professora prefere utilizar o sistema de arquivamento do *Google drive* do que disponibilizar os textos sob a forma de arquivos no *Facebook*.

A professora, como já mencionei anteriormente, utiliza vários recursos tecnológicos de mediação da interação e justapõe esses recursos; o grupo foi uma ferramenta de disponibilização de outros recursos digitais.

**b) cognitivo:** o capital cognitivo foi todo o conhecimento e as informações veiculadas nas postagens do grupo, que os participantes puderam usufruir. Trata-se de todos os textos, *hiperlinks*, arquivos, e ainda, o conhecimento gerado na troca de experiências acumuladas nas interações mútuas entre os participantes. Muitas foram as postagens dos dois grupos que veicularam informações e conhecimentos, mas para exemplificar mostro dois *posts* dos grupos nos quais pode se obter capital social desse tipo, como mostra a figura a seguir.

**Figura 71:** Postagens que geram capital social cognitivo



Fonte: Grupo fechado (E) do Facebook, 2016.



Fonte: Grupo secreto (D) do Facebook, 2016.

Nas duas postagens dos dois grupos foram veiculados conhecimentos por meio da postagem de *hiperlinks*. Essa foi a principal fonte de conhecimentos de todos os grupos.

**c) confiança no ambiente:** os participantes apresentaram ter confiança no ambiente do grupo no site de rede social. Eles também manifestaram-se cooperativos. O grupo era um meio de comunicação e também ponto de apoio à disciplina presencial. As configurações secreta e fechada dos grupos favorecem o desenvolvimento de confiança em *sites* de redes sociais, já que só os membros do grupo podem encontrar e ver as publicações dos grupos. Além disso, as relações *off-line* na disciplina presencial fizeram do grupo no *Facebook* um espaço de manutenção de laços sociais e esse caráter reforça a confiança que os participantes depositam no grupo. Na figura a seguir, mostro postagens em que os participantes compartilham documentos e textos de ordem pessoal, o que demonstra confiança no ambiente do grupo.

**Figura 72:** Postagens que mostram capital social de confiança no ambiente



Fonte: Grupo fechado (E) do Facebook, 2016.

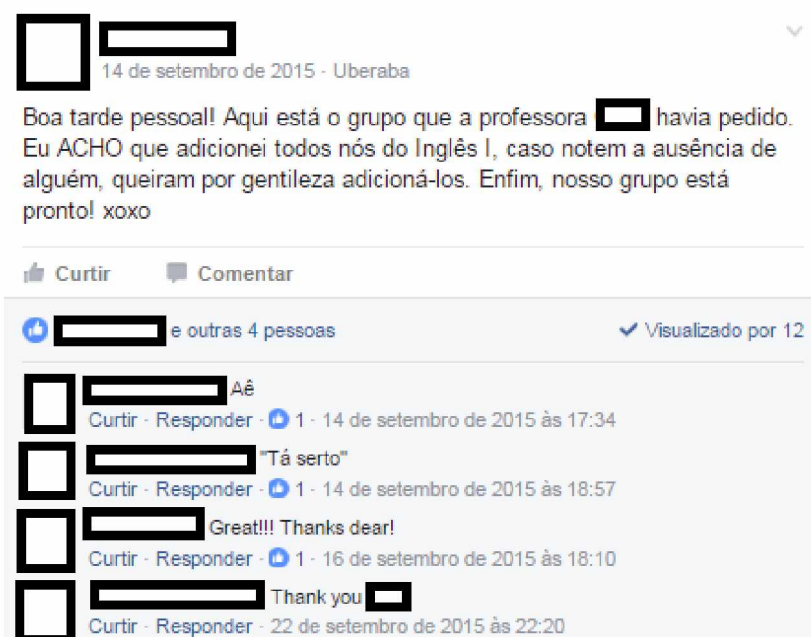




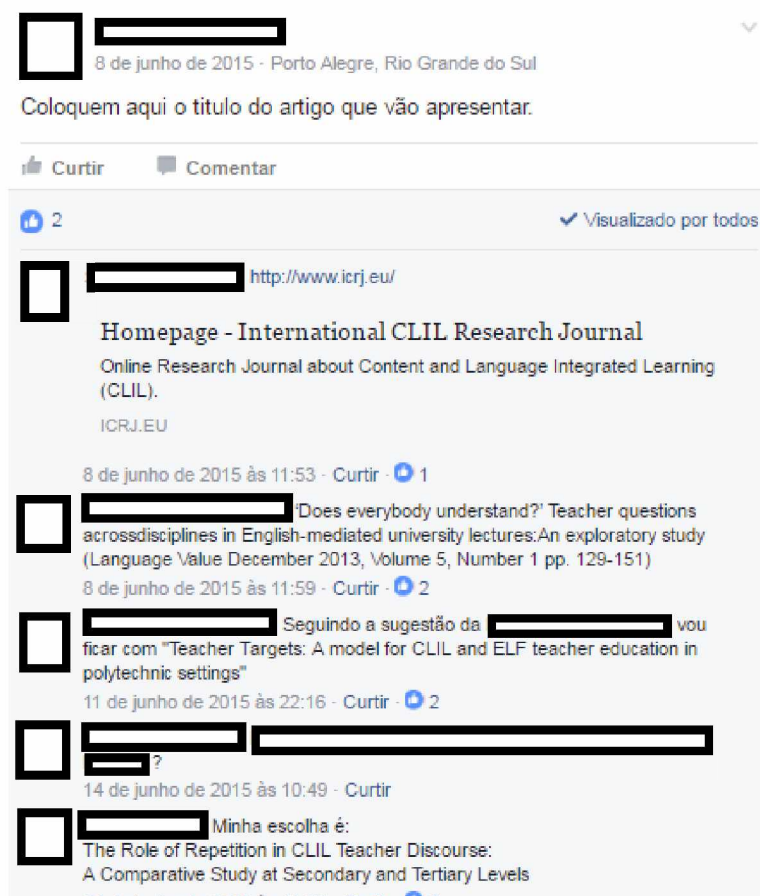
Fonte: Grupo secreto (D) do Facebook, 2016.

No primeiro *post*, o participante compartilha no grupo o resultado de sua avaliação em uma plataforma de aprendizagem de língua inglesa. No segundo, o participante compartilha o endereço de um hotel e espera encontrar alguém do grupo que queira dividir um quarto. Essas duas postagens demonstram que os participantes têm confiança no ambiente do grupo para dividir experiências e informações pessoais.

**d) institucional:** os participantes se engajaram nos grupos em função de seu caráter institucional, como ambiente de apoio às disciplinas presenciais nas quais estavam matriculados. Os grupos foram criados pelas professoras ou a pedido das mesmas e por isso estavam ligados às instituições às quais todos eram alunos e professores, universidades federais. Na figura a seguir, mostro *posts* nos quais os participantes veicularam informações que relaciono ao caráter institucional dos grupos.

**Figura 73:** Postagens que mostram capital social institucional

Fonte: Grupo fechado (E) do Facebook, 2016.



Fonte: Grupo fechado (D) do Facebook, 2016.

Na primeira postagem, o aluno ratifica que criou o grupo a pedido da professora e adicionou os colegas da disciplina Inglês I. Ao vincular o grupo à disciplina, o mesmo passa a ter um caráter institucional. Na segunda postagem, a professora indaga aos alunos sobre os artigos que iriam discutir na disciplina presencial. O fato de os grupos serem dinamizados pelas professoras e estarem vinculados às disciplinas que ministram confere *status* institucional a eles.

Nesses grupos, assim como nos demais, capital social foi gerado, pois a participação proporcionou benefícios aos participantes. Há presença de capital social de primeiro (individual) e segundo (coletivo) níveis, conforme Bertolini e Bravo (2004). Os participantes investiram nas interações, mas ao mesmo tempo usufruíram do conhecimento, das informações, das relações interpessoais individualmente, e também o grupo se fortaleceu devido à confiança no ambiente da rede e nas instituições envolvidas que sustentaram a manutenção dos laços sociais nos grupos.

As apropriações do *Facebook* pelos grupos também propiciaram a emergência de comunidades de interesses (WELLMAN, 1999). Os grupos D e E usaram o *site* de rede *Facebook* como um **AVA para apoiar as disciplinas presenciais**, sendo um ambiente para troca e veiculação de informações relativas às aulas presenciais. Devido ao fato de estarem vinculadas às disciplinas presenciais, ao término das mesmas, os grupos perderam força interativa e silenciaram. Mesmo assim, geraram benefícios aos participantes, que usufruíram do capital social gerado nas interações, e ainda podem usufruir, já que os grupos não foram excluídos dos perfis de quem os criou e por isso é fonte de conhecimento para todos.

Neste capítulo, apresentei como são as interações entre professores e alunos de três universidades públicas em dois níveis de ensino (graduação e pós-graduação), por meio do uso da língua(gem) e da apropriação do *site* de rede social *Facebook*. As apropriações da rede se relacionam aos propósitos dos grupos e estão ligadas aos interesses de seus participantes. É importante ressaltar que os usos dados à rede podem mudar ao longo do tempo, de acordo também com os laços sociais mantidos nos grupos. A partir das interações, que se processam em nuances de interação mútua propiciadas pelos mecanismos de participação disponibilizados pelo *Facebook*, capital social de primeiro e segundo níveis foi gerado, relacionado com os investimentos e benefícios disponibilizados e obtidos pelos participantes na rede. O uso da linguagem nas interações

em grupos no *site* de rede social é complexa, pois apresenta propriedades do Paradigma da Complexidade (FIVE GRACES GROUP, 2009) discutidas ao longo desse texto.

Demonstro que os grupos analisados interagem de forma complexa no *site* de rede social, por serem influenciados pelo contexto e pelo ambiente nos quais os grupos estão inseridos, a academia e o *site* de rede social. Por isso, as práticas de língua(gem) dos participantes são híbridas, com características das práticas discursivas da rede social e de usos prototípicos da academia. Contudo, a força exercida pela rede social parece ser mais forte nos grupos, fazendo com que os participantes prefiram visualizar, curtir e postar *hyperlinks*, práticas de língua(gem) típicas das redes sociais na *internet*. Os grupos se apropriam da rede de formas similares e diferenciadas e geram capital social distinto.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta parte do trabalho retomo as perguntas de pesquisa que nortearam o desenvolvimento desta investigação. Em seguida, apresento as contribuições desta pesquisa para a academia no que diz respeito à complexidade das interações em *sites* de redes sociais e da apropriação desses ambientes por professores e alunos universitários. E ainda, os investimentos e benefícios gerados a partir do uso dessa ferramenta que podem ser usufruídos pelos indivíduos e pelo grupo. Posteriormente, discuto as limitações deste estudo e faço sugestões para futuras pesquisas. Finalizo essa seção tecendo minhas considerações finais.

Baseada na fundamentação teórica e nos resultados apresentados nos capítulos anteriores, procuro responder as seguintes perguntas de pesquisa:

### **Como são as interações entre professores e alunos em grupos no *site* de rede social *Facebook*?**

Entendo que as interações nos grupos no *site* de rede social *Facebook* podem ser mútuas, quando os interagentes estabelecem ligações, ou seja, um contato que produz mudança em cada um dos participantes (LEFFA, 2003). Os participantes dos grupos interagem ao **postarem** e ao reagirem às postagens **visualizando**, **curtindo**, **comentando** e **compartilhando**, pois essas ações repercutiram nas relações entre os envolvidos, estabelecendo um processo comunicacional. Essas ações discursivas propiciadas pelas ferramentas do *Facebook* demandam investimento e engajamento na interação por parte dos integrantes dos grupos, criando vínculos e valores para os interagentes e, por isso, entendo-as como interações mútuas. Contudo, ressignifiquei o termo de Primo (2003) utilizando a palavra **nuances**, por acreditar que as interações estabelecidas por meio dos mecanismos comunicacionais do *Facebook* se dão em graus diferenciados de investimento, sendo mais fortes as ações de postar e de comentar e mais fraca a ação de visualizar. As demais ações se processam em gradientes que não podem ser mensurados precisamente. Não foi meu objetivo analisar o significado de cada uma dessas ações para os envolvidos, por isso elas foram tratadas apenas como indicativos da natureza dos laços sociais estabelecidos entre os participantes. As ações mencionadas são, por isso, indicativos dos laços sociais mantidos nos grupos.

De acordo com as ações manifestadas pelos participantes, as dinâmicas interativas ocuparam diferentes espaços de fase na paisagem de possibilidades, mas os participantes, por influência do *site* de rede social, que atuou como um parâmetro de controle, se adaptaram a esse ambiente preferindo os comportamentos de visualizar e curtir. Esses comportamentos foram emergências coletivas, que se constituíram em padrões recorrentes. Visualizar e curtir foram comportamentos os quais o sistema de interações preferiu. Pelo fato de o sistema ser sensível e dependente da estrutura em rede, ao interagirem mediados pelo *site* de rede social, os participantes dos grupos passaram a usar as sociabilidades do *site* de rede social, mesmo estando em grupos acadêmicos, pois a força exercida pelo parâmetro de controle *Facebook* foi mais forte.

Penso que as nuances de visualizar e curtir postagens foram estabilidades em meio a variabilidade nos grupos pelo fato de demandarem menos investimentos discursivos e, por isso, apresentarem menos riscos à face (RECUERO, 2014). O participante apoia o discurso do outro, tornando-se visível, mas não se expõe discursivamente, evitando o confronto e negociação de ideias, preservando assim sua “face”. Contudo, essas ações tem significado para os participantes e são indicativos do processo comunicativo e do envolvimento entre os agentes.

De acordo com os referenciais citados na fundamentação, grupos fechados apresentam laços fortes e clusterização da rede, pelo fato de serem grupos formados por agentes afins, com objetivos e perfis semelhantes, por apresentarem confiança mútua, etc. Nesse tipo de grupo, o previsível seria que os participantes mantivessem relações estreitas, de contato mútuo por meio de conexões emergentes (RECUERO, 2009). Contudo, ao analisar os grupos fechados e secretos objetos dessa investigação, essa previsibilidade não se confirmou totalmente. As interações em grupos fechados e secretos também podem estabelecer relações mais esparsas com laços sociais mais fracos. Por isso, penso que os laços estabelecidos nesses grupos são dinâmicos e mudam conforme as interações estabelecidas e as apropriações que os grupos fazem da rede ao longo do tempo. De acordo com as ações e reações dos membros dos grupos, laços de diferentes naturezas podem ser constituídos.

Por isso, os laços sociais desenvolvidos entre os participantes em grupos são laços multiplexos, pois refletem as diversas relações mantidas pelos participantes nos universos *on* e *off-line*. Além de laços fortes, fracos, há o desenvolvimento de laços de manutenção (ELLISON; STEINFELD, LAMPE, 2011) e até de laços associativos.

Meu entendimento inicial era o de que todas as interações em grupos no *Facebook* seriam em nuances de interação mútua, mas ao observar o grupo público verifiquei que a maioria dos participantes se conectou ao grupo de forma associativa, ou seja, sem interagir por meio dos mecanismos de interação do *Facebook*, embora pela limitação do *software Facebook* não tive como verificar quantos visualizaram as postagens. Os dados desse grupo me mostraram que a maioria dos participantes apenas se manteve conectada ao grupo, mas sem o necessário esforço de sociabilidade, conforme observou Recuero (2007). Por isso, baseada em minhas observações do grupo público, entendi que as interações nesse tipo de grupo podem ser reativas, nos termos de Primo (2003), embora nuances de interação mútua também tenham sido observadas, com o estabelecimento de laços de naturezas diversas (fortes, fracos, de manutenção e associativos). Esses aspectos evidenciam a não linearidade do sistema de interações, no qual os *outputs* não são proporcionais aos *inputs* recebidos. Grupos fechados, secretos e públicos podem exibir dinâmicas interativas que mudam ao longo do tempo, alterando a natureza das relações entre os participantes, pois nada é fixo.

Em suma, as interações em grupos de professores e alunos em contexto acadêmico no *site* de rede social observadas foram complexas, desenvolvendo-se em nuances de interação mútua e por meio da associação. A preferência do sistema foi pelo comportamento de visualizar e curtir, que foi uma emergência coletiva nos grupos, dada a sensibilidade e estrutura em rede do sistema, que sofreu influências do *Facebook* que atuou como parâmetro de controle. Os laços sociais entre os participantes foram multiplexos. Esses laços podem se enfraquecer e se aprofundar mediante a atuação dos parâmetros de controle, ou seja, os dinamizadores do sistema, que podem restringir ou propiciar a emergência de comportamentos mais fluidos ou mais engajados.

### **Quais os padrões de língua(gem) emergem nessas interações?**

O uso da língua(gem) por docentes e discentes em grupos no *site* de rede social *Facebook* em contexto acadêmico sofreu influências do contexto e do ambiente mediador: a academia e o *site* de rede social. Fatores de ordem socioculturais dos dois loci restringiram, mas também possibilitaram o desenvolvimento de usos novos (emergentes) e familiares pelos participantes. Além dos participantes terem sido influenciados pela rede, eles trouxeram para o ambiente de interação (*Facebook*) práticas



de língua(gem) da academia, demonstrando que as fronteiras entre contexto e ambiente são tênues. A língua(gem) como uma tecnologia da comunicação humana sofre com as forças centrípetas e centrífugas, duas forças que atuam no discurso, que os usos consagrados e os usos propiciados pelas novas mídias digitais podem promover sobre ela.

As práticas sociais de língua(gem) *on* e *off-line* estão cada vez mais imbricadas, especialmente com o uso naturalizado dos *sites* de redes sociais no cotidiano. A apropriação desse contexto para interação acadêmica é um exemplo disso. A língua(gem) está em constante fluxo e mudança ubíqua, por isso ela está longe do seu ponto de equilíbrio. Tudo muda o tempo todo, cada uso da língua(gem) muda a estrutura global do discurso, bem como os próprios agentes e o(s) contexto(s) em que se relacionam. Conforme Barton e Lee (2015, p. 244) afirmam “a linguagem é fluida e continua se movendo e mudando em vários domínios, tempos e espaços. A linguagem flui e muda com as pessoas, suas práticas sociais, identidades e propósitos”. As redes sociais na *internet* só ampliaram e publicizaram as transformações numa velocidade maior.

O conteúdo das interações manifestou as influências do contexto e do ambiente relacionados nesse SAC. O uso da língua(gem) nos grupos investigados adaptou-se dinamicamente às interações em curso, exibindo um discurso híbrido. Os participantes usaram diferentes práticas de língua(gem) para interagirem, práticas essas que trouxeram de suas experiências no contexto acadêmico ou que adquiriram no ambiente *on-line*. Segundo a paisagem interativa, os usos da língua(gem) variaram quanto à língua usada, quanto à multimodalidade de língua(gens) e quanto ao registro (língua(gem) da *internet* ou língua(gem) acadêmica).

O hibridismo de língua(gens) foi evidenciado no uso das línguas materna e adicionais (inglês principalmente) como atratores discursivos. Esse fato mais uma vez comprova que o contexto sociocultural dos participantes (professores de línguas) influencia no uso da língua(gem). O hibridismo também se manifestou na multimodalidade de língua(gens), especialmente na postagem e compartilhamento de *hiperlinks*, que também foi um comportamento que o sistema preferiu. E ainda no uso dos registros acadêmico e *on-line*, como atratores discursivos na paisagem interacional dos grupos. Marcas de *netspeak*, tais como: *emoticons*, *emojis*, *memes*, utilização de recursos gráficos para ênfase, abreviações e *GIFs* foram os recursos utilizados pelos participantes para manifestarem suas volições. E ainda práticas de língua(gem) típicas do universo

acadêmico, como a postagem de arquivos de texto formais, também fizeram parte do repertório discursivo dos participantes.

Os padrões de uso da língua(gem) emergentes nos grupos evidenciaram o hibridismo de língua(gens), que demonstrou a interconexão entre contexto e ambiente nos quais os participantes estão inseridos. Os participantes mobilizam diferentes padrões de uso da língua(gem) incorporando práticas *on-line*, acadêmicas e cotidianas aos seus discursos. O sistema de interações percorreu diferentes trajetórias na paisagem de possibilidades de uso da língua(gem) e se mostrou estável no comportamento de postar *hiperlinks*. Todos os participantes dos grupos preferiram esse comportamento e ele reflete a força exercida pelo *site* de rede social, que mais uma vez foi um parâmetro de controle no sistema interacional desses grupos, que exerceu força capaz de levar professores e alunos a exibirem comportamentos típicos da rede social, embora estivessem interagindo em contexto acadêmico.

Considero que as práticas de língua(gem) da rede social na *internet* incorporados pelos participantes podem significar uma transição de fase no uso da língua(gem) por esse grupo sociocultural específico. Penso que o hibridismo de práticas de língua(gens) será cada vez mais evidente devido à superação das dicotomias que as redes sociais na *internet* estão ajudando a superar, como as de público/privado, fala/escrita, *online/off-line*, etc. E marcas de língua(gem) da *internet* vão adentrar outros domínios e vice e versa.

### **Como professores e alunos se apropriam da rede social *Facebook* no contexto acadêmico e qual o capital social gerado?**

Os grupos investigados se apropriaram do *site* de rede social de forma similar e *sui generis*. Isso quer dizer que algumas apropriações foram recorrentes e semelhantes em alguns grupos e uma forma foi totalmente diferente das demais. As apropriações se processaram segundo os interesses, envolvimento e formas de interação entre os participantes.

Uma apropriação similar foi a de uso do grupo como uma ferramenta de comunicação acessível e direta para resolver problemas cotidianos dos cursos, das disciplinas e das orientações. Por meio dos grupos no *site* de rede social, os participantes puderam interagir de forma rápida, já que a maioria dos participantes é usuária assídua do *Facebook*, podendo abrir um canal de comunicação com os demais participantes por

meio das ferramentas do *site* na *timeline*, ou pelo uso do *chat* e do *e-mail*. A acessibilidade de aplicativos como o *Facebook* em dispositivos móveis, como celulares e *tablets*, torna-o uma ferramenta de comunicação extremamente eficaz. Devido ao acesso de grande parcela dos universitários aos *smartphones*, aplicativos de comunicação convergentes como o *Facebook* podem facilitar a interação, o acesso à informação e a veiculação e troca de ideias.

Outro uso dado pelos participantes aos grupos no *site* de rede social foi o de banco de dados, de repositório de documentos de ordem acadêmica, burocrática, institucional e ainda de conhecimentos e informações veiculados nos *hiperlinks*. Essa apropriação foi unânime em todos os grupos. A veiculação e arquivamento desses textos é um importante recurso para professores e alunos que podem acessar em um único lugar materiais multimodais importantes para suas formações.

O *site* de rede social foi usado por alguns grupos como ambiente virtual de aprendizagem (AVA) servindo para orientações acadêmico-pedagógicas. Os grupos foram usados como espaço de interações acadêmicas formais e como ampliação da sala de aula presencial.

Outro uso observado foi o de rede social propriamente dita, ou seja, um ambiente para manutenção de relações sociais entre professores e alunos já existentes no universo *off-line* ou de novas relações (caso do grupo público). Os grupos serviram de “ponto de encontro” de alunos e professores para ampliarem seus laços sociais e cooperarem mutuamente.

Uma apropriação que denominei *sui generis* foi a de o grupo no *site* de rede social ter funcionado como um *blog*, um espaço de construção de perfil. O *site* de rede social por sua acessibilidade e audiência pode ter mais repercussão do que um *blog* convencional, por isso grupos, especialmente os públicos, podem ser usados para esse fim.

As apropriações elencadas refletem a multiplicidade de usos que os usuários podem dar aos *sites* de redes sociais. Cada grupo social pode promover novas apropriações de acordo com suas necessidades. Novas *affordances* podem ser percebidas à medida que as pessoas utilizam a tecnologia digital e vão descobrindo suas potencialidades. O *Facebook* pode funcionar como uma caixa de ferramentas para grupos de professores e alunos servindo a diferentes finalidades e propósitos, especialmente os acadêmicos.

O uso da tecnologia do *site* de rede social pelos grupos demandou investimentos e gerou benefícios que se tornaram acessíveis aos participantes por meio das nuances de interação mútua ou por associação. Os principais investimentos feitos pelos participantes foram: a criação e manutenção de perfil, a criação e manutenção de conexões sociais e o compartilhamento de recursos. Os benefícios gerados nas interações puderam ser usufruídos por cada um dos participantes e pelo coletivo. Os principais benefícios foram: a confiança, a cooperação, a proximidade, o suporte social, a informação, a legitimação, a filtragem, a autoridade, a popularidade e a visibilidade. Por isso, capital social relacional, normativo, cognitivo, de confiança no ambiente e institucional foi gerado nas interações nos grupos, o que propiciou a emergência de comunidades de interesses (WELLMAN, 1999) nos grupos investigados.

Diante do que foi discutido, acredito que essa investigação pode contribuir para o entendimento das interações em grupos de professores e alunos em *sites* de redes sociais sendo um conhecimento útil para a comunidade acadêmica como um todo e para a LA por trazer informações relevantes acerca das práticas de língua(gem) usadas por esse grupo social nesse contexto. Além disso, vislumbrar as possibilidades de apropriações que professores e alunos podem dar a essa mídia digital gerando capital social ao interagirem nesse ambiente é uma forma de validar uma utilidade dessa mídia para a academia. Penso que as redes sociais na *internet* são fenômenos culturais que se normalizarão cada vez mais em nosso cotidiano, serão extensões de nós mesmos, como afirma McLuhan (1974) e, por isso, as interações nesses artefatos precisam ser compreendidas.

As interações em grupos de professores e alunos no *site* de rede social exibiram padrões de comportamento típicos da rede. As sociabilidades naturalizadas na rede social na *internet*, como as ações de visualizar, curtir e postar *hyperlinks* foram estabilidades nos grupos de professores e alunos porque a rede exerceu o papel de parâmetro de controle no sistema de interações. Mas as interações também sofreram influências da academia, cujas práticas de língua(gem) também adentraram os grupos.

Perceber a complexidade das interações manifestadas pelas práticas de língua(gem), as diferentes apropriações que se pode dar aos grupos no *site* de rede social, bem como os benefícios que podem ser obtidos nessas interações pode otimizar o uso dessa mídia digital no contexto acadêmico. Entender que a diversidade é intrínseca ao uso da língua(gem), que sua dinâmica muda conforme muda a paisagem discursiva, que essa

mudança é emergente e se processa em relações locais porque o controle é distribuído no SAC, que parâmetros de controle podem influenciar na trajetória tomada levando o sistema de interações a transição de fases pode tornar a academia mais flexível e permeável aos discursos das novas mídias sociais. Por isso, entender a complexidade das interações pode também nos ajudar a compreender a natureza situada do uso da língua(gem) e seu fluxo contínuo de mudança, especialmente com o desenvolvimento de novos artefatos culturais, como as redes sociais na *internet*.

Embora essa investigação possa trazer algum entendimento acerca das interações em grupos de professores e alunos em *sites* de redes sociais, ela apresenta limitações que devo mencionar. Uma das limitações que identifiquei diz respeito aos comportamentos emergentes nos grupos, as ações de visualizar, curtir e postar *hiperlinks*. Seria interessante utilizar instrumentos de pesquisa que interpelassem os participantes no sentido de obter dados para analisar os significados que eles atribuem a cada uma dessas ações. Conhecer a percepção dos participantes dos grupos acerca dos mecanismos de comunicação do *Facebook* ajudaria a compreender porque essas sociabilidades da rede têm tanta força no sistema de interações.

Outra limitação diz respeito à amplitude desta pesquisa, a quantidade de dados e o número de grupos analisados podem ter dificultado minha percepção quanto aos padrões emergentes. Devido à robustez do sistema de interações, não foi possível analisar toda a quantidade de dados gerada nas interações dos grupos ativos. Suponho que se analisasse um número menor de grupos teria condições de utilizar outros instrumentos de pesquisa e analisar os dados gerados em mais profundidade, o que resultaria em uma pesquisa mais individualizada. Além disso, seria possível analisar todas as nuances de interação mútua, inclusive a de visualizar, que não foi possível verificar no grupo público devido à restrição do *Facebook* a esse dado em grupos com mais de 250 participantes. Por isso, não tenho como afirmar categoricamente que no grupo público não houve esse tipo de nuance de interação mútua. Inferi que nesse tipo de grupo pode haver interações reativas porque a maioria dos participantes não interagiu por meio de outras nuances de interação mútua como postar, comentar, curtir e compartilhar.

Outra limitação foi a de não investigar os sistemas aninhados ao sistema de interações, que no caso desta pesquisa é a própria academia, a internet, a identidade dos participantes. Devido à quantidade de grupos investigados e do volume de dados não foi possível que me dedicasse ao entendimento desses sistemas. Penso que um estudo de caso

de um único grupo poderia ser mais produtivo nesses sentido.

Diante disso, novos questionamentos me vieram à mente: será que essa ferramenta é propícia para ser um ambiente virtual de aprendizagem mesmo em grupos fechados? Será que os alunos querem interagir nesse ambiente para fins acadêmicos? Qual o impacto na academia do uso das redes sociais? Trago essas questões, assim como as limitações que descrevi anteriormente como encaminhamentos para futuras pesquisas.

Durante o percurso de meu doutoramento percorri diferentes trajetórias tentando encontrar respostas para meus questionamentos. Encontrei no Paradigma da Complexidade o fio condutor para entender o emaranhado de “acontecimentos, ações, interações, retroações, determinações, acasos, que constituem nosso mundo fenomênico” (MORIN, 2006). Mas, esse percurso é só o começo de uma caminhada que nunca finda. Muito tenho que aprender sobre as interações em rede, mas os conhecimentos que construí ao longo dessa trajetória serão valiosos para minha prática docente, já que interajo com meus alunos em grupos no *site* de rede social *Facebook* há alguns anos. Sempre me apropriei da ferramenta como um AVA, demandando de meus alunos uma postura engajada e participativa, por isso tentava controlar suas ações, corrigindo-os quando usavam registros de linguagem que não o padrão, cobrando a participação nas tarefas o tempo todo, enchendo a *timeline* de textos. Vivenciar essa experiência de interagir como pesquisadora em grupos nesse *site* de rede social me levou a pensar em outras possibilidades de uso dessa rede e sobre os benefícios que ela pode proporcionar na prática pedagógica. O entendimento da complexidade das práticas de língua(gem) nas interações em *sites* de redes sociais em contexto acadêmico pode melhorar a comunicação entre professores e alunos, no sentido aceitar o imbricamento entre os discursos típicos da rede e da academia como um processo natural da linguagem. Professores e alunos podem fazer um uso mais proficiente desses artefatos digitais se entenderem que as interações são dinâmicas, heterogêneas, não-lineares, que sua estrutura é em rede, que são sensíveis às condições iniciais, que são abertas, que respondem a *feedback*, que seu controle é distribuído, que parâmetros de controle podem atuar mudando sua trajetória.

Concluo que as interações em grupos de professores e alunos no *site* de rede social se materializam em práticas de língua(gem) híbridas que sofrem influências do contexto e ambiente mediadores, a academia e o *site* de rede social. Contudo, a atuação da rede como parâmetro de controle é mais forte e faz com que os participantes prefiram as práticas de língua(gem) típicas desse contexto, porque o controle no SAC é distribuído,

ou seja, a emergência de comportamentos surge de forma *bottom up* e não determinada por um líder (*top down*). Essas práticas se estabelecem em nuances de interação mútua que são indicativos dos laços sociais desenvolvidos nos grupos. Esses laços são multiplexos, ou seja, são fortes, fracos, de manutenção e associativos e mudam ao longo do tempo, de acordo com as interações estabelecidas e as apropriações feitas pelos participantes dos grupos no *site* de rede social. Essas apropriações demandam investimentos dos participantes e produzem benefícios, gerando, assim, capital social que pode ser usufruído individualmente e pelo grupo.



## REFERÊNCIAS

AGAR, M. We have met the other and we're all nonlinear: Ethnography as a nonlinear dynamic system. Complexity. **Wiley Periodicals**. Vol. 10, No. 2, 2004. pp. 16-24. Disponível em: <[http://lchc.ucsd.edu/MCA/Mail/xmcamail.2005\\_05.dir/att-0124/03-ethnography\\_as\\_nonlinear\\_system\\_article\\_11.pdf](http://lchc.ucsd.edu/MCA/Mail/xmcamail.2005_05.dir/att-0124/03-ethnography_as_nonlinear_system_article_11.pdf)> Acesso em: 17 de junho de 2016.

ARAÚJO, J. Reelaborações de gêneros em redes sociais. In: ARAÚJO, J.; LEFFA, V. (org.) **Redes sociais e ensino de línguas**: o que temos de aprender? São Paulo: Parábola, 2016.

ARAÚJO, J.; LEFFA, V. (org.) **Redes sociais e ensino de línguas**: o que temos de aprender? São Paulo: Parábola, 2016.

ARROW, H.; MACGRATH, J. E.; BERDAHL, J. L. **Small groups as complex systems**: formation, coordination, development, and adaptation. London: Sage, 2000. 336 p.

BHABHA, H. **O Local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992

\_\_\_\_\_. **Marxismo e Fisiologia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2006.

BARABASI, A-L.; NEWMAN, M.; WATTS, D. J. **The structure and dynamics of networks**. Princeton University Press, 2006. Disponível em: <[https://books.google.com.br/books?hl=ptBR&lr=&id=0FNQ1LYKTMwC&oi=fnd&pg=PA8990&dq=Barab%C3%A1si%3B+Watts,+2006&ots=qgH1bJK6b3&sig=yza5yXcqiKDrIoR\\_mYs0eQCDGc#v=onepage&q=Barab%C3%A1si%3B%20Watts%2C%202006&f=false](https://books.google.com.br/books?hl=ptBR&lr=&id=0FNQ1LYKTMwC&oi=fnd&pg=PA8990&dq=Barab%C3%A1si%3B+Watts,+2006&ots=qgH1bJK6b3&sig=yza5yXcqiKDrIoR_mYs0eQCDGc#v=onepage&q=Barab%C3%A1si%3B%20Watts%2C%202006&f=false)> Acesso em: 16 de junho de 2016.

BARON, N. S. **Speech, Writing, and Sign**. Bloomington. Indiana University Press, 1981

\_\_\_\_\_. **Why email looks like speech**: proofreading, pedagogy and public face. New media language, p. 85-94, 2001. Disponível em: <<http://www.american.edu/cas/lfs/faculty-docs/upload/2003-Paper-Why-Email-Looks-Like-Speech.pdf>> Acesso em: 12 de fevereiro de 2016.

\_\_\_\_\_. **Language of the Internet**, 2005. Disponível em: <<http://www.american.edu/cas/lfs/faculty-docs/upload/N-Baron-Language-Internet.pdf>> Acesso em: 12 de fevereiro de 2016.

BARTON, D.; LEE, C. **Language online**: investigating digital texts and practices. Routledge, 2013.

\_\_\_\_\_. **Linguagem online**: textos e práticas digitais. Trad. Milton Camargo Mota. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

BERTOLINI, S.; BRAVO, G. **Social capital, a multidimensional concept**. 2004. Disponível em: <<http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.197.1952&rep=rep1&type=pdf>> Acesso em: 17 de junho de 2016.

BIBER, D.. **Variation across Speech and Writing**. Cambridge: Cambridge University Press, 1988

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação**. Porto: Porto Editora, 1984.

BOLLEN J.; HEYLIGHEN, F. Algorithms for the Self-organisation of Distributed, Multi-user Networks. In: **Cybernetics and Systems 96** R. Trappl (ed.), (Austrian Society for Cybernetics), 1996, p. 911-916

BOURDIEU, P. Le capital social: notes provisoires. **Actes de la Recherche in Sciences Sociales**, n. 31, 1980.

\_\_\_\_\_. The social space and the genesis of groups. **Theory and society**, v. 14, n. 6, p. 723-744, 1985.

\_\_\_\_\_. **O poder simbólico**. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

BOYD, D. M.; ELLISON, N. B. Social network sites: Definition, history, and scholarship. **Journal of Computer-Mediated Communication**, 13(1), article 11, 2007. Disponível em: <<http://jcmc.indiana.edu/vol13/issue1/boyd.ellison.html>> Acesso em: 13 de fevereiro de 2015.

BOYD, D.; MARWICK, A. E. Social privacy in networked publics: Teens' attitudes, practices, and strategies. A decade in internet time. **Symposium on the dynamics of the internet and society**, 2011. p. 1-29. Disponível em: <[http://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract\\_id=1925128](http://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=1925128)> Acesso em: 14 de junho de 2014.

BRAGA, A. Etnografia segundo Christine Hine: abordagem naturalista para ambientes digitais. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação | E-compós**, Brasília, v.15, n.3, set./dez. 2012.

BRAGA, J. **Comunidades autônomas de aprendizagem on-line na perspectiva da complexidade**. Orientadora: Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva. 2007. 207 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

BRAGA, J de C. F.; MURTA, C. A. R. Facebook: uma experiência no ensino e aprendizagem de Literatura. In: RIBEIRO, A.E.; NOVAIS, A.E. (org). **Letramento digital em 15 cliques**. Belo Horizonte: RHJ, 2012.

BRAMBILLA, A (Org.). Para entender as mídias sociais. 2011. Disponível em: <<http://designices.com/wp-content/uploads/2011/04/paraentenderasmidiassociais.pdf>> Acesso em: 12 de dezembro de 2015.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Comunicação Social. **Pesquisa brasileira de mídia 2015**: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira. Brasília: Secom, 2014. SECOM. Disponível em <[http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista\\_de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2015.pdf](http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista_de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2015.pdf)> Acesso em 10 de janeiro de 2016.

BREIGER, R. The Duality of Persons and Groups. **Social Forces**, v. 53, Special Issue (Dec. 1974), pp.181-190.

BUTTLE, C. **Postmodernism**: a very short introduction. Oxford: Oxford University Press, 2002.

BUZATO, M. E. K. et al. Remix, mashup, paródia e companhia: por uma taxonomia multidimensional da transtextualidade na cultura digital. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, 2013, v. 13, p. 1191-1221. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1984-63982013000400011](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-63982013000400011)> Acesso em: 15 de maio de 2016.

CAPRA, F. **O ponto de mutação**: a ciência, a sociedade e a cultura emergente. Trad. de Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1982.

\_\_\_\_\_. **A teia da vida**: uma nova compreensão científica dos seres vivos. Trad. De Newton R. Eichenberg. São Paulo: Cultrix, 1996.

\_\_\_\_\_. **A teia da vida**: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. Trad. De Newton R. Eichenberg. São Paulo: Cultrix, 1999.

\_\_\_\_\_. **As Conexões Ocultas**: ciência para uma vida sustentável. Editora Cultrix/Amana Key: São Paulo, 2002.

\_\_\_\_\_. Complexity and life. **Theory, Culture & Society**, v. 22, n. 5, p. 33-44, 2005.

\_\_\_\_\_. Complexity and life. **Systems Research and Behavioral Science**, v. 24, n. 5, p. 475-479, 2007.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. Paz e Terra, v. 1. 1999.

\_\_\_\_\_. A Internet e Sociedade em Rede. In: Moraes, D. de (Org). **Por uma outra comunicação**: mídia, mundialização cultural e poder. Rio de Janeiro: Record, 2004.

CHAMOT, A.U.; O'MALLEY, J.M. **The CALLA handbook**: implementing the cognitive academic language learning approach. Reading, MA: Addison-Wesley, 1994.

CHAN, S. Complex adaptive systems. In: **Research seminar in engineering systems**. 2001.

CHAFE, W.; TANNEN, D. The Relation between Written and Spoken Language. **Annual Review of Anthropology** 16, 1987, p. 383-407.



CILLIERS, P. **Complexity e Postmodernism**: understanding complex systems. London: Routledge, 1998.

\_\_\_\_\_. Difference, identity and complexity. In: **Complexity, difference and identity**. Springer Netherlands, 2010. p. 3-18.

COLEMAN, J. Social capital in the creation of human capital. **American Journal of Sociology**. n .94 (suplemento), 1988.

COSTA, R. R.; ARAÚJO, J. C. A reelaboração do gênero telenovela na migração entre suportes audiovisuais. **Anais do VII Congresso Internacional da ABRALIN**. Curitiba, 2011, p. 3630-3644.

COULTER, Jeff. Is contextualising necessarily interpretative? **Journal of Pragmatics**, v.21, p.689-698, 1994.

CRYSTAL, D. **Language and the Internet**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. 272 p.

\_\_\_\_\_. Entrevista-The joy of txt. Young people: how does texting affect their use of language?. **Interacções**, v. 6, n. 16, 2010. Disponível em: <<http://revistas.rcaap.pt/interaccoes/article/viewFile/432/386>> Acesso em: 10 de novembro de 2014.

\_\_\_\_\_. **Internet linguistics: A student guide**. Routledge, 2011.

DAVIS, B.; SIMMT, E. Understanding Learning Systems: Mathematics Education and Complexity Science. **Journal for Research in Mathematics Education**. v.34, p. 137-177, 2003.

DAVIS, B.; SUMARA, D. **Complexity and education**: inquiries into learning, teaching and research. New Jersey; London: Lawrence Erlbaum Associates, 2006. 202 p.

DAWKINS, R. **O Gene Egoísta**. (1979) Coleção O Homem e a Ciência, volume 7. Belo Horizonte: Ed.Itatiaia, 2001.

DEGENNE, A.; FORSÉ, M. **Introducing Social Networks**. London: Sage, 1999.

DE GRANDE, P. B. O pesquisador interpretativo e a postura ética em pesquisas em Linguística Aplicada. **Eletras**, v. 23, dez. 2011.

DEMO, P. **Pesquisa**: princípio científico e educativo. São Paulo: Cortez, 2001.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. **O planejamento da pesquisa qualitativa**: teorias e abordagens. Tradução de Sandra Regina Netz. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. 432 p.

DIJCK, J. van. The culture of connectivity. **A critical history of social media**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

DOMÍNGUEZ, D. et al. Forum: Qualitative Social Research. **Open Journal Systems**, v. 8, n. 3 – September, 2007

DÖRNYEI, Z. **Research methods in applied linguistics**: quantitative, qualitative, and mixed methodologies. Oxford: Oxford University Press, 2007.

ELLIS, N. Cognitive approaches to SLA. **Annual Review of Applied Linguistics**, v. 19, p. 22-42, 1999.

ELLIS, N. C.; LARSEN-FREEMAN, D. Language emergence: implications for applied linguistics - introduction to the special issue. **Applied Linguistics**, v. 27, n. 4, p. 558-583, 2006.

\_\_\_\_\_. **Language as a complex adaptive system**. John Wiley & Sons, 2009.

ELLISON, N. B.; STEINFELD, C.; LAMPE, C. The benefits of Facebook “friends:” Social capital and college students’ use of online social network sites. **Journal of Computer-Mediated Communication**, v. 12, n. 4, p. 1143-1168, 2007.

\_\_\_\_\_. Connection strategies: Social capital implications of Facebook-enabled communication practices. **New media & society**, p. 1461444810385389, 2011.

ERICKSON, F. Prefácio. In: COX, M. I. P. E ASSIS-PETERSON, A. A. **Cenas de sala de aula**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001.

ESCOBAR, A. Latin America at a crossroads: alternative modernizations, post-liberalism, or post-development?. **Cultural studies**, v. 24, n. 1, p. 1-65, 2010.

FAIRCLOUGH, N. **Analysing discourse**: Textual analysis for social research. Psychology Press, 2003.

FARACO, C. A. Interação e linguagem: balanço e perspectivas. **Calidoscópio**, v. 3, n. 3, p. 214-221, 2005.

FARIA, H. de O. **Socializando e aprendendo**: a incorporação da rede social Orkut ao ensino de língua inglesa. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2010.

FARRUGIA, R. C. **Facebook and Relationships**: A Study of How Social Media Use is Affecting Long-Term Relationships. 2013. Disponível em: <http://scholarworks.rit.edu/theses/30/> Acesso em: 15 de janeiro de 2016.

FERREIRA, G. dos S. **A tecnologia digital e o ensino de língua inglesa**: navegando e aprendendo com meus alunos no Facebook. 2014. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos. Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2014.

FINCH, A. Critical incidents and language learning: Sensitivity to initial conditions. **System**, v. 38, n. 3, p. 422-431, 2010.

FIVE GRACES GROUP. Language is a complex adaptive system: Position paper. In: ELLIS, N. C.; LARSEN-FREEMAN, D. **Language as a complex adaptive system**. John Wiley & Sons, 2009.

FLEISCHER, E. Caos/complexidade na interação humana. In: PAIVA, V. L. M. O.; NASCIMENTO, M. (Org.). **Sistemas adaptativos complexos: língua(gem) e aprendizagem**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2009, p. 73-92,.

FUCHS, C. et al. Theoretical Foundations of the Web: cognition, communication, and coOperation. Towards an Understanding of Web 1.0, 2.0, 3.0. **Future Internet**, 2010, 2(1), 41-59. Disponível em: <[http://fuchs.uti.at/wp-content/uploads/web2\\_futureinternet.pdf](http://fuchs.uti.at/wp-content/uploads/web2_futureinternet.pdf)> Acesso em: 2 de janeiro de 2016.

GARTON, L. et al. Studying online social networks. **Journal of Computer-Mediated Communication**, v. 3, n. 1, p. 0-0, 1997. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1083-6101.1997.tb00062.x/full>> Acesso em: 22 de março de 2016.

GEE, J.P. **Discourse analysis: theory and method**. London/New York: Routledge, 1999.

\_\_\_\_\_. **Situated language and learning: a critique of traditional schooling**. London: Routledge, 2004.

GELL-MANN, M.; LLOYD, S. Information measures, effective complexity, and total information. **Complexity**, v. 2, n. 1, p. 44-52, 1996.

GEORGAKOPOULOU, A. Computer-mediated communication. **Pragmatics in practice**, v. 9, p. 93, 2011.

GIBSON, J. J. The theory of affordances. In: \_\_\_\_\_. **The ecological approach to visual perception**. New Jersey; London: Lawrence Erlbaum Associates, 1986. p. 127-143.

GLEICK, J. **Caos: a criação de uma nova ciência**. Tradução de Waltensir Dutra. 4. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1991. 310 p.

GLOUBERMAN, S.; ZIMMERMAN, B. Complicated and complex systems: what would successful reform of medicare look like. **Discussion paper N° 8**. Commission on the Future of Health Care in Canada, July, 2002.

GOFFMAN, E. On face-work. **Interaction ritual**, p. 5-45, 1967.

\_\_\_\_\_. **Interaction Ritual: essays on Face-To-Face Behavior**. New York, Pantheon Books, 1975, 270 p.

\_\_\_\_\_. **A representação do eu na vida cotidiana**. 9.ed. Petrópolis: Vozes, 2001.



GRANOVETTER, M. The Strength of Weak Ties. **The American Journal of Sociology**, Vol. 78, No. 6, Maio de 1973. pp 1360-1380.

GREEN, T.; BAILEY, B. Academic uses of Facebook: endless possibilities or endless perils? **Tech Trends: Linking research and practice to improve learning**, Bloomington, Indiana, v. 54, n. 3. p. 20-22, jun. 2010.

GUMPERZ, J. J. Contextualization and understanding. **Rethinking context: Language as an interactive phenomenon**, n. 11, p. 229, 1992.

\_\_\_\_\_. Convenções de contextualização. In: RIBEIRO, B T; GARCEZ, P M. (Orgs.) **Sociolinguística Interacional: Antropologia, Linguística e Sociologia em Análise do Discurso**. Porto Alegre: AGE, 1998 p.p. 98-119.

HALLIDAY, M.A.K. Some grammatical problems in scientific English. In: HALLIDAY, M.A.K.; MARTIN, J.R. **Writing Science: literacy and discursive power**. London: Falmer (Critical Perspectives on Literacy and Education); Pittsburg: University of Pittsburg Press. (Pittsburg Series in Composition, Literacy and Culture, 1993.

HARRIS, R.. **Rethinking Writing**. London: The Athlone Press, 2000.

HERRING, S. C. Computer-mediated discourse. In D. Schiffrin, D. Tannen, & H. Hamilton (Eds.), **The Handbook of Discourse Analysis** (pp. 612-634). Oxford: Blackwell, Publishers. 2001. Disponível em: <<http://ella.slis.indiana.edu/~herring/cmd.pdf>> Acesso em: 29 de outubro de 2014.

\_\_\_\_\_. Computer-mediated communication on the Internet. **Annual review of information science and technology**, v. 36, n. 1, p. 109-168, 2002.

\_\_\_\_\_. Content analysis for new media: Rethinking the paradigm. In **New Research for New Media: Innovative Research Methodologies Symposium Working Papers and Readings** (pp. 47-66). Minneapolis, MN: University of Minnesota School of Journalism and Mass Communication, 2004. Disponível em: <<http://ella.slis.indiana.edu/~herring/newmedia.pdf>> Acesso em: 20 de outubro de 2014.

HERRING, S. C. et al. An Approach to Researching Online Behavior. **Designing for virtual communities in the service of learning**, p. 338-376, 2004.

HERRING, S. C.. A faceted classification scheme for computer-mediated discourse. **Language@ internet**, v. 4, n. 1, p. 1-37, 2007.

\_\_\_\_\_. **Computer-mediated conversation: Introduction and overview**. *Language@ Internet*, v. 7, n. 2, p. 1-12, 2011.

\_\_\_\_\_. Grammar and electronic communication. In: CHAPELLE, C. (ed) **The encyclopedia of applied linguistics**. Wiley. Blackwell, 2012. Disponível em: <<http://info.ils.indiana.edu/~herring/e-grammar.pdf>> Acesso em: 12 de janeiro de 2016.

\_\_\_\_\_. Discourse in Web 2.0: Familiar, reconfigured, and emergent. In: TANNEN, D.; TRESTER, A. M. (Ed.). **Discourse 2.0: language and new media**. Georgetown University Press, 2013.

\_\_\_\_\_. New frontiers in interactive multimodal communication. In A. Georgapoulou & T. Spilloti (Eds.), **The Routledge handbook of language and digital communication** (pp. 398-402). London: Routledge, 2015. Disponível em: <http://info.ils.indiana.edu/~herring/hldc.pdf> > Acesso em: 10 de outubro de 2015.

HINE, C. **Virtual ethnography**. London: Thousand Oaks, CA; New Delhi: Sage, 2000. 179 p.

HOLLAND, J. **Hidden order**: how adaptation builds complexity. Reading, MA: Addison Wesley, 1995. 185 p.

\_\_\_\_\_. **Ordem oculta**: como a adaptação origina a complexidade. Trad. José Luiz Malaquias. Lisboa: Gradiva, 1997.

\_\_\_\_\_. **Emergence**: from chaos to order. New York: Basic Books, 1998. 258 p.

\_\_\_\_\_. Studying complex adaptive systems. **Journal of Systems Science and Complexity**, Beijing: Springer, 2006, v. 19, n. 1, p. 1-8.

HUNT, T. **O poder das redes sociais**: como o fator whuffie: seu valor no mundo digital pode maximizar os resultados de seus negócios. São Paulo: Gente, 2010.

JOHNSON, D. W.; JOHNSON, F. P. **Joining together**: group theory and group skills. Boston: Allyn and Bacon, 1982. 510 p.

JOHNSON, S. **Emergência**: a vida integrada de formigas, cérebros, cidades e softwares. Tradução de Maria Carmelita Pádua Dias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

KAPLAN, R. B. Applied Linguistics, the state of the art: is there one? **English Teaching Forum**, April, 1985.

KLEIBER, G. Contexte, où es-tu? **Revue de Sémantique et Pragmatic**. n.1, p. 65-79, 1998.

KRAMSCH, C. Why is everyone so excited about complexity theory in Applied Linguistics?. **Ponencia presentada en la Journée d'études Didactiques de Langues et Complexité organizada por la universidad de Nancy**, v. 2, 2011.

KUHN, T. S. **A estrutura das revoluções científicas**. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.

LAMPE, C; ELLISON, N.; STEINFELD, C. A Face (book) in the crowd: Social searching vs. social browsing. Proceedings of the 2006. 20th anniversary conference on Computer supported cooperative work. **ACM**, 2006. p. 167-170.



LARSEN-FREEMAN, D. Pedagogical descriptions of language: Grammar. **Annual Review of Applied Linguistics**, v. 10, p. 187-195, 1989.

\_\_\_\_\_. Second language acquisition research: Staking out the territory. **Tesol Quarterly**, p. 315-350, 1991.

\_\_\_\_\_. Chaos/complexity science and second language acquisition. **Applied Linguistics**, v. 18, n. 2, p. 141-165, 1997.

\_\_\_\_\_. Reflecting on the cognitive–social debate in second language acquisition. **The Modern Language Journal**, v. 91, n. s1, p. 773-787, 2007.

LARSEN-FREEMAN, D.; CAMERON, L. **Complex systems and applied linguistics**. Oxford: Oxford University Press, 2008. 287 p.

LEFFA, V. J. Interação simulada: Um estudo da transposição da sala de aula para o ambiente virtual. In: Vilson J. Leffa. (Org.). **A interação na aprendizagem das línguas**. 2 ed. Pelotas: EDUCAT, 2006, v. 1, p. 181-218. Disponível em: <<http://www.leffa.pro.br/textos/trabalhos/simulada.pdf>> Acesso em: 15 de junho de 2016.

LEFFA, V. J. Interação simulada: Um estudo da transposição da sala de aula para o ambiente virtual. **A interação na aprendizagem das línguas**, v. 2, p. 181-218, 2003.

LEMOS, A. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2002.

LEVINSON, S. Activity types and language. In: DREW, Paul; HERITAGE, J. (Orgs.), **Talk at work: interactions and institutional settings**. Cambridge, Massachusetts: Cambridge University Press, 1992 p.p. 66-100.

LÉVY, P. **Cibercultura**. tradução de Carlos Irineu da Costa.–São Paulo. ed. 34. 1999. Coleção Trans. Catalogação na Fonte do Departamento Nacional do Livro (Fundação Biblioteca Nacional, RJ, Brasil), 1996.

\_\_\_\_\_. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Trad. Carlos Irineu da Costa. 1998. Disponível em: <<http://wp.ufpel.edu.br/franciscovargas/files/2015/03/LEVY-Pierre-1998-Tecnologias-da-Intelig%C3%Aancia.pdf>> Acesso em: 20 de janeiro de 2016.

\_\_\_\_\_. Educação e cibercultura. Porto Alegre, março de, 1998.

\_\_\_\_\_. **Que é o virtual**. 2003. Disponível em: <[http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/arq\\_interface/6a\\_aula/o\\_que\\_e\\_o\\_virtual\\_-\\_levy.pdf](http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/arq_interface/6a_aula/o_que_e_o_virtual_-_levy.pdf)> Acesso em: 10 de janeiro de 2016.

LEWIN, K. **Field theory in social science: selected theoretical papers**. Edited by Dorwin Cartwright. New York: Harper & Collins, 1951. 346 p.

LEWIN, R. **Complexity: life at the edge of chaos**. New York: Macmillan Publishing Company, 1992. 208 p.

\_\_\_\_\_. **Complexidade: a vida no limite do caos**. Rocco, 1994.

LIMA-NETO, V. de. **Um estudo da emergência de gêneros no Facebook**. 2014. Tese de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Linguística. Faculdade de Letras, Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2014.

LIN, N. Social Capital. **A Theory of Social Structure and Action**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

LINELL, P. **Approaching dialogue**. Amsterdam: John Benjamins, 1998.

LÜDKE, M; ANDRÉ, M. E. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. Editora Pedagógica e Universitária, 1986.

LUFT, J. Group process: an introduction to group dynamics. Palo Alto, CA. 1984 apud WHEELAN, S.; WILLAMS, T. **Mapping dynamic interaction patterns in work group**. 2003.

MANDELBROT, B. B. **The fractal geometry of nature**. San Francisco: WH Freeman and Co. 1982.

MANN, C.; STEWART, F. **Internet communication and qualitative research: a handbook for researching online**. London: Sage, 2000. 258 p.

MARAIS, K. Complexity Theory, Emergence, and Translation: Educating Translators as Agents of Human Interaction in a Complex Society. **Sino-US English Teaching**, v. 10, n. 9, p. 725-735, 2013.

MARCONDES, C. H.; ALMEIDA CAMPOS, M. L. de. Ontologia e Web Semântica: o espaço da pesquisa em ciência da informação. **Ponto De Acesso**, v. 2, n. 1, p. 107-136, 2008.

MARCUS, G.E. Critical cultural studies as one power/knowledge like, among and in engagement with others. In: LONG, E. (ed). **From Sociology to Cultural Studies: new perspectives**. Malden, MA: Blackwell, 1997, p. 399-425.

MARCUSCHI, L. A. **Fala e escrita** / Luiz Antônio Marcuschi e Angela Paiva Dionisio. 1. ed., 1. reimp. — Belo Horizonte: Autêntica, 2007. 208 p.

MARKOVA, I.; FOPPA, K. **The dynamics of dialogue**. London: Harvester Wheatsheaf, 1990.

MARTINS, A. C. **Emergência de eventos complexos em aulas on-line e face-a-face: uma abordagem ecológica**. Orientadora: Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva. 2008.

189 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

MARTINS, A. C. S.; BRAGA, J. C. F. Caos, complexidade e linguística aplicada: diálogos transdisciplinares. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v. 7, p. 215-235, 2007.

MATOS, H. **Capital social e comunicação**: interfaces e articulações. São Paulo: Summus, 2009.

MATURANA, H; VARELA, F. **A árvore do conhecimento**. Campinas: Psy, 1995.

MCLUHAN, M. **A Galáxia de Gutenberg**. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 1977.

\_\_\_\_\_. **Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem** (Understanding Media). 12 ed. São Paulo: Cultrix, 2002.

MCLUHAN, M. et al. **The book of probes**. 2002.

MEARA, P. Emergent properties of multilingual lexicon. **Applied Linguistics**, Oxford: Oxford Journals, v. 27, n. 4, p. 620-644, 2006.

MEDD, W. What Is Complexity Science? Toward an "Ecology of Ignorance". Emergence, **A Journal of Complexity Issues in Organizations and Management**, v. 3, n. 1, p. 43-60, 2001.

MILLER, C. R. **Estudos sobre gênero textual, agência e tecnologia**. (org. por DIONÍSIO, A. P.; HOFFNAGEL, J. C.). Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2009.

MITCHELL, M. **Complexity**: A guided tour. Oxford University Press, 2009.

MOITA LOPES, L. P. **Por uma lingüística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006.

MORIN, E. **Introdução ao Pensamento Complexo**. 3.ed. Trad. de Dulce Matos. Lisboa: Instituto Piaget, 1990.

\_\_\_\_\_. Da complexidade de um pensamento complexo. **Para navegar no século XXI**. Porto Alegre: Sulina/EDPUCRS, 1999.

\_\_\_\_\_. **Educação e complexidade**: os sete saberes e outros ensaios. Cortez, 2002.

\_\_\_\_\_. A necessidade de um pensamento complexo. **Representação e complexidade**. Rio de Janeiro: Garamond, p. 69-77, 2003.

\_\_\_\_\_. **Apresentação Edgard de Assis Carvalho**. São Paulo: ATTA Mídia e Educação, 2005. (Coleção Grandes Educadores). 1 DVD.

\_\_\_\_\_. **Introdução ao pensamento complexo**. Tradução de Eliane Lisboa. Porto Alegre: Sulina, 2006. 120 p.

- \_\_\_\_\_. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2007.
- \_\_\_\_\_. **O método I: A natureza da natureza**. Tradução de Maria Gabriela de Bragança. Paris: Seuil, 1977. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/7125193/Edgar-Morin-O-Metodo-I-A-Natureza-Da-Natureza>>. Acesso em: 10 jan. 2011.
- MORIN, E.; CIURANA, E.-R.; MOTTA, R. D. **Educar na era planetária: o pensamento complexo como método de aprendizagem pelo erro e incerteza humana**. São Paulo: Cortez, 2003.
- MOREIRA, H.; CALEFFE, L.G. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- MOURA NEVES, M. H. de. **A gramática: história, teoria e análise, ensino**. Unesp, 2002.
- MOITA LOPES, Luiz Paulo da. **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006.
- NARCISO, L. F. S. **Curtir**: Reflexões sobre um gesto enunciativo no Facebook Mestrado em Estudos Linguísticos Instituição de Ensino: Universidade Federal de Uberlândia, 2015.
- NASCIMENTO, M. Linguagem como um sistema complexo: interfases e interfaces. In: PAIVA, V. L. M. O.; NASCIMENTO, M. (Org.). **Sistemas adaptativos complexos: língua(gem) e aprendizagem**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2009.
- NAVAS, E. Regressive and reflexive mashups in sampling culture. In: SONVILLA-WEISS, S. (org.) **Mashup Cultures**. Viena/New York: Springer, 2010, p. 157-177.
- NUNAN, D. **Research methods in language learning**. Cambridge University Press, 1992.
- OLIVEIRA, J. A. de. O contexto da pragmática. Curitiba: Universidade Federal do Paraná. **Revista Ibict. br**, p. 227-235, 2000.
- OLIVEIRA, R. A. Complexidade: conceitos, origens, afiliações e evoluções. In: PAIVA, V. L. M. O.; NASCIMENTO, M. (Org.). **Sistemas adaptativos complexos: língua(gem) e aprendizagem**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2009. p. 13-34.
- OLIVERIA, F. S.; RODRIGUES, S.T.. Affordances: a relação entre agente e ambiente. **Ciência e Cognição**. v. 9. 2006.
- OLSON, D. **The World on Paper**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- O'REILLY, T. **What is Web 2.0?** Design patterns and business models for the next generation of software. 2005. Disponível em: <<http://www.oreillynet.com/lpt/a/6228>> . Acesso em: 25 de janeiro de 2014.



PAIVA, V.L.M.O. Caos, complexidade e aquisição de segunda língua. In: PAIVA, V. L. M. O.; NASCIMENTO, M. (Org.). **Sistemas adaptativos complexos: língua (gem) e aprendizagem**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras/FAPEMIG, p. 187-203, 2009.

\_\_\_\_\_. Propiciamento (affordance) e autonomia na aprendizagem de língua inglesa. In: LIMA, Diógenes Cândido. **Aprendizagem de língua inglesa: histórias refletidas. Vitória da Conquista: Edições UESB**, 2010. Disponível em: <<http://www.veramenezes.com/affordance.pdf>> Acesso em: 10 de outubro de 2015.

\_\_\_\_\_. **Affordances beyond the classroom**. (no prelo) 2010. Disponível em: <<http://www.veramenezes.com/beyond.pdf>>. Acesso em: 27 jan. 2011.

\_\_\_\_\_. Facebook: um estado atrator na internet. In: ARAÚJO, Júlio; LEFFA; Vilson. (Orgs.) **Redes sociais e ensino de línguas: o que temos de aprender?** São Paulo: Parábola, 2016. p.65-80.

PAIVA, V. L. M. O.; NASCIMENTO, M. Texto, hipertexto e (re)configuração de (con)textos. In: LARA, G. M. P. **Língua(gem), texto, discurso: entre a reflexão e a prática**. Belo Horizonte: Lucerna, 2006. p.155-179.

\_\_\_\_\_. Hipertexto e complexidade. **Linguagem em (Dis)curso**, Palhoça, SC, v. 9, n. 3, p. 519-547, set./dez. 2009a.

\_\_\_\_\_. (Org.). **Sistemas adaptativos complexos: língua(gem) e aprendizagem**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2009.

\_\_\_\_\_. do. Hypertext and complexity. **Linguagem em (Dis) curso**, v. 9, n. 3, p. 519-547, 2009a.

PAIVA, V.L.M.O.; RODRIGUES JÚNIOR, A. S. O footing do moderador em fóruns educacionais. In: ARAÚJO, J. C. **Internet & ensino: novos gêneros, outros desafios**. Rio de Janeiro: Lucerna, p. 144-163, 2007.

PALÁCIOS, M. A Internet como ambiente de pesquisa: problemas de validação e documentos online. **Revista da FAEBA**. Salvador: UNEB/Faculdade de Educação, v. 5, n.6, de jul a dez.1996 .

PALAZZO, L. A. M. Complexidade, caos e auto-organização. **III Oficina de Inteligência Artificial**, p. 49-67, 1999. Disponível em: <[http://algol.dcc.ufla.br/~monserrat/isc/Complexidade\\_caos\\_autoorganizacao.html](http://algol.dcc.ufla.br/~monserrat/isc/Complexidade_caos_autoorganizacao.html)> Acesso em: 20 de junho de 2014.

PALIS, J. Sistemas caóticos ou turbulentos: atratores e bifurcações homoclínicas. **Matemática Universitária**. n.9/10, dezembro, 1989.

PARREIRAS, V. A. **A sala de aula digital sob a perspectiva dos sistemas complexos: uma abordagem qualitativa**. Orientadora: Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva. 2005. 356 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005.

PORTES, A. Social capital: Its origins and applications in modern sociology. **Annual Sociology**, 1998. Disponível em: <<http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.470.5845&rep=rep1&type=pdf>> Acesso em: 17 de junho de 2016.

\_\_\_\_\_. Capital social: origens e aplicações na sociologia contemporânea. **Sociologia, problemas e práticas**, n. 33, p. 133-158, 2000.

PRIMO, A. F. T. Uma análise sistêmica da interação mediada por computador. **Informática na Educação: teoria & prática**, v. 3, n. 1, 2000.

\_\_\_\_\_. Enfoques e desfoques no estudo da interação mediada por computador. **Intercom**, 2003.

\_\_\_\_\_. O aspecto relacional das interações na Web 2.0. **E-Compós** (Brasília), v. 9, p. 1-21, 2007.

\_\_\_\_\_. Fases do desenvolvimento tecnológico e suas implicações nas formas de ser, conhecer, comunicar e produzir em sociedade. In: PRETO; SILVEIRA (org.) **Além das redes de colaboração: internet, diversidade cultural e tecnologias no poder**. Salvador: EDUFBA, p. 51-68, 2008.

PUGH, J. L. **A Qualitative Study of The Facebook Social Network: The Desire to Influence, Associate, and Construct A Representative and Ideal Identity**. 2010. Disponível em: <<https://www2.csulb.edu/colleges/cba/honors/thesis/documents/JessicaPughThesis.pdf>> Acesso em: 20 de outubro de 2015.

PUTMAN, R. The prosperous community: social capital and public life. **The American Prospect**, v. 4, n. 13, 1993.

RAJAGOPALAN, K. Como o internetês desafia a Linguística. In: SALIÉS, T. G.; SHEPHERD, T. G. **Linguística da Internet**. São Paulo: Contexto, 2013.

RECUERO, R. Um estudo do capital social gerado a partir das Redes Sociais no Orkut e nos Weblogs. Trabalho apresentado no GT de Tecnologias da Comunicação e da Informação da COMPÓS 2005, em junho de 2005, em Niterói/RJ. Artigo publicado na **Revista da FAMECOS**, Porto Alegre, v. 28, n. dez 2005. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/limc/PDFs/recuerocompos.pdf>> Acesso em: 22 de maio de 2016.

\_\_\_\_\_. Memes e Dinâmicas Sociais em Weblogs: Informação, capital social e interação em redes sociais na Internet. **Intexto**, Porto Alegre: UFRGS, v. 2, n. 15, p. 1-16, 2006. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/intexto/article/viewFile/4265/4427>> Acesso em: 16 de junho de 2016.

\_\_\_\_\_. Considerações sobre a difusão de informações em redes sociais na internet. **Intercom Sul**, 2007. Disponível em:

<<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2007/resumos/R0464-1.pdf>> Acesso em: 16 de junho de 2016.

\_\_\_\_\_. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009a. (Coleção Cibercultura). 191 p.

\_\_\_\_\_. Diga-me com quem falas e dir-te-ei quem és: a conversação mediada pelo computador e as redes sociais na internet. **Revista Famecos**, v. 1, n. 38, 2009b.

\_\_\_\_\_. Fluxos de Informação e Capital Social nos Weblogs. In: Steffens, César; STEFFEN, C.; POZENATO, K. M. (Org.). **Mídia, cultura e contemporaneidade**. 1 ed. Caxias do Sul: EDUCS, 2010, v., p. 117-142. [draft/versão rascunho] Disponível em: <<http://www.raquelrecuero.com/artigos/livroucsrecuero.pdf>> Acesso em: 16 de junho de 2016.

\_\_\_\_\_. O capital social em rede: como as redes sociais na Internet estão gerando novas formas de capital social. **Contemporânea-Revista de comunicação e cultura**, v. 10, n. 3, p. 597-617, 2012.

\_\_\_\_\_. Curtir, compartilhar, comentar: trabalho de face, conversação e redes sociais no Facebook. **Verso e Reverso**, v. 28, n. 68, p. 117-127, 2014.

RECUERO, R.; FRAGOSO, S.; AMARAL, A. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011. 239 p. (Coleção Cibercultura). ISBN- 978-85-205-0594-6.

RECUERO, R.; ZAGO, G. Em busca das redes que importam: redes sociais e capital social no Twitter. **Líbero**. São Paulo. v. 12, n. 24, p. 81-94, dez. de 2009. Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/libero/article/view/6787/6129>> Acesso em: 16 de junho de 2016.

\_\_\_\_\_. A economia do retweet: Redes, Difusão de Informações e Capital Social no Twitter. Artigo aceito p/ o XX Encontro Nacional da Compós, Porto Alegre: junho de 2011. Disponível em: <<http://www.raquelrecuero.com/arquivos/recuerozagocompos2011.pdf>> Acesso em: 16 de junho de 2016.

REES, D. K.; MELLO, H. A. B. de. A investigação etnográfica na sala de aula de segunda língua/língua estrangeira. **Cadernos do IL**, n. 42, p. 30-50, 2011.

RESENDE, L. A. S. **Identidade e aprendizagem de inglês sob a ótica do caos e dos sistemas complexos**. Orientadora: Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva. 2009. 305 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

RESENDE, V.de M.; RAMALHO, V. **Análise crítica do discurso**. 2. ed. 2. reimp. São Paulo: Contexto, 2014.

REINGOLD, H. **The Virtual Community**: homesteading on the electronic frontier. Reading, MA: Addison-Wesley. 1995.



ROBERTS, W. G. **Facebook interactions and writing skills of Spanish language students**. 2009. Tese de Doutorado. Concordia College (Moorhead, Minn.).

RODEGHIERO, C. C. **Violência na internet**: um estudo do cyberbullying no Facebook. 2012. Tese de Doutorado. Dissertação de mestrado não-publicada, Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Católica de Pelotas, 152pp.

SALIÉS, T. G.; SHEPHERD, T. G. **Linguística da Internet**. São Paulo: Contexto, 2013.

SANTAELLA, L. **O que é semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 2001

\_\_\_\_\_. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007.

\_\_\_\_\_. Mídias locativas: a internet móvel de lugares e coisas. **Revista FAMECOS**: mídia, cultura e tecnologia, v.. 1, n. 35 (2008)

\_\_\_\_\_. **Matrizes da linguagem e pensamento**: sonora visual verbal. São Paulo: Iluminuras, 2009.

SANTAELLA, L.; LEMOS, R. **Redes sociais digitais**: a cognição conectiva do Twitter. São Paulo: Paulus, 2011.

SANTOS, Boaventura de Sousa; NUNES, João Arriscado. Introdução: para ampliar o cânone do reconhecimento, da diferença e da igualdade. In: SANTOS, Boaventura Sousa. **Reconhecer para libertar**: os caminhos do cospomolitismo multicultural. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 25-68.

SARDINHA, T.B. Variação entre registros da Internet. In: SALIÉS, T. G.; SHEPHERD, T. G. **Linguística da Internet**. São Paulo: Contexto, 2013.

SAUSSURE, F. de. **Curso de lingfística geral**. Organizado por Bally, C. e Sechehay, A. Trad. de Antonio Shelini, José P. Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1975.

SCARCELLA, R. Academic English: conceptual framework. The University of California Linguistic Minority Research Institute. **Technical Report**, 2003.

SCHEGLOFF, E. Discourse as an interactional achievement. III The omnirelevance of action. In: SCHIFFRIN; TANNEN; HAMILTON (eds.) **The handbook of discourse analysis**. Oxford: Blackwell, 2001.

SCOTT, J. **Social Network Analysis**. A Handbook. 2nd ed. London, UK: Sage Publications, 2000.

SELINKER, L. Interlanguage. **IRAL**, v..10 n. 3 pp 209-231, 1972.

SILVA, L.O. **Estágio supervisionado com uso de ambientes virtuais**: possibilidades colaborativas. Orientadora: Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva. 2013. 192 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

SILVA, V. **A dinâmica caleidoscópica do processo de aprendizagem colaborativa no contexto virtual**: um estudo na perspectiva da complexidade/caos. Orientadora: Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva. 2008. 236 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

SNOW, C. E.; UCCELLI, P. The challenge of academic language. **The Cambridge handbook of literacy**, p. 112-133, 2009.

SOUSANIS, N. **Comics–Expanding Narrative Possibilities**: integrating into the classroom, PhD thesis, University of Ohio, 2014.

SOUZA, V. V. S. **Dinamicidade e adaptabilidade em comunidades virtuais de aprendizagem: uma textografia à luz do paradigma da complexidade**. 2011. Tese de Doutorado. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte.

SOUZA, R. R. **O que é realmente o virtual**. Disponível em: <<http://www.ccuac.unicamp.br/revista/infotec/artigos/renato.html>> Acesso em: 14/03/15

SPYER, J. (Org.). Para entender a internet: noções, práticas e desafios da comunicação em rede. 2009.

SPIVEY, M. **The continuity of mind**. Oxford: Blackwell, 2007.

STATE OF CONNECTIVITY 2014: A report on global Internet access. Disponível em: <[www.internet.org](http://www.internet.org)> Acesso em: 10 de outubro de 2015.

STEINFIELD, C; ELLISON, N. B.; LAMPE, C. Social capital, self-esteem, and use of online social network sites: A longitudinal analysis. **Journal of Applied Developmental Psychology**, v. 29, n. 6, p. 434-445, 2008.

STEARN, G. **McLuhan**: hot and cool. Montréal: McGill-Queen's University Press, 1981.

STEWART, I. **Será que Deus joga dados?** A nova matemática do caos. Tradução de Maria Luiza de A. X. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991. 336 p. (Coleção Ciência e Cultura). Título original: Does God play dice?

SWALES, J. **Genre analysis**: English in academic and research settings. Cambridge: Cambridge University Press, 1990. 260 p.

TANNEN, D. The Medium Is the Metamessage: conversational style in New Media Interaction. In: TANNEN, D.; TRESTER, A. M. (ed.). **Discourse 2.0**: language and new media. Georgetown University Press, 2013.

TANNEN, D.; TRESTER, A. M. (ed.). **Discourse 2.0**: language and new media. Georgetown University Press, 2013.

TAYLOR, I.; OLSON, D. (eds). **Scripts and Literacy**. Dordrecht: Kluwer Academic, 1995.

VALADARES, M.G. P.; MURTA, C.A. R. O Facebook como ambiente virtual de aprendizagem: liberdade e reapropriação no contexto educacional. **Revista Texto Livre**, Belo Horizonte, v. 2, n. 3, 2012.

VAN LIER, L. An ecological-semiotic perspective on language and linguistics. In: KRAMSCH, C. (Org.). **Language acquisition and language socialization: ecological perspectives**. London/New York: Continuum, 2002. p. 140-164.

\_\_\_\_\_. A tale of two computer classrooms: the ecology of project-based language learning. In: LEATHER, Jonathan; VAN DAM, J. **Ecology of language acquisition**. Dordrecht; Boston; London: Kluwer Academic, 2003. p. 49-63.

\_\_\_\_\_. **The ecology and semiotics of language learning: a sociocultural perspective**. Boston: Kluwer Academic Publishers, 2004. 248 p.

VARELA, F.; TOMPSON, E.; ROSCH, E. **The embodied mind: cognitive science and human experience**. Cambridge, MA: The MIT Press, 1991.

VARIS, P. Digital ethnography. **Tilburg Papers in Culture Studies**, v. 104, 2014.

VASCONCELOS, M.J.E. **Pensamento sistêmico: o novo paradigma da ciência**. Campinas/SP: Papirus, 2002.

VETROMILLE-CASTRO, R. **A interação social e o benefício recíproco como elementos constituintes de um sistema complexo em ambientes virtuais de aprendizagem para professores de línguas**. 2007. Tese de Doutorado. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.

VIEIRA, A. **Twitter: influenciando pessoas e conquistando o mercado**. São Paulo: Alta books, 2009.

WALDROP, M. **Complexity: the emerging science at the edge of order and chaos**. New York: Simon and Schuster, 1992.

WATZLAWICK, P.; BEAVIN, J. H.; JACKSON, D. D. **Pragmática da Comunicação Humana**. 11. ed. São Paulo: Cultrix, 2000.

WELLMAN, B. Structural analysis: From method and metaphor to theory and substance. **Contemporary Studies in Sociology**, v. 15, p. 19-61, 1997. Disponível em: <<http://homepage.ntu.edu.tw/~khsu/network/reading/wellman2.pdf>> Acesso em: 22 de maio de 2016.

\_\_\_\_\_. **Networks in the global village**. 1999.

\_\_\_\_\_. Computer networks as social networks. **Science**, v. 293, n. 5537, p. 2031-2034, 2001.

WENGER, Etienne. Communities of practice: A brief introduction. 2011.

WERTSCH, J. V. **Vygotsky and the social formation of mind**. Harvard University Press, 1988.

WENGER, E. **Communities of practice**: a brief introduction. 2011. Disponível em: <<https://scholarsbank.uoregon.edu/xmlui/handle/1794/11736>> Acesso em: 12/08/2016.

### ***Sites citados e/ou consultados***

<http://www.veramenezes.com/affordance.pdf>

<http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2015.pdf>

<http://www.anatel.gov.br/dados/>

<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2015/08/conexao-internet-smartphone-dobra-no-brasil-em-2015-diz-google.html>

<http://educacao.uol.com.br/noticias/2015/07/26/professor-publica-tese-de-doutorado-em-forma-de-quadrinhos-nos-eua.htm>

<http://twentytwowords.com/a-phd-dissertation-about-comics-written-in-comic-form>

<http://michaelis.uol.com.br/busca?id=BVqoW>

[www.veramenezes.com/interactionvera.pdf](http://www.veramenezes.com/interactionvera.pdf)

<http://www.leffa.pro.br/textos/trabalhos/simulada.pdf>

<https://en.wikipedia.org/wiki/Lurker>

<http://www.raquelrecuero.com/alaic2006.pdf>

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria\\_do\\_Facebook](https://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_do_Facebook)

<http://newsroom.fb.com/company-info/>

[https://fbnewsroomus.files.wordpress.com/2015/02/state-of-connectivity\\_3.pdf](https://fbnewsroomus.files.wordpress.com/2015/02/state-of-connectivity_3.pdf)

[http://www.raquelrecuero.com/arquivos/sobre\\_memes\\_e\\_redes\\_sociais.html](http://www.raquelrecuero.com/arquivos/sobre_memes_e_redes_sociais.html)

<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2016/02/botoes-alternativos-do-facebook-geram-memes-e-piadas-na-web.html>

<http://docplayer.com.br/212891-Comunidades-em-redes-sociais-na-internet-um-estudo-de-caso-dos-fotologs-brasileiros.html>

[http://www.raquelrecuero.com/arquivos/mapeando\\_redes\\_sociais\\_na\\_internet\\_softwares](http://www.raquelrecuero.com/arquivos/mapeando_redes_sociais_na_internet_softwares).  
Html

<https://www.facebook.com/help/409719555736128>



<http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/cel/article/view/1781/1352>

<https://en.wikipedia.org/wiki/Hyperlink>

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Emoji>

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Emoticon>

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Meme\\_\(Internet\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Meme_(Internet))

<http://www.dicionarioinformal.com.br/viral/>

<https://goo.gl/4UMxEP>

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Ambiente\\_virtual\\_de\\_aprendizagem](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ambiente_virtual_de_aprendizagem)

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Lurker>

## APÊNDICES

### Apêndice A

#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) para participar da pesquisa intitulada INTERAÇÕES ENTRE PROFESSORES E ALUNOS EM GRUPOS ACADÊMICOS NA REDE SOCIAL FACEBOOK: UM ESTUDO À LUZ DO PARADIGMA DA COMPLEXIDADE. Nesta pesquisa, estou buscando entender as interacionais entre professores e alunos universitários no *site* de rede social na *internet* - *Facebook* – analisando as interações à luz do Paradigma da Complexidade, para conhecer as características das interações e a apropriação dessa rede social e o capital social nesses grupos. Serão coletadas suas interações, ou seja, as postagens, comentários, curtidas e visualizações que você, seus colegas e professores fizeram dentro do grupo no *Facebook* para serem analisadas. Em nenhum momento você será identificado. Não há risco de sua identificação visto que irei utilizar apenas os dados linguísticos, sem identificação da identidade, imagem ou quaisquer outros meios de identificação. Os resultados da pesquisa serão publicados e ainda assim a sua identidade será preservada. Você não terá nenhum gasto e ganho financeiro por participar na pesquisa. Não haverá riscos para sua saúde ou imagem. Os benefícios serão contribuir para o entendimento do uso que alunos e professores universitários fazem da rede social na *internet* como uma ferramenta de interação eficiente para a constituição de comunidades de interesse. Além disso, o entendimento das manifestações da linguagem nesse contexto específico – o das redes sociais, é importante para a construção do conhecimento em Linguística Aplicada. Você é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento sem nenhum prejuízo ou coação. Qualquer dúvida a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato com: Claudia Almeida Rodrigues Murta (34 33185419) discente do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia - Universidade Federal de Uberlândia Instituto de Letras e Linguística Av. João Naves de Ávila, 2121 Sala 1U-206 – Bairro Santa Mônica 38408-144 – Uberlândia – MG – Brasil. Docente na Universidade Federal do Triângulo Mineiro – Centro de Educação Profissional. Praça Manoel Terra, 330 - Bairro Abadia CEP: 38015-050 - Uberaba-MG. Poderá também entrar em contato com o Comitê de Ética na Pesquisa com Seres-Humanos – Universidade Federal de Uberlândia: Av. João Naves de Ávila, nº 2121, bloco A, sala 224, Campus Santa Mônica – Uberlândia –MG, CEP: 38408-100; fone: 34-32394131

Atenciosamente,

Claudia A. Rodrigues Murta

**Após a leitura das informações acima, você aceita participar da pesquisa?**

\_\_\_\_Li e aceito participar da pesquisa

\_\_\_\_ Li, mas não aceito participar da pesquisa

## Apêndice B

### Modelo de planilha de Interação

Quem	O que Tipo de Texto	Quem Viu Visualização	Quem Comentou	O que escreveu	Data	Quem anota
[redacted]	Diagrama de classe Relatório - texto escrito	13	6 - class maria angelica Jana mariana	Done Done (Luísa)	15/03	[redacted]
[redacted]	Termos de desle- gamento - texto escrito	12	—	—	14/03	1- [redacted]
[redacted]	Relatório p/ turnos Arquivo excel	13	—	—	14/03	2- [redacted]
[redacted]	hyperlink	15	—	—	13/03	3- [redacted]
[redacted]	hyperlink	15	—	—	13/03	2- [redacted]
[redacted]	hyperlink	15	—	—	13/03	5- [redacted]
[redacted]	hyperlink	15	—	—	13/03	2- [redacted]
[redacted]	Pasta dropbox texto escrito	16	—	—	12/03	[redacted]
[redacted]	arquivo word	16	4	Conversa - diálogo 30 entre Lúcia	11/03	3- Lucas, Luísa, L